

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS- UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Marinês Dors

*REPOSITÓRIO DE MEMÓRIAS:  
O arquivo de Nicolau Araujo Vergueiro*

São Leopoldo

2016

Marinês Dors

*REPOSITÓRIO DE MEMÓRIAS:*  
*O arquivo de Nicolau Araujo Vergueiro*

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS  
Área de concentração: Estudos Históricos Latino-Americanos

Orientadora: Dra. Maria Cristina Bohn Martins

Coorientador: Cláudio Pereira Elmir

São Leopoldo

2016

---

**D717r** Dors, Marinês

Repositório de memórias: o arquivo de Nicolau Araujo Vergueiro /  
Marinês Dors;

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Bohn Martins ; Coorientador Cláudio Pereira  
Elmir – São Leopoldo, RS, 2016.

316 p.

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora,  
pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos – UNISINOS, área de concentração: Estudos Históricos Latino – Americanos.

1. Nicolau Araujo Vergueiro. 2. Arquivo privado. 3. Memória. 4. Patrimônio.  
I. Martins, M. C. B. II. Elmir, C. P. III. Título.

CDU 002.2

---

Para Lúcia e Idemar, meus amados tios;  
Em quem encontrei mais incentivo;  
Com quem tenho lembranças e sonhos partilhados.

Para as famílias Dors e Corrêa, especialmente ao Dylan,  
por me encorajarem e prosseguirem ao meu lado apesar  
das dificuldades.

Para Pedro, Gabriel, Giovana, Luiza, Júlia e João,  
sobrinhos e afilhadas que são dádivas na minha vida.

## AGRADECIMENTOS

A Capes que concedeu uma bolsa de estudos, inclusive com período de intercâmbio em Buenos Aires.

Aos orientadores Maria Cristina Bohn Martins e Cláudio Pereira Elmir pela participação na minha formação, por continuarem comigo e entenderem que tenho meus novos limites. Principalmente pela confiança em minha capacidade.

Meu obrigado à Eliane Fleck, coordenadora do Programa de Pós Graduação em História da Unisinos, e aos docentes pela oportunidade de cursar doutorado nesta instituição. Registro, especialmente, minha admiração às professoras Marluza Harres, Eloísa Capovilla e ao professor Paulo Moreira que, com seus saberes, contribuíram muito para minha formação. E ainda, a Saionara Brazil, responsável pela secretaria da Escola de Humanidades, pelo seu apoio e delicadeza, bem como do grupo que coordena.

A Beatriz Teixeira Weber, Gizele Zanotto, Eloísa Capovilla da Luz Ramos e Paulo Staudt Moreira que participaram da avaliação desta tese. E ainda, a Benito Bisso Schmidt, que contribuiu na fase de qualificação: Muito obrigada!

Agradeço o apoio prestado pela equipe do AHR, coordenado por Gizele Zanotto, especialmente a Sandra, ao Márcio e a Bruna, por sua presteza, auxílio, troca de informações, conversas, enfim pela parceria. Estendo esse agradecimento a equipe do MHR e destaco a qualidade do trabalho do setor de iconografia, cumprimentando-os por meio da museóloga Tânia Aimi.

A Maria Canfield Malheiros, conhecida como Jesus, meu reconhecimento por ter se tornado guardião da memória familiar cuidando dos objetos, documentos e móveis. Minha gratidão pela confiança depositada, pelo apoio e disponibilidade para conversas, por mostrar objetos e contar histórias. Foram momentos muito agradáveis. E, ainda, a Daniela Mendonça-Snyman, Marcelo Malheiros Galvez e Sinai Faingold, descendentes de Vergueiro que apoiaram o desenvolvimento desta tese.

Aos meus colegas, pela parceria, momentos de estudo e outros de descontração. Elizete, Cristiano, Vânia, Douglas, Rodrigo, Hermes, Everton, Ricardo, Afonso, Thiago, Maicon, Jonathan e Denise. Agradeço por ter aprendido com vocês! Mas há três colegas que me cativaram de forma especial: A primeira se chama Magda (Magdinha ou Magui), minha companheira de viagens e que me acolheu tantas vezes. A segunda é a Anna Paula, também companheira, mas nas viagens de Trensurb da Unisinos até a Estação Rodoviária de Porto

Alegre. Nesse percurso reelaboramos algumas lembranças. E, o terceiro, mas não menos importante, é o Mauro, exemplo de superação. Pesquisadores, amigos, confidentes.

A todos os alunos do curso de licenciatura em História do qual fui tutora mas, principalmente, a Elisandra, Gabriela, Denise, Jane, Luiz Fernando, Rodrigo, Gabriel e Fernanda que contribuíram para o início desta pesquisa. A direção, colegas e alunos do Colégio Salvatoriano Bom Conselho e, da Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida de Passo Fundo, obrigada por deixar-me contar sobre Nicolau Araujo Vergueiro.

Não posso esquecer de agradecer aos meus pais, Valdemar e Inês, e irmãos: Celi, Luci e Luciano. Quando precisei estiveram presentes, a seu modo cada um colaborou. Agradeço ao Dylan por manter-se ao meu lado e ajudar a não perder o controle numa época difícil.

Aos casais amigos, gratidão por entenderem que precisava de tempo para concluir a tese: Fabrício e Leia, Eder e Rose, Marcelo e Elis, William e Aline. As amigas Veri, Adri, Rosângela. Obrigada, também, a Felipe e Natália que souberam me ouvir!

Por fim, mas não menos importante, minha gratidão para Joana Stela Rovani, Cassiano Crusius e Jackson Hubner. Esses médicos preservaram a minha vida, acompanharam minha recuperação e, assim, pude finalizar esta tese.

*“Ofereço-te, minha noiva, este álbum de cartões postais. Hoje ele nada vale, porém mais tarde, quando formos velhinhos, quando gemermos sob o peso dos anos, alquebrado o corpo, braços trêmulos, caminhar vacilante, incerto, olhar sem brilho, sem expressão, face enrugada como sulcos de lágrimas, cabelos de neve, ele terá, sem dúvida, de ocupar o nosso pensamento, como manancial de recordações e de saudades. Diz o poeta:*

*Recordar é viver...*

*Transformar num sorriso o que nos fez sofrer...*

*Ressurgir dentro d'alma uma idade passada,*

*Como em capela d'ouro há cem anos fechada*

*Onde não vai ninguém, mas onde há festa ainda...*

*Se eu hei de saber como a saudade é linda!*

*Se eu hei de saber! ...*

*Como é doce, suave e triste a memória dos bons tempos que não voltam mais!*

*No mundo tudo se sucede: primavera, verão, outono, inverno... No decorrer da nossa vida tal não se dá! Serão os cartões do teu álbum relíquias da mocidade. Cada um deles terá sua história, alegre ou triste.*

*Quando vejo um velhinho a chorar, dói-me o coração. Chora, talvez, recordando os tempos felizes em que, rodeado de todos os seus entes mais caros, mais amados, vivia tranquilamente, contente e alegre; agora, depois de ter visto desaparecer um a um daqueles que constituíam a sua felicidade, só, abandonado, no auge do infortúnio, como não há de o velhinho chorar?! Respeito essas lágrimas... são santas.*

*A saudade começa por um sorriso e termina por uma lágrima. O sorriso é atroz, pungitivo, lancinante; a lágrima amarga e doce: - é doce, pois é o lenitivo [conforto] do passado. Se então, nessa fase melancólica da vida, em que, para se viver, procura-se mergulhar o espírito em recordações da mocidade, se então, nessa fase, repito, deslizar-se pelas nossas faces uma lágrima, será ela o símbolo da saudade, o "delicioso pungir de acerbo espinho". (18.8.1903).”*

*Nicolau Araujo Vergueiro*

## RESUMO

O tema central desta tese é o arquivo privado de Nicolau Araujo Vergueiro (1882-1956). Este é um dos “lugares de memória” do médico e político que se localiza na cidade de Passo Fundo - RS. O Arquivo Histórico Regional, vinculado a Universidade de Passo Fundo, recebeu a doação deste acervo. Tal fato não é isolado, mas uma parte relevante do processo de patrimonialização da sua memória. Os documentos arquivados projetam uma imagem do titular, isto é, como deseja ser identificado pelos demais ao longo de sua trajetória e, ainda, como deseja ser lembrado após a morte. Para compreender essa (auto)representação analisamos diferentes conjuntos documentais como os álbuns; o acervo bibliográfico e apensos; os manuscritos de reminiscências, designados como “Notas íntimas”; bem como o conjunto da mobília e objetos do escritório. A descrição do acúmulo documental permite verificar a grande incidência de assuntos ligados à atuação de Vergueiro como médico e político; incluindo autores que tomou como referência em diversas áreas do conhecimento; e, ainda contribui para compreender as relações sociais e formas de sociabilidade entre grupos diversos como a família, a rede de clientela, a comunidade, os membros das agremiações partidárias, médicos e deputados estaduais e federais.

**Palavras-chave:** Nicolau Araujo Vergueiro. Arquivo privado. Memória. Patrimônio.

## ABSTRACT

The main topic of this dissertation is the private records of Nicolau Araujo Vergueiro (1882-1956). This is one of the "memoir spots" of the Physician and Politician which is located in the city of Passo Fundo - State of Rio Grande do Sul. The Regional Historical Archive, bound to the University of Passo Fundo, has received the donation of this collection. Such event is not isolated, but a crucial part of the process of gathering the patrimony of his memory. The archived documents project an image of the holder, namely as desired to be identified by the others along his journey, and even then, as desired to be reminded after death. In order to comprehend such (self)representation, we analyzed different document sets such as albums, bibliographic collection and annexes; his reminiscence manuscripts, entitled as "Private Notes"; and the object and his office furniture collection as well. The description of the documental backlog allows verifying the great incidence of topics linked to Vergueiro's acting as both Physician and politician, including authors which are given by him as reference in different areas of knowledge; and still contribute to understand the social relationships and the ways of socializing among several groups such as: family, clientele networking, community, members of party fellowships, doctors, and state representatives and also congressmen.

**Keywords:** Nicolau Araujo Vergueiro. Private Records. Memory. Patrimony.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pontos residenciais .....	45
Figura 2 – Pontos comerciais.....	46
Figura 3 – Parque Banhado da Vergueiro .....	47
Figura 4 – EENAV .....	51
Figura 5 – Patrono da EENAV .....	52
Figura 6 – Medalha Nicolau Araujo Vergueiro (2015).....	55
Figura 7 – Lançamento da pedra fundamental da Capela de São Miguel .....	57
Figura 8 – Residência dos Vergueiro .....	59
Figura 9 – Galeria Dr. Nicolau Araujo Vergueiro/ Edifício Vivenda do Colégio.....	60
Figura 10 – Herma de Vergueiro .....	62
Figura 11 – Jazigo Família Vergueiro .....	63
Figura 12 – Representação gráfica genealógica de Nicolau Araujo Vergueiro .....	66
Figura 13 – João de Vergueiro (1847-1892) .....	68
Figura 14 – Carolina de Araujo Vergueiro (1862-1900).....	70
Figura 15 – Nicolau e Izaura na infância.....	71
Figura 16 – Nicolau e Izaura Vergueiro com seus familiares na Cascata da Tijuca .....	74
Figura 17 – Ruy Vergueiro e Carlos Rotta.....	76
Figura 18 – Honorino Malheiros e Maria Vergueiro Malheiros .....	77
Figura 19 – Noivos Eugênio e Maria ao lado dos avós.....	78
Figura 20 – Guardiã do arquivo.....	79
Figura 21 – Banners Acervo Nicolau Vergueiro .....	85
Figura 22 – Vergueiro no gabinete .....	93
Figura 23 – Estantes livreiro.....	101
Figura 24 – Escrivaninha .....	102
Figura 25 – Máquina de datilografar .....	103
Figura 26 – RCA Vitrola .....	103
Figura 27 – Cofre.....	104
Figura 28 – Cuias.....	105
Figura 29 – Coleção de pedras .....	106
Figura 30 – Descrição da obra de Vergueiro .....	123
Figura 31 – Álbuns do acervo .....	125
Figura 32 – Tinteiro.....	141

Figuras 33 e 34 – Balthazar Patrício de Bem e Heitor Annes Dias.....	146
Figura 35 – Material sobre Stefan Zweig.....	149
Figura 36 – Obra Maria Antonieta e apensos.....	150
Figura 37 – Exemplar “Maria Stuart”.....	151
Figura 38 – Presidente da Assembleia de Representantes.....	153
Figura 39 – Cartões sacros.....	166
Figura 40 – Quadros dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria.....	167
Figura 41 – Interior do gabinete.....	168
Figuras 42, 43 e 44 – Retratos da primeira eucaristia.....	169
Figuras 45 e 46 – Celebração de matrimônio.....	170
Figura 47 – Exilados.....	173
Figura 48 – Revolução de 1930 em Passo Fundo.....	182
Figura 49 – Borges de Medeiros visitou Passo Fundo, em 1934.....	185
Figura 50 – Comunicado de dissolução do PRR.....	186
Figura 51 – Lideranças do PSD.....	197
Figura 52 – Publicidade eleitoral para os passo-fundenses, 1950.....	199
Figura 53 – Publicidade eleitoral para os erexinenses, 1950.....	199
Figura 54 – Chamada para alistamento de eleitores.....	205
Figura 55 – Discurso na Câmara Federal.....	206
Figura 56 – “Notas íntimas”: caligrafia de Vergueiro.....	212
Figura 57 – Placa de identificação.....	224
Figura 58 – Médicos que atuaram em Passo Fundo.....	226
Figuras 59 e 60 – Anúncios médicos de Vergueiro.....	234
Figura 61 – Nicolau Araujo Vergueiro.....	249
Figura 62 – Relação de assuntos para incorporar às “Notas íntimas”.....	260

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos documentos nos álbuns .....	126
Gráfico 2 – Incidência de palavras-chave nos álbuns.....	128
Gráfico 3 – Comparativo da incidência de palavras-chave por álbum.....	133
Gráfico 4 – Quantidade de palavras-chave por “Nota íntima” .....	215
Gráfico 5 – Incidência de palavras-chave nas “Notas íntimas” .....	218
Gráfico 6 – Comparativo da incidência palavras-chave por volume de “Notas íntimas” .....	221

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Planta da cidade de Passo Fundo em 1918.....	41
Mapa 2 – Lugares de memória referentes a Nicolau Vergueiro em Passo Fundo.....	42
Mapa 3 – Município de Passo Fundo na década de 1920 (área aproximada) .....	49

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Menções ao arquivamento nas “Notas íntimas” .....	95
Quadro 2 – Informações sobre a coleção de pedras .....	107
Quadro 3 – Grade curricular, cursada por Vergueiro .....	144
Quadro 4 – Participações eleitorais de Nicolau Araujo Vergueiro .....	204
Quadro 5 – Distribuição das “Notas íntimas” nos volumes .....	214

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Livros da biblioteca de Vergueiro com dedicatórias .....	111
Tabela 2 – Tipo dos documentos (álbuns, envelopes e avulsos).....	130
Tabela 3 – Autores mais citados por Vergueiro .....	148

## SIGLAS

AEL – Arquivo Edgard Leuenroth  
AHR – Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo  
AL – Aliança Liberal  
AMEPLAN – Associação Médica do Planalto  
AMRIGS – Associação Médica do Rio Grande do Sul  
APFM – Academia Passo-Fundense de Medicina  
APL – Academia Passo-Fundense de Letras  
ARENA – Aliança Renovadora Nacional  
CONARQ - Conselho Nacional de Arquivos  
CPDOC – Centro de Documentação e Pesquisa de História Contemporânea do Brasil  
EENAV – Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araujo Vergueiro  
FAMED – Faculdade de Medicina  
FEB – Federação Espírita Brasileira  
FGV – Fundação Getúlio Vargas  
FUG – Frente Única Gaúcha  
FUPF- Fundação Universidade de Passo Fundo  
HC – Hospital de Caridade/Hospital da Cidade  
HSVP – Hospital São Vicente de Paulo  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IHPF – Instituto Histórico de Passo Fundo  
MDB – Movimento Democrático Brasileiro  
MHR – Museu Histórico Regional  
PF – Partido Federalista  
PL – Partido Libertador  
PPGH – Programa de Pós-Graduação em História  
PRL – Partido Republicano Liberal  
PRR – Partido Republicano Rio-Grandense  
PSD – Partido Social Democrático  
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro  
RS – Rio Grande do Sul  
SP – São Paulo  
SPU – Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo

SMRGS – Sindicato Médico do Rio Grande do Sul

UDN – União Democrática Nacional

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

UPF – Universidade de Passo Fundo

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. VERGUEIRO COMO PATRIMÔNIO.....	37
2.1 Lugares de memória.....	39
2.1.1 Cartografia de lugares.....	40
2.1.2 Lugares simbólicos: memória e homenagens.....	50
2.1.3 Monumentos ao morto.....	59
2.2 Ser Vergueiro: linhagem e herança.....	65
2.2.1 Ascendência.....	67
2.2.2 Constituição da família.....	72
2.2.3 Descendência.....	76
2.3 Em destaque, o arquivo.....	80
2.4 Processo de patrimonialização.....	89
3. O ARQUIVO, UMA PRODUÇÃO DE SI.....	92
3.1 O Arquivo e suas funções.....	94
3.2 Móveis e objetos.....	99
3.3 Acervo bibliográfico e apensos.....	108
3.4 Álbuns e documentos avulsos.....	124
3.5 Reminiscências: “Notas íntimas”.....	135
3.6 Arquivo: testemunho e repositório de memórias.....	136
4. MEU ARQUIVO, MINHA HISTÓRIA.....	139
4.1 Formação.....	140
4.2 Ciência, erudição e religião.....	147
4.2.1 Positivismo e as chefias unipessoais no PRR.....	153
4.2.2 Eugenia.....	158
4.2.3 Catolicismo.....	165
4.2.4 Espiritismo.....	171
4.3 Trajetória política.....	178

4.3.1 PRR – De militante a chefe unipessoal passo-fundense .....	179
4.3.2 Crise e exílio.....	187
4.3.3 PSD – Liderança ou “figura decorativa”? .....	196
4.4 Homem público: pensamento e experiência .....	207
5. “NOTAS ÍNTIMAS” .....	209
5.1 O conjunto das memórias e suas partes .....	214
5.2 Exercício da medicina: memória e identidade.....	222
5.3 Escrita auto-referencial: honra, sociabilidade e finitude .....	241
5.4 Trajetória política: projeto, memória e ressentimento.....	259
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	277
FONTES .....	284
REFERÊNCIAS .....	287
ANEXOS .....	299
ANEXO 1 - CRONOLOGIA DE NICOLAU ARAUJO VERGUEIRO .....	299
ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISAR NO ARQUIVO PRIVADO .....	302
ANEXO 3 – ENTREVISTA SOBRE NICOLAU ARAUJO VERGUEIRO .....	303
ANEXO 4 – TERMO DE DOAÇÃO DO ACERVO DE VERGUEIRO .....	310
ANEXO 5 – EXTRATO DA TABELA DE DESCRIÇÃO DOS ÁLBUNS E OUTROS DOCUMENTOS .....	312
ANEXO 6 – EXTRATO DA TABELA DE DESCRIÇÃO DAS “NOTAS ÍNTIMAS” .....	313
ANEXO 7 – CÉDULA DE IDENTIDADE BRASILEIRA.....	314
ANEXO 8 – CÉDULA DE IDENTIDADE ARGENTINA.....	315

## 1. INTRODUÇÃO

Nicolau Araujo Vergueiro faleceu em 1956, no entanto um conjunto documental de natureza pessoal foi conservado por seus familiares. Esses documentos foram doados em 2011, à Universidade de Passo Fundo e, atualmente, constituem seu arquivo privado. É sobre este acervo e seu proprietário que a Tese versa. Assumimos a perspectiva de que os arquivos devem ser “entendidos como *produtos de investimentos sociais* mais do que produtos ‘naturais’ da trajetória dos indivíduos, como *repositórios de valores e representações* mais do que simples registros de atividades”. (HEYMANN, 2012, p. 71, grifo nosso).

Os estudos biográficos ou de trajetórias, sejam elas individuais ou coletivas, têm sido o mote de inúmeras investigações atuais no campo da história, fruto da revalorização dos indivíduos. Com efeito, os historiadores compreendem hoje, que “o momento é de reaproximação entre a história e a biografia”. (DOSSE, 2009, p. 405). Esta pesquisa enfoca a trajetória de Nicolau Araujo Vergueiro de acordo com a narrativa (auto)biográfica formada pelo arquivo privado. Deste exercício, que não esgota a individualidade ou a trajetória, pressupõe-se um alargamento da nossa compreensão sobre o passado do sujeito enfocado, de sua época e da sociedade em que viveu.

Com a intenção de escrever uma biografia de Nicolau Araujo Vergueiro (1882-1956) inspirada pela perspectiva da história política, iniciamos um levantamento de fontes que diziam respeito ao personagem que nos propusemos a estudar. Esta escolha, é preciso dizer, não foi fortuita, mas se deveu às possibilidades que vislumbramos para, a partir da sua vida, compreendermos as sociabilidades, a liberdade de que dispõem indivíduos em relação ao sistema de costumes e leis da sociedade e ao modo como esta se estrutura no cotidiano, conforme Levi (2005). Vergueiro que, atuou como médico e político, legou um patrimônio recentemente colocado sob a guarda do Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR), vinculado à Universidade de Passo Fundo (UPF).

O contato com os diferentes conjuntos do arquivo evidenciou especificidades e, também, as relações entre os documentos. Ao analisar a constituição do acervo podemos presumir as intenções do titular e suas dinâmicas de arquivamento. Com isso, a composição do arquivo deste indivíduo passou a ser objeto de nosso estudo, pois, no processo de constituição dos acervos alguns aspectos permanecem ocultos quando “é tratado como meio de acesso mais direto ao personagem e à trajetória que se pretende investigar”. (HEYMANN, 2005, p. 1). O catálogo do arquivo privado de Nicolau Araujo Vergueiro é o único material desenvolvido pelo AHR a respeito desse acervo. Considerando a riqueza dos materiais

arquivados, evitando visões fragmentárias ou estereotipadas do indivíduo, elaboramos procedimentos de descrição arquivística.

A descrição arquivística consiste em uma série de atividades que se inicia com a escrita sobre a documentação e, a seguir, elaboração de um instrumento de pesquisa. Com isso, a próxima etapa é a análise. Ela tende a evidenciar as inter-relações entre diferentes documentos, identificando as circunstâncias de produção e organização do arquivo, além de suas funções para o titular. (OLIVEIRA, 2012, p. 41).

A Tese parte da noção de que a ação de Vergueiro ao construir este arquivo dedica-se a uma prática cultural que os historiadores têm chamado de “produção de si”. (GOMES, 2004). Entende-se assim que os indivíduos modernos encontram a possibilidade de compor uma identidade com base no seu arquivo pessoal. A documentação projeta imagens de si e define como o indivíduo deseja ser lembrado na posteridade.

Defendemos que a análise de arquivos pessoais como objetos sociológicos e históricos fornece aos historiadores condições de discutir questões ligadas aos projetos, à memória e à identidade do indivíduo que produz a si. Desta forma, o arquivo pessoal pode ser reconhecido como patrimônio, legado e lugar de memória. (HEYMANN, 2005, p. 1-2).

A memória da atuação pública de Vergueiro, como médico e político, está vinculada à memória da cidade. Sua relevância é notável e pode ser constatada em diversos espaços públicos que levam seu nome, como a Galeria Vergueiro (localizada onde era sua antiga casa); a Vila Vergueiro, que sedia as ruas com o nome de seus ascendentes Carolina Vergueiro (nome de sua mãe), João Vergueiro (nome de seu pai), Senador Vergueiro (referência ao seu bisavô), o mercado Zaffari Vergueiro e o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro; as ruas Nicolau Vergueiro, Ruy Vergueiro (nome de seu filho); e, a Escola Estadual de Educação Básica Nicolau Araujo Vergueiro.

A tradição da família Vergueiro deve-se principalmente à figura do Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (1778-1859), bisavô do personagem que estudamos. A sua época, ele procurou encontrar, em São Paulo, uma solução para a falta de trabalhadores na lavoura cafeeira, em expansão quando o acesso à mão de obra escrava era dificultado pela pressão da Inglaterra para o governo reprimir o tráfico. O Senador propôs o sistema de parcerias, associando, na fazenda Ibicaba, em São Paulo, o trabalho livre (dos imigrantes) ao escravo. A Vergueiro e Cia. trouxe colonos em escala crescente entre 1852 e 1854, mas, ao reduzir os primeiros a um “estado de semi-escravidão”, o sistema proposto perdeu prestígio. (COSTA, 1987, p. 184).

Luís Pereira de Campos Vergueiro, segundo filho do Senador, casou-se com Balbina da Silva Machado, filha do Barão de Antonina, e o casal teve um filho chamado João de Vergueiro. (FORJAZ, 1924, p. 19). Este paulista mudou-se para o Rio Grande do Sul em meados do século XIX e casou-se com Carolina Emilia de Araujo. Ambos tiveram um filho, chamado Nicolau Araujo Vergueiro que nasceu no dia 07 de março de 1882, em Passo Fundo.

Herdeiro de uma das famílias que se estabeleceu pioneiramente na região por meio da posse, tornando-se proprietário de imensa área de terras<sup>1</sup>, Nicolau Araujo Vergueiro foi reconhecido no âmbito estadual. Descendente do Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e do Senador João da Silva Machado (Barão de Antonina), à semelhança destes investiu na carreira política. E, pela sua trajetória, foi homenageado com a denominação de um município no Estado do Rio Grande do Sul. Lembramos que, do antigo território do município de Passo Fundo, originaram-se mais de cem municípios. Um deles, ao sul de Passo Fundo, recebeu seu nome. Adotar o nome “Nicolau Vergueiro”<sup>2</sup> foi o modo encontrado para homenagear o personagem.

Nicolau Vergueiro foi uma figura fundamental no processo histórico-social do município de Passo Fundo e região, bem como nas articulações com o governo estadual e federal. (PRATES, 2001, p. 7). Embora considerado o elo entre as diferentes esferas de governo, algumas vezes suas posições receberam críticas, como no caso em que defendeu a emancipação de Erechim, opondo-se, por outro lado, à autonomia de Carazinho. (PRATES, 2001, p. 15-16).

Como republicano e integrante da Frente Única Gaúcha (FUG), Vergueiro defendeu princípios liberais e o regime constitucional em discursos e manifestos que selecionou para compor suas “Notas íntimas”. Falou sobre a importância de processos eleitorais justos, alertando para a possibilidade de revolta armada, caso fosse verificada fraude no pleito de 1930<sup>3</sup>. Em alguns eventos regionais posteriores a Revolução de 1930, seus pronunciamentos

---

<sup>1</sup> Conforme Avila (1996, p. 78): “No final do século XIX, a família Vergueiro acumulava em torno de cem mil hectares de terras de campo, faxinais e matas, compreendendo áreas dos atuais municípios de Sarandi, Rondinha, Ronda Alta, Constantina e Pontão”.

<sup>2</sup> Segundo os dados gerais e a localização disponibilizada no site do município de Nicolau Vergueiro, este localiza-se a uma latitude 28° 32' 09" sul e a uma longitude 52° 27' 51" oeste, estando a uma altitude de 567 metros. Seu município de origem foi Marau (pertencente a Microrregião de Passo Fundo e, a Mesorregião Noroeste Rio-Grandense). A criação do município ocorreu em 20 mar. 1992, mas sua instalação se processou apenas no ano seguinte, 1993. Sua área territorial é 152 Km e a população total é 1.759 habitantes. Fonte: <<http://www.nicolauvergueiro.rs.gov.br/portall/intro.asp?iIdMun=100143252>>. Acesso em: 05 dez. 2015.

<sup>3</sup> As falas foram proferidas em Passo Fundo: “162. Discurso em manifestação política”, 1 de jan. de 1930; “164. Discurso ao Dr. Oswaldo Aranha”, dia 16 nov. 1929; “188. Discurso num banquete político”, 6 de Junho de 1930; “204. Ao povo de Passo Fundo”, manifesto de Vergueiro em 3 out. 1930; “247. A Revolução de 1930 em Passo Fundo”, consiste na transcrição do relatório intencional de Henrique Scarpellini Ghezzi, publicado no Álbum da Revolução de 1930, da Livraria do Globo.

evidenciam como era aguardado o retorno do regime constitucional. Vergueiro pedia calma aos membros do PRR, sugeria que a demora no reestabelecimento da democracia estivesse relacionada ao “estudo e elaboração de uma lei eleitoral” que seriam seguidos de uma “eleição para a Constituinte”<sup>4</sup>. Segundo ele, o Estado de São Paulo era o mais explorado pelo governo “ditador” de Vargas e por seu interventor. De modo que “exausto[s] de tanto martírio”, os paulistas teriam iniciado a luta pelo retorno imediato a constitucionalidade, recebendo apoio dos representantes da FUG<sup>5</sup>. Da expectativa em torno da Revolução Constitucionalista, apoiada por Vergueiro e outros políticos gaúchos, resultaram prisões e o exílio às direções regionais. Uma vez que, no Rio Grande do Sul, o interventor Flores da Cunha, por meio de um jogo ambíguo em que dizia estar ao lado das lideranças republicanas e liberais, unidas na FUG, apoiou Getúlio Vargas.

No período democrático, pós-1945, participou da criação do Partido Social Democrático (PSD). Nesta agremiação também ocupou, a partir de 1947, o cargo de presidente. Em 1946 elegeu-se membro da Assembleia Nacional Constituinte e, na sequência para a Legislatura Federal. Nas eleições de 1950 para Deputado Federal, pela primeira vez em sua carreira política, contando com sessenta e oito anos, não se elegeu. Manteve-se vinculado ao PSD e atuando como médico, conforme o discurso que pronunciou em homenagem a ele oferecida no ano de 1955<sup>6</sup>. Faleceu aos setenta e quatro anos, em março de 1956, após completar cinquenta anos de exercício da medicina e de atuação política. Desde então, especialmente em Passo Fundo, sua memória foi objeto de diversas homenagens.

No entanto, este não é um estudo sobre a biografia ou trajetória de Nicolau Vergueiro. O que nos interessa neste trabalho é analisar o processo de constituição de seu arquivo pessoal, bem como os sentidos que esta prática e seus resultados podem assumir. Portanto, são nossos objetivos específicos:

- Situar o processo de patrimonialização de Nicolau Araujo Vergueiro no município de Passo Fundo, elencando os lugares de memória erigidos para ele, tratando especialmente do arquivo privado e de como ele se constituiu.

---

<sup>4</sup> “169. Discurso Político em um piquenique”, realizado em 21 de jun. de 1931; “170. Discurso em Carazinho”, no dia 17 de jan. 1932;

<sup>5</sup> “184. Discurso ao Dr. Borges”, pronunciado no dia 7 de out. de 1934, em Passo Fundo, quando Borges de Medeiros, visitou Passo Fundo, como líder da FUG. “199. Gente nova” e “206. Hora do silêncio”, apreciações da situação política do Brasil, escritos em São Paulo após o retorno do exílio, no Hotel Aurora, dias 18 e 30 de maio de 1934.

<sup>6</sup> VERGUEIRO, Nicolau Araujo. Discurso em homenagem recebida ao completar 50 anos de profissão em Passo Fundo. 23 dez. 1955.

- Descrever diferentes fontes (Notas íntimas, álbuns, obras bibliográficas e seus apensos, fotografias) que compõem o acervo, revelando sua singularidade e o que informam sobre a trajetória do titular.
- Verificar os sentidos de criação e conservação desse arquivo para seu titular, ou seja, que representações Vergueiro produziu acerca de si mesmo por meio dos documentos.

Trabalhos desta natureza vem fazendo parte da agenda dos historiadores já há algum tempo. Neste sentido podem contribuir para acompanharmos as discussões a respeito da organização e descrição dos arquivos pessoais, principalmente no que tange as diferentes metodologias para organizar e descrevê-los.

Ao contrário dos arquivos institucionais, para os quais há procedimentos padrão de descrição, os arquivos pessoais ocupam “lugar obscuro” na literatura da arquivística, uma vez que os teóricos da arquivologia, desde sua formação profissional desenvolvem uma vivência no âmbito dos arquivos públicos. (OLIVEIRA, 2012, p. 32-33).

As reflexões e a produção de conhecimento sobre os arquivos pessoais são desenvolvidas por diferentes grupos de pesquisadores das áreas de ciências humanas, sociais, comunicação e informação. Porém, verificamos abertura para discussão e consenso sobre a necessidade da pesquisa para a descrição arquivística e organização dos acervos, de acordo com algumas referências consultadas: **Descrição e pesquisa**: reflexões em torno dos arquivos pessoais (OLIVEIRA, 2012), **O Lugar do arquivo**: a construção do legado de Darcy Ribeiro (HEYMANN, 2012), **Arquivos Pessoais** (SILVA; SANTOS, 2012), **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa (TRAVANCAS, ROUCHOU, HEYMANN, 2014).

“Os arquivos pessoais e familiares passaram a se destacar quando entendidos como patrimônio a ser preservado pela sociedade, ou seja, quando foi reconhecido o seu valor para o estudo histórico e como registro da memória da nação”. (OLIVEIRA, 2012, p. 31). Igualmente, imaginamos que a partir da constituição do arquivo de Vergueiro e das pesquisas históricas que utilizarão tais fontes, doravante acessíveis, continuará a ser atualizada e ressignificada a memória sobre esse personagem, inclusive por causa desse novo “lugar de memória”. Fazem parte do inventário do seu arquivo pessoal: mobília; biblioteca; quatro álbuns; oito volumes de memórias intituladas “Notas íntimas – algumas reminiscências clínicas”.

Os “lugares de memórias” criados pelo próprio titular são seu arquivo privado, objeto de nosso estudo e, nele, o conjunto das “Notas íntimas”. O arquivo constitui uma imagem do titular que ele formulou e fomentou durante a sua trajetória. A escrita autobiográfica, de outro modo, corresponde à imagem de si transmitida na década de 1930.

Segundo Nora (1993, p. 25) as publicações e autobiografias constituem monumentos, ou seja, “lugares de memória”, não pela extensão ou qualidade do texto “mas porque eles complicam o simples exercício da memória como um jogo de interrogação sobre a própria memória”. O gênero literário “implica num saber de outras memórias, num desdobramento do homem de escrita e do homem de ação, na identificação de um discurso individual com outro coletivo e na inserção de uma razão particular numa razão de Estado”. No caso de Vergueiro isso significa a opção do registro de determinadas lembranças em detrimento de outras, ressaltando o caráter político da memória. Temos o exercício de escrita, de um homem público, que se preocupa com o conteúdo e a apresentação de suas opções, justificando-as. No entanto, salienta-se sua preocupação com o estilo da narrativa.

O arquivo de Vergueiro é composto também por móveis e objetos, os quais são dotados de significado e merecem nossa atenção. A mobília e objetos do arquivo já não eram utilizados no cotidiano, no entanto, permaneceram guardados em sala reservada e, somente depois de longo tempo, é que foram doados. Cada objeto recebeu, em momentos distintos, significações ou valores diferenciados, como Zita Possamai (2010) observou ao descrever como se transformam em peças de museu. Inicialmente, a preservação dos objetos deve-se a ordem subjetiva, isto é, a questões afetivas, a lembranças do passado ou, ainda, a ligação com pessoas que faleceram, tornando-se assim, repositório de memórias. Em seguida, eles passaram a ser associados, pela própria pessoa que os conservava, com o museu/arquivo devido a sua antiguidade. No caso em estudo, essas motivações afetivas para conservar o gabinete do patriarca da família, foi acrescida da percepção do valor histórico representada pelo conjunto, reiterado no termo de doação. Encerrando o percurso, o objeto é aceito pelo museu/arquivo recebendo novas significações.

Nesta doação, o significado histórico do acervo bibliográfico é enfatizado, devido as fontes para pesquisas sobre a história do município. Todavia, pesquisas sobre a própria biblioteca, como parte do arquivo, das representações sobre o personagem e suas ideias, tendem a ser frutíferas, a exemplo de Abreu (1996) e Gomes (2013).

Em **A fabricação do imortal**, Abreu (1996) analisa a grande doação realizada, em 1936, por Alice da Porciúncula Calmon após o falecimento de seu marido Miguel Calmon. A iniciativa da doadora requereu uma sala específica do Museu Histórico Nacional. Nela foram

expostos objetos que remetem a elite aristocrática, entre os quais figura, inclusive, a biblioteca de Miguel Calmon. “A biblioteca, no que tange a aspectos primordialmente ligados à pessoa, reproduz o que é perceptível em outros domínios da coleção. Há uma construção de homem público modelar”. (ABREU, 1996, p. 141).

Na ausência da biblioteca particular do intelectual Viriato Corrêa, Gomes (2013) percorre um caminho inverso. Ela procura, via práticas de leitura e escrita empregando citações, saber quais eram os livros consultados por Viriato Corrêa. Ele é definido como um mediador cultural porque investe em “processos de apropriação cultural presentes na construção de uma matriz narrativa histórica, que assume com clareza seu propósito de divulgação do conhecimento, tendo em vista os valores cívico-patrióticos de seu tempo”. (GOMES, 2013, p. 147).

No caso de Vergueiro, a biblioteca foi um investimento importante do produtor do arquivo sob dois aspectos: a sociabilidade e a erudição. Considerando o primeiro aspecto, lembramos que as sociabilidades masculinas dominavam o espaço público. Nelas predominavam normas de discrição, amabilidade, cordialidade, etiqueta, zelo pela relação. (TEDESCO, 2006, p. 194). Assim, Vergueiro ganhou inúmeros livros, dos próprios autores, contendo dedicatórias que passaram a fazer parte de seu acervo<sup>7</sup>. Do mesmo modo, foi apresentado para escritores que admirava, como Renato Kehl<sup>8</sup>. O vasto acervo adquirido demonstra a preocupação com as teorias em voga, sem demérito do conhecimento dos textos clássicos.

Com a finalidade de organizar a biblioteca, Vergueiro desenvolveu um catálogo geral, por ordem alfabética para distribuir suas obras entre as estantes. Mapeamos algumas das leituras que realizou, a partir dos registros de discursos feitos nas memórias, e verificamos que os títulos estão presentes no acervo<sup>9</sup>. Outro aspecto especial desta biblioteca é seu caráter de arquivo, pois, na medida em que abrimos os volumes, nos deparamos com recortes de jornais versando sobre questões polêmicas relativas à temática ou ao autor. Além disso, o proprietário da biblioteca destacava passagens dos textos, fazia apreciações das edições, assinalava momentos de sua trajetória nas páginas dos livros que adquiria. Acrescentava às leituras bilhetes que redigia contendo associações de suas vivências.

<sup>7</sup> Conforme nota “304. Minha biblioteca”. (VERGUEIRO, 1937, v. 8, p. 52-57.).

<sup>8</sup> Ver nota “269. Renato Kehl”: Vergueiro conta que foi apresentado ao renomado médico eugenista brasileiro pelo cunhado que morava no Rio de Janeiro Dyonisio Cabeda Silveiro. (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 92-96).

<sup>9</sup> O Catálogo do Arquivo Histórico Regional Acervos Privados: Fundo Nicolau Araujo Vergueiro contém o levantamento do acervo preservado. Sua consulta está disponível em: <<http://www.upf.br/ahr/images/stories/acervo-nicolau-araujo-vergueiro.pdf>>.

Vergueiro produziu um conjunto de álbuns, dos quais quatro foram preservados. Com esta designação queremos nos referir ao arquivamento de telegramas, fonogramas, cartas recebidas, discursos, anotações diárias referentes à família, recortes de jornais, convites para homenagens que lhe prestaram, cartões, fotografias, mensagens de agradecimento. Trata-se, enfim, de “registros que materializem a história do indivíduo e dos grupos a que pertence”, sendo considerados como “atos biográficos” ao evidenciarem a relevância de dotar sua vida e realidade de significados especiais. (GOMES, 2004, p. 11).

Os relatos memorialísticos formam um conjunto integrado por aproximadamente 12 manuscritos. Destes, apenas os oito primeiros volumes de “Notas íntimas” foram doados pelos familiares, os demais teriam sido extraviados<sup>10</sup>. Cada manuscrito contém 200 páginas numeradas. Os registros estão dispostos, em sumário contínuo, ao final de cada volume, perfazendo o total de trezentas e vinte e quatro notas numeradas pelo autor. Essas narrativas são referenciadas ao longo da Tese com título citado entre aspas, antecedido por numeração seguida de ponto (por exemplo: “1. O primeiro doente”). Alertamos, que ao inserir citações da escritura pessoal, elas seguirão o padrão das citações diretas, contudo, incluímos a paginação de cada memória na íntegra e não apenas a da página cujo fragmento foi reproduzido.

Ao levar adiante o projeto de escrita, Vergueiro pretendia comemorar seus trinta anos de exercício da medicina. Inicialmente ele dispôs-se a registrar cem casos clínicos. Porém, com o passar do tempo, o material recebeu outras ênfases, rememorando, também, sua atividade política.

Redigidas no período compreendido entre 1935 e 1937, nas cidades do Rio de Janeiro e de Passo Fundo, as memórias de Nicolau Vergueiro levaram um longo tempo para se tornarem públicas. Seu autor recomendou aos familiares que esperassem cerca de cinquenta anos após sua morte para a divulgação das mesmas, sob a justificativa de que mencionava pessoas que ainda viviam na ocasião. Trata-se de relatos com temática bastante variada: o atendimento a pacientes, as relações familiares (da família extensa), o período de estudos na capital, a descrição de trajetórias clínicas e biográficas, a inscrição de artigos autorais relativos à saúde e à política e os discursos, como vimos comentando.

A globalidade dos volumes de álbuns e de reminiscências é analisada seguindo uma mesma metodologia, nos capítulos “O arquivo, uma produção de si” e “Notas íntimas”, respectivamente, com proveito das leituras que fizemos acerca de arquivos pessoais. Esse

---

<sup>10</sup> A entrevista é o anexo número 3 da Tese. Referência: MALHEIROS, Maria [Jesus] Canfield. Entrevista sobre Nicolau Araujo Vergueiro: A família, a residência e o arquivo privado [4 mar. 2016]. Entrevistadora Marinês Dors. (Sob a guarda do Arquivo Histórico Regional.) Passo Fundo. 7 f.

empreendimento, possível a partir do desenvolvimento de uma tabela que sistematiza os dados, facilita o acesso às informações e a sua quantificação. São então apresentados os temas mais abordados no conjunto e em cada volume. E, também, nos é permitida uma aproximação, a partir da análise dos volumes, ao autor das memórias, em sua singular forma de pensar, exercer a profissão de médico e atuar como político.

Após a leitura, verificação do tema e apreensão do conteúdo da documentação dos álbuns e das “Notas íntimas”, como Vergueiro denominou suas memórias, formulamos as tabelas de classificação (o extrato dessas tabelas consta nos anexos 5 e 6, respectivamente).

A tabela de descrição dos álbuns e outros documentos possui seis colunas com as seguintes entradas: (1) localização – volume e página; (2) tipo de documento e quantidade; (3) local e data da produção; (4) Título, sobretudo no caso dos recortes de jornais; (5) palavras-chave; (6) descrição do conteúdo. O extrato da tabela pode ser visto no anexo cinco.

Da mesma forma, a tabela de descrição das “Notas íntimas” contém seis colunas, que tem as seguintes entradas: (1) número do caso; (2) título; (3) indicação de volume e página; (4) data do registro; (5) palavras-chave; (6) descrição do conteúdo. Esse extrato da tabela pode ser consultado no anexo seis.

Tal instrumento de pesquisa, que será oportunamente disponibilizado ao Acervo Nicolau Araujo Vergueiro (AHR), tem o propósito de ampliar a localização de informações nas fontes, devido à diversidade de possibilidades de pesquisa e de palavras-chave inseridas. Essa escolha metodológica também foi estratégica, na medida em que evidenciou as relações entre as próprias notas, outros documentos arquivados, as leituras efetuadas e os livros adquiridos para a biblioteca, facilitando a compreensão do contexto de produção do arquivo.

A literatura sobre arquivos pessoais da qual nos apropriamos traz inúmeras discussões a respeito de como organizar a documentação. Refletimos a propósito do processo de descrição, percebendo-o como uma pesquisa que tem o objetivo de produzir conhecimento sobre o acervo. O contexto arquivístico deve ser entendido “como parte integrante de um processo social e histórico, tendo como perspectiva buscar o conhecimento sobre o produtor do arquivo e das redes em que participa”. (OLIVEIRA, 2012, p. 80). Destarte, a representação do arquivo pessoal terá mais propriedade e oferecerá aos consulentes possibilidades ampliadas de acesso.

Após procedermos a classificação do conteúdo dos álbuns e das “Notas íntimas”, identificamos inúmeros dados que contribuem para essa recomposição. São nomes de familiares, médicos e farmacêuticos (que atuaram na cidade e na Sociedade de Medicina), integrantes do Clube Pinheiro Machado, do Partido Republicano Rio-Grandense local, de

instituições em que o titular do arquivo era sócio. Há também indicações de sua rede clientelista, de compadrio, de amigos com os quais se dedicava ao lazer, etc. Embora, por questões éticas, optamos pelo uso de iniciais para preservar a identidade das pessoas e de seus familiares.

Para o preenchimento da tabela utilizamos a combinação da análise da tipologia documental com a análise dos conteúdos<sup>11</sup>, considerando que é um conjunto de notas manuscritas, correspondências, recortes de jornais e papeis referentes a atividade parlamentar. Portanto, engloba, além dos casos clínicos, transcrições consideradas memoráveis.

Apesar de não regulados por normas oficiais, os documentos produzidos no âmbito da vida pessoal são regulados pelas normas sociais de civilidade e polidez, que marcam os relacionamentos entre os diversos pares do titular do arquivo, além das circunstâncias sociais, dos eventos e dos atos. O estudo da tipologia não só permite delinear modelos de registros e formas de comunicação entre as pessoas, mas também os comportamentos aceitos socialmente nas situações propostas como objeto de estudo, e ajuda a estabelecer o nível do relacionamento entre as pessoas e as instituições. (OLIVEIRA, 2012, p. 84).

As palavras-chave foram elaboradas após a leitura e sistematização do conteúdo dos documentos e textos memorialísticos, apenas mantendo a preocupação com a exposição precisa da temática. Não houve delimitação prévia das palavras-chave que tendem a se tornar instrumentos de pesquisa. Nesse sentido, estivemos alertas a crítica formulada pelos arquivistas a respeito da “interferência dos historiadores no trabalho de organização de arquivos” pessoais. Esta crítica lógica e, bem fundamentada, propõe que somos propícios a eleger temas “como princípios norteadores da classificação e da descrição dos documentos, em detrimento do contexto de produção e acumulação dos registros”. (HEYMANN, 2012, p. 68).

Conquanto, vale lembrar que estivemos atentos a algumas palavras-chave que corroboraram para a estruturação da tese. A reunião das palavras-chave arquivo, biblioteca, imprensa, por exemplo, permitiu identificar relações entre as “Notas íntimas” e diferentes documentos do arquivo, bem como refletir sobre a lógica de acumulação. Do mesmo modo, o procedimento adotado possibilita apontar se existem vínculos entre os textos que versam sobre a mesma temática. Assim,

[...] as formas de classificação dos documentos e as descrições delas resultantes, consolidadas nos instrumentos de pesquisa – inventários ou bases de dados – têm

---

<sup>11</sup> A proposta de Oliveira (2012, p. 81-93) para realizar a descrição arquivística em arquivos pessoais, no que diz respeito ao exame dos documentos, contempla as matizes da análise diplomática, análise tipológica e da análise de conteúdo.

efeitos importantes sobre a produção da fonte histórica e os sentidos que lhes são atribuídos. Ao destacar determinados aspectos e obscurecer outros, ao enfatizar determinado conjunto documental por seu ‘valor histórico’ em detrimento de outros, considerados secundários ou destituídos de interesse, o profissional que atua na organização dos documentos produz o valor que pretende revelar. (HEYMANN, 2012, p. 68).

Além das fontes disponíveis no arquivo pessoal, há outros objetos e documentos, tais como correspondências, cartões, fotografias e objetos que ficaram sob a guarda de familiares, especialmente de Maria Canfield Malheiros. Tivemos acesso a essa documentação de foro familiar ou íntimo e faremos uso dela, principalmente das fotografias. O acervo iconográfico do Museu Histórico Regional (MHR) também foi consultado e algumas imagens são utilizadas.

Devemos justificar o uso frequente de fotografias ao longo desta Tese. Para fins metodológicos Burke (2004) explica que as fotografias devem receber o tratamento equivalente ao das pinturas e, como documentos, devem ser contextualizados. Nesse caso as imagens podem ser vistas como cenas da vida social e religiosa de acordo com as convenções familiares. Os fotógrafos construíam as cenas, como podemos visualizar em algumas imagens.

[...] da mesma forma que outras formas de evidência, fotografias podem ser consideradas ambas as coisas evidência da história e história. Elas são especialmente valiosas, por exemplo, como evidência da cultura material do passado [...] podemos perceber como os ricos se vestiam, sua postura e comportamento, os constrangimentos dos códigos de vestimenta femininos da época, o materialismo elaborado de uma cultura que acreditava que riqueza, *status* e propriedade deviam ser ‘publicamente ostentados’. (BURKE, 2004, p. 29).

As fotos que selecionamos para compor este trabalho pretendem corroborar com nossa análise, como apoio para visualizar os lugares de memória, as fontes do arquivo, e também para identificar os familiares de Vergueiro. No entanto, em alguns momentos faremos análise das imagens.

As peças contidas neste arquivo são consideradas fontes históricas a partir da atual concepção dos historiadores a respeito dos documentos – também considerados monumentos. Compreende-se ser possível trabalhar com as fontes ora colocando-as em séries, optando pela sua inserção em conjuntos, ora usando o método quantitativo. “Enfim, tendo sempre em conta o fato de que todo documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso”. (LE GOFF, 2003, p. 525). Enfim, ao elaborar a crítica das fontes, o historiador deve esclarecer seu leitor sobre a produção dos documentos:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 2003, 535-536).

A realização desta pesquisa requereu, em alguns momentos, a quantificação e também a seriação para que pudéssemos perceber quais são os temas mais tratados, por exemplo, nas memórias de Vergueiro. Assim, poderíamos elencar aquilo em que devíamos nos deter em nossa análise.

De fato, ao longo da Tese, iremos nos referir a um total de trezentos e vinte e quatro textos memorialísticos, dispostos em oito volumes. Analisar todas estas notas tornar-se-ia um exercício enfadonho e repetitivo. Mas, a partir da formação de séries, são feitas opções com a finalidade de demonstrar características da fonte e, na sequência, testemunhos sobre a atuação médica e política do autor nos anos iniciais do século XX, bem como outras temáticas recorrentes.

É certo que, como historiadores, devemos estar conscientes dos “feitiços” presentes nos arquivos privados. E, ainda, de que em nosso trabalho fazemos escolhas, hierarquizações e descarte de documentos coletados, de forma a continuar conduzindo as fontes e não sermos por elas conduzidos. (GOMES, 1998, p. 127).

Para o emprego das fontes devem ser consideradas características como espontaneidade e autenticidade dos documentos pessoais, juntamente com a reflexão e problematização propostas pelo historiador. Isso significa que, de forma consciente ou não, a guarda de objetos e a escrita auto-referencial permitem aos indivíduos construir uma identidade para si, que revela sua singularidade, mas também seus projetos e intenções.

No desenvolvimento desta pesquisa visamos responder a determinados problemas na medida em que analisamos as fontes, investigamos o itinerário percorrido por Vergueiro para refletir sobre a constituição do seu arquivo pessoal.

Norbert Elias (1994) afirma que o indivíduo só pode ser compreendido em termos de sua vida em comum com os outros, sendo que a estrutura e a configuração do controle comportamental de um indivíduo estão sujeitas à estrutura das relações entre os indivíduos. Dessa maneira, torna-se pertinente saber quais eram as pessoas que faziam parte da rede de sociabilidades de Nicolau Araujo Vergueiro em suas esferas de atuação como médico? E como político? Como se configuravam tais relações?

De acordo com Velho (2003, p. 47), as trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. Ele

também explica que o projeto existe no mundo da intersubjetividade, não sendo abstratamente racional, mas resultado de uma deliberação consciente a partir das circunstâncias, do campo de possibilidades em que está inserido o sujeito. Cabe perguntar quais eram os projetos de Vergueiro?

É possível afirmar que Nicolau Vergueiro foi o primeiro passo-fundense a concluir a Faculdade de Medicina. Em suas memórias, ele denuncia diagnósticos, procedimentos e tratamentos adotados pelos seus pares. Pollak (1992) e Candau (2011) compreendem a identidade como uma construção que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade. Ela se forma por meio da negociação direta com os outros, resta perceber como o moço recém formado produz a identidade de médico, como se percebe e é percebido pelos demais? E ainda: como foi sua atuação no município? Como ela repercutiu/contribuiu socialmente na esfera política?

Pode-se perceber que a Tese se situa em uma interseção da história social e da história política. De acordo com a perspectiva da história política, esta seria uma “história portadora de sentido em que o político constituísse um elemento indissociável da evolução das sociedades humanas tomadas em seu conjunto”. (BERSTEIN, 2009, p. 29). A necessidade de estudos multidisciplinares é uma condição para o desenvolvimento da pesquisa em história política, pois o ofício dos historiadores abrange a compreensão e a explicação dos fenômenos, não apenas sua descrição. A história do político caracteriza-se pela renovação das fontes, por um novo enfoque das pesquisas e pelo fértil entrecruzamento com outras áreas.

Partimos assim da premissa de que ao arquivista cabe “montar um quebra-cabeça”.

As peças estão reunidas e, cada uma guarda uma individualidade, um símbolo, ou seja, um conjunto unitário que necessita juntar-se a outro conjunto unitário. Cada conjunto unitário do quebra-cabeças possui signos, completos ou não, que até podem individualmente apresentar um sentido próprio. No entanto, somente no conjunto formarão uma imagem única e plena em sentido. (OLIVEIRA, 2012, p. 75).

Fruto da reflexão de uma arquivista, o que o excerto traduz é a ideia de unicidade. Esta é uma das cinco características dos arquivos, sendo as demais imparcialidade, autenticidade, naturalidade e organicidade. A unicidade garante a cada documento seu lugar no arquivo, conforme a atribuição de significado que lhe deu o titular.

Do ponto de vista de um arquivista, cada documento contribui com informações sobre o personagem e seu contexto. E, a composição desvelaria uma representação. Os historiadores, ao contrário, têm a percepção de que esses documentos são vestígios, que não

foram armazenados por obra do acaso e, ainda, que podemos estabelecer questões que norteiam as pesquisas historiográficas resultando daí inúmeras representações, parciais e não necessariamente harmônicas.

Além disso, o estudo do arquivo pessoal surge como possibilidade de compreensão do processo de individuação. A obtenção de informações a respeito do itinerário percorrido por Vergueiro, cujo arquivo é estudado, permite desvendar suas ideias, posições em relação a determinados temas, o modo como se relaciona com os outros e, inclusive em maior ou menor grau, seus sentimentos.

Ao consultar o arquivo pessoal de Vergueiro, buscando relações entre os documentos para contar a história do acervo, os documentos guardados permitem conhecer mais sobre o século XX: a sociabilidade, as práticas médicas, as teorias em voga e as relações políticas. Isso ocorre na medida em que estabelecemos relações com os que nos cercam em diferentes círculos. No caso de Vergueiro há colegas de estudos, de profissão, parentes, amigos, políticos, membros do seu partido, pessoas a quem prestou favores, etc.

A escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a medida das relações nas quais ele se inscreve. (REVEL, 1998, p. 21).

Procedemos à descrição e análise das diversas fontes históricas contidas no arquivo, para conhecer o contexto arquivístico. Em busca das lógicas de produção, acumulação e aquisição do seu titular, contamos a história do arquivo durante sua vida e após a morte de Vergueiro. Estivemos conscientes, é claro, que essa opção reflete sobre a intervenção dos herdeiros no acervo e na memória que este ajuda a produzir.

Coloca-se em pauta também o processo de patrimonialização destes acervos que, valorizados como fontes por historiadores, passaram a ser alvo de projetos das instituições, muitas vezes criadas para acolhê-los ou disponíveis a investir na guarda. Tais projetos têm o intuito de valorizar as trajetórias individuais, preservar e divulgar os acervos. (HEYMANN, 2009).

Neste contexto de acolhida, valorização e interesse na preservação dos arquivos privados por parte das instituições arquivísticas, a ênfase recairá no Arquivo Histórico Regional (AHR). Para entendermos por que esta instituição recebeu o arquivo de Nicolau Vergueiro, precisamos conhecer seu histórico, função, o tipo de acervo que abriga e de onde obtém seus recursos.

Neste momento do trabalho contaremos a história do acervo, desde sua constituição até o momento da efetiva doação, destacando as intervenções dos herdeiros. É imprescindível, ainda, considerar o papel da família, e também desta tese, na patrimonialização do arquivo, na atualização da memória deste indivíduo.

A constituição do arquivo em pauta é analisada no capítulo 3, “O arquivo, uma produção de si”. Discutiremos o quanto qualquer arquivo pode ser um depósito de vestígios, uma forma de produzir a identidade ou de evocar a memória; ou, até mesmo, comportar essas três dimensões. Porém, sob outra ótica, o arquivo delinea-se como uma necessidade, um instrumento de trabalho, papéis de valor, documentos reconhecidos como provas.

A descrição e análise do arquivo pessoal compõem o conteúdo dos capítulos 3, 4 e 5. No capítulo 3 iremos nos ocupar dos álbuns, da mobília e da biblioteca-arquivo. O capítulo 4 oferece a articulação entre esses diferentes documentos e objetos. Portanto, são abordadas algumas inter-relações na produção de si do titular do arquivo, ao passo que se tornam evidentes suas ideias e a própria trajetória. Enquanto no capítulo 5 iremos nos deter naquilo que temos tratado como a “escrita de si”.

A exposição do capítulo 5, “Notas íntimas”, define as características da escrita auto-referencial de Vergueiro fazendo, para tanto, uso de alguns de seus excertos. Normalmente, este tipo de escrita evoca um discurso sobre a verdade, isto é, um caráter de testemunho ou depoimento fiel. Há, também, por parte do autor, embora ele faça a narrativa em primeira pessoa, uma dificuldade de falar de si, pois, ocupa o lugar de narrador e de personagem. Outro aspecto recorrente é a precisão que observamos em Vergueiro, de articular as experiências pessoais ao contexto histórico e social. Surge a obrigação de referir-se a outros textos e fazer citações. Mas essa modalidade de registro, pode ser explicada, talvez, pela saudade, pela solidão e por um desejo de comemorar os trinta anos da carreira profissional. De tal modo, o registro pode ser alimentado pelo passado, como uma catarse, instaurando clima nostálgico. (LACERDA, 2000, p. 84-96). Outra hipótese é de que ele fez essa produção com a finalidade de assegurar o seu lugar de protagonismo na memória coletiva.

As fontes analisadas indicam a subjetividade do autor. Ele escreve memórias, mas ao registrá-las permite ao pesquisador identificar as suas projeções identitárias, alguns projetos, valores, ideias e emoções que revelam sua individualidade.

Uma das fontes mais importantes para nosso estudo, isto é, o conjunto de narrativas que Vergueiro chamou de “Notas íntimas – algumas reminiscências clínicas”, não narra somente casos específicos do exercício da medicina por ele ou seus pares. Como veremos, as anotações ultrapassam essa abordagem e propõem discussões sobre: sociabilidade, política,

etnias, religião, ciência, ética e moral. No entanto, política e medicina são as temáticas mais acentuadas nos oito volumes e, por isso concedemos maior destaque para a análise destes temas.

Após a coleta de informações, classificação dos documentos e da tipologia, bem como análise dos conteúdos, entendemos que será possível identificar as pessoas com quem o político se relacionava, traçar a representação gráfica genealógica, organizar a cronologia da vida e apontar relações entre os documentos. Isso para desenvolver o que os arquivistas denominam como contexto arquivístico, algo que sugere modos de compreensão sobre a forma do titular acumular papéis, se organizar, expressar sua identidade e também se relacionar consigo e com os demais.

Neste raciocínio [...] a biografia reassume uma função a meio caminho entre o particular e o coletivo, exercício apropriado para identificar uma figura num meio, examinar o sentido adquirido por uma educação distribuída a outros segundo os mesmos modelos, analisar as relações entre desígnio pessoal e forças convergentes ou concorrentes, fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios. (LEVILLAIN, 2003, p. 165).

O arquivo pessoal representa um manancial de documentos para uma investigação desta natureza. A partir desse conjunto podemos conhecer as ideias de Vergueiro e ainda temos acesso às suas leituras e apreciações de alguns autores.

De acordo com a perspectiva da história política, o trabalho dos pesquisadores não consiste apenas em descrever ações de sujeitos, mas buscar explicá-las e, através da análise, atribuir-lhes sentidos ou compreensões. Deixam de ser citados nomes e datas apenas, passa-se a pensar mais na racionalidade desses sujeitos, em suas relações sociais, em sua liberdade e até mesmo no campo de possibilidades que tinham para tomar suas decisões e agir.

O que os historiadores denominam como “produção de si” é uma prática cultural na qual os indivíduos modernos encontram a possibilidade de constituir uma identidade para si, mas com base nos documentos. O arquivo de Vergueiro é bastante vasto, ultrapassa as memórias e álbuns que citamos. É composto por: fotos, correspondências, livros contendo recortes de jornais relacionados, objetos de uso pessoal, móveis, etc. que se dividem entre um acervo que foi doado ao AHR e outro, familiar.

Entendemos que ao empregar essas fontes:

Não é tanto o ‘conteúdo’ do relato por si mesmo – a coleção de acontecimentos, momentos, atitudes –, mas precisamente *as estratégias* – ficcionais – *de autorepresentação* o que importa. Não tanto a ‘verdade’ do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modelos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu*. (ARFUCH, 2010, p. 73, grifo da autora).

O papel que deve ocupar o “contexto” na elaboração de narrativas de caráter biográfico, é tema de discussão entre os autores que trabalham com este gênero de escrita. Levi (2005), por exemplo, esclarece que elas devem levar em conta a importância das relações sociais, da racionalidade individual e dos sistemas normativos. Ele evoca ainda o alerta de Bourdieu (2005), sobre os riscos implicados em uma “ilusão biográfica”, e afirma ser tarefa indispensável daqueles que operam com este gênero de escrita, a reconstrução do contexto, isto é, da “superfície social” em que age cada indivíduo, numa pluralidade de campos a todo instante. (LEVI, 2005, p. 169).

Para finalizar essa reflexão retomamos Revel (1998) e sua assertiva de que é preciso estabelecer que um personagem não pode ser compreendido isoladamente, mas apenas a partir de suas relações sociais. Da mesma forma, as ações dos indivíduos se inscrevem em diferentes contextos, que incluem esferas como o local e o global, em processos que não se opõem. Como Guerra (1993, p. 241) afirma: “[...] las actitudes de los actores no son solo una consecuencia de su propia identidad, sino también, del lugar que ocupan em um marco geográfico o político determinado”. Assim, nossa investigação histórica concentra-se no arquivo pessoal de Vergueiro porque seus documentos projetam uma imagem do titular acerca de si mesmo e de como as pessoas que lhe eram próximas o definiam. Além disso, o arquivo evidencia fatos marcantes da trajetória, contribuindo para o mapeamento das suas sociabilidades e de vínculos como família, amizade ou rivalidade, apoio ou hostilidade, dependência ou corporativismo e, ainda, mediação.

Esta Tese se encerra com a análise destas “Notas”. Delas, escolhemos para analisar aquelas que se relacionavam ao entendimento da escrita pessoal, bem como aos dois papéis sociais aos quais o autor dá ênfase, a saber medicina e política. O princípio que orientou esta escolha foi metodológico, baseado na quantificação de palavras-chave, indicadoras das temáticas mais relevantes para o indivíduo.

A discussão sobre estes itens selecionados da coleção que compõe o Arquivo Nicolau Vergueiro pretende, para fins desta Tese, verificar como ele exprimia sua identidade através desse tipo de documentação, auxiliar na compreensão do modo como este indivíduo se

relacionava com os demais membros da sociedade – a fim de estabelecer sua cronologia, as redes de relações (clientelistas, de compadrio, familiares), etc.

Nas considerações finais procedemos a apreciação da longa reflexão que Vergueiro fez a respeito de seu anel de médico. Tomamos aqui este artefato como um objeto biográfico, símbolo da profissão e da distinção social. O anel, presente em seu itinerário, assim como as memórias, tinha caráter terapêutico: entrelaçou o passado e o presente. Mais ainda, através de tal objeto e do próprio arquivo, Vergueiro contemplou a perspectiva de, no futuro, não cair no esquecimento, pois tanto o anel, quanto as “notas íntimas” seriam herdados por seus filhos Ruy e Maria.

Para finalizar a apresentação da Tese, cabe referir aos vários trabalhos historiográficos que abrangem a temática da história política no âmbito regional, entre eles as dissertações de Prates (2001), Benvegnú (2006), Gatti (2008), Goulart (2014) e a tese de Amaral (2013). Tais pesquisas contribuem, ainda que este não seja o seu foco, para consolidar o personagem na memória regional, integrando seu processo de patrimonialização. Isso ocorre porque os discursos historiográficos divulgam uma versão da história e das representações que conferem destaque aos personagens, valorizando-os ou não. Considerando que o historiador delimita sua temática de acordo com interesses próprios e aqueles em voga no presente, daí resulta, ainda, a atualização da memória.

Nossa revisão dos principais trabalhos sobre a trajetória política de Vergueiro, e suas ideias centrais, seguirá a ordem cronológica dos recortes temporais delimitados nos estudos.

“Independente, não neutro” Poder e imprensa no norte do RS (1916-1930), é o título da dissertação de Goulart (2014). A mesma tem como recorte a conjuntura da Primeira República e analisa as relações entre a política e a imprensa demonstrando como os jornais contribuíram para a manutenção do Partido Republicano Local na administração municipal, embora refletissem oposições e cisões dentro do PRR, principalmente após o falecimento do chefe unipessoal Gervasio Annes, em 1917<sup>12</sup>.

A dissertação explicita os graus de parentesco entre Nicolau Vergueiro, Gervasio Annes e seus descendentes envolvidos com a política e a imprensa local. Mas sua contribuição consiste em demonstrar as oposições ao fortalecimento do poder político de Vergueiro. Inicialmente, narra de que forma o falecimento do primeiro líder político

---

<sup>12</sup> Funcionaram, portanto, como veículo de comunicação do grupo político liderado por Vergueiro, jornais como *O Gaúcho* e *A Voz da Serra*, bem como o *Diário da Manhã*, fundado apenas em 1935. Todavia, como não foram conservados os dois primeiros periódicos Goulart (2014) extraiu textos transcritos de *O Gaúcho* nas memórias de Vergueiro. O acervo de *A Voz da Serra* está digitalizado e pode ser consultado no AHR. Já o acervo do *Diário da Manhã*, não foi consultado pois é posterior ao período delimitado para o estudo. Também está disponível no AHR o acervo de *O Nacional*, que pertencia ao grupo rival político, Armando Annes.

republicano, em 1917, fortaleceu a rivalidade entre Vergueiro e Pedro Lopes de Oliveira. Os esclarecimentos da disputa sucessória, que conferiu a liderança partidária local a Vergueiro consistem na seleção, feita pelo próprio Vergueiro, de trechos d'*O Gaúcho* e, na análise de Goulart dos arquivos, de *A Voz da Serra*. Outra discussão desse teor ganha repercussão nas páginas do jornal *O Nacional*, fundado em 1925: trata-se das críticas formuladas por Armando<sup>13</sup> e Herculano Annes, também membros do PRR, à administração do Intendente Nicolau Vergueiro.

O artigo de Knack (2013) também se refere a afirmação de Vergueiro como liderança política regional, no período compreendido entre 1916 e 1920. Ele identifica “a emergência de um tipo de liderança que não se enquadra idealmente em uma cultura política marcada pela hegemonia de um ‘sistema coronelista’” (KNACK, 2013, p. 106). Seu aporte consiste em sugerir que o caso atípico – no qual um médico se sobressai como chefe do PRR, posição normalmente conquistada por coronéis – adveio, não apenas pelo domínio de Borges de Medeiros, mas também porque o Vergueiro integrou uma nova geração, perfilada com o processo de urbanização.

“Subsídios para a História do Parlamento Gaúcho (1890-1937)”, de Trindade e Noll (2005), apresenta a nominata dos membros de cada legislatura, o papel e o funcionamento da Assembleia dos Representantes, bem como a análise geral dos assuntos discutidos. O estudo contribui para compreensão da atuação parlamentar de Vergueiro na Assembleia, que foi contínua em cinco legislaturas, entre os anos de 1909 e 1928.

Outro trabalho que investiga como Vergueiro consolidou sua liderança no PRR local é a dissertação de Prates (2001). Segundo ela: “O vergueirismo que se impôs em Passo Fundo de 1908 a 1932 consistiu, essencialmente, no domínio da política borgista, o PRR. Determinando o encaminhamento da política partidária local, forneceu, ao mesmo tempo, o perfil de liderança personalista a Nicolau Vergueiro”. (PRATES, 2001, p. 52). Após consultar os periódicos *O Nacional* (porta voz dos opositores) e *A Voz da Serra* (defensor de Vergueiro), a autora sintetizou a participação do personagem no processo político, entre 1908 e 1930. Detendo-se à trajetória de 1930 até 1932, ela assinalou três acontecimentos marcantes: sua eleição para deputado federal em 1929<sup>14</sup>; a autorização do Interventor Flores da Cunha

<sup>13</sup> Armando Annes era primo de Nicolau Vergueiro, ocupou o cargo de intendente em Passo Fundo, por meio de eleição, no mandato de 1924 a 1928 e, por nomeação após a Revolução Constitucionalista. (MIRANDA; MENDES, 2011, p. 57).

<sup>14</sup> Na oportunidade, os passo-fundenses deixaram de eleger outro representante para o parlamento gaúcho e Vergueiro passou a sofrer críticas via imprensa. Em 1931, novamente, foi alvo de críticas devido a emancipação de Carazinho e do território que seria desmembrado de Passo Fundo. Segundo Prates (2001, p. 159), “a partir de 1929, começou a fase de contestação ao vergueirismo através de *O Nacional*. Em diversos editoriais, o impresso

para emancipação de Carazinho, em 1931; e o apoio conferido à Revolução Constitucionalista de 1932, que culminou no auto-exílio, em 1933. Tais fatos seriam evidências do declínio da liderança local de Nicolau Vergueiro. Esta pesquisa possui o mérito de consistir na primeira referência acadêmica acerca da trajetória do personagem, além disso, reconhece benesses e críticas à atuação do político, diagnosticando mais uma vez o esfacelamento do modelo político capitaneado por Borges de Medeiros, no âmbito estadual.

A pesquisa de Amaral (2013) abrange o período que se estende de 1930 a 1947. Ela divide entre três grupos a elite política do Rio Grande do Sul de acordo com a faixa etária de nascimento: (1) velhice, correspondente aos nascidos antes de 1880; (2) maturidade, englobando nascidos entre 1891-1900; e (3) juventude, abrangendo os nascidos depois de 1900. Para a análise comparativa das mudanças que ocorreram entre os membros dessa elite a autora apartou três recortes temporais, a saber: 1930-1937; o Estado Novo (1937-1945); e por fim parte do período democrático, entre 1945-1947. Além de caracterizar os membros da elite política, da qual Vergueiro era partícipe, demonstra mudanças na sua composição, sobretudo durante o Estado Novo: integrantes foram afastados, outros permaneceram e, ainda, houve os que ingressaram nesse círculo. Assim, o trabalho concorre para compreender o comportamento dos membros da elite política rio-grandense na conjuntura: Vergueiro foi integrante do segundo grupo e participou do processo político entre 1930 e 1937. No entanto, durante o período do Estado Novo, 1937-1945, ele, como outros intelectuais e políticos que não apoiavam o fim do projeto liberal para a política brasileira, foi alijado do poder; retornando a atuação política no período seguinte, 1945-1947, no cargo de deputado federal, em que foi parlamentar anteriormente.

Sobre o período englobado nesse mandato parlamentar de 1945-1950, versa a dissertação de Gatti (2008), que identifica o perfil ideológico e estrutural do Partido Social Democrático (PSD). Em 1945, Vergueiro participou da criação do PSD de Passo Fundo e, a partir de 1947, presidiu o seu diretório. A autora ressalta a organização, a composição social e o programa partidário e, posteriormente, analisa as disputas internas e dissidências entre membros da elite “pessedista” na região, bem como alianças interpartidárias. Embora tal pesquisa não trate especificamente do personagem, sopesa a articulação, os quadros dirigentes e as causas do declínio dessa força partidária. Desse modo, contribui para a compreensão das relações sociais e das decisões de Vergueiro.

---

apregoava que todos deveriam lutar contra o poder constituído e contra a chefia unipessoal, e batalhar por novas ideias políticas visto que o momento histórico não comportava mais o discurso tradicional e conservador”.

Ampliando o recorte temporal, entre 1945 e 1967 temos, ainda, a dissertação de Benvegnú (2006). Ela enfatiza a atuação política de César Santos, como liderança do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), desde sua formação em 1945, estendendo-se por vinte anos. Ao enfatizar a trajetória de Santos, no entanto, a pesquisadora qualifica Vergueiro como um rival político portador de prestígio e tradição na região.

Benvegnú (2006) e Gatti (2008) explicam o sistema partidário em seus níveis federal, estadual e municipal, demonstrando a distribuição da elite política local entre PTB, PSD e União Democrática Nacional (UDN), bem como a rivalidade entre seus líderes, Santos (PTB) e Vergueiro (PSD), respectivamente, divulgada nos periódicos locais. *O Nacional* (1925) e *Diário da Manhã* (1935) expressavam, ainda na década de 1950, o posicionamento político de seus proprietários, visto que o primeiro estava vinculado aos irmãos Armando e Herculano Araujo Annes e, o segundo, a Nicolau Araujo Vergueiro. (BENVEGNÚ, 2006, p. 17-8).

Prates (2001), Benvegnú (2006) e Gatti (2008) indicam o envolvimento de Vergueiro em questões políticas que, provavelmente, o desagradaram e, por esse motivo, não foram incorporadas na composição de seu arquivo. Nos referimos a emancipação de Carazinho (PRATES, 2001, p. 87-103); a rivalidade política entre Santos e Vergueiro, impedimento para uma coligação entre PTB e PSD (BENVEGNÚ, 2006, p. 51-58); e cisão interna do PSD, opondo Vergueiro e Arthur Ferreira Filho a Antonio Bittencourt Azambuja, mediante acusação de fraude eleitoral. (GATTI, 2008, p. 67-68).

A consulta a estas pesquisas auxiliará na compreensão sobre o período e a experiência de Vergueiro, principalmente na área política. Aqui, diferentemente, desenvolveremos uma análise centrada na produção do acervo, abordando a trajetória de seu titular e, após a doação, do que se constituiu como seu arquivo.

## 2. VERGUEIRO COMO PATRIMÔNIO

Este capítulo, composto por três seções, elenca os “lugares de memória” vinculados ao nome de Nicolau Araujo Vergueiro em Passo Fundo, sua terra natal, e no município emancipado recentemente, que recebeu esta designação. Igualmente apresenta o médico e político na medida em que pontua dados da sua trajetória relevantes para o processo de patrimonialização, no qual o sobrenome é associado a história regional, como sinônimo de prestígio e tradição.

Lentamente, vêm sendo atribuídos valores e construídos sentidos para a trajetória de Vergueiro por diferentes atores sociais, compondo-se, assim, um processo de patrimonialização<sup>15</sup>. Estes são, sobretudo, autores que enfocam a história local e historiadores que pesquisam sobre fenômenos políticos. As múltiplas evocações e representações da memória sobre o personagem, originadas de ações dos familiares, escritores e pesquisadores, contribuem para compreender os motivos da preservação do arquivo privado e seu reconhecimento como patrimônio cultural.

Como buscaremos evidenciar neste trabalho, ao assinalar as intervenções feitas por Nicolau Araujo Vergueiro, e também por terceiros, no conjunto documental que vem a se constituir no arquivo, objeto de nossa pesquisa, é possível refletir sobre dois processos interligados: (re)elaboração e transmissão da identidade e da memória de Vergueiro, bem como sobre a cidade de Passo Fundo. Como veremos, a produção e preservação do acervo e, posteriormente sua doação, envolvem a construção da memória do indivíduo.

Para conhecer um arquivo, isto é, desvendar fontes documentais e nelas a cultura de uma determinada sociedade, é imperativo informar-se sobre a biografia do titular, incluindo as pessoas com quem ele se relacionava, sua condição social, profissão, ideias e compromissos políticos. Esta pesquisa histórica procurar explicar como o titular acumulou o acervo, revelando suas funções e as representações que emergem dessa produção de si.

Na segunda seção identificamos os familiares de Vergueiro, tomando o seu sobrenome como elemento de uma “herança imaterial”, isto é, como um “capital simbólico”, posto que a nomeação atribui identidade e reconhecimento social aos indivíduos. De fato, a memória genealógica – e a transmissão de nomes próprios – refletem “a permanência no tempo de uma identidade atribuída, é uma fonte essencial da totalização existencial”. (CANDAUI, 2011, p. 70). No caso dos Vergueiro, a formação e a transmissão de uma memória familiar enfatizando

---

<sup>15</sup> Nossa opção por compreender Nicolau Araujo Vergueiro como patrimônio encontra-se amparada por outros trabalhos acadêmicos como Abreu (2009) e Borges (2011).

a origem. Por conseguinte, o sobrenome é elemento de integração e de distinção social do grupo familiar, visto que reforça o sentimento de pertencimento e, é motivo de orgulho entre os membros. (DELMAS, 2010).

Encerrando o capítulo, discutimos a respeito do arquivo privado como uma herança material que, deixou de ser apenas familiar para tornar-se patrimônio da cidade, depois de sua doação para o Arquivo Histórico Regional – AHR, de Passo Fundo. É a instituição de um novo lugar de memória, pois:

À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero, devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história. (NORA, 1993, p. 15).

As interferências da família no arranjo do acervo, desde o falecimento do titular, em 1956, até a concessão, em 2011, igualmente são foco da pesquisa. Destarte, a doação do arquivo privado de Nicolau Araujo Vergueiro não é um ato isolado, pois mantém relação com a necessidade dos indivíduos de conhecer o passado:

A efervescência patrimonial é a expressão de um modo de pensar retromaniaco no qual o passado é valorizado e, inclusive, venerado frequentemente por aqueles que percebem seus laços com as origens como menos firmes: ‘peças anexadas’ recentemente, neorresidentes vindos da cidade ou ‘herdeiros urbanos’. Esse modo de pensamento se dedica a encontrar ou fabricar tudo que pode ter função de traços, relíquias, vestígios ou de arquivos, ou seja, tudo o que permite a um grupo narrar-se a si próprio. (CANDAUI, 2011, p. 159).

Em acréscimo, precisamos considerar que a acolhida de acervos pessoais em instituições não é desprovida de interesses, relacionando-se à expansão das fontes documentais disponíveis à pesquisa dos programas de pós-graduação, sobretudo em História. Por isso, surge a necessidade de caracterizar o órgão da Universidade de Passo Fundo – UPF que recebeu esse arquivo privado. Trata-se de especificar como o AHR recebeu esta doação e os modos de divulgação adotados para informar o público sobre o acervo incorporado, valorizando seu titular. Tal instituição, que já conta com mais de trinta anos, constitui-se como um espaço de referência entre o público passo-fundense, pois acarreta funções de guarda, conservação e difusão de documentos.

## 2.1 Lugares de memória

Para Nora (1993, p. 13) “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”.

Os “lugares de memória” são bastante variados e possuem uma história. A origem deles está na experiência histórica particular de cada comunidade, partilhada por diferentes gerações. Veremos que existem em Passo Fundo diversos destes “lugares” associados a Nicolau Vergueiro, cuja criação buscou homenagear e acentuar sua participação na história local. Entre eles, merecem destaque o espaço organizado para receber o arquivo de Nicolau Araujo Vergueiro, a Galeria Nicolau Araujo Vergueiro ou o jazigo da família Vergueiro. Há também “lugares simbólicos”, como a escola da qual Vergueiro é patrono ou, ainda a medalha com seu nome que é concedida pela Academia Passo-Fundense de Medicina – APFM. Esses “lugares” são constituídos em função dos usos da memória referente ao personagem.

São assinaladas neste capítulo, também, as representações construídas por autores e membros de diferentes instituições locais, a fim de perceber o reconhecimento do indivíduo, enquanto patrimônio, para preservá-lo e legitimá-lo (ou não) na memória da cidade. Basicamente, Vergueiro é associado a construção da identidade local por meio das suas áreas de atuação: medicina e política. No que se refere a medicina, ele é reverenciado por sua atuação como o primeiro médico da cidade e pelo uso de preceitos científicos no tratamento das doenças. Por isso, recebeu títulos de sócio fundador e benemérito de vários hospitais da região e foi escolhido como patrono da APFM. Quanto as suas conquistas no campo da política, enfatiza-se seu protagonismo no desenvolvimento regional e a posição de presidente de honra do Instituto Histórico de Passo Fundo – IHPF. Além disso, ele encaminhou verbas para instituições hospitalares e educacionais, em reconhecimento do que mereceu convites para paraninfar formaturas; após seu falecimento, verificamos que uma instituição pública de ensino de grande porte recebeu seu nome. Nicolau Vergueiro passou a ser citado como apoiador do ensino e foi escolhido patrono da Academia Passo-Fundense de Letras – APL.

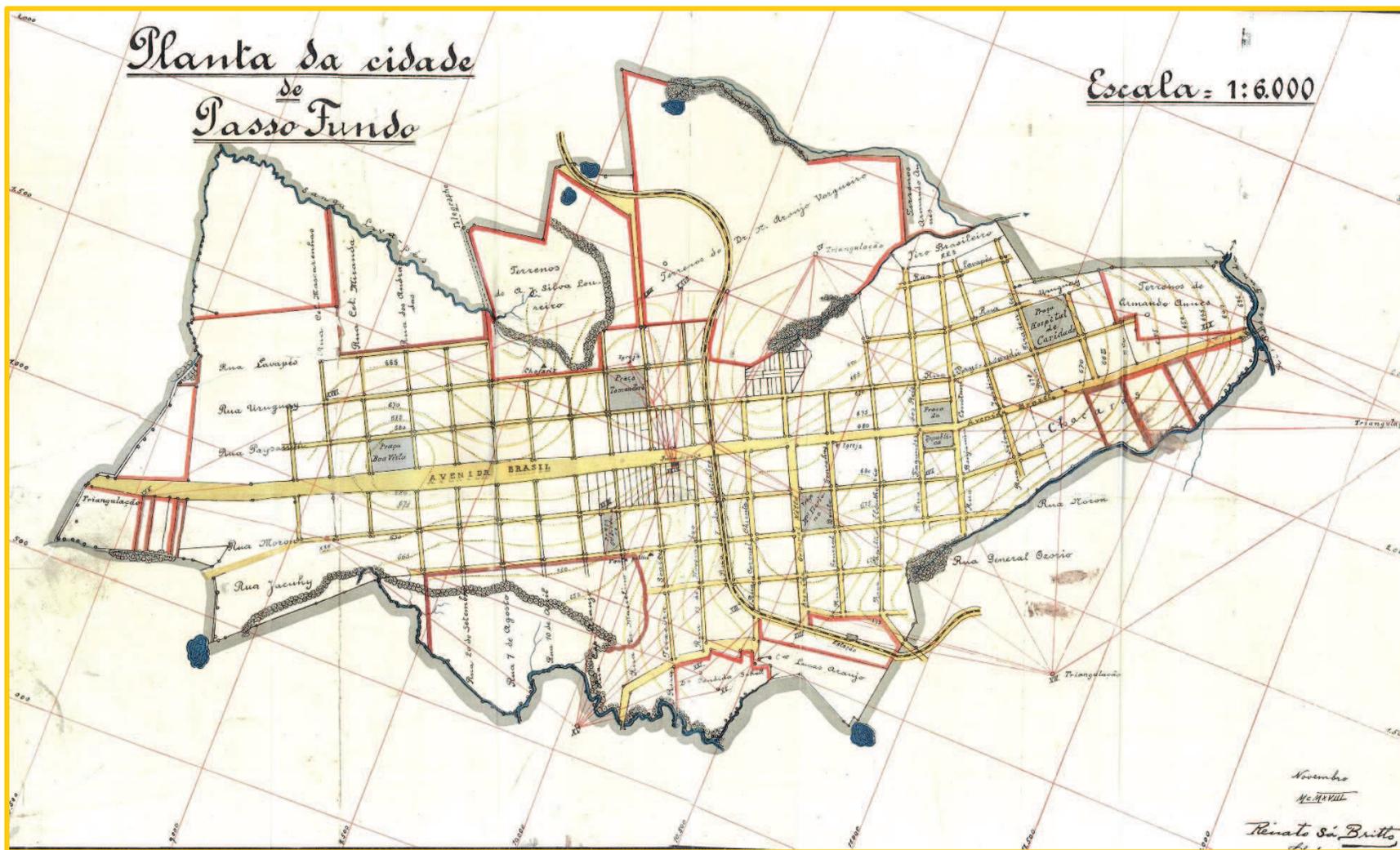
Passo Fundo, conhecida como capital do Planalto, constituiu-se como um centro regional de referência em saúde e educação. Estas foram exatamente duas áreas, ao lado da política, promovidas por Vergueiro (segundo a história local) e que, atualmente, conferem destaque a uma das principais cidades médias do Rio Grande do Sul.

### 2.1.1 Cartografia de lugares

Os lugares são dotados de significados pelos habitantes de uma cidade, e mesmo que estes sejam alterados, demolidos, sendo novas edificações erigidas no lugar das antigas, eles continuam a ser referências para a comunidade, como elementos de identidade de diferentes grupos sociais que remetem ao passado. “O lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”. (NORA, 1993, p. 27). Esse é o caso da Vila Vergueiro e seu banhado, de algumas ruas, monumentos, edificações e instituições, cujos nomes remetem ao sujeito homenageado, como vamos ver.

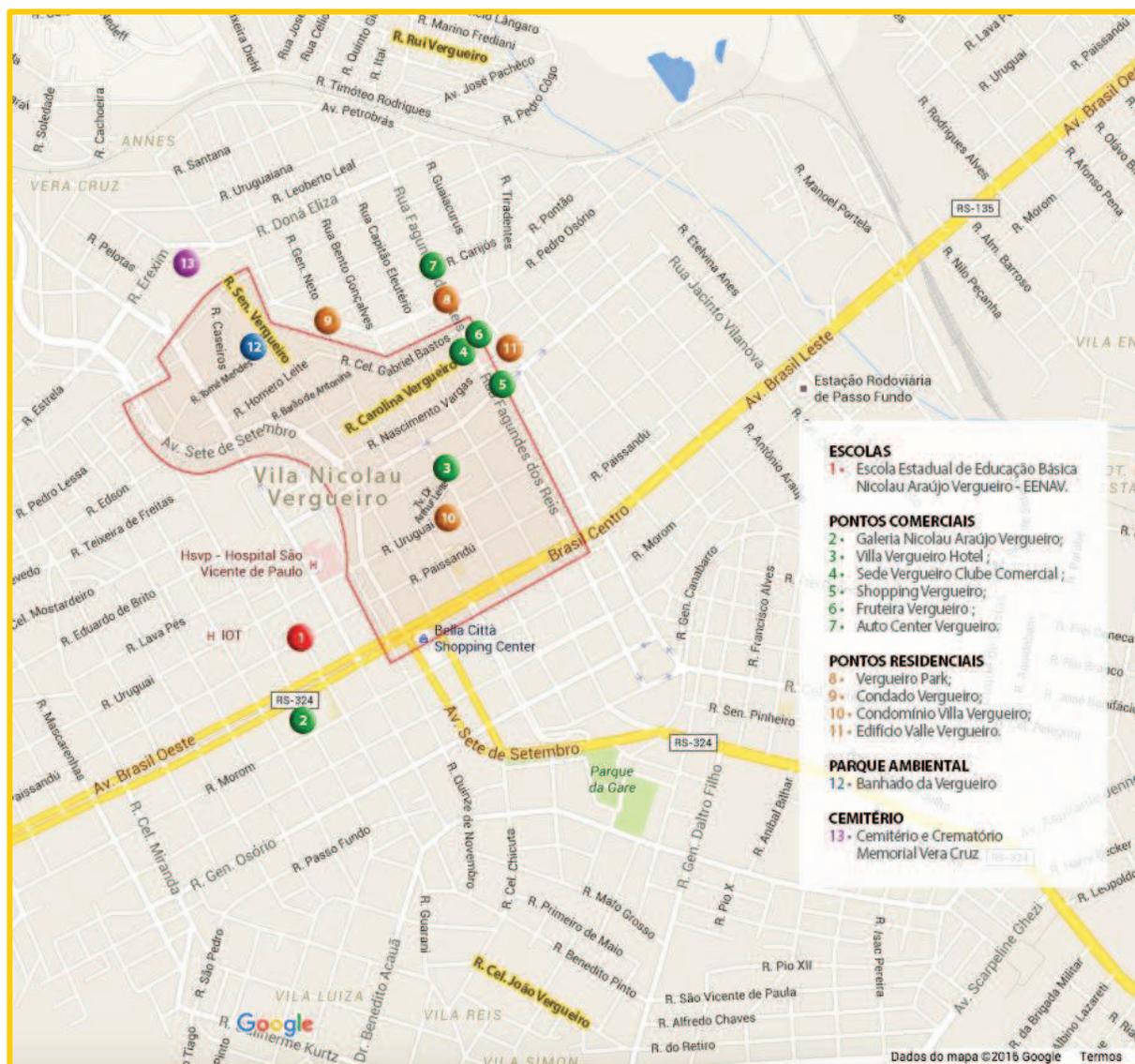
Na cidade de Passo Fundo foram localizados inúmeros espaços residenciais, comerciais e institucionais que se distinguem pelo patronímico Vergueiro. Estamos nos referindo a vila que leva seu nome, formada na antiga área que pertencia a Nicolau Araujo Vergueiro, como vemos na imagem da planta da cidade de 1918 (mapa 1), confrontada com uma planta atual do local (mapa 2) que identifica, também, os “lugares de memória” que evocam seu nome.

Mapa 1 – Planta da cidade de Passo Fundo em 1918



Fonte: Miranda e Mendes (2011, p. 180)

Mapa 2 – Lugares de memória referentes a Nicolau Vergueiro em Passo Fundo



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com as plantas que integram o acervo privado de Nicolau Araujo Vergueiro, a propriedade em questão possuía área de 325.220,00 m<sup>2</sup> e fazia divisas com as Vilas Vera Cruz e Santa Terezinha. A urbanização da nova vila iniciou-se, provavelmente, no final da década de 1940<sup>16</sup>. Em Passo Fundo, a expansão urbana e com ela o surgimento da vila Vergueiro originou a primeira vila destinada às elites. (FERRETTO, 2012, p.127). Ela situava-se no entorno do centro da cidade por influência da ferrovia.

Todavia, apenas em 23 de dezembro de 1955 o Prefeito Mario Menegaz sancionou a Lei n.º 660, oficializando a nomenclatura de suas ruas. A partir da cartografia percebemos que a Vila Vergueiro engloba dezenove delas. Destas, pelo menos doze são anteriores ao loteamento da antiga propriedade. Observamos que, entre as demais seguiu-se o padrão das relações de parentesco ou amizade com o antigo proprietário. Provavelmente, elas foram nomeadas em bloco pelo antigo proprietário, com a confirmação do prefeito, antes de serem habitadas.

As Ruas Barão de Antonina e Senador Vergueiro receberam os nomes de seus bisavôs; a Rua Carolina Vergueiro, é uma alusão ao nome de sua mãe; a Rua Gabriel Bastos, constitui reverência a um membro do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) local, casado com sua tia, Lucinda Emília de Araujo, com quem Vergueiro mantinha vínculos estreitos; o Dr. Arthur Leite é um médico bastante citado nas memórias de Vergueiro, pois prestavam atendimentos em conjunto e, cultivavam amizade. Quanto a Rua Thomé Mendes, a única informação disponível é que o nome se refere a um professor chamado Thomé Gonçalves Ferreira Mendes, sócio do Clube de Amor à Instrução, fundado em Passo Fundo, no final do século XIX; e, a Rua Homero Leite, alude a memória de um membro do PRR local, cunhado de Vergueiro. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 26-9). Homero Leite foi funcionário público municipal, fiscal e auxiliar da Seção de Obras na década de 1920. (MIRANDA; MENDES, 2011, p. 139).

Pesquisa referente a toponímia das ruas do município pode ser consultada em Miranda e Mendes (2011), ou Miranda e Machado (2013). Especialmente dois períodos interessam para esta pesquisa, um deles, a partir de 1909, momento em que “o Estado passa a fazer um uso estratégico e político dos nomes das ruas, que começam a incorporar os heróis e datas de uma história oficial que ele pretende legitimar” (2013, p. 48); e outro, que abrange de 1928

---

<sup>16</sup> Vergueiro rememora a morte acidental de um amigo, ocorrida em 1908, mencionando o trajeto que percorreu com ele, no texto “6. Uma caçada”: “Entramos pelo meu potreiro nos arredores da cidade [...] Nos campos de João Schell, tomamos uma direção e C. outra, seguindo para o lado do cemitério”. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 9-16). O cemitério, citado como referência pelo autor, é o Cemitério Municipal Vera Cruz, inaugurado em 1902. De acordo com o fragmento da narrativa e com o cotejamento dos mapas da área urbana de Passo Fundo nas três primeiras décadas do século XX, essa propriedade de Vergueiro foi preservada.

até 1960 aproximadamente, determinado pela expansão urbana, quando verificou-se a multiplicação do número de ruas e loteamentos. Inicialmente destacamos o surgimento de ruas com nomes vinculados a república e a líderes políticos da cidade, entre as quais a Rua Dr. Vergueiro, denominação que surgiu em 1919 (MIRANDA; MENDES, 2011, p. 202-3), bem como a Rua João Vergueiro, homenagem ao pai de Nicolau Vergueiro, que também atuou na política local. Esta rua localiza-se entre a Vila Luiza e o centro de Passo Fundo e já constava na planta da cidade em 1922. Posteriormente, com surgimento de bairros e vilas que foram nomeados em bloco, recebendo o nome do loteador da área, a designação da Vila Nicolau Vergueiro.

Na Vila Vergueiro, atualmente consolidada como área nobre, encontramos predominantemente residências unifamiliares, mas também algumas construções prediais como o Vergueiro Park, o Condado Vergueiro, o Condomínio Vila Vergueiro e o Edifício Valle Vergueiro (em construção), conforme visualizamos a localização no mapeamento atual dos lugares de memória (mapa 2) relativos ao sujeito que estamos aqui analisando, e nas imagens a seguir (figuras 1 e 2).

Figura 1 – Pontos residenciais



Fonte: Elaborado pela autora (2015)

a. Vergueiro Park, Rua Major João Schell, 320; b. Condado Vergueiro, Avenida General Netto, 1536; c. Condomínio Villa Vergueiro, Rua Uruguai, 1226.

Conforme observamos anteriormente (mapa 2), em meio ao espaço residencial é possível identificar outros, comerciais e de lazer, que também receberam essa denominação (figura 2). São a Fruteira Vergueiro, o lava-rápido Auto Center Vergueiro, o Shopping Vergueiro, o Hotel Villa Vergueiro e a Sede Vergueiro do Clube Recreativo Comercial. É

provável que tais locais sejam denominados dessa forma como referências aos territórios urbanos.

Figura 2 – Pontos comerciais



Fonte: (d, e) Elaborado pela autora e (f) Disponível em: <<http://www.villavergueirohotel.com.br/>>.

d. Fruteira Vergueiro, Rua Carolina Vergueiro, 632; e. Shopping Vergueiro, no mesmo prédio que o Comercial Zaffari, Rua Fagundes dos Reis, 1200 (esquina com a Rua Nascimento Vargas); f. Hotel Villa Vergueiro, Rua Lava Pés, 1000.

Recentemente, tem-se noticiado o investimento da prefeitura na revitalização do espaço conhecido como banhado da Vergueiro, onde inaugurou-se um parque ambiental<sup>17</sup>.

Figura 3 – Parque Banhado da Vergueiro



Fonte: Elaborado pela autora

A área do banhado da Vergueiro, embora careça de pesquisa histórica, pode ser indicada como patrimônio ambiental de Passo Fundo. Como tal, merece ser conservada e valorizada pelo governo e, ainda, pela população. Nesse sentido, a pesquisa histórica sobre o local tende a contribuir para que a comunidade o reconheça como espaço público, que será herdado pelas gerações futuras. (GERHARDT, 2015, p. 127).

Até aqui observamos a permanência da nomeação de uma propriedade que foi loteada, mas continuou sendo designada com o sobrenome do antigo proprietário. Esta região da cidade, por sua localização, é um bairro residencial centralizado e com imóveis de elevado custo – conhecido popularmente como “Vila Rica”. Ali e nas imediações, encontramos pontos comerciais que fazem uso deste sobrenome prestigiado, por sua localização e comodidade,

<sup>17</sup> Como observamos na planta da propriedade de Nicolau Araujo Vergueiro que está sob a guarda do AHR, desde a projeção foi reservada uma área pública, a qual chamar-se-ia Praça Pinheiro Machado. No entanto, consta na listagem anexa a Lei 660 de 23 dez. de 1955 a existência de uma praça com esta nomenclatura, situada no Bairro Petrópolis.

mas, possivelmente, no intuito de associar-se a sua tradição, evocando a ideia de prestação de serviços com qualidade. Além disso, é notável que a administração do município, ao realizar a aspiração da comunidade local por uma praça ou parque, corrobora para manter a característica residencial da Vila Vergueiro.

Se o nome de Vergueiro evoca ideias como a propriedade particular, riqueza, status social, ele também remete, sob outro aspecto, ao profissional médico, ao político. É devido a atuação médica de Nicolau Vergueiro<sup>18</sup>, que o município, emancipado de Marau em 1993, recebeu seu nome.

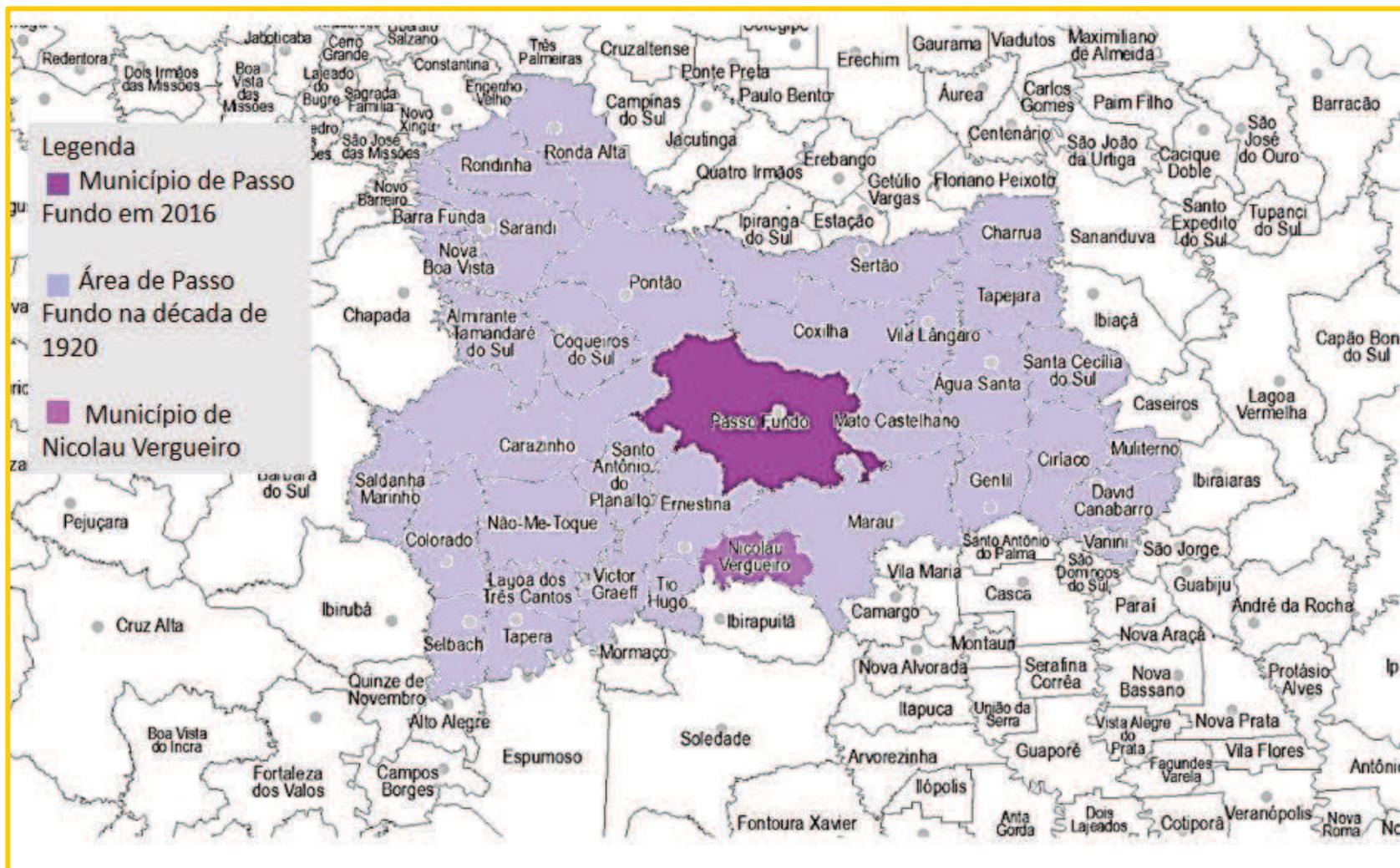
O médico viajava com a finalidade de atender aos pacientes, pelos distritos de Passo Fundo. O desmembramento destes originou mais de cem novos municípios na região, entre eles Marau e dele, posteriormente, Nicolau Vergueiro. (D'ÁVILA, 1996, p. 22-23). Para transmitir ideia aproximada da área territorial do município até o final da década de 1920, elaboramos o mapa que segue. No período o município era composto por quatorze distritos: Passo Fundo, Campo do Meio, Coxilha, Carazinho, Marau, Segunda Sede (Sarandi), Não Me Toque, Coronel Gervasio (Tapera), Selbach, Sete de Setembro, Ernestina, Boa Esperança, Tamandaré, Sede Teixeira (Tapejara).<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Até 1920 o local era identificado como Pinhal Fechado e, com o início da colonização, foi denominado Arroio dos Portes, observando-se as características geográficas. Seu município de origem foi Marau (pertencente a Microrregião de Passo Fundo e, a Mesorregião Noroeste Rio-Grandense). A homenagem ao médico foi posterior ao seu falecimento, e deu origem ao nome do município. A criação de Nicolau Vergueiro ocorreu em 20 mar. 1992, mas sua instalação se processou apenas no ano seguinte, 01 jan. 1993. Sua área territorial é 155,80 Km<sup>2</sup> e a população total é 1.760 habitantes. Fonte: < <http://www.nicolauvergueiro.rs.gov.br/122/DadosMunicipais/>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

<sup>19</sup> Consultar quadro da evolução distrital do município de Passo Fundo, elaborado por Spalding (1990, p. 52) e o Mapa geográfico do Município de Passo Fundo (OLIVEIRA, 1929), disponíveis no acervo do AHR.

Mapa 3 – Município de Passo Fundo na década de 1920 (área aproximada)



Fonte: Elaborado pela autora

Ao longo desta exposição estaremos nos referindo, principalmente, ao território que integrava Passo Fundo até 1929, pois, nas décadas subsequentes, algumas dessas localidades foram emancipadas. Vergueiro viajava pela região, ao chamado dos familiares ou do próprio paciente para atendê-lo. Conforme suas “Notas íntimas” que analisaremos em outro momento, deslocava-se, ainda, a pedido de outros médicos para discutir diagnósticos e tratamentos. Igualmente a atividade política, sobretudo em campanhas eleitorais, também o motivou a percorrer a região.

### **2.1.2 Lugares simbólicos: memória e homenagens**

Além dos terrenos que pertenciam a Vergueiro, e originaram a respectiva vila e espaços que se localizam nas imediações, são indicadores de seu prestígio as homenagens que recebeu, a documentação que acumulou e os textos que redigiu.

Identificam-se retratos seus em antigos quadros de formandos, talhados em madeira, como aqueles que integram o acervo museológico do Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição. Ele foi paraninfo de formandos da Escola Complementar e do Instituto Ginásial em 1932. Recebeu homenagem dos bacharelados do Ginásio Nossa Senhora da Conceição em 1935 e das bachareladas do Colégio Notre Dame em 1936. Paraninfo, também, turmas do Ginásio Nossa Senhora da Conceição, em 1938 e 1944, além da primeira turma do curso superior de piano do Conservatório Municipal de Música, em 1954. Entre os documentos que compõem seu arquivo, encontram-se correspondências de instituições de ensino, como a gerida pelas Irmãs Salvatorianas e pelas Irmãs de Notre Dame, agradecendo requerimentos de sua autoria para conceder-lhes verbas.

Cabe explicar que Vergueiro redigiu “A história do ensino em Passo Fundo”, embora a publicação do histórico só tenha ocorrido em 1967, na Revista Anuário da Faculdade de Filosofia da Universidade de Passo Fundo, correspondente ao decênio 1957-1967. A par dessa publicação, ele é lembrado como um homem público que se preocupou e incentivou o desenvolvimento da educação na região. (NASCIMENTO; DAL PAZ, 2010, p. 115; LECH, 2007, p. 111; e PRATES, 2001, p. 32).

Mais, Vergueiro figura entre os patronos da Academia Passo-Fundense de Letras – APL. A instituição, criada em 1938, manteve apenas vinte e cinco patronos até 1957, ano em que o número foi ampliado para trinta, atribuindo-lhe a cadeira vinte e oito. Túlio Fontoura, Ilza de Azeredo Nedef e, atualmente, Osvandré Lech são os acadêmicos que ocuparam o assento, prestando-lhe tributo.

A designação atual da Escola Estadual de Educação Básica Nicolau Araujo Vergueiro – EENAV – também é uma homenagem ao político (figura 4), a qual se processou no Governo de Ildo Menegheti, quando respondia pela Secretaria de Educação e Cultura Adroaldo Mesquita da Costa. Oficialmente, a partir do Decreto 9729, de 29 de novembro de 1958, o anexo da Escola Normal Oswaldo Cruz passou a chamar-se Ginásio Estadual Nicolau Araujo Vergueiro. Atualmente, essa escola pública destaca-se como uma das maiores de Passo Fundo. Situada na parte central da cidade, a EENAV oferta educação básica e o único curso regional de ensino médio da modalidade normal<sup>20</sup>.

Figura 4 – EENAV



Fonte: Assunção (2011, p. 168).

Escola Estadual de Educação Básica Nicolau Araujo Vergueiro, Rua Paissandú, 1839 – centro de Passo Fundo.

Segundo a análise arquitetônica do Colégio, empreendida por Assunção (2011), a escolha do patrono da escola e seu modelo de construção modernista/racionalista estão em sintonia, pela versatilidade de ambos<sup>21</sup>. Vergueiro “[...] foi um homem versátil, otimista e com ampla visão para vários setores da sociedade. As características do patrono dessa escola estão simbolicamente plasmadas nos espaços do colégio.” (ASSUNÇÃO, 2011, p. 174).

No hall de entrada da escola observa-se uma fotografia do patrono em meio as fotografias dos diretores e do ambiente escolar (figura 5). O retrato de Vergueiro exposto na EENAV, restaurado, provavelmente é o mesmo inaugurado em 20 de junho de 1931. Segundo suas memórias, ele discursou na instituição que, naquela ocasião, chamava-se Escola Complementar, enfatizando seu empenho na construção do prédio e na oferta da educação pública. Nesta homenagem e na formatura da primeira turma de professoras, da mesma

<sup>20</sup> O histórico da instituição pode ser consultado em Camargo e Brenner. (2007, p. 186-187).

<sup>21</sup> Assunção (2011) procede a exposição da trajetória do patrono, do histórico da instituição e descreve a arquitetura do prédio construído em 1959, detendo-se em alguns espaços-lembranças que analisou como muro, corredor, sala de aula, auditório, saguão e pátio.

escola, (ocorrida em 02 de abril de 1932), admitiu em pronunciamentos, repletos de erudição, como era importante, para ele, o sentimento de gratidão<sup>22</sup>. Embora, a redação das memórias seja nosso objeto de estudo em outro capítulo, cabe explicitar que os textos foram selecionados por Vergueiro com a finalidade de comprovar sua contribuição para o desenvolvimento da região e evitar seu próprio esquecimento, ensejando reconhecimento. Como parte da produção de si, os discursos evidenciam como ele quer ser lembrado.

Para atender a demanda da população passo-fundense que residia no campo, as escolas funcionavam de modo precário com classes multisseriadas e um único professor, que muitas vezes não possuía formação profissional. Como constam nos seus relatórios intencionais, Vergueiro observou que a instalação de escolas não acompanhava o crescimento populacional, mantendo-se elevado o índice de analfabetismo. A oferta de vagas era insuficiente e favoreceu a marginalização da parcela populacional negra, indígena e cabocla. (ROSSO; SIQUEIRA, 1998).

Figura 5 – Patrono da EENAV



Fonte: Elaborado pela autora (2015)

Hall de entrada da EENAV, em destaque, no centro, o retrato do patrono da Escola.

<sup>22</sup> Consultar VERGUEIRO (1935 v. 5, p. 81-86; v. 6, p. 1-18). No segundo discurso, o político informa sobre o desenvolvimento do ensino em âmbito municipal e estadual a fim de comprovar os investimentos da administração municipal na educação pública.

A familiaridade com o sobrenome Vergueiro, entre os passo-fundenses e aqueles que transitam na cidade não se deve apenas a existência de lugares de memória como a EENAV e a Vila Vergueiro. Observamos repercussões de sua participação em diferentes círculos: médico, intelectual e político. Entre os médicos, o nome de Vergueiro tem notabilidade devido ao seu trabalho voltado para a área da saúde, é lembrado como um profissional competente e humanitário. (NASCIMENTO; DAL PAZ, 2010, p. 114). Vários autores mencionam que Vergueiro atuou na Assistência Pública de Saúde por mais de vinte anos<sup>23</sup>. A esse respeito, Vergueiro afirmou, em 1955, que foi médico da municipalidade por cerca de vinte e nove anos, gratuitamente, exercendo ainda, o cargo de delegado de higiene e de médico da Caixa de Aposentadoria da estrada de ferro<sup>24</sup>. “Como médico, foi zeloso com os pacientes, mantinha-se atualizado e granjeou grande respeito na comunidade local e arredores”. (LECH, 2007, p. 110).

Os hospitais da região norte do Rio Grande do Sul receberam verbas a partir de emendas orçamentárias apresentadas pelo Deputado Vergueiro, conforme os documentos dispostos nos álbuns. Tais medidas conferiram gratidão e reconhecimento ao político, não apenas via correspondências ou imprensa, mas pelos convites para inaugurar alas de hospitais e receber homenagens, seja por meio da exposição de seu retrato ou concessão de títulos de sócio fundador e benemérito. Algumas dessas instituições são o Hospital Providência, de Marau; o Hospital de Caridade, de Carazinho; a Cruz Vermelha, de Passo Fundo; o Hospital São Vicente de Paulo – HSVP, de Passo Fundo; o Hospital Beneficente Beata Gema Galgani, de Soledade; e, o Hospital São José, de Sertão.

É lembrado como primeiro médico formado da cidade de Passo Fundo, teria proporcionado atendimentos gratuitamente e demonstrado presteza para estudar, manteve-se atualizado, e organizou associações como a Sociedade de Medicina, na década de 1930, e a Associação Médica do Rio Grande do Sul – AMRIGS, na década de 1950. (LECH, 2007, p. 110- 111; LECH, 2013, p. 190-191; LECH, DONADUSSI, TARASCONI, 2008, p. 148-149).

O seu nome figura entre o dos sócios fundadores da Seccional da AMRIGS em Passo Fundo, no dia 23 de junho de 1951. O grupo de médicos era composto por Adib Ieffet, Admar Petraco, Alberto Lago, Alípio Kopper, Antônio Marinho de Albuquerque, Bernardino da

<sup>23</sup> Lech (2007, p. 20); Madalosso e Damian (2012, p. 23); Nascimento e Dal Paz (2010, p. 114); Prates (2001, p. 31).

<sup>24</sup> VERGUEIRO, Nicolau Araujo. Discurso de agradecimento às homenagens dos médicos e farmacêuticos por completar 50 anos de formatura médica. Passo Fundo: 23 dez. 1955. Cópia datilografada, 7 folhas. O mesmo foi publicado no Jornal *O Nacional*. Passo Fundo, 27 dez. 1955, com o título “O coração do médico é cofre de todas as lamentações e manancial de todos os bálsamos” Cita o Dr. Vergueiro em sua oração de agradecimento às homenagens. (álbum, v. 2, p. 177).

Costa Santos, Cesar José dos Santos, Clodoaldo Brenner, Demócrito Santana, Elpídio Fialho, Guido Padilha, Henrique Benedito Frydberg, José Carlos de Medeiros, Josephina Balestreiro, Jovino da Silva Freitas, Luiz Philippe da Cunha, Mário Lopes, Miguel Tabbal, Nicolau Araujo Vergueiro, Odaglas Salgado, Orestes Medaglia, Paulo L. Azambuja, Paulo Prates Aveline, Sabino Arias, Sawa Lachno, Telmo Ilha, Tobias Wainstein e Wolmir Foresti. (MADALOSSO; DAMIAN, 2012, p. 104).

Outra instituição, vinculada a esse grupo de profissionais, é a Academia Passo-Fundense de Medicina – APFM – criada em 2002 e instalada em 2003<sup>25</sup>. O nome de Nicolau Araujo Vergueiro está entre seus quarenta e um patronos médicos passo-fundenses já falecidos ou com passagem relevante em prol da medicina no município. (LECH; DONADUSSI; TARASCONI, 2008, p. 32). Atualmente, Ruy Carlos Donadussi ocupa a cadeira correspondente ao número trinta, cujo patrono é Vergueiro.

A criação dos “lugares de memória” de Nicolau Vergueiro se configura como um trabalho de memória e comemoração das instituições que tem como finalidade referendar ações de personagens tidos como protagonistas. Uma das finalidades do IHPF é, por exemplo, “incentivar o amor pátrio, através do conhecimento dos feitos notáveis dos nossos maiores”. (NASCIMENTO, 2014, p. 84).

Tais academias elegeram patronos, pessoas que teriam trajetórias exemplares, dignas de lembrança segundo avaliação dos membros da elite. Para que não seja registrado apenas o nome destes patronos, a memória a eles associada é alimentada por discursos, eventos, publicações e monumentos, como o busto erigido para Vergueiro. Bibliotecas e acervos pessoais também são incorporados por essas associações para guarda e preservação. O interesse em divulgar e valorizar esses documentos deve-se ao fato de que as ações revertem em capital simbólico para as instituições de guarda. O trabalho da imprensa também integra o processo de construção da memória coletiva, na medida em que produz sentidos sobre trajetórias de maneira póstuma.

Como primeiro médico formado de Passo Fundo, e ainda pelo prestígio político que desfrutava, a imprensa local conferiu destaque a celebração do cinquentenário da formatura de Nicolau Vergueiro. Ele recebeu duas homenagens: a primeira, em 23 de dezembro de 1955, reuniu médicos e farmacêuticos para festejar o jubileu de ouro do seu exercício profissional, no Clube Comercial de Passo Fundo. A segunda, ocorreu em 06 de janeiro de 1956, na Churrascaria Gaúcha, na mesma cidade, organizada por Dionísio e Arthur Lângaro.

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.academiamedicinapassofundo.com.br/arquivos/estatuto-academia-passo-fundense-de-medicina.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

Postumamente, além de homenagear Vergueiro como patrono, a APFM instituiu, em 2009, a Medalha Nicolau Araujo Vergueiro. Tal honraria foi proposta por Sérgio Lângaro, em alusão ao centenário de sua formatura (1905-2005)<sup>26</sup>. Anualmente, uma pessoa que presta relevantes serviços à ciência médica na cidade é agraciada. O primeiro médico congratulado com a medalha, em 2009, foi Jovino da Silva Freitas, que no ano 2010 completou seu centenário de vida. Após, receberam-na, consecutivamente, Sabino Arias, Sérgio Lângaro, Carlos Antônio Madalosso, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Aventino Agostini e, em 2015, Ruy Carlos Donadussi.

Figura 6 – Medalha Nicolau Araujo Vergueiro (2015)



Fonte: APFM (2015)

Detalhe Medalha Nicolau Araujo Vergueiro. Na cerimônia da APFM ocorreu a entrega da medalha para Ruy Carlos Donadussi, em dezembro de 2015, com a presença de Nicolau Vergueiro Malheiros.

Vergueiro reitera em suas memórias as homenagens que lhe prestaram. Tomemos como exemplo o campo religioso. Ele mantinha relação com os Freis Capuchinhos, dirigentes

<sup>26</sup> Conforme o Informativo da Academia Passo-Fundense de Medicina. Ano II, n.2, dez. 2009. p. 3. Disponível em: <<http://www.academiamedicinapassofundo.com.br/informativo/n02-2009/home.php>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

espirituais da comunidade marauense e de seu entorno<sup>27</sup>. A família Vergueiro fez doações para igrejas e capelas de Passo Fundo. Nas capelas do HSVP<sup>28</sup> e do Colégio Notre Dame, bem como na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição<sup>29</sup>, localizamos vitrais oferecidos por eles. Estes foram locais de referência na trajetória da família: o hospital onde Vergueiro clinicou e operou; o colégio vizinho à sua residência, onde filha, netos e bisnetos estudaram; e a igreja frequentada pela família rotineiramente e onde foram celebrados os sacramentos, motivos de festa. A doação dos vitrais assinala a sua participação na comunidade cristã, confere visibilidade ao sobrenome e registra-o na memória coletiva, como benfeitor.

Vergueiro também é lembrado por sua participação no assentamento das pedras fundamentais da Catedral Nossa Senhora Aparecida, em 1935, localizada na área central, e da Capela de São Miguel Arcanjo, em 1952, situada no Distrito de Pulador, como orador<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> Consultar documentos nos álbuns (v. 1, p. 57, 82, 117, 123) (v. 2, p. 16, 24-32, 58, 68 e 76).

<sup>28</sup> A primeira missa foi celebrada em 02 mar. 1958. Nesta data a capela do HSVP foi inaugurada e benta pelo Bispo Dom Claudio Colling, de acordo com a anotação, do Livro Registro de Tombo n. 3 da Igreja Nossa Senhora da Conceição, no verso da página 17. Os vitrais da capela apresentam a mesma temática, remetem ao sacrifício de Cristo e a consagração do pão e vinho. Para tanto são utilizadas figuras de cordeiros, pombos, cálices, hóstias, espigas de trigo e cachos de uva.

<sup>29</sup> Em conformidade com o Livro Registro de Tombo n. 3 da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, verso da página 6, no ano de 1953: “Foram concluídas as obras externas da Igreja Matriz, apresentando assim, um aspecto novo e foi enriquecida com um completo conjunto de lindos vitrais, obra prima da firma Eduardo Peuker, P. Alegre”. No entanto, o vitral em formato circular, no coro da Igreja foi assinado por Erich Hauck. No conjunto dos vitrais contemplamos diferentes títulos de Maria, momentos da Sagrada Família e um vitral do Sagrado Coração de Jesus (devoção antiga na primeira paróquia de Passo Fundo). Cabe mencionar que o Decreto Municipal n.º18 de 23 de janeiro de 2012 declara o tombamento definitivo da Igreja Nossa Senhora da Conceição.

<sup>30</sup> Há fotografias do evento e recortes de jornais, inclusive com a transcrição do discurso de Vergueiro. (álbum v. 2, p. 41-50)

Figura 7 – Lançamento da pedra fundamental da Capela de São Miguel



Fonte: Acervo da família (1952)

Participação de Vergueiro, como orador oficial, no lançamento da pedra fundamental da Capela de São Miguel, no local conhecido como Pinheiro Torto, em Passo Fundo, 26 abr. 1952.

Em 1935, o político discursou, assinalando a necessidade de colaboração da comunidade para a construção daquela que se tornou um dos cartões postais da cidade no presente. Já a Capela de São Miguel, cujo histórico Vergueiro narrou em 1952, também em Passo Fundo, foi tombada como patrimônio histórico pela Lei n.º 2696, de 25 de outubro de 1991.

Tais evidências da participação de Vergueiro em eventos marcantes para a comunidade católica estão no Fundo “Nicolau Araujo Vergueiro”, a saber: visita pastoral de Dom Ático Euzébio da Rocha (1928); homenagem a Dom Antonio Reis (1932) solenidade de posse de Dom Claudio Colling, primeiro Bispo da Diocese de Passo Fundo (1951); visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima à Marau (1952)<sup>31</sup>.

A documentação mantém este caráter de testemunho, como reconhecimento da sociedade passo-fundense. A análise da produção de si, sobretudo dos álbuns, ressalta sua avidez por títulos e honrarias. Ele inicia a redação de suas memórias aos cinquenta e três anos e os registros dos álbuns datam a partir de 1949, com algumas exceções. Como político,

<sup>31</sup> Consultar textos das “Notas íntimas” (VERGUEIRO, 1935, v. 3, p. 140-143, 146-159, 160-167) e, os documentos fixados no álbum (v. 2, p. 2-7, 25-29).

Vergueiro parece estar ciente de que o seu protagonismo pode ser legado às gerações vindouras apenas como lembrança de sua figura e do que realizou. Esse desejo é uma característica da velhice, entre outras, como a própria percepção do tempo. Segundo Beauvoir (1990, p. 445) os idosos veem “uma longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de vida muito limitada”.

A intensidade das lembranças do passado está associada às projeções que o indivíduo tem de si mesmo, isto é, das expectativas para seu futuro. Assim, mesmo que o indivíduo transmita aos demais uma imagem de si como pessoa bem-sucedida, esta não é, necessariamente, sua auto-percepção. Para Beauvoir (1990, p. 455) a rememoração permite, algumas vezes, que o indivíduo se volte ao passado com orgulho “se o presente que ele vive e o futuro que pressente o decepcionam”. No processo de envelhecimento, ele contempla seu passado e faz das lembranças “uma defesa ou mesmo uma arma”. Convém lembrar o discurso de Vergueiro na comemoração do seu jubileu de formatura:

Encerro, hoje, de modo definitivo, o exercício da minha profissão: estou com mais de 73 anos, trabalhei muito durante 50 anos e necessito descansar o resto da vida, que me está sobrando.

Quero ainda declarar que nunca tive com nenhum cliente a menor questão e atrito com colegas apenas poucos e ligeiros desentendimentos e, se alguma vez o meu proceder foi mal interpretado ou agi mal, peço, de público, desculpas.

Se não venci nessa longa jornada por golpes e rasgos de talento, resta-me o consolo de ter sempre procedido com dedicação, zelo, probidade, amor e honra.

E assim por diante, neste crepúsculo de existência, recordando e vivendo, nesta hora feliz, poderia continuar a vos referir mais baboseiras, recordações avivadas, que só a mim interessam.

Que poderia eu mais dizer-vos, a não ser algo, que já vai distante?

Os velhos são assim e merecem escusas, principalmente os esculápios, que conseguiram glórias e fracassos, que alcançaram ingratidões e injustiças, que tiveram alegrias e tristezas, que receberam flores e pedras muitas vezes.

Guardarei imperecível a lembrança desta homenagem, que, de todo coração, agradeço. (VERGUEIRO, 1955).

Parece-nos que ele estava pouco satisfeito com o presente devido ao processo de senescência e ao declínio de sua atuação na política. Observamos que Vergueiro recorda um passado longínquo, no qual exerceu a profissão com notabilidade pela sua formação. Igualmente, seu discurso é pontuado pelas inovações em sua clínica, que o diferenciava dos outros médicos. Com isto, ele consegue unir seu passado ao presente, projetando uma imagem de si: um ancião que sempre manteve boas relações com colegas e pacientes, um profissional que não alcançou renome no exercício da profissão, no entanto, agiu com comprometimento e honra na carreira. Dada sua condição de idoso, rememora o passado com saudosismo, fazendo sua defesa e o balanço da trajetória, pois percebe que está no “crepúsculo da existência”.

### 2.1.3 Monumentos ao morto

Outro lugar que consolida Vergueiro na memória dos passo-fundenses é a casa, construída em 1908, cuja arquitetura é apresentada pela fotografia a seguir<sup>32</sup>. Ao lado dessa residência, em que ele viveu com a família, se instalou a congregação de Notre Dame. Nos anos iniciais do século XX a numeração da Avenida Brasil onde ela se situa era única, portanto, a moradia correspondia ao número 1056. Por ser localizado na esquina, o terreno possuía entrada, também, pela Rua Capitão Araujo. Mas, como inúmeros edifícios antigos, a casa foi demolida em 1996, para dar lugar a uma construção mais moderna.

Figura 8 – Residência dos Vergueiro



Fonte: AHR

Antiga residência da família Vergueiro, demolida em 1996.

No local – cujo endereço atualizado é Avenida Brasil Oeste, número 8666 – foi erigido um prédio, integrado pela galeria que leva seu nome, também com entrada na rua lateral Capitão Araujo, 1030 – chamado Vivenda do Colégio. Nele foi concebida uma sala no térreo para abrigar a biblioteca particular de Nicolau Araujo Vergueiro, onde fixou-se a porta interna da casa (com as iniciais NAV) conforme visualizamos na imagem a seguir (figura 9).

---

<sup>32</sup> De acordo com a informação de Vergueiro. Ver recorte do jornal *Diário da Manhã* no álbum (v. 1, p. 134).

Figura 9 – Galeria Dr. Nicolau Araujo Vergueiro/ Edifício Vivenda do Colégio



Fonte: Elaborado pela autora

O edifício sedia a galeria e a sala construída para a biblioteca particular, ostentando o nome do antigo proprietário.

Próximo a esse local, foi fixada a herma do passo-fundense. O monumento denotou o reconhecimento à atuação do líder político. Os membros do Instituto Histórico de Passo Fundo – IHPF, idealizaram em 1959 a ereção de bustos com a finalidade de lembrar “personalidades ilustres e dignas que prestaram trabalho em favor da cultura e do progresso de Passo Fundo”. (NASCIMENTO, 2014, p. 35). Além da herma de Nicolau Vergueiro, foram confeccionadas as de Antônio Ferreira Prestes Guimarães, Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Anna Luiza Ferrão Teixeira. Assim como o primeiro, os demais tornaram-se patronos de escolas públicas na cidade. No ano de 1961, os bustos esculpidos estiveram expostos na sede do IHPF, aguardando a definição, por parte do executivo municipal, de onde deveriam ser colocados. Apesar de o jornal *O Nacional* noticiar em julho de 1961 a definição

do local onde seriam fixados<sup>33</sup>, as inaugurações ocorreram apenas em setembro de 1964, durante as comemorações da semana da pátria<sup>34</sup>.

No primeiro volume de **Les Lieux de memoire**, Antoine Prost dedica seu texto ao estudo dos monumentos funerários erguidos na França, de forma tardia, para os mortos na revolução francesa. Ao analisá-los, ele menciona seu duplo caráter: patriótico e funerário. Com isto, estivemos alertas e pudemos ponderar que o IHPF tem um caráter cívico. A escolha dos homenageados relaciona-se com o papel que lhes é atribuído na história municipal, sobretudo no período republicano.

Como parte desse processo de celebração, os governos estadual e municipal participam da criação de “lugares de memória” e festividades por meio da nomeação de ruas, escolas e da elaboração de diversos monumentos, como os referidos bustos. Essas iniciativas são homenagens rendidas à memória de indivíduos ilustres.

Examinando as trajetórias dos passo-fundenses disponíveis na coletânea biográfica de Nascimento e Dal Paz (2010) percebemos que a dedicação à educação se destaca em algum momento. (NASCIMENTO; DAL PAZ, 2010). Tornados exemplares e imortalizados pela fundação dos monumentos públicos, tais indivíduos assumem caráter de instrumento pedagógico às gerações futuras, além de embelezar a cidade.

A herma de Nicolau Vergueiro, feita em bronze, foi posicionada no largo da Avenida Brasil, principal via da cidade, em frente ao endereço em que residia o homenageado. No dia 02 de setembro de 1964 ocorreu a solenidade de inauguração, organizada pela EENAV, na qual Paulo Giongo e Nicolau Vergueiro Malheiros foram oradores.

---

<sup>33</sup> Inauguração de bustos de figuras ilustres. *O Nacional*. Passo Fundo: 22 jul. 1961.

<sup>34</sup> É amplo e bem elaborado o programa a ser executado nos sete dias consagrados à Pátria. *O Nacional*. Passo Fundo: 22 ago. 1964. p. 4.

Figura 10 – Herma de Vergueiro



Fonte: MHR e Colégio Notre Dame

Busto de Nicolau Araujo Vergueiro e residência da família Vergueiro. No detalhe, vista frontal do monumento.

Esta não foi a primeira vez que Vergueiro foi reconhecido pelo IHPF. Quando a entidade se denominava Centro de Estudos Históricos Pró-Centenário de Passo Fundo, convidaram-no, informando que fora escolhido como Presidente de Honra. A correspondência assinada pelo Presidente Reyssoly José dos Santos, datada de 12 de abril de 1954, justifica a opção: “[...] tendo em vista não só o fato de pertencerdes a tradicional família passo-fundense, senão também em razão de terdes sido um dos mais provecos administradores deste Município, a que estais ligado indissoluvelmente”.

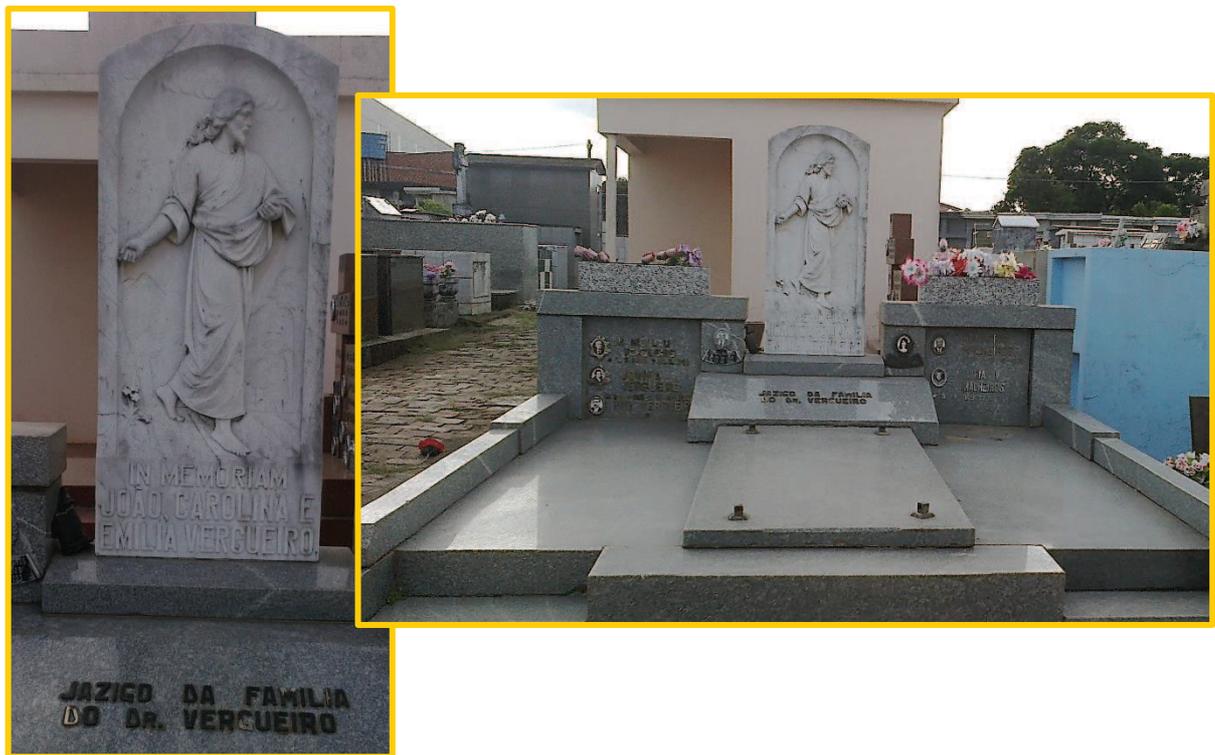
Em 2007, na gestão do Prefeito Airton Lângaro Dipp firmaram-se convênios de adoção de algumas praças e canteiros do município. O largo onde situava-se o busto de Vergueiro foi revitalizado pelo Colégio Notre Dame, conveniado com estudantes da arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, que elaboraram o projeto paisagístico. A praça passou, então, a fazer referência a origem do nome do município e a herma de Vergueiro foi recolhida pela administração municipal<sup>35</sup>.

Outro lugar de memória é o Jazigo da família Vergueiro (figura 11). Esse túmulo pode ser visitado no Cemitério Municipal Vera Cruz, em Passo Fundo.

<sup>35</sup> O Decreto 27, publicado em 06 de fevereiro de 2007, prevê, em seu artigo 5º, parágrafo 2 a necessidade de elaboração de uma minuta, aprovada por comissão, no entanto, o inciso “VII - conservação dos monumentos e demais equipamentos urbanos, através da pintura e limpeza” não foi observado.

No decorrer do ano de 2014, o IHPF e o AHR, com apoio do Projeto Passo Fundo, elaboraram e divulgaram um “Guia de visitação” para este Cemitério<sup>36</sup>. O mesmo sintetiza a história do cemitério, contém fotografias das estatuárias e fornece a localização de alguns túmulos, que possuem “interesse artístico” e ou determinado pelos “personagens” na história local. Contudo, o túmulo de Nicolau Vergueiro não consta entre os elencados, porque o material oferece apenas um curto itinerário pelo núcleo inicial do cemitério, enquanto o Jazigo de Vergueiro posiciona-se na porção posterior ao cemitério israelita. Todavia, ressaltamos a presença da estatuária e do influente personagem, ambos aspectos considerados pelos membros do IHPF.

Figura 11 – Jazigo Família Vergueiro



Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Arte na lápide do jazigo “O Semeador”. Situado no Cemitério Vera Cruz, em Passo Fundo.

<sup>36</sup> Zanotto (2015, p. 31-47) escreveu sobre o histórico dos cemitérios em Passo Fundo, a elaboração do referido “Guia de visitação” do Cemitério da Vera Cruz e sugere alguns aspectos para observar a estatuária, o meio e os edifícios históricos de acordo com a proposta metodológica de educação patrimonial apresentada pela UPF.

Na lápide vemos Jesus Cristo a semear, numa alegoria pouco utilizada nos cemitérios do Rio Grande do Sul<sup>37</sup>. Sua mão esquerda faz uma cornucópia com o tecido da túnica, para dispor das sementes que lança ao solo com a mão direita. Assinalamos que a cornucópia traduz a abundância, a riqueza, a agricultura e o comércio, associadas a história da família. (DOBERSTEIN, 2002, p. 90). É preciso pontuar que Vergueiro escolheu esse ícone para adornar o jazigo da família. E, além da descrição da imagem, cabe estabelecer relação com a parábola do semeador. A partir dela podemos conjecturar sobre o que comunica: João e Carolina Vergueiro deram origem a um filho, protagonista político, que contribuiu para a prosperidade do município de Passo Fundo.

Vergueiro mandou grafar na lápide, logo abaixo da figura de Jesus a semear, em relevo “In memoriam” seguida dos nomes de seus familiares falecidos “João, Carolina e Emília Vergueiro”. Nas suas memórias, também existe um texto com a expressão utilizada em epitáfios, que no caso tem a intenção de homenagear a memória dos pais. Como veremos, ele conta acerca do falecimento dos pais, bem como o motivo da morte de sua irmã Emília, a exumação do corpo de sua mãe e a construção de um “pequeno mausoléu” em 1923. (VERGUEIRO, 1935, v.2, p. 72-6).<sup>38</sup>

O arrolamento dos lugares de memória na cidade de Passo Fundo indica que, em certa medida, a própria cidade pode ser vista como uma forma de memória de Nicolau Araujo Vergueiro. Espaços residenciais, comerciais e institucionais, bem como a criação do próprio arquivo, reafirmam a relevância do personagem. No entanto, estes são parte de um processo diferente daquele que é operado pelo autor quando produz seu arquivo. Este é externo e, em boa medida, posterior.

---

<sup>37</sup> Embora Doberstein (2002) descreva e explique a várias alegorias funerárias com a figura de Jesus Cristo, não fez nenhuma alusão a esta representação de Jesus a semear.

<sup>38</sup> Segundo Maria Canfield Malheiros, o túmulo a que Vergueiro se refere nas “Notas íntimas” não é aquele que pertence à família na atualidade. O primeiro jazigo posicionava-se na parte frontal do cemitério e foi vendido com a finalidade de construir outro maior.

## 2.2 Ser Vergueiro: linhagem e herança

O nome Nicolau Vergueiro, acompanhado de outros sobrenomes, esteve presente em vários descendentes do Senador<sup>39</sup>. Verificamos que um dos dez filhos do bisavô herdou seu nome e tornou-se o Visconde de Vergueiro. Outro filho do Senador, Luiz Pereira de Campos Vergueiro – por sua vez, avô do personagem que acompanhamos – o homenageou, nomeando assim um de seus filhos (1851-1924). De forma semelhante, esse tio homônimo estudou medicina e é patrono da cadeira número 86 da Academia de Medicina de São Paulo, legando o nome a um de seus dez filhos<sup>40</sup>.

O pai do personagem, João de Campos Vergueiro, também o identificou com esse nome: em 1882 nasceu Nicolau Araujo Vergueiro. Este, por sua vez, teve dois filhos, Ruy e Maria. O legado foi transmitido ao terceiro filho de Maria, Nicolau Vergueiro Malheiros, o qual não possui descendentes.

Como indicam as palavras iniciais, nesta seção definimos as origens familiares de Nicolau Araujo Vergueiro, alguns de seus aspectos biográficos, seus ascendentes e descendentes. Criamos a representação gráfica genealógica<sup>41</sup> incluindo algumas pessoas próximas, isto é, uma parcela da parentela extensa<sup>42</sup>. A representação elucida as conexões entre o titular e outros indivíduos participantes da sua vida. Logo, contribui para os procedimentos de descrição arquivística na medida que explicita as origens, as relações de parentesco e outras que são estabelecidas entre a família do titular e outros grupos.

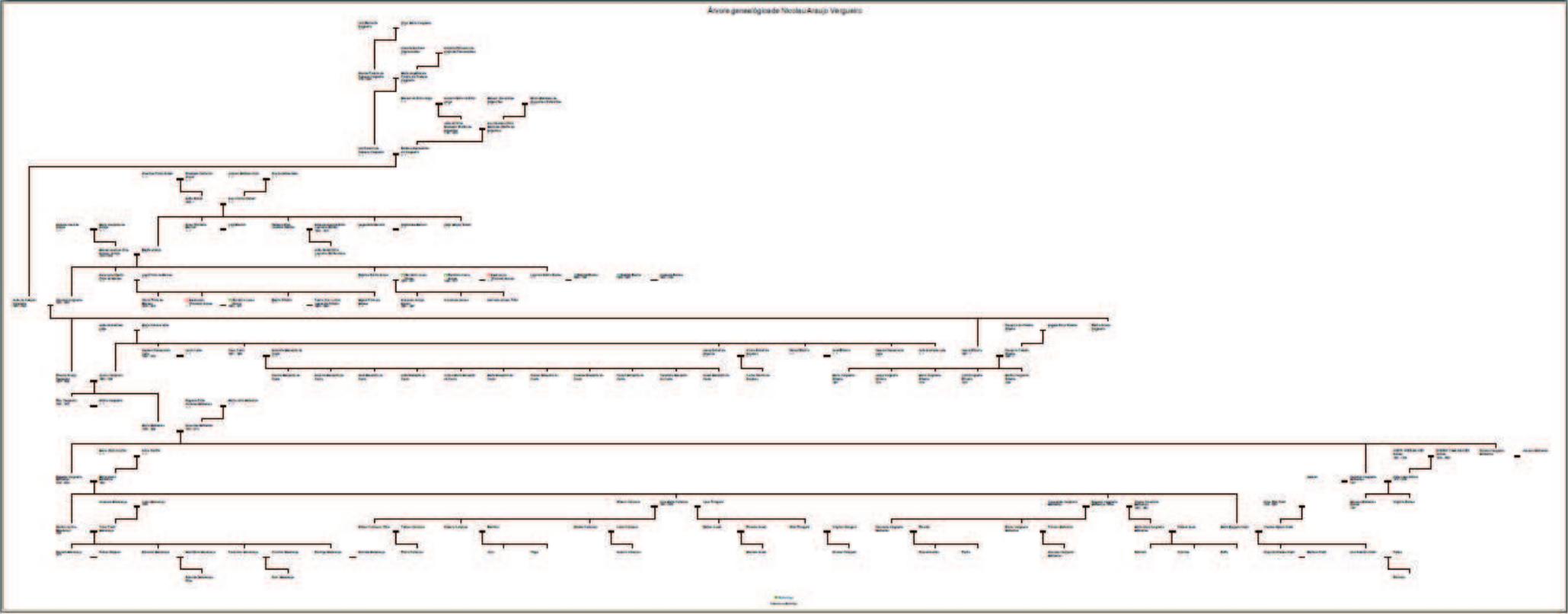
<sup>39</sup> Além dos homônimos mencionados neste trabalho, haviam outros nove, de acordo com a consulta a árvore genealógica. Tais informações podem ser acessadas em “A grande família”. Disponível em: <[http://www.jbcultura.com.br/gde\\_fam/pafg31.htm](http://www.jbcultura.com.br/gde_fam/pafg31.htm)>. Acesso em: 01 mar. 2016.

<sup>40</sup> BEGLIOMINI, Helio. Cadeira n. 86 – Patrono Nicolau Vergueiro (1851-1924). Disponível em: <<http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/193/BIOGRAFIA-NICOLAU-PEREIRA-DE-CAMPOS-VERGUEIRO.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

<sup>41</sup> Para tanto utilizamos o sistema My Heritage. A árvore genealógica da família Vergueiro contempla cento e sessenta pessoas. Disponível em: <<https://www.myheritage.com.br/site-307163031/vergueiro>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

<sup>42</sup> Dada a extensa relação de parentes, não vamos reproduzi-la, apenas sugerir referências a consultar: MACHADO, Zélia Vasconcellos. Viagem no tempo: da Europa aos primórdios de Passo Fundo. Porto Alegre: Razão Bureau editorial, 2006. 168 p. (No entanto, os nomes dos netos de Izaura e Nicolau Vergueiro não foram acrescentados). ANNES, Alceu Oliveira. Genealogia Lucas Annes: Compêndio Ilustrado. Porto Alegre: PUC, 2012. 401 p. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/sebodigital/obras/GenealogiaLucasAnnes.pdf>>. Acesso em 23 fev. 2016.

Figura 12 – Representação gráfica genealógica de Nicolau Araujo Vergueiro



Fonte: Elaborado pela autora

De fato, o sobrenome Vergueiro representa a recepção de uma herança política, de uma elite dirigente e também proprietária rural. Bem conhecido, o personagem em foco é possuidor de um nome facilmente identificável no campo político nos séculos XIX e XX. Notamos que ele desempenhou, junto a elite local, papéis como o de mediador, entre as instâncias municipal, federal e estadual, e de protetor, na medida em que forneceu empregos, atendimentos médicos e remédios, serviços públicos e pleiteou verbas conforme os interesses locais.

### **2.2.1 Ascendência**

A tradição desta família deve-se, principalmente, ao Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro (1778-1859), bisavô do personagem que estudamos. Ele nasceu em Portugal, no Vale da Porca. Em 1801, concluiu o bacharelado em Direito Civil na Universidade de Coimbra e, emigrou para o Brasil por volta do ano de 1803. (FORJAZ, 1924).

O Senador Vergueiro, como tornou-se conhecido devido a sua atuação política, foi deputado em 1822 e 1826, elegendo-se para o Senado em 1828, cargo que ocupou até seu falecimento. Foi nomeado, concomitantemente, Ministro do Império em 1832, da Fazenda em 1833, membro da Regência Trina em 1838 e Ministro da Justiça em 1847. (MIRANDA; MENDES, 2011, p. 247). Em paralelo a atividade política, dedicou-se às fazendas e ao empreendedorismo. A lembrança, frequentemente evocada por seu nome, liga-se à imigração, pois fundou uma companhia com essa finalidade, em associação com seus filhos.

À sua época, o Senador Vergueiro procurou encontrar uma solução para a falta de trabalhadores na lavoura cafeeira. De fato, a expansão da cultura do café ocorreu quando escasseava o número de escravos. O acesso a essa mão de obra era dificultado pela pressão inglesa para o governo reprimir o tráfico. O Senador propôs o sistema de parcerias, associando, na fazenda Ibicaba, em São Paulo, o trabalho livre (dos imigrantes) ao escravo. A Vergueiro e Cia. financiou a viagem de colonos em escala crescente entre 1852 e 1854, mas, ao reduzir os primeiros a um estado de semiescravidão, o sistema proposto perdeu prestígio. (COSTA, 1987).

Luís Pereira de Campos Vergueiro – segundo, entre os dez filhos do Senador – estudou direito na Universidade de Göttingen, na Alemanha. (FORJAZ, 1924, p. 46). Ele casou-se com Balbina da Silva Machado, filha do Barão de Antonina. (FORJAZ, 1924, p. 19). Como herança materna, os filhos deste casal receberam do Barão e Baronesa de Antonina,

respectivamente João da Silva Machado e Ana Ubaldina Paraíso Guimarães, as terras que deram origem a Fazenda Sarandi, inicialmente denominada Fazenda do Bugre Morto. (RÜCKERT, 1997).

Nascido em Taquari, o Barão de Antonina<sup>43</sup> (1782-1875) iniciou suas atividades como tropeiro tornando-se, depois, proprietário por meio da posse. Participou da Revolução Farroupilha, como coronel da Guarda Nacional, e da vida política como deputado, elegendose Senador em 1854. (MIRANDA; MENDES, 2011, p. 62).

O neto do Barão de Antonina, João de Campos Vergueiro nasceu em São Paulo no ano de 1847. Foi educado em Leipzig, Bremen e Berlim, na Alemanha, onde adquiriu conhecimentos sobre comércio e diferentes idiomas<sup>44</sup> entre 1856-1868. No acervo encontramos um livro escrito em dupla versão, alemã e inglesa, que pertenceu a seu irmão Affonso.

Figura 13 – João de Vergueiro (1847-1892)



Fonte: Acervo da família (Fotografia Iglesias, Porto Alegre, 1890 aproximadamente)

<sup>43</sup> Outras informações sobre o Barão de Antonina podem ser consultadas em: BORGES, Luiz Adriano Gonçalves. Senhor de homens, de terras e de animais. A trajetória política e econômica de João da Silva Machado (Província de São Paulo, 1800 -1853). (Tese de doutorado em História) Curitiba: UFPR, 2014. 347 f.

<sup>44</sup> OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier. João de Vergueiro. Recorte de jornal Diário da Manhã. Passo Fundo: 24 ago. 1952. O artigo integra o conjunto de álbuns (v. 2, p. 57).

João de Vergueiro, como assinava, mudou-se para o Rio Grande do Sul por volta do ano de 1874 e casou-se com Carolina Emilia de Araujo em 1879. É citado como primeiro membro da família dos proprietários fundiários a se instalar na Fazenda Sarandi, aumentando a área com a anexação de três posses de terras. (AVILA, 1996, p. 77-78; RUCKERT, 1997, p. 71-72). Ele portava um “nome” que o posicionou na cena local e que chegaria ao seu filho cujo arquivo estudamos.

João de Vergueiro atuava na política local, como membro do Partido Liberal. Entre 1877-1880 foi o presidente do Conselho Municipal. (COLUSSI, 1998). Além disso, foi membro da maçonaria e do Clube Literário “Amor a instrução”, fundado em Passo Fundo no ano de 1883.

Em suas reminiscências Nicolau Vergueiro narra o falecimento do pai:

#### 097. IN MEMORIAM

No dia de hoje, 15 de Agosto, Assunção de Nossa Senhora, faleceu, no ano de 1892, em Passo Fundo, o meu Pai, João de Campos Vergueiro, e, homenageando a sua memória, honrada e digna, evoco, num misto de vivas saudades e de emoção suprema, à imagem de Virgem gloriosa, para quem, na mais íntima e sentida das orações, imploro, e suplico, um olhar de proteção para o querido autor dos meus dias.

Há 43 anos, e ainda tenho bem presente o doloroso acontecimento!

Numa fria manhã de inverno rigoroso, de um sol, que, desfazendo a geada da noite, começava beijar e aquecer a terra, em benéfica carícia, pediu-me, ainda na cama, às 9 horas, alguns jornais. Trazendo-os, abri a janela para entrada de luz, e ele, acomodando-se para melhor ler, virou-se para o canto, e meia hora depois, foi, nessa mesma posição, com os diários ligeiramente caídos, encontrado, por minha mãe, já sem vida. Vitimou-o uma síncope cardíaca.

A imagem produzida em fontes como as memórias e correspondências condiz com o papel masculino dos homens que compunham o grupo social privilegiado: alfabetizados e responsáveis pelo provimento da família. A respeito de Carolina de Araujo Vergueiro encontramos menos informações no acervo.

A ascendência materna de Vergueiro está ligada aos primeiros imigrantes alemães que se estabeleceram na região<sup>45</sup>: Johann Adam Schell e Anna Christina Hein, bisavôs de Nicolau Vergueiro. Adão Schell, como tornou-se conhecido, manteve a nacionalidade alemã e a religião protestante; foi comerciante e integrou a diretoria da Loja Concórdia 3 (COLUSSI, 1998, p. 14). Sua quinta filha, chamada Emília Hein Schell (1838-1903), casou-se com

---

<sup>45</sup> A genealogia publicada por Machado (2006) não contempla os nomes dos netos de Izaura e de Nicolau Vergueiro.

Manoel José de Araujo, conhecido como Capitão Araujo (1815<sup>46</sup>-1879), que vem a ser o avô materno de Nicolau Vergueiro. Ele nasceu em São Paulo mas, a partir de 1830 seus negócios o trouxeram a Passo Fundo. Na história local é citado como membro das tropas legalistas que combatiam os farroupilhas, como líder político na emancipação de Passo Fundo, ocorrida em 1857, e Presidente eleito da Câmara Municipal (MIRANDA; MENDES, 2011, p. 75).

A união do Capitão Araujo com Emília Schell deu origem a nove filhos, entre eles Carolina Emília Schell de Araujo, nascida em 17 de julho de 1862. Aos 17 anos ela se casou com João de Vergueiro, quando ele tinha 32 anos.

Figura 14 – Carolina de Araujo Vergueiro (1862-1900)



Fonte: Acervo da família

No verso da fotografia datada do mês de dezembro de 1895, está identificado Iglesias, de Porto Alegre.

Do casamento, celebrado em 16 de julho de 1879, nasceram três filhos: Emília, que faleceu com cinco anos; Nicolau Araujo Vergueiro, que nasceu no dia 07 de março de 1882; e Izaura Araujo Vergueiro, nascida em 19 de agosto de 1887, em Passo Fundo.

---

<sup>46</sup> Há uma discrepância entre o ano de nascimento do Capitão Araujo apontada por Miranda e Mendes (2011, p. 75) e Machado (2006, p. 104). Enquanto os primeiros afirmam que ocorreu em 1815, para a segunda foi em 1817.

Figura 15 – Nicolau e Izaura na infância



Fonte: AHR, Fotografia Henschel e Cia. Succ. I.Vollsack

Dispomos no acervo de Nicolau Vergueiro de poucas fontes a respeito de sua mãe. Há dois cartões de visitas, as cartas de seu esposo, uma folha manuscrita com datas marcantes de sua trajetória, algumas referências memorialísticas e poucas fotografias (acervo da família).

Vergueiro prossegue, rememorando a circunstância de seu falecimento:

Oito anos mais tarde, em 9 de Março de 1900, à rua Duque de Caxias, em Porto Alegre, à mesma hora, entregou também sua alma a Deus, a minha estremecida Mãe, Carolina de Araujo Vergueiro.

No dia primeiro, matriculara-me na Faculdade de Medicina.

Um furúnculo do lábio superior, com infecção para o seio frontal, em 48 horas, levou-a ao túmulo, cujo mármore, na frase de Pereira da Cunha, oculta aos nossos olhos a leitura do segundo volume da existência humana. No seu delírio, entrecortado de dores, dizia-me, de quando em quando: "Filho querido, se tu queres que eu me salve, dá dois nós em uma fita cor de rosa". Meus olhos, neste momento, cobrem-se de lágrimas... dei... e Ela, pouco depois, pronunciou suas últimas palavras, caindo em coma: "Filho, meu filho, tenho frio". Guardo, até hoje, com religioso amor, essa relíquia, com um maço de seus cabelos, e papeis referentes a Ele e a Ela.

Senhora de Conceição, padroeira de sua e da minha terra, tende-a em teu doce regaço. Foi inumada na Capital do Estado, onde esteve até 1923, quando retirei seus

ossos, levando-os para Passo Fundo. Aí, mandei erigir esse pequeno mausoléu, com a inscrição "In memoriam" onde depusitei os seus restos mortais, com os de meu Pai e irmã Emília. Esta, de angina diftérica, faleceu aos cinco anos de idade: inocente e pura na terra, passou, no céu, a formar na corte dos anjos. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 72-76)<sup>47</sup>.

### 2.2.2 Constituição da família

Após o falecimento de sua mãe, Nicolau Vergueiro e sua irmã Izaura continuaram a residir em Porto Alegre, sob a tutoria de seu tio Antônio Manoel de Araujo<sup>48</sup>, conhecido como Antoninho<sup>49</sup>. Eles eram herdeiros de uma das famílias que se estabeleceu pioneiramente na região norte do Rio Grande do Sul por meio da posse, tornaram-se jovens proprietários de imensa área de terras que Vergueiro vendeu em 1906. (AVILA, 1996; RÜCKERT, 1997).

Nicolau casou-se com Jovina Desessards Leite, filha de João de Andrade Leite e Maria Urbana Desessards Leite (conhecida como Dona Sinhá). A celebração ocorreu em Taquari, no 11 de janeiro de 1906, na casa da mãe da noiva, com a presença do Juiz Distrital Tenente Coronel José de Farias Guimarães Filho<sup>50</sup>. Jovina nascera em Porto Alegre no dia 2 de março de 1885. Ela era três anos mais jovem que o noivo.

Cartas foram trocadas durante o noivado, sobretudo em época de férias da faculdade (quando ele ia até Passo Fundo) ou depois que a família Leite se mudou para Taquari, no final de 1902. No entanto, João Leite continuou a residir na Capital, onde faleceu em 1904<sup>51</sup>. As missivas enviadas por Vergueiro contribuem para conhecermos a família. Ela tinha três irmãs: Jenny, que se casou com Álvaro Schell de Quadros (Lili); Cecy, casada com Adroaldo

<sup>47</sup> O falecimento de Carolina de Araujo Vergueiro ocorreu em Porto Alegre, segundo esse registro de Vergueiro, não em Passo Fundo como supôs Machado (2006, p. 107).

<sup>48</sup> Seu nascimento ocorreu em 11 de nov. 1870, em Passo Fundo. Trabalhou como delegado de polícia entre 1889-1893 e depois combateu na Revolução Federalista. Após residiu em Porto Alegre e ocupou o cargo de diretor do Banco Franco-Brasileiro. Seu falecimento ocorreu em 16 de mar. 1918. (MACHADO, 2006, p. 108; MIRANDA; MENDES, 2011, p. 49).

<sup>49</sup> Na correspondência expedida em Passo Fundo por Vergueiro endereçada a Jovina, datada de 14 de jan. 1903 (que integra o acervo da família), o remetente comenta que não recebeu notícias de Porto Alegre, mas irá escrever à irmã e ao tio Antoninho. Nas páginas iniciais de seu trabalho de conclusão da Faculdade de Medicina, datado de 1905, registra a palavra "gratidão" ao tio e sua família. Em suas memórias Vergueiro menciona que este tio era seu padrinho. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 178-181). A certidão de casamento de Nicolau e Jovina indica sua presença como testemunha.

<sup>50</sup> Esta é a data impressa na certidão e no convite do casamento (acervo da família). A celebração das bodas de ouro do casal também foi comemorada em 11 de jan.1956, segundo os documentos do terceiro volume dos álbuns. No entanto diverge da data presente nas memórias. Vergueiro indica 11 de dez. 1905 como o dia do seu matrimônio.

<sup>51</sup> Para obter esses dados consultamos as correspondências que Jovina guardou e, atualmente, fazem parte do acervo da família a que tivemos acesso. E, ainda os volumes de reminiscências redigidos, nos quais há, inclusive, um texto sobre o falecimento do sogro. (VERGUEIRO, 1936, v.6, p. 163).

Mesquita da Costa e, Nancy, esposa de José Bizarro. Seus irmãos identificados, eram Gedeon<sup>52</sup>, Homero e João – chamados Bebê e Nenê nas cartas.

Depois de casados, Nicolau e Jovina passaram a residir em Passo Fundo na residência que construíram para si (figura 8). Ao longo dos cinquenta anos de casamento Jovina viveu de acordo com o que era tradicional para as mulheres de seu tempo e posição social. Dedicou-se aos cuidados com o marido, os filhos e a casa. Encarregando-se da organização do lar, orientou a educação e a formação religiosa dos filhos e netos. Dedicou-se também a apoiar seu esposo, conforme as correspondências enviadas por Vergueiro.

O político correspondia-se assiduamente com a família, como evidenciam as cartas do acervo familiar. Nelas Vergueiro menciona correspondências que recebeu dos familiares e também aquelas que remeteu, asseverando: “Gosto imenso de receber cartas daí, que de imediato, responderei”<sup>53</sup>. Seja em São Paulo, a época da Revolução Constitucionalista, ou no Rio de Janeiro, quando integrava a Câmara Federal, os escritos descrevem as atividades de Vergueiro, noticiam sobre parentes, tratam de assuntos corriqueiros, instruem e aconselham os familiares.

É por meio de uma missiva sua que obtivemos dados sobre a família do médico Dionysio Cabeda Silveiro e Izaura Vergueiro Silveiro<sup>54</sup>. O casal, que vivia no Rio de Janeiro, teve seis filhos<sup>55</sup>: Mario (1907), alcançou a patente de General do Exército; Jorge (1915), optou pela medicina; Maria (1918); Luiz (1920), tornou-se aviador militar; Martha (1928); e Carlos.

---

<sup>52</sup> Gedeon Leite nasceu em 10 de mar. 1884, na capital do Estado, foi coronel da Guarda Nacional. Faleceu em 30 de Agosto de 1933, devido a insuficiência cardíaca. Disponível em: <<http://www.sopadopobre.com.br/quem-foi-gedeon-leite/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

<sup>53</sup> Fragmento da correspondência expedida por Vergueiro para o neto Eugênio Vergueiro Malheiros. Rio de Janeiro, 24 fev. 1946.

<sup>54</sup> Correspondência expedida por Vergueiro para Maria Vergueiro Malheiros. Rio de Janeiro, 03 fev. 1946.

<sup>55</sup> Tanto nas reminiscências (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 72-76), quanto na correspondência para Maria, datada de 03 fev. 1946, não há referências ao sexto filho de Izaura, identificado como Carlos, por Machado. (2006, p. 124).

Figura 16 – Nicolau e Izaura Vergueiro com seus familiares na Cascata da Tijuca



Fonte: Acervo da família

Nicolau Vergueiro, Dionysio Cabeda Silveiro, Maria Vergueiro Silveiro, Maria Leite Vergueiro, Jorge Vergueiro Silveiro, Izaura Vergueiro Silveiro, Luiz Vergueiro Silveiro, Jovina Leite Vergueiro no Rio de Janeiro, em 20 de maio de 1927.

O retrato de família, que reitera o laço consanguíneo, tem como cenário um ponto turístico do Rio de Janeiro chamado Cascata da Tijuca. A imagem registra a viagem dos passo-fundenses à então Capital Federal. Note-se a pose padronizada das pessoas, suas vestimentas e acessórios que indicam a camada social privilegiada a qual pertencem. O enquadramento, preparado por um fotógrafo, evidencia a autoridade de Vergueiro, como elemento que une o grupo<sup>56</sup>.

<sup>56</sup> Provavelmente o retrato foi tirado por um lambe-lambe. Os fotógrafos eram conhecidos assim pois tinham o hábito de lambe as placas de vidro para saber o lado correto da emulsão. “Longe dos estúdios, os lambe-lambes

Em suas memórias Vergueiro (1935, v.2, p. 86-100) descreve questões relacionadas a saúde de seus familiares, como nos casos que traça o histórico médico de Ruy e Maria ou, ainda, na narrativa sobre como tornou-se devoto de Santa Terezinha, em face da doença dos netos Eugênio e Carolina. (VERGUEIRO, 1936, v.6, p.71-74). Também há evidências de que a saúde das pessoas que lhe eram caras constituía-se motivo de preocupação.<sup>57</sup>

O filho primogênito, Ruy Vergueiro, nasceu em Taquari no dia 15 de dezembro de 1906. Ele estudou no Colégio Anchieta em Porto Alegre, nos anos iniciais da década de 1920. (VERGUEIRO, 1936, v. 6, p. 66-68). Inicialmente, Ruy trabalhou na Farmácia São José, que possuía em sociedade com José Bernardes, entre 1925 e 1926. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 183-185). Após ocorreu sua nomeação como titular do Primeiro Cartório de Notas de Passo Fundo. Ruy casou com Albina Camargo Vergueiro. O interesse de Ruy por automobilismo e aviação era compartilhado com seu pai<sup>58</sup>. No ano de 1946 foi conferido a Vergueiro o título de Sócio Benemérito do Aero Clube de Passo Fundo<sup>59</sup>.

---

apropriavam-se do espaço público para fins privados, fixando seu equipamento, que era simultaneamente câmara e laboratório ambulante, na proximidade de algum monumento, o qual era incorporado na foto como um cenário real. Portanto, a escolha do ponto era de suma importância, repercutindo nas possibilidades de ganho do fotógrafo e na satisfação do retratado ao transferir determinados traços da paisagem como qualidades da figura representada”. (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 467).

<sup>57</sup> Entre os documentos doados ao AHR há correspondências e folhas de calendário que assinalam eventos como partos e cirurgias. Nos referimos à menção a Maria C. Malheiros que ficou hospitalizada após o segundo parto, e também aos netos Eugênio e Nicolau, que sofreram intervenções cirúrgicas. (álbum v.1, p. 62, 79; v.2, p. 8, 9, 19).

<sup>58</sup> Vários documentos do Fundo Nicolau Araujo Vergueiro e do acervo em posse da família atestam a assertiva. Além de fotografias e recortes de jornais, há referências nas reminiscências e na correspondência expedida por Vergueiro para Jovina, datada de 17 de março de 1947, quando solicita: “Dize ao Ruy que amanhã vou providenciar na prioridade na compra de um Chevrolet e, tanto breve o obtenha, o mandarei de avião, conforme combinamos”.

<sup>59</sup> Em 19 de ago. 1951, o jornal *Diário da Manhã* publicou um artigo sobre a doação de um avião ao Aeroclube de Passo Fundo assinalando que essa foi uma conquista de Vergueiro enquanto exercia o mandato de deputado federal. (álbum v. 2, p. 10).

Figura 17 – Ruy Vergueiro e Carlos Rotta



Fonte: Acervo da família (16 jan. 1944)

Vergueiro registrou a admiração que tinha pelo filho em missivas e memórias, como lê-se no fragmento: “[...] ótimo filho e um cidadão digno e distinto, sob qualquer prisma que se observe. Peço a Deus, com todo fervor, pela sua saúde e pela sua felicidade”. (VERGUEIRO, 1936, v. 6, p. 30-31).

Maria nasceu em Porto Alegre no dia 5 de setembro de 1909. Estudou no Colégio Notre Dame de Passo Fundo, na década de 1920. Ela acompanhava o pai em eventos sociais.

### 2.2.3 Descendência

A semelhança de seu pai, Ruy participou de inúmeras entidades e associações como o PRR, PSD, IHPF, Esporte Clube Gaúcho. De acordo com o seu obituário:

O finado Ruy Vergueiro teve atuação saliente nos esportes em Passo Fundo. Era uma pessoa vastamente relacionada e contava com muitas amizades. Gozava de estima e apreço graças ao seu espírito cordial e comunicativo. Não obstante as lutas políticas de seu genitor dr. Nicolau Araujo Vergueiro, Ruy sempre se houve com equilíbrio, jamais quebrando velhas amizades e nunca se afastando do tratamento cordial com todos. Soube ser uma pessoa boníssima, sempre desfrutando de estima. Sua morte causou consternação na sociedade e no seio da comunidade.<sup>60</sup>

<sup>60</sup> “Sepultado ontem o corpo do Sr. Ruy Vergueiro”, 19 mar. 1976. O recorte de jornal não identificado faz parte dos álbuns (v. 4, p. 177, 180-181).

Ele faleceu em Passo Fundo, no dia 17 de março de 1976. Ruy foi homenageado postumamente, ao se tornar topônimo de uma rua no Loteamento Victor Issler, em Passo Fundo<sup>61</sup> (a localização está indicada no mapa 2).

A filha de Vergueiro casou-se com Honorino Malheiros (1903-1972)<sup>62</sup>, conhecido como Honório, jogador de futebol do Botafogo (Rio de Janeiro), depois Esporte Clube Internacional (Porto Alegre), vinculando-se, a partir de 1923 ao Esporte Clube Gaúcho (Passo Fundo). Antes de seu casamento, ele assumiu como tabelião do Segundo Cartório de Notas de Passo Fundo.

O matrimônio de Honorino Malheiros e Maria Vergueiro ocorreu em 1928. O casal teve três filhos: Eugênio, Carolina e Nicolau.

Figura 18 – Honorino Malheiros e Maria Vergueiro Malheiros



Fonte: Acervo da família (1929)

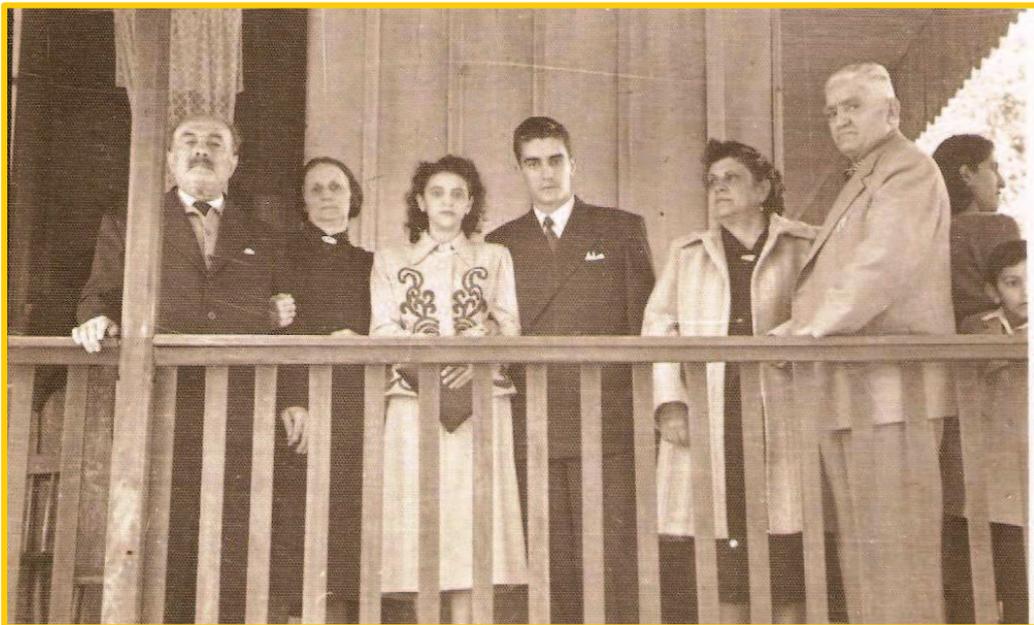
O casal Honorino e Maria no pátio interno da residência. Ela está grávida de Eugênio.

<sup>61</sup> Há um equívoco no ano falecimento de Ruy Vergueiro na publicação de Miranda e Mendes (2011, p. 238). Segundo os autores, o falecimento ocorreu em 1975, mas no obituário publicado na imprensa e no jazigo da família o registro data de 1976.

<sup>62</sup> Seus pais eram Eugênio Pinto Cardoso Malheiros e Maria Júlia Cardoso Malheiros (conhecida como Nona). Esta após tornar-se viúva casou-se com Caminha. Dessa união nasceu o irmão de Honorino, Abel Caminha, casado com Thereza Caminha.

Eugênio, que recebeu o nome de seu avô paterno, nasceu em 26 de junho de 1929, ele estudou no Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição, em Passo Fundo. No ano de 1949 casou-se com Maria Jesus Buaes Canfield, que passou a assinar Maria Canfield Malheiros. Eles tiveram quatro filhos: Sandra Jovina (1950), Vera Maria (1951-2004), Maria Eugênia (1959) e Eugênio Filho (1960). Este neto de Vergueiro sempre residiu na mesma casa que seus avós. Vergueiro se referia a ele como “meu amigo”, pois o acompanhava e administrava os negócios familiares. Vendeu terrenos na Vila Vergueiro e adquiriu uma fazenda em Primavera do Leste (Mato Grosso), a qual, atualmente, é administrada por seu filho. Sandra Jovina e um de seus quatro filhos, chamado Rodrigo, seguiram na profissão de Vergueiro.

Figura 19 – Noivos Eugênio e Maria ao lado dos avós



Fonte: Acervo da família

Antônio Simão, Analdina Teixeira Simão, (anfitriões) avós da noiva Maria, Jovina e Nicolau Araujo Vergueiro, avós do noivo Eugênio, em Passo Fundo, no dia 02 de jul. 1949.

O neto Eugênio e Maria C. Malheiros foram os responsáveis pela construção de uma sala no edifício Vivenda do Colégio (a figura 9 retrata a entrada da sala), para armazenar a biblioteca que pertenceu a Vergueiro, movidos pelo desejo de conservar os objetos, móveis, livros e documentos. O neto primogênito faleceu em 25 de fevereiro de 2003. Sua esposa continuou preocupando-se com a conservação do acervo e dos documentos após seu falecimento.

Conforme observou Abreu (1996, p. 205) a figura do guardião familiar prolifera-se e vem sendo, cada vez mais, função destinada aos idosos. Os guardiães são pessoas que “cultivam e preservam pequenos museus em suas residências, geralmente apartamentos, onde armazenam fotos, pequenos objetos, cartas, enfim, relíquias da memória familiar”. (ABREU, 1996, p. 204).

O ato de guardar objetos, móveis e papéis que pertenceram a Nicolau Araujo Vergueiro parece-nos ter sido a forma encontrada para transmitir as gerações posteriores o sentimento de pertencimento a essa família como um vínculo identitário com o patriarca. Além dos bens materiais, a família recebeu um patrimônio fluido que também pode ser denominado como herança imaterial, fruto das redes de relações, do prestígio, das influências e posições adquiridas ao longo da trajetória deles<sup>63</sup>.

Figura 20 – Guardiã do arquivo



Fonte: Elaborado pela autora

Maria Canfild Malheiros, conhecida como Jesus, conta com 85 anos. Na fotografia, feita em seu apartamento, ela aparece identificando os familiares e contando histórias de vida.

<sup>63</sup> Uma pesquisa sobre o tema dos investimentos em capital social foi publicada por Levi (2000) sob o título: A herança imaterial. Na obra a trajetória do personagem Giovan Battista Chiesa, exorcista da aldeia de Santena, dá acesso ao estudo das estratégias cotidianas de um grupo de camponeses do século XVII. O sacerdote era herdeiro do prestígio social, ou seja, das redes de relações e posições conquistadas por seu pai. E tentou converter essa herança em riqueza material, o que o levou a fracassar. Chiesa fracassou pois não considerou as formas de solidariedade e cooperação necessárias ao sustento e enriquecimento, ou seja, a reciprocidade que mantém essas redes de relações.

O nome da segunda filha do casal corresponde a uma homenagem a bisavó paterna. Carolina nasceu em 11 de abril de 1931. Ela casou-se em 1955 com Júlio Galvez e mudou-se para Brasília, onde reside. Desta união nasceram Marcelo e Virgínia. Em segunda união, com Ipemery José Martins da Cunha, ela não teve filhos.

O neto homônimo nasceu em 30 de junho de 1939. Foi casado com Jussara Ramos Malheiros. cursou faculdade de Direito e atuou como professor e advogado. Residiu em Brasília, no entanto, após sua aposentadoria retornou a Passo Fundo. Ele efetuou a doação do arquivo pessoal de Nicolau Araujo Vergueiro para o AHR e, também, participou da entrega da medalha Nicolau Vergueiro no ano de 2015 (figura 6).

A reminiscência comum e a repetição de certos rituais (refeições, festas familiares), a conservação coletiva de saberes, de referenciais, de recordações familiares e de emblemas (fotografias, lugares, objetos, papéis de família, odores, canções, receitas de cozinha, patronímia e nomes próprios), bem como a responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais, são dimensões essenciais do sentimento de pertencimento e dos laços familiares, fazendo com que os membros da parentela queiram considerar-se como uma família. A afiliação é uma fidelidade a um patrimônio, ‘um lastro de lealdade e obstinações’ cuja finalidade é a reprodução do grupo familiar. (CANDAU, 2011, p. 140).

Famílias como a de Vergueiro tem uma memória genealógica abundante, principalmente em profundidade. Trata-se de um grupo social bem provido economicamente e, disposto a investir em publicações, como a de Djalma Forjaz: **O senador Vergueiro sua vida e sua época (1778-1859)**. O biógrafo de Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, pertencia à família pois casou-se com Lúcia Pereira de Campos Vergueiro, registrando seu filho como Nicolau de Vergueiro Forjaz. Conforme explicitamos Nicolau Vergueiro recebeu o nome do bisavô e possuía em sua biblioteca um exemplar da biografia do Senador Vergueiro. Esse livro foi oferecido com dedicatória ao bisneto de Vergueiro, Marcelo Vergueiro Malheiros Galvez, pelo tio Nicolau Vergueiro Malheiros. Assim, a concessão do nome do patriarca aos descendentes e o investimento familiar em memória genealógica constroem a representação de uma continuidade.

### 2.3 Em destaque, o arquivo

Vergueiro faleceu aos setenta e quatro anos, em março de 1956, após completar cinquenta anos de exercício da medicina e de atuação política. Dado o prestígio social do falecido, os jornais locais publicaram inúmeros artigos e notas informando seu falecimento e

convidando para o sepultamento. O prefeito municipal decretou, na ocasião, luto oficial de três dias. Outros recortes registram as homenagens prestadas no município quando foi sepultado. Considerando sua trajetória política, ele foi lembrado também na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, no Senado e na Câmara dos Deputados.<sup>64</sup>

De acordo com os documentos do arquivo pessoal percebemos que a data natalícia de Vergueiro continuou a ser comemorada, postumamente, na imprensa local. O engajamento político dele foi continuamente rememorado pelos periódicos em edições de celebração do aniversário do município.

Atualmente, há publicações nos jornais locais, *O Nacional* e *Diário da Manhã*, de fotos ou textos reafirmando sua importância para o desenvolvimento da região. Estas já não se fixam exclusivamente em dados biográficos de um político notório. Como já explicitamos é citado, sobretudo, por sua atuação como médico, o primeiro formado na região, incentivador do ensino e integrante da elite local.

De acordo com Candau (2011, p. 143), “todo indivíduo morto pode converter-se em um objeto de memória e de identidade, tanto mais quando estiver distante no tempo”. No caso do protagonista da pesquisa, desde os últimos anos de sua vida, verificamos um processo de comemoração. No entanto, foram acentuados alguns aspectos e produzidos diferentes sentidos sobre a memória do personagem ao longo do tempo.

Neste processo de atualização da memória coletiva, incluem-se os “lugares de memória”, seja os que já existiam ou os instituídos recentemente. Trata-se de uma tentativa das instituições estabelecerem laços identitários com um indivíduo que ainda é admirado, por meio de estratégias discursivas capazes de unir presente e passado. Desse modo, por exemplo, a APL, o IHPF, APFM e o AHR associam trajetória, tradição política, social e cultural do personagem à sua própria história a fim de valorizá-la, incidindo em publicações, celebrações e criação de lugares de memória. Um desses lugares é o acervo que é o objeto deste estudo. O deputado estadual Germano Bonow pronunciou-se a respeito da existência dessa documentação e de sua importância para o estudo da cultura brasileira e rio-grandense.<sup>65</sup>

O arquivo pessoal é conceituado por Oliveira (2012, p. 33) como um “conjunto de documentos produzidos, ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física ao longo de sua vida e em decorrência de suas atividades e função social”. Essa produção, independente do

---

<sup>64</sup> O necrológio pode ser consultado no álbum v. 4, entre as páginas 1 e 29.

<sup>65</sup> BONOW, Germano. Homenagem à memória do médico e político sul-rio-grandense, Nicolau de Araújo Vergueiro. Disponível em: <<http://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=174.4.53.O&nuQuarto=13&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=10:20&sgFaseSessao=BC&Data=17/08/2010&txApelido=GERMANO BONOW, DEM-RS>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

suporte, contém representações do titular, de suas múltiplas relações e até mesmo do seu íntimo.

Para pesquisar um arquivo pessoal precisamos ir além da descrição do acervo. Esta não é suficiente para compreendê-lo, é preciso pesquisar sua história, traçar uma espécie de biografia do arquivo.

Entender os conjuntos documentais de natureza pessoal como produto de investimentos pessoais ou coletivos, mais do que como produtos ‘naturais’ da trajetória dos indivíduos, pode nos ajudar a desvendar significados e a avançar na tarefa de refletir sobre procedimentos que possam auxiliar no seu tratamento. Investimentos pessoais, imagem pública e visões de mundo se objetivam nos arquivos pessoais e nos usos que seus titulares e herdeiros lhes conferem, e fornecem chaves para compreender o arquivo que vão além das tradicionais associações entre *trajetória* e *documentos*. (HEYMANN, 2013, p. 75, grifo da autora).

Na sequência narramos a história do arquivo de Nicolau Araujo Vergueiro depois da morte do titular, acrescentando como se processou sua doação. Para compreender as razões que levaram o AHR a receber o acervo privado, fornecemos uma descrição que contempla: histórico, função, tipo de acervo, equipe e serviços prestados, bem como as formas de divulgação das quais se vale.

Portanto, cabe sopesar a respeito da guarda de documentos, da formação e estruturação do arquivo e, ainda, das intervenções posteriores na documentação preservada. Outrossim, é preciso ponderar a respeito dos descartes efetuados, seja pelo titular ou por seus herdeiros. Tais apontamentos constituem o eixo do próximo capítulo.

O arquivo de Nicolau Araujo Vergueiro era sediado na residência da família. Ele foi organizado pelo proprietário, que lhe destinava grande parcela de seu tempo, seja envolvido em leituras de livros, revistas e jornais, na aquisição de novos materiais, na seleção e recorte de reportagens e notícias – identificando-os com fonte e data – arquivando-os no interior dos livros, ou em álbuns construídos como “efeitos de memória” que chamamos “produção de si”. Outro aspecto que ilustra o cuidado do titular com o acervo são as menções feitas a documentos no interior das reminiscências e, ainda, as listagens de controle do acervo bibliográfico.

Maria Canfield Malheiros concedeu-nos entrevista<sup>66</sup> afirmando que: “A biblioteca era uma coisa de família, depois de sua morte tudo continuou como era. Ele nunca pediu que a

---

<sup>66</sup> A entrevista é o anexo número 3 da Tese. Referência: MALHEIROS, Maria [Jesus] Canfield. Entrevista sobre Nicolau Araujo Vergueiro: A família, a residência e o arquivo privado [4 mar. 2016]. Entrevistadora Marinês Dors. (Sob a guarda do Arquivo Histórico Regional.) Passo Fundo. 7 f.

família cuidasse de sua biblioteca, nunca impôs sua vontade”. De fato, na biblioteca localizamos livros que pertenceram a diferentes membros desta (inclusive tataranetos, o que reflete o acesso ao acervo). No entanto, nem todos os documentos produzidos e acumulados por Vergueiro foram conservados, pois o falecido tinha dois filhos, de modo que se deu uma certa partilha do acervo: “Alguns livros da biblioteca e muitos documentos, fotografias, foram para a casa de Ruy Vergueiro, na Rua Morom. Como ele não tinha filhos o material se dispersou após sua morte. Outros livros foram para a biblioteca de Marcelo Vergueiro Malheiros Galvez, como lembrança”. A entrevistada foi questionada a respeito da parte do acervo que ficara sob a guarda de Ruy, esclarecendo-nos a respeito da existência de um filho homem, criado por ele e a esposa Albina.

Por ter morado na mesma casa, Maria C. Malheiros conta que foi motivada por “uma vontade de conservar os documentos, como existiam no tempo do vô Vergueiro”. Assim passou a ser guardiã do acervo.

No entanto, em 1996 a antiga residência foi trocada por outros imóveis, e a entrevistada declarou que ao efetuar a venda para a “construção do prédio, a família solicitou um local para conservar a biblioteca. Essa foi a única condição que nós estabelecemos. A biblioteca ficou montada nas peças da casa da frente, local conhecido como Casa Barão. Sempre sob os cuidados da família de Eugênio Vergueiro Malheiros”.

Quando a sala foi entregue à família, o acervo foi acondicionado nela conjuntamente com alguns dos móveis que integravam o antigo escritório de Vergueiro. O novo espaço foi destinado à pesquisa. Todavia, conforme Maria C. Malheiros, os consulentes encontravam facilmente as publicações, mas não as guardavam no local correto, sublinhando e destacando páginas dos livros. Por este motivo, o acesso não foi mais permitido e a sala ficou fechada por longo período.

Ao retornar a Passo Fundo, Nicolau Vergueiro Malheiros, como representante da família, assinou convênio com o Projeto Passo Fundo, contando com a nossa colaboração e a de Marco Antonio Damian para o levantamento de dados e publicação de documentos, como a digitação das reminiscências com alteração mínima e atualização da ortografia.

O Projeto Passo Fundo possui um site<sup>67</sup> para divulgação da cultura local, cujo idealizador e curador é Ernesto Zanette. Nele são publicados arquivos digitais de mapas, fotografias, livros, álbuns, leis municipais, documentos históricos e literários sobre o município ou de autores locais. O convênio, firmado em 31 de maio de 2011, logo foi

---

<sup>67</sup> O endereço do site é [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

rescindido (no dia 05 de outubro do mesmo ano), pois o Projeto não dispunha de local adequado para acondicionar o acervo. Todavia, o Projeto Passo Fundo dispôs-se a publicar memórias e outros documentos, fornecendo acesso livre e gratuito à comunidade, indicando o AHR como local de depósito de tais fontes.

Em sessão do IHPF, Nicolau Vergueiro Malheiros entregou simbolicamente, para o então Presidente Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, a chave da sala onde localizava-se o acervo de seu avô. O IHPF não possuía instalações próprias e buscou parceria com o AHR para a guarda e preservação do material. Por esse motivo o Instituto manteve um convênio, em comodato com o Arquivo Histórico. Os documentos coletados na cidade em campanhas permanentes, são entregues ao AHR para limpeza, restauração (quando necessário), catalogação e acesso público. Há, inclusive, um processo de digitalização dos documentos para disponibilizá-los de modo dinâmico<sup>68</sup>. A construção de sede própria faz-se na atual gestão, de Fernando Miranda.

Em 01 de novembro de 2011 foi assinado o termo de doação dos “bens relativos ao acervo histórico do médico Dr. Nicolau Araujo Vergueiro” por seu herdeiro e pelo Presidente da Fundação Universidade de Passo Fundo (FUPF), Celso Carlos G. Gonçalves. Na cláusula segunda, Nicolau Vergueiro Malheiros declara que os documentos não têm mais valor econômico, mas, “possuem significado histórico, visto que podem servir como base para pesquisas e conhecimento da história do Município de Passo Fundo junto ao Arquivo Histórico Regional da DONATÁRIA”. Outrossim, fica expresso o desejo do herdeiro de que sua doação fique sob a guarda do AHR, mantido pela FUPF.

O AHR preparou um recinto conjugado para receber a doação. Na antessala foram alocados móveis, retratos emoldurados e estantes livreiro. O outro âmbito, contendo estantes de aço, recebeu revistas, cadernos, fotografias, jornais, correspondências, mapas, lustres e algumas cadeiras. O local armazena, ainda, documentos de outras origens. No próximo capítulo vamos tratar desses bens, empreendendo uma listagem e análise dos mesmos como objetos biográficos. A porta (figura 9), que pertencia ao hall de entrada da casa do titular e está fixada à entrada da sala que fora destinada ao acervo, na Rua Capitão Araujo, também integrava o conjunto, porém não foi retirada.

Após a doação, a equipe do Arquivo Histórico iniciou um trabalho de organização e catalogação do acervo bibliográfico em seções, seguindo o padrão adotado pela instituição. Esta etapa durou cerca de nove meses. Os documentos, no interior dos livros, foram mantidos,

---

<sup>68</sup> MEMÓRIAS permanecem vivas. *O Nacional*. Passo Fundo, 21 ago. 2014. Disponível em: <<http://onacional.com.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

respeitando o princípio da proveniência. O catálogo do Fundo Nicolau Araujo Vergueiro, datado de maio de 2013, está dividido em 18 itens: Política, História, Biografia, Direito, Legislação, Literatura, Obras de Referência, Psicologia, Filosofia, Religião, Educação, Didáticos, Periódicos, Públicos, Ciências, Medicina, Técnico e Recortes de Jornais. No entanto, a descrição dos recortes de jornais consiste apenas no termo “DIVERSOS” seguido do período “Ago. 1936 / Jul. 2001”<sup>69</sup>.

Figura 21 – Banners Acervo Nicolau Vergueiro



Fonte: AHR

Material de divulgação do arquivo privado: destaque para a trajetória política.

Uma programação especial foi elaborada para a inauguração da Sala de Arquivos Privados, onde foi alocado o Arquivo de Nicolau Araujo Vergueiro e, conseqüente, abertura ao público. No dia 18 de julho de 2013 o AHR promoveu a conferência “Nicolau Araujo

<sup>69</sup> Disponível em: <<http://www.upf.br/ahr/images/stories/acervo-nicolau-araujo-vergueiro.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2015.

Vergueiro: Memória Política”, ministrada pela Mestre Ana Maria Rosa Prates<sup>70</sup>. Lembramos que a dissertação de Prates foi defendida no PPGH da UPF, em 2001, conforme dispomos na produção historiográfica apresentada na seção anterior.

Além de ser local de guarda e conservação, o AHR atua como veículo da difusão de conhecimento, sobretudo histórico. O Arquivo foi criado e é mantido em função da preocupação com a preservação de conjuntos documentais, não só de Passo Fundo, mas, da região norte do Estado do Rio Grande do Sul. Com essa finalidade é mantida uma campanha permanente de doação. Os acervos são elementos de propulsão para a pesquisa acadêmica. O mesmo agrega-se à estrutura de apoio tanto ao Programa de Pós-Graduação, quanto ao curso de Graduação em História (PPGH) da UPF.<sup>71</sup>

Com área de concentração em História Regional, o PPGH da UPF iniciou suas atividades no ano de 1998, obtendo reconhecimento da Capes (Portaria do CNE n. 1057/99) no ano seguinte. Desde 2014, o Programa oferece, além dos cursos de especialização e mestrado, também doutorado, sob a coordenação do Doutor Adelar Heinsfeld.

A história do AHR já conta com mais de 30 anos. As atividades foram iniciadas no Campus I, situado no Bairro São José, na cidade de Passo Fundo no ano de 1984, associado ao museu. Em 1996, após uma reorganização, os órgãos foram separados e, ele, transferido para o Campus III da UPF, localizado no centro da cidade, onde o acesso do público ficou facilitado.

Na década de 1980, quando o Brasil experimentava seu processo de redemocratização, surgiram inúmeros arquivos e centros de documentação, como o AHR. Eles foram criados no intuito de preservar e difundir acervos pessoais e institucionais. As experiências pioneiras do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), mantido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), e do Arquivo Edgar Leuenroth (AEL) vinculado a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), são exemplares devido ao trabalho interdisciplinar – desenvolvido por arquivistas, historiadores e cientistas sociais – que possibilitou reflexões sobre conjuntos de documentos pessoais. A doação de arquivos pessoais e a criação de instituições para recebê-los também está associada a ampliação de fontes, valorizadas pela microhistória que, defrontou os pesquisadores com novas questões metodológicas e de crítica, dada sua característica subjetiva (SANTOS, 2012).

---

<sup>70</sup> ATIVIDADE integra o calendário de Inauguração da Sala de Acervos Privados - Fundo Nicolau de Araujo Vergueiro, do Arquivo Histórico Regional da UPF. *O Nacional*. Passo Fundo, 20 jul. 2013. Disponível em: <<http://onacional.com.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

<sup>71</sup> As informações sobre o AHR e o Programa de Pós-Graduação em História da UPF foram consultadas em: <[http://www.upf.br/ahr/index.php?option=com\\_frontpage&Itemid=44](http://www.upf.br/ahr/index.php?option=com_frontpage&Itemid=44)> e <<http://www.upf.br/ppgh/index.php/sobre-o-ppgh>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

A iniciativa das universidades, certamente, teve a finalidade de garantir a realização das pesquisas e preservar os acervos, consolidando os Programas de Pós-Graduação em História junto a Capes. Além disso, significa, que as universidades assumiram uma responsabilidade do poder público, pois este não demonstrou interesse na preservação dos arquivos. Essa postura do poder público traduziu visões diferentes de patrimônio que não consideravam as múltiplas experiências humanas presentes nos conjuntos documentais e na memória coletiva (SILVA, 1999, p. 87).

Ainda que a equipe seja restrita<sup>72</sup>, são prestados serviços ao público como consulta local, comutação, visita programada, cópia de documentos, restauração e conservação preventiva, além da limpeza, acondicionamento e descrição das fontes. As formas de divulgação utilizadas consistem em: redes sociais, coluna “Memórias do AHR” – publicada em jornal local e no site do Arquivo – celebração de convênios, organização de palestras e seminários, bem como concurso de história em quadrinhos.

Estão sob a guarda do Arquivo Histórico documentos provenientes de diversas origens e conjuntos. Visando otimizar o processo de identificação, localização e consulta foram organizados catálogos, como o dos livros do Acervo Nicolau Vergueiro, que estão disponíveis no próprio site. Os títulos das seções catalogadas são: Arquivos de Comunicação Social, Arquivos Públicos, Arquivos Sociais, Prefeitura Municipal de Lagoa Vermelha, Secretaria de Obras Públicas do Rio Grande do Sul, Biblioteca Auxiliar, Arquivos Judiciários (Justiça do Trabalho de Passo Fundo -RS- 4ª Região, Comarcas de Passo Fundo e Soledade), Instituto Histórico de Passo Fundo, Acervos Privados e, por fim, o Fundo Academia Uruguaya de História.

A descrição generalizada do material alocado no órgão de preservação é a seguinte:

O conjunto documental do AHR perfaz o período entre a década de 1830 e os dias atuais. Podem-se pesquisar nos arquivos públicos atividades governamentais das esferas federal, estadual e municipal; são atas, discursos, relatórios, publicações, legislação. Os arquivos sociais são constituídos por documentos de instituições beneficentes, educacionais ou representativas com sede em Passo Fundo. Jornais da cidade e região, revistas, anuários, almanaques, podem ser vistos nos arquivos de comunicação social. Nos arquivos pessoais estão os documentos provenientes de acervos individuais, sendo exemplos os de Antônio Carlos Machado e Clodoaldo Brenner. Há uma biblioteca auxiliar com títulos versando sobre temas de histórias municipais, psicologia, direito, religião, política, entre outras. E [...] o conjunto documental do judiciário com processos findos das Comarcas de Passo Fundo e Soledade”. (JUNGBECK, 2007, p. 363).

---

<sup>72</sup> A equipe do AHR, coordenada pela Doutora Gizele Zanotto é reduzida, dispõe de assistente, a Mestre Sandra Benvegnú; auxiliar, Márcio Gerhardt, Graduado em História; e três estagiários, Bruna Zardo Becker, Gabriel Viera e Murilo Fernandes, acadêmicos do Curso de Graduação em História durante a realização da pesquisa.

Dada a variedade de documentos sob a custódia do AHR, seu público frequentador não é formado exclusivamente por historiadores, mas também, acadêmicos e profissionais da área de Comunicação Social e do Direito. O acervo de Comunicação Social é um dos mais requisitados para consulta.

Os Arquivos Privados, cujos catálogos estão disponíveis são quatro: Mário Menegaz, Alfredo Custódio, Zeferino Demétrio Costi & Cia. Ltda., Nicolau Araujo Vergueiro. O acervo de Mário Menegaz (1915-2007), político que atuou nas esferas municipal e estadual, compõe-se de fontes sobre sua trajetória pública e privada. Estes documentos constituem parte do acervo do IHPF. No Acervo de Alfredo Custódio há impressos sobre a trajetória do maestro, que abrangem o período entre 1940 e 1960. Outro acervo cuja datação dos documentos inicia na década de 1940 estendendo-se até 1980 é o da empresa frigorífica Zeferino D. C. & Cia. Ltda. O quarto acervo, que é objeto desta pesquisa, pertenceu a Nicolau Araujo Vergueiro, é descrito da seguinte maneira: “Acervo predominantemente bibliográfico organizado por temas como história, política, literatura, biografias e psicologia. São relevantes os exemplares de revistas do início do século XX e sua documentação pessoal com memórias e fotografias”.<sup>73</sup>

Julgamos que a descrição reproduzida acima e as informações presentes no catálogo, merecem ser detalhadas com mais especificidade. Provavelmente isso ainda não foi realizado devido ao volume de trabalho que a equipe desenvolve. A fim de oferecer subsídios para que os consulentes do acervo e a comunidade regional conheçam esse patrimônio, que não é apenas bibliográfico, iniciamos uma biografia do arquivo, ampliando os procedimentos de descrição arquivística. Assim, desenvolvemos a tese de que o material doado não é apenas uma biblioteca particular. Os móveis, objetos pessoais, manuscritos, recortes e, principalmente, os livros compõem um arquivo. No interior das publicações há outros documentos complementares que dizem respeito a aquisição da obra, mantém relação com seu autor, ou ainda, com o conteúdo. Esses itens do conjunto possuem um significado, que é também parte da história do titular e, por este motivo, permitem a realização de pesquisas sobre sua trajetória, modo de pensar e de se relacionar com as outras pessoas.

---

<sup>73</sup> Disponível em: <[http://www.upf.br/ahr/index.php?option=com\\_content&task=view&id=16&Itemid=31](http://www.upf.br/ahr/index.php?option=com_content&task=view&id=16&Itemid=31)>. Acesso em: 09 abr. 2016.

## 2.4 Processo de patrimonialização

O artigo 216 da Constituição Federal define como “patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial [...] portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. De acordo com o que essa definição de patrimônio inventariamos, neste capítulo, estruturas edificadas e elementos naturais como lugares de memória erigidos para Nicolau Araujo Vergueiro, um dos protagonistas da cena política no Rio Grande do Sul na Primeira República e no período posterior a Revolução de 1930. Arantes (2009) esclarece que a ação humana se apropria de lugares, por ele entendidos como: “[...] realidades a um só tempo tangíveis e intangíveis, concretas e simbólicas, artefatos e sentidos resultantes da articulação entre sujeitos (identidades pessoais e sociais), práticas (atividades cotidianas ou rituais) e referências espaço-temporais (memória e história)”. (ARANTES, 2009, p. 18).

Entre os diversos lugares de memória de Vergueiro localizamos a Vila Vergueiro, estruturada a partir do loteamento de sua propriedade, que com o crescimento do perímetro urbano, tornou-se área nobre na cidade de Passo Fundo. Na referida vila mapeamos pontos residenciais e comerciais que adotaram essa denominação e, ainda, o Parque Ambiental Banhado da Vergueiro, na área que fora destinada, pelo antigo proprietário, para sediar uma praça. Identificamos, igualmente, várias ruas topônimas dos integrantes da família, inclusive no perímetro da Vila Vergueiro o que nos permite supor que os nomes das ruas foram atribuídos por Nicolau Vergueiro como forma de homenagear sua mãe, os bisavôs e outras pessoas que lhe eram caras. Ele próprio e seu pai, João de Vergueiro, já haviam sido homenageados, ao tornarem-se topônimos de logradouros entre 1919 e 1922.

Outro desses lugares de memória de Vergueiro é o endereço de sua antiga residência, de posição central na cidade de Passo Fundo, construída em 1908 e demolida em 1996. O prédio situado na Avenida Brasil, hoje sedia a galeria com seu nome e a sala, especialmente concebida para receber a antiga biblioteca de Vergueiro. Em frente a galeria, entre 1964 e 2007, esteve fixado um busto deste personagem. O Jazigo da família localizado na mesma cidade, no Cemitério Municipal da Vera Cruz, também se constitui como um local de memória.

Logo após seu falecimento, em 1956, ele foi homenageado como patrono de uma instituição pública de ensino. Essa instituição, cujo denominação atualizada é Escola Estadual de Educação Básica Nicolau Araujo Vergueiro, destaca-se por oferecer o único curso de formação de professores, na modalidade normal, da região.

Grupos da sociedade civil ou instituições produzem o que chamamos patrimônio e suas razões de ser, de acordo com valores políticos ou estéticos, também associados a identidade e a memória locais. O IHPF, a Academia Passo-Fundense de Letras (APL), a Academia Passo Fundense de Medicina (APFM) e o Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR) mantido pela Fundação Universidade de Passo Fundo (FUPF), são algumas instituições que vem contribuindo para consolidar a memória deste indivíduo.

Em 1954, por exemplo, o Centro de Estudos Históricos Pró-Centenário de Passo Fundo, atual IHPF, escolheu Vergueiro como Presidente de Honra e, posteriormente, homenageou-o com a confecção de um busto, como comentamos. A APL o elegeu como acadêmico, inserindo-o após seu falecimento, no grupo dos patronos. De forma semelhante, ele é patrono da APFM que, em comemoração ao centenário de sua formatura em medicina (1905-2005), passou a conceder anualmente uma Medalha assim nominada. E, o AHR, que ao acolher a doação dos bens de seu arquivo privado instituiu o mais recente lugar de memória deste indivíduo.

Perceber o personagem em foco e seu arquivo privado como patrimônio, implica reconhecer seu vínculo a fatos memoráveis da história ocorridos na primeira metade do século XX. No entanto, também diz respeito às razões pelas quais é lembrado, sobretudo quanto a sua atuação médica e política. Nesse sentido, foi homenageado, durante sua vida e após a morte, com títulos de sócio benemérito por muitas instituições confessionais ou laicas; recebeu convites para participar como orador em diversos eventos de cunho religioso, como a posse do primeiro Bispo da Diocese de Passo Fundo e, como paraninfo, em inúmeras formaturas. Tal reconhecimento associa-se aos mandatos eletivos como deputado federal, quando apresentou emendas orçamentárias para instituições de saúde e ensino.

Em Passo Fundo, esse processo de patrimonialização de Nicolau Araujo Vergueiro ocorre de forma lenta e gradual. De acordo com nossa observação, há um grupo social privilegiado que vincula sua identidade ao personagem histórico e este é, sobretudo, a elite. Durante os sessenta anos transcorridos após a morte de Vergueiro, sua memória vem sendo atualizada, ou seja, a ela atribuem-se novos usos e significados.

Além de assinalar os lugares de memória, o capítulo teve a intenção de apresentar a família do personagem, seu ascendentes e descendentes e, buscou compreender as razões para a conservação dos papéis, livros e objetos que pertenceram a Nicolau Vergueiro. Nesse sentido a figura da guardiã da memória familiar, Maria Canfield Malheiros, tem importante papel, inclusive para o desenvolvimento desta pesquisa.

Descende dos Senadores do Período Imperial Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e João da Silva Machado (Barão de Antonina), o sobrenome Vergueiro se configura como uma espécie de herança imaterial que contempla vasta rede de relações, prestígio e tradição política, bem como posições sociais privilegiadas.

O fato de guardar lembranças, emblemas e até mesmo investir novos membros com os nomes de seus ascendentes demonstra o sentimento de pertencimento, os laços familiares. Essas decisões de conservar objetos e a escolha dos nomes dos membros da família coadunam para a continuidade da família. A figura do guardião, que geralmente é assumida por um idoso, reflete o desejo de transmitir as novas gerações um vínculo identitário, a manutenção de laços consanguíneos.

Com o ato de preservação dos documentos os descendentes puderam, de certo modo, conhecer alguns aspectos da vida e forma de pensar de Vergueiro. Aos familiares foi propiciado, inclusive, possuir lembranças que confirmam tal laço consanguíneo e identitário.

Em 2011, o herdeiro homônimo efetuou a doação de bens de Nicolau Vergueiro para a FUPF, que passaram a ser mantidos pelo AHR. A equipe do arquivo organizou e catalogou o acervo bibliográfico inaugurando, em 2013, a Sala de acervos privados que abriga esse arquivo pessoal. A trinta anos o AHR presta serviços à comunidade como local de guarda, conservação de documentos históricos e veículo de difusão do conhecimento.

### 3. O ARQUIVO, UMA PRODUÇÃO DE SI

Após identificarmos os lugares de memória sobre Nicolau Araujo Vergueiro, conferindo destaque ao seu arquivo, convém especificar e analisar sua composição e funções. Tanto a produção do arquivo, feita pelo titular, quanto a sua identificação ou atribuição de significados, por parte desta e de futuras pesquisas, agregam outros significados ao seu valor de testemunho.

A exposição acerca dos membros da família Vergueiro, no capítulo anterior, foi elaborada a partir de informações obtidas no arquivo privado. Objetos e documentos acumulados por Vergueiro – e doados por seus familiares – proporcionam subsídios não apenas sobre o titular, mas também acerca da família. Dessa forma, é possível desvendar o modo de viver, o cotidiano, assuntos que despertavam inquietações e interesses no núcleo familiar formado na primeira metade do século XX. Textos memorialísticos, correspondências, fotografias, folhas de calendário, recortes de jornais destacam momentos marcantes nessas trajetórias: celebrações natalícias, ritos religiosos, enfermidades e convalescenças, etc.

O arquivo de Vergueiro, por seu protagonismo político, conquista espaço e sintetiza a história da família. Assim pertences, especialmente cadernos e livros dos familiares, filhos, netos, bisnetos e trinotos, foram incorporados ao acervo.

Além das fontes disponíveis no arquivo pessoal, há outros documentos, tais como missivas para os familiares, cartões, fotografias e objetos pessoais, além de móveis que ficaram sob a guarda destes, especialmente de Maria Canfield Malheiros (figura 20). Essa documentação possui foro mais familiar ou íntimo, mas foi permitido o acesso para a pesquisa. Igualmente, a guardiã do acervo concedeu-nos entrevista, comentando suas lembranças sobre o titular e a história do arquivo. Portanto, as fontes que compõe o arquivo, independente do formato ou suporte, consistem em representações de seu proprietário.

Todavia, o tipo de documentação que encontramos nos arquivos privados difere daquela encontrada nos arquivos públicos ou institucionais. Pela dificuldade em definir, organizar e descrever, este tipo de acervo foi alvo de pouca atenção dos arquivistas, até porque exige pesquisa e informações sobre o titular e sua rede de sociabilidade, como estava organizado e, ainda sobre o processo da doação. Com a renovação das fontes, os historiadores, maior número de consulentes destes acervos, suscitaram a necessidade de etnobiografar o arquivo, ou seja, investigar e explicitar a história da construção do conjunto documental, segundo Heymann (2013, p. 71).

A partir das experiências de descrições dos arquivos pessoais desenvolvidas por historiadores, em conjunto com arquivistas e equipes multidisciplinares, surgiram publicações que tratam deste tema: Fraiz (2000), Heymann (2012; 2013), Oliveira (2012), Silva; Santos (2012), Travancas; Rouchou; Venancio (2015). No entanto, verificou-se a dificuldade em adotar a padronização da descrição para todos os arquivos privados, pois cada um tem suas particularidades, dependendo das atividades do titular e das funções de seu arquivo.

No caso em foco, a doação englobou bens que no passado estavam dispostos no gabinete de Vergueiro. Durante aproximadamente cinquenta anos, neste espaço particular, ele armazenou seus livros, exibiu retratos pessoais e arquivou documentos. Esse era um amplo local onde recebia visitas e passava grande parte do tempo, enquanto estava em Passo Fundo.

Figura 22 – Vergueiro no gabinete



Fonte: acervo familiar.

São bens móveis que compõem o acervo: três bancos de jardim, cofre, escrivaninha, cinco cadeiras, vitrola, estantes, onze armários, duas máquinas de escrever, dois lustres, coleção de pedras, três cuias, quadros sacros e retratos, discos, mapas do loteamento da propriedade, pena, corrente (onde prendia seu relógio), duas placas de identificação profissional, luminária, porta-retratos, sinete com a inscrição Malheiros, carimbo da biblioteca. Entre os documentos em suporte de papel temos cadernos e boletins escolares dos familiares, livros caixa do PRR, cédulas de identidade, os oito volumes de memórias, quatro álbuns e documentos avulsos, tais como correspondências, fotografias, artigos e edições de

jornais, além de uma biblioteca com aproximadamente três mil volumes. Na lista dos bens que foram doados há também um telefone e a porta externa que não foi removida da sala térrea do Edifício Vivenda do Colégio.

Como não havia descrição do arquivo pessoal de Nicolau Vergueiro, foi feita uma listagem com súmulas dos documentos elaborando instrumentos de pesquisa, em sintonia com as reflexões de outros pesquisadores a que tivemos acesso. As tabelas que resultam desse exercício elencam acondicionamento, tipo, local e data de elaboração, título (sobretudo para recortes de jornais), conteúdo ou caracterização e, ainda, palavras-chave de acordo com a classificação temática do documento. A escolha delas não comportou seleção prévia, mas tende a nos apresentar quais são as temáticas dos documentos mais relevantes para o titular. Além disso, ao longo deste capítulo pretendemos demonstrar quais documentos se vinculam, assinalando as repetições do conteúdo de documentos cujo original foi preservado e, ainda, transcrito nas “Notas íntimas”.

Discute-se a função e necessidade do arquivo para seu titular, bem como seu significado. Em seguida, alocamos o material em quatro categorias que serão conceituadas, caracterizadas e analisadas: móveis e objetos; acervo bibliográfico e apensos; álbuns e documentos avulsos; e, por fim, a escrita de si, denominada pelo titular de “Notas íntimas – algumas reminiscências clínicas”. Esse processo de descrição e análise dos documentos permite refletir sobre a imagem que o arquivo projeta de seu idealizador.

### 3.1 O Arquivo e suas funções

Como já se disse, ao longo de sua trajetória, Nicolau Araujo Vergueiro constituiu um arquivo pessoal. Neste acervo encontramos documentos originados de atividades diversas, vinculados a sua formação, à medicina, à política e ao grupo familiar.

O arquivo de Vergueiro, doado ao AHR, não corresponde, na íntegra, ao que foi guardado pelo titular durante sua vida. Muitos documentos e objetos foram partilhados entre os descendentes. Houve, também, um descarte involuntário<sup>74</sup> após o falecimento do seu filho Ruy. Apesar disto, é possível sopesar sua relevância para o titular, inclusive pelas menções que ele faz ao mesmo no conjunto das memórias.

---

<sup>74</sup> Ao organizar objetos e papeis para mudança de residência, a senhora Albina teria condicionado em sacos de lixo a documentação que foi descartada pela nova proprietária do imóvel. Isto, de acordo com a entrevista concedida por Maria C. Malheiros, o anexo número 3 da Tese. Referência: MALHEIROS, Maria [Jesus] Canfield. Entrevista sobre Nicolau Araujo Vergueiro: A família, a residência e o arquivo privado [4 mar. 2016]. Entrevistadora Marinês Dors. (Sob a guarda do Arquivo Histórico Regional.) Passo Fundo. 7 f.

Os textos das memórias estão distribuídos entre oito volumes manuscritos. Em seis deles o recurso do arquivamento de documentos e livros é citado pelo autor. Dito de outra forma, o total de notas é trezentos e vinte e quatro e, como podemos observar no quadro abaixo, em vinte e cinco destas Vergueiro comenta seu hábito de arquivar. Todavia, nas “Notas íntimas” há muitos textos transcritos, cujo conteúdo original foi publicado na imprensa ou redigido por pessoas de sua rede de sociabilidade.

A preocupação do titular em conservar os documentos está explícita em sua convicção para arquivá-los. Possivelmente, além de revisitar os fatos e as leituras, esses textos foram transcritos com o objetivo de preservar o conteúdo para a posteridade, caso houvesse o extravio ou descarte dos originais.

Quadro 1 – Menções ao arquivamento nas “Notas íntimas”

<b>Título da “Nota íntima”</b>	<b>Páginas</b>	<b>Volume</b>	<b>Total por volume</b>
7. Mau Momento	p. 16-19	1	2
39. Papo	p. 81-86		
119. Advogado à muque	p. 180-183	2	1
178. Maria	p. 13-20	5	3
205. Ata de rendição	p. 163-167		
211. Eleições	p. 188-190		
216. Uma carta interessante	p. 21-26		
217. Armando Barros Cassal	p. 26-27	6	13
218. Francisco Furasté	p. 27-28		
219. Leda Brasil	p. 29-30		
221. Oliveira Mesquita	p. 31-32		
230. Duas cartas comprometedoras	p. 52-55		
234. Notas promissórias	p. 65-66		
235. Deseja confessar-se	p. 66-68		
241. Uma carta de agradecimentos	p. 89-92		
248. Cartas de meu pai	p. 137-142		
249. Mais uma carta	p. 142-145		
253. Um agradecimento	p. 155-160		
254. Ingrato e ladrão	p. 161-162	7	3
269. Renato Kehl	p. 92-96		
283. Sócio Fundador e benemérito	p. 168-170		
285. Sociedade Pestalozzi	p. 172-174	8	3
301. Eleição estadual de 1913	p. 36-41		
304. Minha biblioteca	p. 52-57		
305. Estevão Cruz	p. 57-59		
<b>Total de menções</b>			<b>25</b>

Fonte: elaborado pela autora.

A partir da análise de conteúdo dos documentos que compõem o acervo privado, sobressaem-se suas diferentes funções: principalmente, enquanto prova ou testemunho, ligando-se inclusive à legitimação de seu nome na memória coletiva ou, ainda, contida na possibilidade de conservação dos signos memoriais e de transmissão. O processo de lembrança associa-se, como procuraremos demonstrar, à existência de vestígios materiais dotados de significados pelos seus proprietários. Designamos esses signos como “objetos biográficos” (BOSI, 1998) ou “semióforos” (POMIAN, 1998). Com base nesses vestígios nos lembramos de nossas origens e das experiências vividas. Se nos sentimos parte de um grupo, a memória tende a ser partilhada e unificada e alguns objetos podem adquirir valor inestimável. A memória coletiva, portanto, é constituída ou incorporada na medida em que evoca determinados laços de convivência com a família, amigos ou outros grupos, como os profissionais. (BOSI, 1998).

Além disso, o arquivo configurou-se como um instrumento de trabalho, atrelado como repertório de saberes científicos e projetos políticos, função associada, principalmente, a parte bibliográfica. Lembremos, ainda, que é intrínseca à atividade médica manter um arquivo contendo a identificação dos pacientes, suas queixas, doenças, exames, diagnósticos e tratamentos. Este instrumento de trabalho do médico, no caso aqui em pauta, permitia a Vergueiro acessar as informações dos pacientes com brevidade. Dos textos que constam na tabela acima, os seguintes associam-se ao seu labor do médico: “254. Ingrato e ladrão”, “283. Sócio Fundador e benemérito”, “241. Uma carta de agradecimentos”, “253. Um agradecimento”, “7. Mau Momento”, menciona a correspondência recebida (transcrita em “242. Uma outra carta”) cujo original também foi preservado.

No desempenho de mandatos eletivos, Vergueiro também se utilizou dos documentos provenientes de seu arquivo. As notícias publicadas em jornais, relatórios, correspondências e livros lhe permitiram comprovar a proveniência das ideias e dos dados citados em pronunciamentos e discursos.

Igualmente, Vergueiro fez uso do arquivo para compor seus projetos. Como deputado federal, membro da comissão de saúde, por exemplo, foi autor do projeto sobre o exame pré-nupcial, o qual exigiu estudos da ciência eugênica, à época em voga, em sua argumentação. Nas arguições sobre o projeto de regulamentação do exame pré-nupcial<sup>75</sup>, ele menciona especialistas de diferentes áreas. É o caso da medicina, por meio da conferência de Georges

---

<sup>75</sup> “265. Exame médico pré-nupcial” (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 9-31); “267. Discurso: exame médico pré-nupcial e lepra” (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 39-86); “313. Um discurso na Câmara” (VERGUEIRO, 1937, v. 8, p. 103-110).

Schreiber, membro da Sociedade Francesa de Eugenia, do projeto do Deputado Amaury de Medeiros, das publicações de Renato Kehl e Oscar Clark; já na área do Direito, das observações sobre o Código Civil Brasileiro, Vergueiro se valeu de Vicente Piragibe. Consultou, também, publicações da Diretoria dos Serviços Sanitários nos Estados, bem como pronunciamentos políticos na imprensa.

As notas “269. Renato Kehl” e “115. Advogado à muque”, “39. Papo”, “285. Sociedade Pestalozzi”, indicam livros presentes no arquivo. Ao comentar sobre esses exemplares, Vergueiro demonstra vaidade, seja por reunir um volumoso acervo, ou pelo próprio domínio de conhecimento em diferentes áreas.

Outra série de notas tem valor de prova, seja associada a processos eleitorais – como em “211. Eleições” e “301. Eleição estadual de 1913” – ou a questões políticas – “205. Ata de rendição”, “230. Duas cartas comprometedoras”, “234. Notas promissórias”. Trata-se, neste sentido, de comprovar suas vitórias políticas, o respeito para com a vida dos adversários e, a concessão de auxílio financeiro a membros de sua rede. Vergueiro (1935, v. 5, p. 188-190) explicou que, mantinha “[...] todas as atas de apuração dessas eleições, menos a de 16 de Setembro de 1908, que se extraviou. Essas atas, devidamente assinadas e de firmas reconhecidas, serviam de diploma”.

A conservação de pertences dos seus pais, como vestígios de suas existências, também foi uma função deste arquivo. Objetos, cartas e fotografias permitiram-lhe desfrutar memórias associadas a convivência em família, funcionando como um repositório. São excertos que aludem a época de sua formação escolar (“178. Maria” e “235. Deseja confessar-se”) e, ao afeto por seus pais (“97. In memoriam”, “248. Cartas de meu pai” e “249. Mais uma carta”).

Acerca do afeto filial comenta: “Guardo, até hoje, com religioso amor, essa relíquia, com um maço de seus cabelos, e papéis referentes a Ele e a Ela”. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 72-76). A cuia, que era utilizada por seu pai, e a relíquia com os cabelos da mãe, conservadas por Vergueiro, demonstram seu pertencimento familiar, mais ainda, a vontade de ver perpetuar-se e transmitir esses laços de família às próximas gerações. A cuia e os documentos foram doados ao AHR. Enquanto, a relíquia segue em posse dos descendentes, sob os cuidados de uma das bisnetas. Como signo transmitido de geração em geração, a mesma pode expressar uma relação de identidade e de continuidade da família.

O texto “248. Cartas de meu pai” informa como ele encontrou as cartas remetidas por João à Carolina.

Logo após a morte de minha Mãe, em Porto Alegre, a 9 de março de 1900, encontrei, entre seus papeis, um cartão que meu Pai, quando seu noivo, lhe escreveu e mais três cartas. *Guardei sempre com amor, respeito e carinho esses preciosos e queridos documentos e, hoje, com a maior veneração, os registro, nestas Notas íntimas.* (VERGUEIRO, 1936, v. 6, p. 137-142, grifo nosso).

As missivas podem representar provas materiais da existência de João Vergueiro, a quem o filho admirava e procurava honrar. Além da transcrição para as memórias, o arquivo preserva os originais (álbum v. 2, p. 61-64 e 131), o que indica outra motivação para guardar: uma comprovação da época, etc.

Trata-se da memória familiar dos Vergueiro, que ainda utiliza diferentes suportes e lembranças íntimas: documentos notariais, correspondências, fotografias, livros, móveis, sepultura, fios de cabelo, coleção de pedras. Esses signos memoriais guardados por Vergueiro veiculam informações, mas sobretudo, ativam a lembrança sobre os acontecimentos afirmando o caráter durável do laço familiar. (CANDAUI, 2011, p. 117).

Outro importante uso do arquivo é associado a elaboração da memória do próprio titular. Vergueiro decide quais documentos serão mantidos e descartados, selecionando, também, os fatos e temas a serem lembrados, agregando-lhes valor.

Alguns casos refletem que, para o autor, as “Notas íntimas - Algumas Reminiscências clínicas” também são uma forma de arquivo, não apenas de documentos, mas da própria memória. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 50-54; 145-151). Ao passo que registra vivências profissionais declara que:

Não devo arquivar nessas páginas, que não são lugar adequado para abertura de abscessos, o procedimento infame e miserável desses dois refinados patifes, que o povo de Passo Fundo, tão bem como eu, conhece e, em sentença inapelável, já julgou e sentenciou, no abismo da indiferença e, o que é pior, do desprezo. Aqui somente arquivo ocorrências de clínica... assim, sereno, dentro da verdade, e com 8,0 de bromureto, desinfetando seguidamente a pena em forte solução de formalina, passo ao fato da narrativa [...]. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 50-54).

Entretanto, o médico e o político, como facetas de um mesmo indivíduo, possuem lembranças que se encadeiam na elaboração da memória e na manifestação do ressentimento. Apesar de Vergueiro afirmar que ações de alguns personagens políticos locais não merecem ser lembradas, escreve sobre elas, como alternativa para marcar oposição, declarando que foi vítima de traição, logro e perseguição. Atitudes distintas das quais o constituiriam: um benfeitor, homem digno, honrado e responsável. Assim, sua escrita revela que o esquecimento é fruto da ausência de registro e, ainda, que as lembranças possuem diferentes lugares simbólicos e significados, atribuídos pelo autor do registro. Neste caso, que voltaremos a

analisar, o lugar indicado para os personagens é inferior, de usurpadores, posto que assumiram os cargos no mandato para o qual Vergueiro fora eleito.

Transparecem na documentação, percepções sobre a velhice, a vaidade, a finitude e o esquecimento. Alguns textos memorialísticos e também recortes de jornais, enfatizam sua contribuição para o desenvolvimento de Passo Fundo e região. Ele sente a necessidade de afirmar seu protagonismo e, novamente arquiva documentos como provas de seu trabalho durante os mandatos parlamentares.

Além disso, no arquivo é possível contemplar formas de sociabilidade do titular que se sobressaem nos documentos avulsos, nos álbuns, nas memórias e nos livros. A coleção dos álbuns concentra cartões, recortes de jornais, telegramas, cartas e fotografias. Inseridos nas memórias estão sonetos – cujos originais foram preservados: “216. Uma carta interessante”, “217. Armando Barros Cassal”, “218. Francisco Furasté”, “219. Leda Brasil”, “221. Oliveira Mesquita”. Da mesma forma, persistem livros com dedicatórias. Eles assinalam sua condição de liderança política, o grau de parentesco, a amizade e, também, o hábito da leitura, como recreação e como informação. Encontramos alusões a livros contendo esse tipo de oferecimentos em textos como: “39. Papo”, “269. Renato Kehl”, “285. Sociedade Pestalozzi”, “304. Minha biblioteca” e “305. Estevão Cruz”, etc. essas dedicatórias permitem ao titular do arquivo recordar-se de pessoas com as quais conviveu e, de algum modo o marcaram.

### **3.2 Móveis e objetos**

Os objetos, móveis, documentos e livros que pertenceram a Vergueiro estão disponíveis na sala de arquivos privados do AHR, podem ser considerados semióforos. Os objetos visíveis investidos de significado, são assim denominados quando conservam sua função original, ou também, quando são preservados. (POMIAN, 1998, p. 77). Os semióforos revelam o lugar ocupado por seu antigo proprietário na hierarquia social, e também os papéis que ele desempenhou, bem como, a identidade expressada.

Para os familiares de Vergueiro os móveis que pertenceram ao seu gabinete e a própria biblioteca remetem a ele, ou seja, são vestígios da existência física do titular, cuja conservação e exposição impedem a evanescência. Além de permitir a recordação dos familiares, o conjunto de semióforos, que pode ser observado e examinado pelos visitantes, confere reconhecimento e atribuição de sentidos para a trajetória do titular. Assim, em virtude da doação e exposição, os objetos que outrora pertenceram a Vergueiro, são investidos de novos significados, haja vista sua nova posição de objetos musealizados que desperta atenção.

Colocando-nos na condição de espectadores dos objetos que compõem esta sala, temos a impressão de ingressar num ambiente elaborado minuciosamente para compor uma imagem do titular como um bibliófilo. Ela é composta por estantes que seguem o mesmo padrão e exibem livros encadernados. Estes são os contornos de uma biblioteca invejável para os contemporâneos do titular na primeira metade do século XX, investimento de um homem público e bastante culto. Ele adquiria obras literárias e científicas, formando inclusive, um considerável acervo de periódicos.

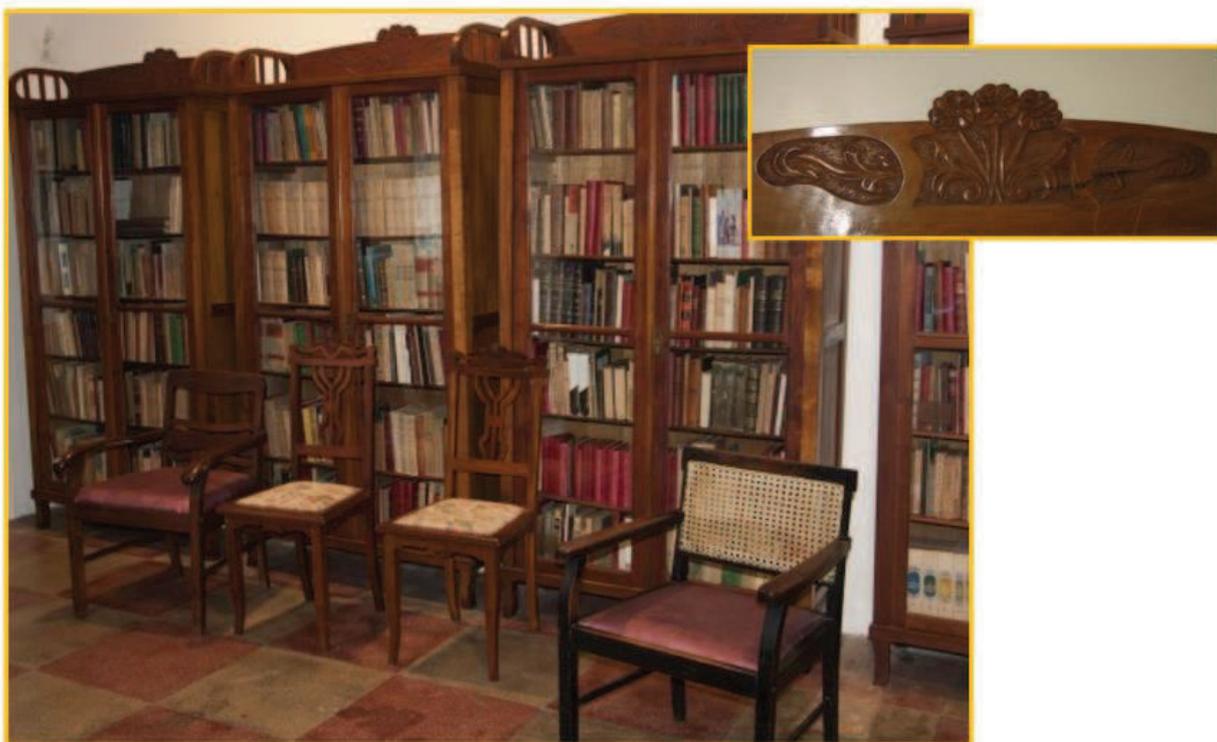
A família do titular partilhou entre os seus membros parte dos itens que compunham o arquivo, reconfigurando-o ao longo de aproximadamente cinquenta anos, processo anterior a doação feita em 2011 para a Universidade de Passo Fundo. No entanto, a família também procura alimentar este capital simbólico e social herdado, como comprova a doação do acervo, a participação de seu neto Nicolau Vergueiro Malheiros na entrega da Medalha Nicolau Araujo Vergueiro, etc.

Observando o acervo bibliográfico disposto na sala organizada pelo AHR, percebemos que ela difunde uma leitura da História nacional republicana, da posição social e influência política de seu titular. Os objetos desse acervo estão associados à memória familiar e, com a doação, se tornaram públicos.

Beauvoir (1990), Abreu (1996) e Bosi (1998) estudam objetos que remetem a biografia seja no modo privado ou coletivo, pois a memória possui ambas dimensões. A memória coletiva é, inclusive, ancorada na memória individual como demonstrou Bosi (1998) ao analisar as lembranças de pessoas idosas: “Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo”. (BOSI, 1998, p. 408-409).

A mobília que pertencia ao gabinete residencial de Vergueiro é formada por onze armários numerados, confeccionados sob medida. Feitos em madeira, com portas de vidro, os armários têm um detalhe de flores entalhado na parte superior. Cinco cadeiras, sendo um par com apoio para os braços, outro par sem apoio e uma cadeira avulsa, conforme a fotografia a seguir.

Figura 23 – Estantes livreiro



Fonte: AHR, fotografia elaborada pela autora.

No móvel que foi sua escrivaninha, ele redigiu correspondências de teor político, compôs suas memórias, leu jornais e livros, elaborou discursos, efetuou negócios, ou seja, produziu trabalhos intelectuais diversos e correlacionados. Por exemplo, efetuava as leituras de jornais e, após selecionar notícias ou artigos que lhe despertassem interesse, fazia recortes que identificava e armazenava no interior dos livros de sua biblioteca. Ou ainda, das leituras feitas, demarcou passagens que mais tarde auxiliaram-no, durante o processo de composição das memórias.

A escrivaninha a que nos referimos é a mesma que vemos na cena que retrata o político em seu gabinete (figura 22). Na figura 24, disposta a seguir, podemos observar o móvel na Sala de Acervos Privados do AHR.

Sobre a mesa estão expostos a placa de bronze que identificava o consultório do médico, os retratos de Jovina e do antigo proprietário, juntamente com uma luminária e uma máquina de datilografar.

Figura 24 – Escrivaninha



Fonte: AHR, fotografia elaborada pela autora.

A máquina de datilografar, da marca Continental, que vemos na figura 25, pertencia a Vergueiro.<sup>76</sup> Seu funcionamento era simples, no entanto o manejo exigia técnica. Ao apertar as teclas, hastes com letras em relevo tocavam uma fita, que imprimia as letras no papel. Isso permitia agilizar a escrita e a impressão, de modo simultâneo.

O equipamento representava importante ferramenta de trabalho intelectual. Para Vergueiro, vinculava-se a sua atividade política: redação de correspondências, discursos, documentos administrativos, emendas, pareceres, projetos e relatórios oriundos dos diversos mandatos, sobretudo, legislativos.

A aquisição de uma máquina de escrever, instrumento precursor do computador, não era acessível a todos. Nesse sentido, a mesma proporcionava distinção social e econômica, denotando a modernização e o progresso tecnológico.

---

<sup>76</sup> Há duas máquinas de datilografar, a segunda originalmente não integrava o acervo. A outra é um modelo portátil da marca Mercedes, tipo prima. A mesma possui as iniciais AK, pois pertencia a Arno Kiehl. Ele é o pai de Cláudio Nelson Kiehl, esposo de Maria Eugênia, bisneta de Vergueiro. Arno Otto Kiehl (1929-1983) destacou-se na comunidade passo-fundense pela atuação como pastor da Igreja Metodista e professor de Geografia. (MIRANDA; MENDES; 2011, p. 57).

Figura 25 – Máquina de datilografar



Fonte: AHR, fotografia elaborada pela autora.

Outro equipamento que não era facilmente acessível é a vitrola marca RCA Victor de que ele e seus familiares dispunham<sup>77</sup>. Acompanham a vitrola três álbuns, que acondicionam os 38 discos<sup>78</sup>. Esses discos, em geral, possuem apenas duas canções.

Figura 26 – RCA Vitrola



Fonte: AHR, fotografia elaborada pela autora.

<sup>77</sup> No vídeo anterior à demolição da residência da família observamos que a vitrola se localizava na sala de estar de Maria e Eugênio. Conforme Maria Canfild Malheiros, o aparelho foi adquirido por ela e seu esposo Eugênio, que ali habitavam.

<sup>78</sup> O item e vários discos contêm um selo que identifica o local onde foi adquirido: Casa Sonora Eleodoro Antunes. Este estabelecimento comercial localizava-se no entorno da Praça Marechal Floriano, número 545, em Passo Fundo.

O cofre com nome do proprietário na parte superior também integrava seu escritório. Desde a doação permanece fechado. Ele simboliza a riqueza, a condição financeira abastada. Além disso, o cofre se configura como um local específico para guardar documentos sigilosos ligados à sua atuação política.

Figura 27 – Cofre



Fonte: AHR, fotografia elaborada pela autora.

A sala está ornada com grandes retratos emoldurados do político, de seu filho e esposa. Há oito quadros nas paredes da sala, dois quadros com Jesus e Maria, cuja ilustração destaca a filiação católica da família, e que compunha elemento tradicional de decoração. Entre os retratos pessoais, temos um de Jovina, em formato oval e dois outros de Vergueiro, em perfil. Há ainda uma fotografia do filho Ruy, usando chapéu

Destacada moldura ostenta uma folha do *Jornal A Voz da Serra*, contendo homenagem para o político, datada de 07 de março de 1918. Nesse período o jornal publicava assuntos ligados ao PRR, no âmbito local. Notamos que existem várias cópias no arquivo. Por fim, também emoldurada, está uma fotografia em que Vergueiro lê uma correspondência, quiçá telegrama, na área interna de sua residência.

As imagens de Vergueiro, retratado em diferentes épocas, expõem a trajetória do homem público, conferindo-lhe ideia de constância e de identidade ao longo do tempo.

O arquivo contém, também, um conjunto de cuias.

Figura 28 – Cuias



Fonte: AHR

Como diz Vergueiro sobre seu anel ou seu tinteiro, numa reflexão que pode ser estendida a estes outros itens, os objetos perpassam a existência humana e são “testemunhas mudas”. No entanto, sua função já é suficiente para refletirmos sobre os objetos, que por sua vez, são como “esfinges portadoras de significados”. (ABREU, 1996, p. 26).

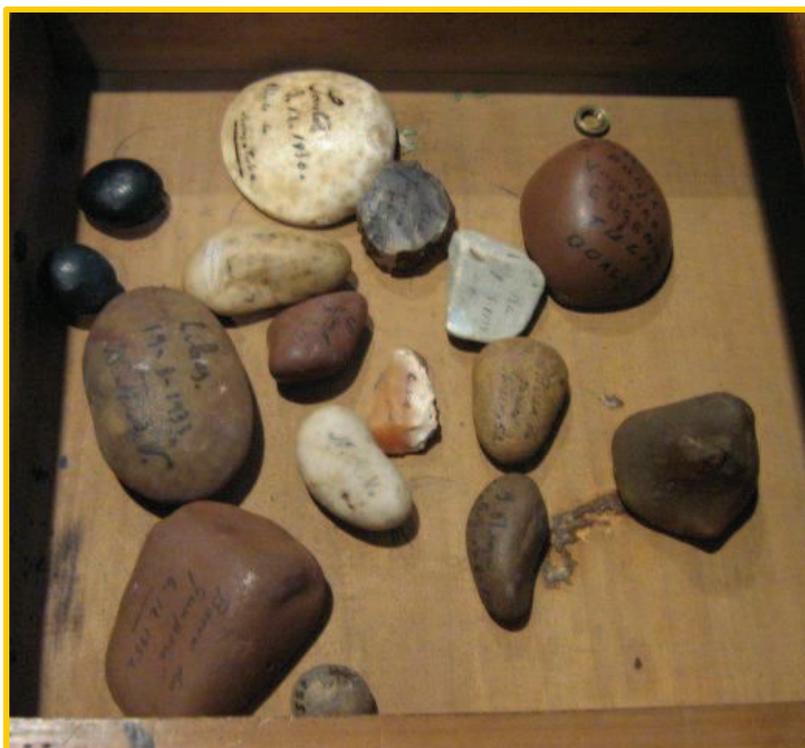
As cuias incorporadas ao acervo de Vergueiro são relativamente pequenas e, nos relatos de suas memórias, ele esclarece que preferia não compartilhar o mate. Segundo ele, isso decorria da preocupação com o contágio da sífilis e da tuberculose. Portanto evitava o uso comum do chimarrão<sup>79</sup>. Mas esses objetos permitem incursionar, também pela ideia de objetos semióforos. Uma das cuias possui as iniciais J. V. – João Vergueiro – na borda; a outra é decorada e, nela identificamos a caligrafia de Vergueiro, que registrou seu nome e o de Lagomarsino, na parte inferior da cuia, e na lateral “Avelaneda, 26 de outubro de 1933”. A terceira cuia, revestida, foi um presente recebido conforme a inscrição “Dr. N. V. ofertada por

<sup>79</sup> Todos os textos a seguir fazem menção ao costume de chimarrar e conversar: “65. Sifilíticos”, “72. Sem anestesia”, “87. Chá de rato”, “122. Saudoso amigo”, “203. Dois esclarecimentos”, “255. Ano Bissexto”, “273. Sífilis”.

F.S.”. Não identificamos quem o presenteou dessa forma, mas é possível conjecturar que se trata de alguém que lhe expressou gratidão: um paciente ou um membro do PRR local, talvez.

Entre os objetos biográficos guardado por Vergueiro, desperta a curiosidade um conjunto de pedras.

Figura 29 – Coleção de pedras



Fonte: AHR

As pedras, vistas na figura acima, datam de períodos bem diferenciados, todavia podemos afirmar que elas foram tomadas como semióforos, repositórios de memória para o titular do acervo. Ele as identificou com local e data, acrescentando as vezes nomes de pessoas relacionadas ao evento que desejava recordar com as pedras que selecionou. As mesmas se referem a fatos e locais que marcaram Vergueiro entre 1919 e 1953. Entre estes apontamos o autoexílio na Argentina, o nascimento da primeira bisneta, etc.

Quadro 2 – Informações sobre a coleção de pedras

Local	Data	Inscrição na pedra	Observações
Passo Fundo -RS	24 fev. 1919		
Casca -RS	1929		
Santos -SP	03 dez. 1930	Bordo do Araçatuba	Provável retorno a Passo Fundo, após a queda do avião da Companhia Condor. Ver “210. De avião, não” (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p.184-187)
Libres -Argentina	15 ago. 1933		Período no exílio, na madrugada para dia 16 Vergueiro narra sua experiência mediúnica na companhia de Oswaldo Palma. Ver “202. Uma noite no exílio” (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p. 145-156)
Libres- Argentina	19 ago. 1933	N. A. V.	Período no exílio
Rio Grande -RS	08 fev. 1934		Viagem de retorno do exílio
Rio de Janeiro -RJ	07 mar. 1934		Primeiro aniversário de Vergueiro após o retorno do exílio
Santa Thereza- RS			
Arroio Barra Mansa	17 ago. 1940		
São Borja -RS	12 jan. 1946	Vergueiro, Eugenio, Túlio, Odalgiro	
	1951		
Rio Jacuizinho – RS	20 fev. 1952		
Barra do Jacaré – PR	06 dez. 1952		
Barra do Guaporé –RS	06 dez. 1952		
	07 mar. 1953	Sandra	Aniversário de Vergueiro

Elaborado pela autora.

Entendemos que o colecionamento de pedras, devido a sua perenidade, pode ter adquirido sentido de controle do passado, das relações sociais e, também, da própria vida. Seu caráter duradouro pode indicar também a continuidade da trajetória, superação de situações em que percebeu que poderia morrer.

Assim, segundo sua compreensão, a vida seria uma rocha sob a qual desenvolvia-se a ação humana. No entanto, nem todas as pessoas seriam capazes de gravar algo nesta rocha, ou seja, de protagonizar algo capaz de evitar seu esquecimento pelas gerações futuras.

Em uma de suas “Notas íntimas” Vergueiro menciona o desejo perpetuar-se no mundo, deixar vestígios de sua existência na “rocha da vida”. Ele afirma o motivo pelo qual seria lembrado, mesmo que este não pudesse ser visto e, apenas sentido pois tratava-se dos benefícios que “como cidadão e como médico, hei distribuindo as mancheias entre ricos e

principalmente, pobres, sem cogitar da menor recompensa”. (VERGUEIRO, 1936, v.7, p. 1-3).

### 3.3 Acervo bibliográfico e apensos

Nicolau Vergueiro desenvolveu uma relação especial com os livros. Ele projetou uma imagem de bibliófilo e sua biblioteca sugere possibilidades instigantes de reflexão. As pesquisas de Schwarcz (2002), Gomes (2013) e Venancio (2015) incorporam reflexões sobre acervos bibliográficos. A primeira autora conta-nos a história da Biblioteca Real, que se manteve no Império e, atualmente corresponde a Biblioteca Nacional<sup>80</sup>. Enquanto as demais pesquisas, empregam outra metodologia, capaz de indicar quais foram as obras lidas e consultadas com maior frequência por intelectuais como Viriato Corrêa e Oliveira Vianna. Estudos como esses permitem verificar a circularidade das ideias, influências teóricas, preferências literárias e, principalmente, o processo de individuação dos intelectuais ou políticos. Outro aspecto é o estudo das sociabilidades, como vamos ver.

A metodologia de nossa pesquisa guarda semelhança com a empregada por Gomes (2013). No entanto, devido à ausência do arquivo e biblioteca de Viriato Corrêa, ela extraiu seus dados das crônicas colecionadas pelo também político e intelectual José Carlos de Macedo Soares. Assim, a partir das menções a outros autores e obras ou citações, ela procedeu a análise do processo de apropriação cultural do intelectual.

Quanto a pesquisa sobre Oliveira Vianna, a semelhança desta, examina o arquivo privado e a biblioteca. Venancio (2015) identifica representações que emergem da escrita de si de Vianna e de sua biblioteca que foi preservada, junto com a mobília e objetos do gabinete. As bibliotecas pessoais, como a de Vianna, inscrevem em seu acervo as preferências de leitura, a trajetória profissional e intelectual, além das práticas de escrita do proprietário. (VENANCIO, 2015, p. 160).

Vergueiro, como Vianna recebia muitos livros. Não foi possível precisar se também retribuía os livros que o presenteavam, mas orgulhava-se da sua biblioteca. Cremos que uma parcela significativa do acervo foi dispersada.

---

<sup>80</sup> Schwarcz (2002, p.33-34) relata que a Biblioteca Real adquiriu proporções grandiosas “aquinhoando o soberano português com a cultura necessária a qualquer monarca que se pretendia ilustrado, tornando-se uma “espécie de ícone da monarquia”. A história é contada resgatando os planos, utopias e projeções acerca desse precioso acervo: “[...] como se os livros fossem estratégicos e carregassem uma razão simbólica e um capital cultural dignos dos mais importantes negócios do Estado”.

Foram contabilizados o total de dois mil novecentos e sessenta e um títulos na biblioteca particular dos Vergueiro. A respeito desse acervo cabe explicitar que: quinhentos e sessenta e oito livros não contêm data de publicação; dois mil cento e oitenta e nove têm data anterior ao falecimento de Vergueiro; e, duzentos e quatro correspondem a impressos posteriores a 1957.

A biblioteca era um projeto para o qual Vergueiro dedicava grande parte de seu tempo.

#### 304. MINHA BIBLIOTECA

Venho há muitos anos, e pouco a pouco, organizando minha biblioteca. Em 31 de Dezembro de 1930, a mesma era constituída de 2.230 volumes, e na mesma data dos anos 1931, 1932, 1933, 1934 e 1935, respectivamente de 2500, 2630, 2754, 2926 e 3094. Hoje, último dia de 1936, já está com 3.265.

Estão distribuídos em 11 armários numerados. Tenho um catálogo geral por ordem alfabética.

Muitos são os livros que possuo com dedicatórias de pessoas amigas, entre as quais registro: [...]. (VERGUEIRO, 1937, v. 8, p. 52-57).

Tomando essa informação do titular, referente ao total de obras em 1936, é possível afirmar que os números atuais não correspondem a dimensão da biblioteca constituída ao longo da sua trajetória. O total de exemplares atingido em 1936 é superior ao doado em 2011, sem considerar novas publicações incorporadas ao longo dos vinte anos subsequentes. Esta oscilação do número de exemplares deve-se a doações anteriores feita para a Universidade de Passo Fundo e, também, as retiradas pelos familiares. Portanto, parte deste acervo bibliográfico está disperso.

Localizamos no AHR uma publicação de 1933, cujo autor é Floriano de Lemos – **Direito de Matar e Curar**. O livro, adquirido em 1934 por Vergueiro, contém sua assinatura, e, logo abaixo, o carimbo da Biblioteca Central da UPF. Essa obra, registrada sob o número 9420 no acervo durante o ano de 1961, inteirava a doação de livros da biblioteca particular, em prol da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo – SPU. Esta entidade visava oferecer o curso de Medicina, além do curso de Direito já em funcionamento. Para a autorização do novo curso, requisitava-se a constituição de um acervo com mais títulos, especialmente na respectiva área do conhecimento, o que motivou a família a realizar a doação de livros nas áreas do direito e da medicina.

Foi conservado em seu arquivo pessoal o catálogo manuscrito das obras que possuía em 1937 e, outro datado de 1951, em meio a outras listas sem data. Os livros estão registrados pelo critério do nome dos autores, em ordem alfabética, seguidos dos títulos, informação sobre a encadernação, ano e quantidade de exemplares. Nas páginas centrais apartados do índice, ele registrou os títulos de teses e publicações feitas por médicos. Atualmente esta parte

da biblioteca está dispersa. Muitos livros estão na seção de obras raras da UPF, que não possui catalogação. Outros permanecem na rede de bibliotecas da instituição. E, ainda há alguns que integram a biblioteca do AHR. Mas, provavelmente, devido a mudanças na política de preservação adotada pela universidade, houve um descarte.

Uma das particularidades dessa biblioteca é a datação nas obras. Na medida em que eram adquiridas, o titular assinava a maioria dos exemplares, discriminando o local e a data de aquisição. Outra, ainda mais relevante, é seu caráter de arquivo, pois, na medida em que abrimos os volumes nos deparamos com recortes de jornais, englobando assuntos como da obra e da trajetória dos autores, como veremos o exemplo nos livros de Stefan Zweig.

Este acervo bibliográfico revela alguns aspectos das práticas de sociabilidade do seu proprietário, como indica o arranjo inserido nas memórias sob a inscrição “304. Minha biblioteca”, e o rol dos livros com dedicatórias presente no catálogo de 1951. São apontados autores ou pessoas que o presentearam com livros e dedicatórias.

Elencamos os nomes desses indivíduos ou autores, estabelecendo seu vínculo com Vergueiro, seja profissional, político ou familiar. Em seguida, verificamos a existência de livros de sua autoria na biblioteca, com a finalidade de consultar o conteúdo das dedicatórias. A relação de 1936, inclusa nas memórias, possui oitenta e nove nomes. A relação posterior é mais ampla, nela constando cento e vinte e duas pessoas. Entretanto, não podemos afirmar que são apenas complementares. Alguns indivíduos incluídos no primeiro arrolamento não constam no segundo<sup>81</sup>, entre eles o filho e o genro do titular.

Desse exercício resultou a seguinte tabela:

---

<sup>81</sup> São os seguintes: Alberto Ruschel, Alcides Moreira Pereira, Amador Bueno de Araujo, Amandio Sobral, Anísio S. Teixeira, Antônio Reis, Armando Araujo Annes, Armando Barros Cassal, Aurélio Porto, Clarimundo Flores, Fernando Carvalho, Honorino Malheiros, J.B. Andreatti, Monteiro Lobato, Olympio Rocha, Ruy Vergueiro, Telemaco Pires, Ulysses Nonohay. E, também há um nome repetido: Fredolino Prunes.

Tabela 1 – Livros da biblioteca de Vergueiro com dedicatórias

Nome	Vínculo, formação, profissão	Título e ano da Publicação oferecida	Ano de publicação dos demais livros	Total livros do autor
Abel Caminha	Irmão de Honorino Malheiros, auditor			0
Ademar de Barros	Político, médico		1936, 1948	2
Adroaldo Mesquita da Costa	Político, concunhado, promotor, professor	<b>Discurso</b> , 1948	1936, 1937, 1940, 1948, 1966, 1968, 1969, 1972, 1973 (2)	11
Afonso de Carvalho	Escritor	<b>Caxias</b> , 1940; <b>Rio Branco</b> , 1945		2
Agostinho Monteiro	Médico, escritor, político	<b>A real situação do Brasil</b> , 1946	1946	2
Alberto Ruschel	Diretor, ator, escritor			0
Alcides Moreira Pereira	Médico			0
Alfredo Paiva e Mello	Escritor	<b>Memorial descritivo e justificativo</b> , 1916		1
Álvaro de Alencastre	Escritor, militar	<b>O Rancho</b> , 1931; <b>A vida militar em um romance, Fantasias e quadros pampeanos</b> , Ruy, 1933 (3)	s/d	5
Alzira Bastos	Filha de Gabriel Bastos			0
Amador Bueno de Araujo	Político, primo	<b>NASCIMENTO, Diretivas constitucionais</b> , 1932		
Amandio Sobral	Bacharel em direito, historiador, sociólogo, etnógrafo	<b>Contos Exóticos</b> , 1934		1
Anísio S. Teixeira	Jurista, professor, escritor	<b>O problema brasileiro de educação e cultura</b> , 1934; <b>A função das universidades, Educação pública</b> , 1935 (2) (carimbos da universidade e cumprimentos)		3
Annibal Falcão de Barros Cassal	Escritor, político			0
Anor Butler Maciel	Juiz, político	<b>Aspectos legais da energia elétrica</b> , 1948	1939	2
Antero Leivas	Político, promotor	<b>A aposentadoria dos ferroviários</b> , 1949		1
Antônio Augusto Borges de Medeiros	Político, advogado	<b>O poder moderador na república presidencial</b> , 1933	1935	2
Antônio Carraro				0
Antônio da Costa e Silva	Escritor	<b>Discurso</b> , 1924		1
Antônio Fontoura Ilha	Professor	<b>Gramática portuguesa</b> , 1928; <b>Breves noções de aritmética commercial</b> , 1929		2
Antônio Reis	Bispo	<b>Primeira Carta Pastoral</b> , 1931		1
Ariosto Pinto	Político, juiz	<b>Pelo Rio Grande do Sul e suas instituições políticas</b> , 1929		1

Nome	Vínculo, formação, profissão	Título e ano da Publicação oferecida	Ano de publicação dos demais livros	Total livros do autor
Arlindo Luiz Osorio	Professor, escritor			0
Armando Araujo Annes	Político, bancário, primo	PELLANDA, A <b>colonização germânica no Rio Grande do Sul</b> , 1925		0
Armando Barros Cassal	Escritor, membro do PRR	<b>Canção das nações aliadas</b> , 1916		1
Armando Salles de Oliveira	Político	<b>Jornada democrática</b> , 1937	1936, 1939	3
Armando Silveira	Bacharel em direito	<b>O caso eleitoral de São João do Camaquam</b> , 1929		1
Armando Torres de Vasconcellos	Médico			0
Arthur Ferreira Filho	Político, escritor, historiador	<b>Legendas do Rio Grande</b> , 1950		1
Aureliano da Fonseca	Médico, professor, escritor			0
Aureliano Leite	Advogado, político, escritor	<b>Episódios do exílio</b> , 1938; <b>Pequena história da casa verde</b> , 1940	1924, 1929, 1935 (2)	6
Aurélio de Lima Py	Médico, professor		1929	1
Aurélio Py	Major		s/ d	1
Aurélio Porto	Político, escritor, historiador	<b>Influência do caudilhismo uruguayo no Rio Grande do Sul</b> , 1929	s/ d	2
Balthazar de Bem	Médico, colega de faculdade, político (PRR)			0
Belisário Penna	Médico, escritor	<b>Saneamento no Brasil</b> , 1923; <b>Passado, Presente e Futuro do Rio Grande do Sul</b> , 1928	1921, 1923	3
Benedicto da Costa Netto	Político, escritor	<b>Estatuto do Petróleo</b> , 1948	1949	2
Bento Munhoz da Rocha Neto	Engenheiro, professor, escritor, político	<b>Uma interpretação das Américas</b> , 1948		1
Bernardino da Silva Lapa	Engenheiro	<b>Carvão do Brasil</b> , 1949		1
Buenaventura Caviglia Hijo	Advogado, político	<b>Etimos Montevideo</b> , 1932; <b>Gaucho de Garrucaho</b> , 1933; <b>La difusion del bovino</b> , <b>Farrapos</b> , 1935 (2); <b>Algunas noticias sobre el marechal Diogo Funck</b> , <b>La devocion de Gomes Freire de Andrada a Santa Teresa em "jubilos da America"</b> , 1937 (2), <b>Discurso en Lima</b> , 1942, <b>Glosas de mayo</b> , 1943; <b>Dios guarde al rey</b> , 1944	s/d	10
Camilo Martins Costa	Político	<b>As atribuições da Assembleia Legislativa</b> , 1937		1
Cezar Santos	Médico, político			0

Nome	Vínculo, formação, profissão (PTB)	Título e ano da Publicação oferecida	Ano de publicação dos demais livros	Total livros do autor
Cezar Vergueiro	Advogado, político, primo	<b>CENTRO ACADÊMICO XI DE AGO.</b> , 1934		0
Cincinato Braga	Político, companheiro no exílio	<b>Sêccas do Nordeste e reorganização econômica</b> , 1919; <b>Discursos, Trabalhos na Constituinte de 1934</b> , 1935 (2)	1931(2), 1934	5
Clarimundo Flores	Jornalista, companheiro no exílio			0
Crepory Franco	Advogado, político	<b>A política econômica do café</b> , 1944		1
Daniel Faraco	Político (PSD), escritor			0
Darcy Gross	Político	<b>KLINGER, Ortografia simplificada brasileira</b> , 1948		
Dionysio Cabeda Silveiro	Médico, cunhado			0
Djalma Forjaz	Biógrafo do Senador Vergueiro			0
Egysto Strata Filho	Político (PSD)			0
Enéas Pires Ferreira				0
Estevão Cruz	Escritor, professor	<b>Do grito, à palavra</b> , 1931; <b>Compêndio de Filosofia</b> , 1932		2
Euclides Cunha Lopes	Médico			0
Eurico Araujo	Médico			0
Fausto Freitas e Castro	Advogado, político, escritor	<b>Alguns trabalhos parlamentares</b> , 1950	1943 (2), 1947	4
Fernando Carvalho	Médico			0
Francisco Antonino Xavier e Oliveira	Advogado, político, escritor		1929	1
Francisco Benoni	Médico			0
Francisco de Leonardo Truda	Político, jornalista	<b>O crédito agrícola no Brasil</b> , 1937 (cartão de cumprimento)		1
Francisco de Paula Lacerda Almeida Jr.	Advogado, amigo			0
Francisco de Paula Leite e Oiticica Filho	Advogado, político		1946	1
Frederico Curio de Carvalho	Político			0
Frederico De Marco	Médico			0
Frederico Falk	Médico, professor			0
Frederico Westphalen	Engenheiro, político (PRR)			0
Gabriel Bastos	Comerciante, político (PRR)	<b>Da mocidade à velhice</b> , 1944, <b>A Atlantida</b> , 1948,		2

Nome	Vínculo, formação, profissão	Título e ano da Publicação oferecida	Ano de publicação dos demais livros	Total livros do autor
		<b>GUMPERT, Você é mais moço do que pensa, 1946</b>		
Gabriel Miranda	Médico	<b>Jornadas médicas regionais, 1940</b>		1
Geraldino Xavier	Médico, amigo			0
Gilberto Freyre	Sociólogo, escritor, político	<b>Joaquim Nabuco, O camarada Whitman, 1948</b>	<b>Ingleses no Brasil, 1948, 1949, 1951 (2)</b>	5
Guaracy Silveira	Padre protestante, político	<b>Lutero, Loiola e o totalitarismo, 1943</b>	1949	2
Heitor Annes Dias	Médico, político, professor	<b>Dois discursos magistrals, 1946</b>		1
Henrique Giordano	Médico			0
Honorino Malheiros	Jogador de futebol, notário, genro			0
Hyran Bastos	Comerciante, primo	<b>FREYRE, Sobrados e mucambos, 1951;</b> <b>BARBOSA, Primores, 1932</b>		0
Ibanez de Verney	Médico			0
Ildefonso Simões Lopes Filho	Político, advogado	<b>Opinião pública e ditadura, 1927; O partido libertador, 1928;</b> <b>Defendendo meu pai, 1930;</b> <b>Defendendo meu pai, 1935</b>	1926, 1929, 1930	7
Irineu Torres de Vasconcellos	Médico			0
Ivo Barbedo	Médico, amigo			0
J. B. Andreatti	Médico			0
Jaime Poggi	Médico			0
João Baptista Luzardo	Político, advogado, médico, companheiro no exílio	<b>FARIA CORREA, Serro Alegre, 1933</b>		0
João Neves da Fontoura	Político, advogado, companheiro no exílio	<b>Por São Paulo e pelo Brasil, 1928 (com carta);</b> <b>DESBARROLLES, Les mystères de La Main, 1933</b>	s/d (2), 1931, 1932(2), 1933, 1937 (2), 1946, 1948(3)	13
Joaquim [José] de Oliveira	Médico			0
Joaquim Luiz Osório	Político (PRR), juiz	<b>O regimen presidencial, 1915; Plano de uma constituição política, 1931</b>	1930	3
Jorge Guedes	Professor			0
Jorge Vergueiro Silveiro	Médico, sobrinho	<b>DEBAY, Histoire des sciences occultes, 1860</b>		0
José Augusto Bezerra de Menezes	Político, advogado, professor			0
José Fabies Lubianca	Médico, professor			0
José Fredolino Prunes	Político (PRR)			0
José Grimberg	Médico			0
José Hecker	Médico			0
José Luiz Guedes	Médico			0

Nome	Vínculo, formação, profissão	Título e ano da Publicação oferecida	Ano de publicação dos demais livros	Total livros do autor
João Maia	Coronel	<b>A independência</b> , 1922		1
José Margenat	Farmacêutico			0
José Maria de Melo	Médico, professor, político	<b>Enigmas populares</b> , 1950		1
Julio Hecker	Médico			0
Leopoldo Villanova	Engenheiro, político (PRR)			0
Luis Gonzaga Novelli Júnior	Médico, professor, político (PSD)	<b>Não era a estrada de damasco</b> , 1948		1
Luiz Ascendino Dantas	Escritor, político	<b>Ligeiro esboço biográfico da novel regente Joanidia Sodr�e</b> , 1930		1
Luiz Vianna Filho	Advogado, professor, político, historiador	<b>A l�ngua do Brasil</b> , 1936		1
Mac�rio de Almeida	C�nego			0
Manoel Duarte	Político, advogado, escritor	<b>No planalto, Humildes</b> , 1930(2); 1932(2), <b>Solil�quios nacionalistas</b> , 1937; <b>Brasileiro e Brasilense</b> , 1940; <b>Prov�ncia e Na�o</b> , 1949; <b>Silveira Martins desconhecido</b> , 1950; <b>Di�logos, de longe</b> , 1951	1934, 1950	11
Manoel Joaquim Faria Correia	Escritor, historiador, militar	<b>P�tria</b> , 1918, <b>Rumo aos pagos</b> , 1925		2
Manoel Maia				0
Maria Vergueiro Malheiros	Filha			0
Marta Vergueiro Silveiro	Sobrinha			0
Monteiro Lobato	Escritor, promotor, fazendeiro	<b>O esc�ndalo do petr�leo</b> , 1936	s/d, 1919 (2), 1920 (2), 1921, 1926, 1931, 1932, 1933	11
Nicolau Cristaldi	Advogado	<b>Discrimina�o de terras e transcri�o de t�tulos</b> , 1918		1
Oct�cio Lopes	Representante comercial			0
Oct�cio Pereira	Engenheiro, escritor	<b>Erro de orienta�o das Constru�es Ferrovi�rias no Brasil</b> , 1936 (2), <b>A autonomia das estradas de ferro do Brasil</b> , 1937		3
Oct�cio Vieira da Costa	Político, advogado,	<b>Anita Garibaldi</b> , 1949; <b>Discurso</b> , 1950		2
Oct�vio da Silveira	Médico, político (PSD)	<b>Raz�es finais de defesa</b> , 1937		1
Octavio Mangabeira	Engenheiro, professor, político	<b>Dois anos de governo</b> , 1949	1956	2
Odilon Berendt de Oliveira	Médico, militar			0
Odilon Lima	Escritor, contador			0

Nome	Vínculo, formação, profissão	Título e ano da Publicação oferecida	Ano de publicação dos demais livros	Total livros do autor
Crossetti				
Olympio Rocha				0
Oscar Cezar	Coletor federal			0
Othelo Rosa	Escritor, político, promotor, historiador	<b>Pinheiro Machado</b> , 1951	1925, 1927, 1928, 1929, 1931 (2), 1933, 1935	9
Otto Prazeres	Político, escritor	<b>A presidência da república</b> , 1922; <b>O ouro, motor político</b> , 1936	1923	3
Paulo Pinto da Rocha		<b>Talitha</b> , s/d	s/d, 1919	3
Pedro Alexandrino de Borba	Médico, colega de faculdade			0
Pedro de Moraes Forjas	Engenheiro, empresário	<b>Justiça e patriotismo Srs. políticos!</b> 1947		1
Pedro Silveira Avancini	Político			0
Pedro Vergara	Advogado, político, escritor	<b>Das circunstâncias agravantes</b> , 1948; <b>Da legítima defesa subjetiva</b> , 1949; <b>Discurso do paraninfo dr. Pedro Vergara</b> , 1950	1929	4
Procópio Duval Gomes de Freitas	Político	<b>Partido Social Democrático</b> , 1952		1
Renato Barbosa	Médico, político, professor			0
Renato Kehl	Médico, escritor	<b>Livro do Chefe de família</b> , 1930	1938	2
Roque Callage	Escritor	<b>Rincão</b> , 1921	1914, 1920, 1923, 1930	5
Ruy Vergueiro	Filho, notário, político			0
Sabino Arias	Médico			0
Telemaco Estivelet Pires	Médico			0
Tenack Wilson de Souza	Médico, político			0
Theodomiro Porto da Fonseca	Político	<b>Autonomia dos municípios</b> , 1946		1
Tristão Ferreira	Médico, farmacêutico		1958	1
Túlio Fontoura	Jornalista, político (PSD)			0
Ulysses Nonohay	Médico, colega de faculdade	<b>Saneamento do Rio Grande do Sul</b> , 1929		1
Urbano B. dos Santos	Bacharel em direito, político	<b>Discursos</b> , 1928		1
Vicente Piragibe	Desembargador, escritor, político	<b>Infância abandonada e delinquente</b> , 1937 (cartão de cumprimento)		1
Victor Russomanno	Médico, político, professor,	<b>História constitucional do Rio Grande do Sul</b> , 1932; <b>A revolução dos farrapos</b> , 1935		2

Nome	Vínculo, formação, profissão	Título e ano da Publicação oferecida	Ano de publicação dos demais livros	Total livros do autor
Waldemar Niemayer	Médico			0
Waldo Nunes Vieira	Jornalista, funcionário público, político (PSD)			0
Walter Ghezzi	Médico			0
Xavier de Oliveira	Professor, político, médico	<b>Redivisão política e territorial do Brasil, 1946</b>		1

Fonte: Elaborado pela autora

A análise dos dados apresentados pela tabela demonstra que dos cento e quarenta e quatro indivíduos que ofereceram livros ao personagem em foco, a maior parte, cerca de sessenta nomes, são de políticos parlamentares ou do grupo de apoio local; seguidos dos trinta e cinco médicos; dezesseis escritores, treze parentes e amigos; bem como catorze outros profissionais. Além disso, não foi possível identificar o vínculo entre Vergueiro e seis pessoas que figuram na lista.

Outro ponto a ressaltar é a ausência de publicações dos pares médicos, o que é explicado considerando a referida doação para a SPU. Igualmente, houve dificuldade em localizar os volumes com dedicatórias de parentes e amigos, pois os livros presenteados não são dos autores.

A biblioteca foi um investimento importante para Nicolau Vergueiro sob dois aspectos: a erudição e a sociabilidade. Considerando o segundo aspecto, lembramos que as sociabilidades masculinas dominavam o espaço público. Nelas predominavam normas de discrição, cordialidade, etiqueta e zelo pela relação. (TEDESCO, 2006, p. 194). Assim, Vergueiro ganhou inúmeros livros, dos próprios autores, contendo dedicatórias, que passaram a fazer parte de seu acervo. A consulta a essas dedicatórias nos permite afirmar que grande parte delas concerne a atividade parlamentar, discursos e estudos sobre diferentes propostas e problemas brasileiros. Parte significativa dessas publicações é oriunda da divulgação de práticas políticas de diferentes deputados federais e de membros do PSD. O fato de receber e dispor estes livros no seu acervo não indica que Vergueiro tenha se apropriado do conteúdo. Entretanto, expressa a cordialidade entre Vergueiro e seus pares, que manifestaram reconhecimento à sua condição de bibliófilo e erudito. A leitura dessas dedicatórias indica trocas entre iguais, admiração e respeito pela liderança política, ou ainda amizade.

**O poder Moderador na República Presidencial**, título da publicação de Borges de Medeiros contém, inclusive uma dedicatória para Vergueiro, registro feito durante o seu

exílio: “Ao prezado amigo e valoroso companheiro Dr. Nicolau Vergueiro cuja sobrançeria ainda é digna da sincera admiração, homenagem afetuosa do autor. Recife, 16-11-1933”. Em acréscimo, dentro dele encontramos recortes diversos: relacionados ao conteúdo da publicação, retrato do autor, nota sobre a anistia concedida para os revolucionários de 1932, lista dos deputados que votaram nele durante a eleição indireta para presidência do país, cédula eleitoral de 1934 e, a crônica “Um velho moço”, homenagem prestada por Raul Pilla.

Do mesmo modo, Vergueiro possui um livro oferecido por João Neves, no período do exílio de ambos, na Argentina: “Ao caro Vergueiro para que decifre-o nessa publicação com as linhas mediúnicas do nosso caro companheiro Oswaldo Palma. João Neves”. Na página seguinte Vergueiro acrescentou “O Neves esqueceu-se de datar. 19-9-1933 Dr. Vergueiro. Buenos Aires”<sup>82</sup>.

O acervo conta com catorze livros de João Neves. Um deles **Por São Paulo e pelo Brasil** contém um artigo sobre a posse dele na Academia Brasileira de Letras e, ainda, uma carta que remeteu a Vergueiro, em 1928, comentando a possibilidade da eleição de Vergueiro para a Presidência da Assembleia dos Representantes e, ainda, para o mandato de deputado federal.<sup>83</sup>

Outro companheiro de exílio que escreveu-lhe dedicatória foi Baptista Luzardo. Ela está no livro de S. Faria Corrêa **Serro Alegre** (Revolução rio-grandense de 1932). Lê-se: “Ao Nicolau Vergueiro, querido e interessante companheiro de exílio, esta lembrança que encerra, não sob esforço material, porém, sob o moral, uma nova epopeia, que não deslustrem as de 35. Passo de Los Libres, 28 Agosto 933. Baptista Luzardo”.

Esse modo de arquivar documentos entre os volumes do acervo bibliográfico, seja por causa dos autores ou do conteúdo, exprime a identidade do titular do acervo. Trata-se de escritores e temas com os quais se identifica na medida que despertavam seu interesse, curiosidade ou fazem parte do repertório de conhecimentos.

Diferentemente, há outros livros de contemporâneos aos quais Vergueiro pouco ou nada acrescentou, contendo apenas o retrato, incorporando, às vezes, notas de imprensa sobre o conteúdo da publicação, a trajetória ou o falecimento do autor ou um simples oferecimento. Inúmeras vezes, o ato de presentear Vergueiro com um exemplar indica apenas a cordialidade entre pares.

<sup>82</sup> DESBARROLLES. **Les mystères de La Main**. Paris: Garnier, [s.d.].

<sup>83</sup> NEVES, João. [Carta manuscrita, duas folhas]. 14 de março de 1928. [para] Nicolau Araujo Vergueiro. Localização: Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR). Interior do livro: NEVES, João. **Por São Paulo e pelo Brasil**. 2.ed. [s.l.: s.e., s.d.].

Mantidos como forma de sociabilidade, os livros exprimem a identidade do autor na medida que permitem estabelecer diferentes tipos de relações: políticas, familiares, profissionais, etc. Todavia, como evidenciou-se, no caso desses presentes recebidos de companheiros do exílio, foi o modo encontrado para expressar laços de afeto, gratidão e reciprocidade. A identidade de Vergueiro é expressa nesses documentos, pelo modo como os outros o percebem e descrevem-no. Presentear com um livro é um modo de valorizar os vínculos interpessoais. Tal suporte material é um meio capaz de manter vivas as experiências conjuntas.

Logo que retornou do exílio, Vergueiro adquiriu um exemplar, “**Na antevéspera: reações mentais dum ingênuo**”, da autoria de Monteiro Lobato (1933). O livro adquirido em 16 de fevereiro de 1934, recebeu a seguinte inscrição:

Adquiri este livro logo que regressei ao Brasil, depois de cerca de um ano de exílio na Argentina, por questões políticas do meu País. Exílio! ... O exílio nos proporciona profundas e lentas horas de meditação e de tristeza, intermináveis dias amargos, em que a saudade da Pátria, da Família e dos Amigos caustica e queima lentamente como o sol no Sahara. Nessas ocasiões, como é boa a leitura de certas obras cheias de sadio otimismo, de esperança consoladora e de fé irredutível. A propósito lembro os livros de Marden e de Pauchet... Rio, 21 mar. 1934. Vergueiro

Vergueiro cita Marden<sup>84</sup>, autor que ele admirava. No acervo bibliográfico do político localizamos onze títulos de Orison Swett Marden: **O corpo e o espírito, A alegria vitoriosa, As harmonias do bem, O sucesso pela vontade, Os Milagres do amor**, publicações de 1924; **A atitude vitoriosa, A influencia do optimismo e da alegria na saude fisica e moral, A mulher e o lar, O crime do silêncio**, estes de 1925; **A prima da vida** (1926); **A marcação do lugar na vida** (1927).

Segundo Marden o sucesso pode ser alcançado pela via do autoconhecimento, como vemos no fragmento de um discurso de Vergueiro: "E, para terminar, Srs., eu vos direi com Marden, nas "Harmonias do Bem": "Ninguém, antes de ser posto à prova, pode calcular do que é capaz"; e "Quando surge uma necessidade, há dentro de nós uma força que responde ao apelo". (VERGUEIRO, 1935, v.5, p. 67-80).

---

<sup>84</sup> O inglês Orison Swett Marden (1848-1924) formou-se em medicina, foi homem de negócios e escritor, bem-sucedido. PALANDI, Eduardo. Prefácio. In: MARDEN, Orison Swett. **Como alcançar o sucesso**. São Paulo: Rai, 2011. p. 4-7.

Embora Pauchet<sup>85</sup> seja conhecido pelos estudos de anatomia, nem todos seus livros versavam sobre essa temática, pois dissertou também sobre desenvolvimento pessoal, autoconhecimento e fé nas seguintes obras: **O caminho da Felicidade** (1929) e **Soyez Optimiste** (1933). O conteúdo destas obras, localizadas na biblioteca de Vergueiro, inclusive, foi tomado como referência pelo seu proprietário: "Com vontade, paciência e energia, trinômio de Victor Pauchet, no Soyez optimiste, salutar conselho de que nunca me esqueço, principalmente nos momentos difíceis da minha vida, tudo se consegue e tudo se vence". (VERGUEIRO, 1935, v. 4, p. 1-64).

Registros escritos como este, dedicatórias e coletâneas de jornais arquivados, indicam a sociabilidade do autor e a amplitude de suas redes de relações. Elas fornecem dados aos pesquisadores para mapear a aquisição das obras, obter informações sobre eventos da vida do sujeito, acerrar-se do processo de apropriação cultural, compreendendo os usos que o titular do acervo fez dessas leituras nos seus escritos, inclusive observando as relações estabelecidas entre os livros e documentos armazenados de forma contígua.

Uma importante função da biblioteca, para seu proprietário, foi ser, repositório de memórias pelo acesso às vivências coletivas, conforme o exemplo. A biblioteca é, então, parte do arquivo. Cada livro pode conter um conjunto de informações sobre o autor ou obra. Vergueiro, como titular, não escolhe fortuitamente o que arquivar. Os documentos são recolhidos segundo critérios que seguem um padrão: a trajetória exemplar dos homens de letras ou dos grandes homens; sua incorporação ao “panteão da história nacional”; e notícias que correspondem a totalidade da obra, ou seja, pelo valor literário.

Sob outro aspecto a biblioteca caracteriza-se como parte do arquivo e repositório: ao efetuar leituras, Vergueiro estabelecia relações entre as mesmas e suas vivências, rememorando-as. Isso é postulado, claramente, na interação entre excertos de Gilberto Freyre (1948), enumerados em **Os ingleses no Brasil** e anotações do proprietário do exemplar, grafadas em 1949. Nos parece que essas anotações, posteriores a redação das “Notas íntimas”, complementam-nas, na medida em que trata do contato com os ingleses. Como veremos, as memórias abrangem o contato com descendentes de diversas etnias, mas as reminiscências do titular sobre esse grupo só emergem, posteriormente, enquanto ele lê este livro de Freyre. Selecionamos uma passagem, em que ele assinala sua relação com Lindolfo Collor. A seguir lemos o trecho assinalado durante a leitura e, na sequência, o que Vergueiro escreveu:

---

<sup>85</sup> Victor Pauchet (1869-1936) foi médico cirurgião, professor da Faculdade de Medicina em Paris e escritor. Ele publicou vasta obra sobre anatomia, anestesia e cirurgia. Ele correspondeu-se com um amigo, chamado Alphonse Marie Edmond Pavie, que residia no Brasil. (GUSMÃO, 2002).

O mérito dos políticos triunfantes em 30 foi o de terem encontrado na capacidade germânica de trabalho e no gosto francês de síntese de Lindolfo Collor o homem ideal para sistematizar o que havia de disperso e vago sobre um assunto já desvirginado por homens do Império e, principalmente, da Primeira República, acrescentando-lhe novas leis, algumas aliás inadaptadas ao meio ou às condições brasileiras. Foram essas leis, sistematizadas e ampliadas por Collor, que deram à presidência, e depois à ditadura Getúlio Vargas [...] a popularidade, ultimamente em declínio. (FREYRE, 1948, p. 123).

Pg 123 – 14 – Aplaudo, sem reservas, o elogio do autor ao Dr. Lindolfo Collor, falecido, ainda moço e há poucos anos, aqui no Rio de Janeiro, de uma pneumonia, quando era desconhecida a penicilina. Lindolfo Collor, prezado amigo meu, colega na Assembleia do Estado do Rio Grande do Sul e na Câmara Federal, era um brasileiro notável: grande cultura, grande inteligência, grande capacidade de trabalho e tenho, para mim, que foi o maior jornalista do Brasil. Foi meu companheiro de exílio, em Buenos Aires, no ano de 1933 e começo de 1934. Deixou muitos discursos, conferências e livros, dos quais destaco: A Revolução Farroupilha, Europa e Final dos tempos. Foi diretor do jornal A Federação, em Porto Alegre, que guarda em suas colunas, os seus admiráveis trabalhos. Paz à sua alma.

Neste excerto, ele faz referência ao exílio e a morte, que é uma temática amplamente configurada pelas coleções no interior de algumas obras, como vamos ver a seguir.

Por vezes, o manuseio de obras de uma biblioteca constituída em foro privado pode nos surpreender, como na obra de Freyre (1948), em que Vergueiro anexou anotações. Da mesma forma, que manuseando uma obra avulsa, encontramos recortes evidenciando que, independentemente da dissolução do PRR em 1937, Vergueiro continuou a expressar admiração por Júlio de Castilhos. A afirmação se baseia nos recortes de jornais guardados no interior do livro **Júlio de Castilhos, escritos políticos com perfil biográfico**, de Othelo Rosa<sup>86</sup>, impressa no ano de 1953, quando foi comemorado o cinquentenário dessa morte. Arquivamentos semelhantes no interior das obras da biblioteca são recorrentes, como nos casos da biografia do Duque de Caxias, escritos por Affonso Carvalho, ou em publicações de políticos, literatos e filósofos.

Em meio as doze publicações de Ruy Barbosa, identificamos muitos recortes de jornais, sobretudo de 1949. A maioria das publicações, corresponde a ilustrações de documentos, frontispícios de livros, fotografias, etc. relacionados ao centenário do político<sup>87</sup>.

A biografia de Duque de Caxias contempla homenagens póstumas prestadas no Brasil, juntamente com a comemoração ao dia do soldado. Os recortes são oriundos de periódicos

<sup>86</sup> FERREIRA Filho, Arthur. Comemoram hoje o Rio Grande e o Brasil o cinquentenário da morte de Castilhos. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 24 out. 1953. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 24 out. 1953, p. 4. *Revista da Semana*. 15 set. 1953.

<sup>87</sup> Jornais *A Manhã*, Rio de Janeiro; *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, de Porto Alegre.

bastante variados especialmente de circulação na Capital Federal e na Capital Gaúcha: *Diário da Noite, A Noite, O Globo, O Mundo, Correio da Manhã, O Jornal* do Rio de Janeiro; *Diário de Notícias e Correio do Povo*, de Porto Alegre, todos publicados em 1949. As solenidades aludiam ao patrono do Exército, também grão mestre da maçonaria brasileira, cujo corpo foi exumado e os despojos trasladados na ocasião.

Distinguem-se o conjunto da obra de Catulo da Paixão Cearense e Monteiro Lobato, por motivo semelhante. Encontramos sete livros do primeiro autor e onze do segundo no seu acervo. O proprietário da biblioteca possuía vários livros e material selecionado a respeito destes dois intelectuais brasileiros. Os assuntos são recorrentes: trajetória, análise da obra, homenagens, morte, funeral, homenagens póstumas. No caso de Monteiro Lobato, falecido em 1948 há recortes que mencionam sua relação com o espiritismo, especificamente com o envio de cartas psicografadas. Na seleção sobre Catulo, fotografias e reportagens discriminando como ocorreu o falecimento, o cortejo fúnebre e a construção do túmulo, em 1946.

Seguindo a mesma tendência de arquivamento, verificamos que a biblioteca possui um livro de Mahatma Gandhi, intitulado **Princípios básicos**. No seu interior há muitas notícias recolhidas da imprensa entre 1948 e 1949. Elas narram o assassinato do líder religioso e os ritos fúnebres hinduístas, as homenagens póstumas, como a criação de uma coleção de selos e a denominação de uma praça.

O arquivamento nos livros de alguns materiais ilustra como o falecimento de homens públicos, literatos ou políticos, despertava o interesse de Vergueiro. As fotografias coletadas de jornais demonstram a quantidade imensa de pessoas que comparecem a essas despedidas e homenagens póstumas. Essa preocupação com a finitude humana é uma questão recorrente nos diferentes suportes do arquivo privado, está presente também nas memórias escritas entre 1935 e 1937. O autor sinaliza ao leitor, através das narrativas, que a própria trajetória pode estar próxima do fim. Isso ocorre quando rememora os candidatos à Assembleia dos Representantes, histórias de parentes e amigos, cita colegas e professores, distinguindo ao final das notas aqueles que já expiraram. Entre os seus escritos não localizamos projeções acerca da própria morte, no entanto, aventamos que ele imaginasse o próprio fim, incluindo elucubrações sobre o funeral e à posteridade. A exemplo dos homens públicos que admirava, quem sabe aspirasse reconhecimento, homenagens e até monumentos ou lugares de memória.

A quantidade de exemplares presente na biblioteca, ao efetuar-se a doação, bem como as inscrições nas páginas iniciais dos livros, traduzem suas diferentes origens, pois há exemplares que pertenceram a variados membros da família. Encontramos livros de seu pai,



A folha manuscrita cita a obra do titular, ou seja, documentos de autoria própria: “Notas íntimas”, encadernadas, datadas de 1935, com doze volumes; Relatórios à Intendência, datados de 1921, 1924 e 1928, registro de 5 anos, dois exemplares; Notas sobre a tese, datadas de 1904, um exemplar; Tese de doutoramento, datado de 1904, um exemplar; Projeto de lei exame médico pré-nupcial, datado de 1936, um exemplar; Eugênia e lepra: discurso na Câmara, datado de 1936, um exemplar; Discurso estrada de ferro Passo Fundo-Porto Alegre, datado de 1948, um exemplar; Discurso estrada de ferro Passo Fundo-Porto Alegre, datado de 1948, dois exemplares (discursos diferentes sobre o tema). Além de si, lembrou de guardar um repositório para Ruy e outro para Maria a fim de que pudessem acessar suas lembranças da vida escolar.

### 3.4 Álbuns e documentos avulsos

Vergueiro produziu um conjunto de álbuns<sup>90</sup>. Após sua morte, Maria C. Malheiros deu continuidade ao colecionamento. Com esta designação queremos nos referir ao colecionamento de telegramas, fonogramas, cartas recebidas, discursos, anotações diárias referentes à família, recortes de jornais, convites para homenagens que lhe prestaram, cartões, fotografias, mensagens de agradecimento. Trata-se, enfim de “registros que materializem a história do indivíduo e dos grupos a que pertence”, sendo considerado como um “ato biográfico” ao evidenciar a relevância de dotar sua vida e realidade de significados especiais. (GOMES, 2004, p. 11).

Inicialmente, chamamos a estes documentos cadernos de produção de si, no entanto, no decurso da pesquisa, ficou evidente que o arquivo como um todo é uma forma de produção de si. Então, passamos a refletir sobre este agrupamento de documentos, que pode ser

---

<sup>90</sup> Essa prática foi comentada numa entrevista que Vergueiro concedeu em 1953 ao jornal passo-fundense *Diário da Manhã*. O entrevistador comenta a existência de um arquivo político, organizado e contendo 20 volumes, de correspondências com Oswaldo Aranha para organizar a Revolução de 1930. Em sua fala, Vergueiro inclui dados a respeito da revolução de 1930, o momento político e econômico do país, sugere a necessidade da mudança na política econômica e das reformas de base, pois caso contrário o regime democrático poderia ser substituído por uma ditadura: "Fomos encontrar, ontem, o dr. Nicolau Araújo Vergueiro, no seu ambiente de trabalho, revolvendo o seu precioso arquivo político, repositório admirável do passado de um homem público que exerceu, por vários anos, o poder pessoal de um partido, sem jamais praticar um ato sequer que o coloque mal perante o rigoroso julgamento dos cidadãos. A frente dos vinte volumes, caprichosamente organizados, encontramos o dr. Nicolau Araújo Vergueiro recordando velhos tempos, episódios da sua vida pública e fatos de sua profissão de médico. Quis a oportunidade que tomássemos conhecimento de inúmeros documentos que fazem parte do volumoso arquivo do conhecido político rio-grandense entre os quais vamos destacar alguns tópicos de cartas e telegramas que o sr. Oswaldo Aranha, quando secretário do interior em 1930, enviou ao então chefe do Partido Republicano, de Passo Fundo e seu representante na Câmara Federal. (álbum v. 2, p. 82)

designado como álbum<sup>91</sup>. Não temos certeza de quantos desses exemplares foram confeccionados, ao principiar a pesquisa, apenas três eram conhecidos. Entretanto, depois identificamos outro exemplar, este com temática de foro mais íntimo, relativo a comemoração das Bodas de Ouro do casal Jovina e Nicolau Vergueiro. Segundo a organização cronológica, este álbum corresponde ao terceiro volume dos quatro que pudemos encontrar.

Figura 31 – Álbuns do acervo

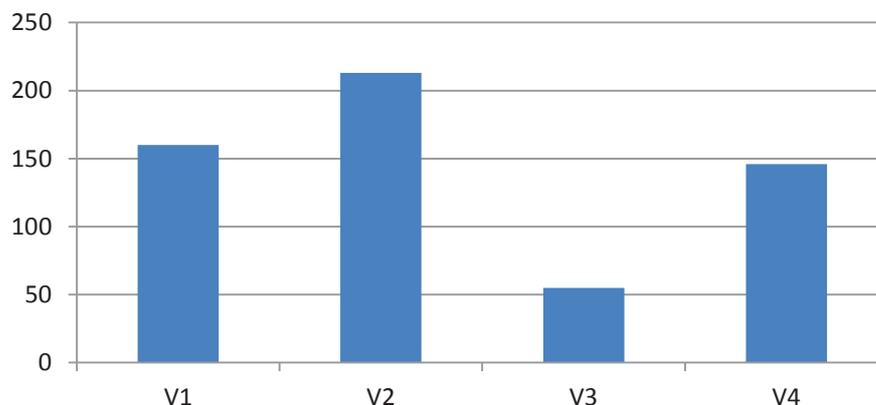


Fonte: AHR, fotografia elaborada pela autora.

A descrição do material que apresentamos a seguir, parte da identificação de aspectos como o tipo de documentos, o local e a data onde foram produzidos, os títulos e, quando cabível, o seu conteúdo. Quantificamos, depois, os documentos de cada álbum, como mostra o gráfico a seguir. Em seguida atribuímos palavras-chave visando apontar quais temáticas se sobressaíam, a fim de nortear nossa análise.

<sup>91</sup> Nomenclatura empregada por Souza (2012, p. 52), ao narrar a história do acervo de Santos-Dumont, e por Venâncio (2005, p. 65), ao lançar uma busca pelo acervo do psiquiatra Juliano Moreira.

Gráfico 1 – Distribuição dos documentos nos álbuns



Fonte: Elaborado pela autora

A documentação foi organizada em forma cronológica, com algumas exceções. O álbum que corresponde ao volume, 1 abrange o período de 1949 até 1951; o volume 2, de 1951 até 1955; o volume 3 corresponde basicamente a 1956; no volume 4, constam materiais correspondentes ao lapso de tempo entre março de 1956 e o ano de 2003. O volume 1 concentra uma grande quantidade de documentos, pois concerne ao último mandato parlamentar na Câmara Federal de Vergueiro. O volume 2 alude a sua função como presidente do Diretório local do PSD e, ainda, as várias homenagens por ele recebidas. Ou seja, o elevado número de fontes que encontramos nos álbuns 1 e 2 pode ser associado a atividade política do titular. A redução no volume de documentos preservados no álbum 3 está relacionada a especificidade desta coleção, como vamos ver, comemorativa. Já o volume 4, abrange um longo período temporal e contem recortes de jornal duplicados ou até triplicados, que reportam a toda esfera familiar.

As palavras-chave que utilizamos para este grupo de documentos avulsos e álbuns atingiram o número de vinte e duas. São elas: arquivo, Estado Novo, associativismo, pessoal, política, sociabilidade, homenagem, família, religião, urbanização, transportes, medicina e saúde, força aérea, erudição, exílio, formação escolar/ médica, educação, lazer, imprensa, esporte, Passo Fundo, violência. Os índices mais elevados foram encontrados na palavra-chave política, 70,38%; seguido por sociabilidade com 32,23%; família com 21,60%; associativismo 21,60% e medicina e saúde 14,29%.

O termo política designa a atividade parlamentar, as campanhas eleitorais, os compromissos como presidente do diretório local do PSD, a participação em eventos e o recebimento de homenagens pelo titular.

O conceito de sociabilidade referido aqui, tem como base as formulações de Gomes (1993, p. 64) amparada em Maurice Agulhon. Trata-se de “um conjunto de formas de conviver com os pares, como um ‘domínio intermediário’ entre a família e a comunidade cívica obrigatória. As redes de sociabilidade são entendidas assim como formando ‘um grupo permanente ou temporário, qualquer que seja seu grau de institucionalização, no qual se escolha participar’”.

As redes de sociabilidades unem-se a espaços geográficos e afetivos de onde podemos recortar vínculos de amizade/cumplicidade, verificados nas relações de Vergueiro e Gabriel Bastos, ou, posteriormente, com Túlio Fontoura e Arthur Ferreira Filho. Igualmente, expõem rivalidades/hostilidades nas relações entre tais amigos e Antonio Bittencourt Azambuja, ou em meio a Vergueiro e Armando Annes, como também entre o personagem e César Santos, lideranças políticas regionais que lhe faziam oposição.

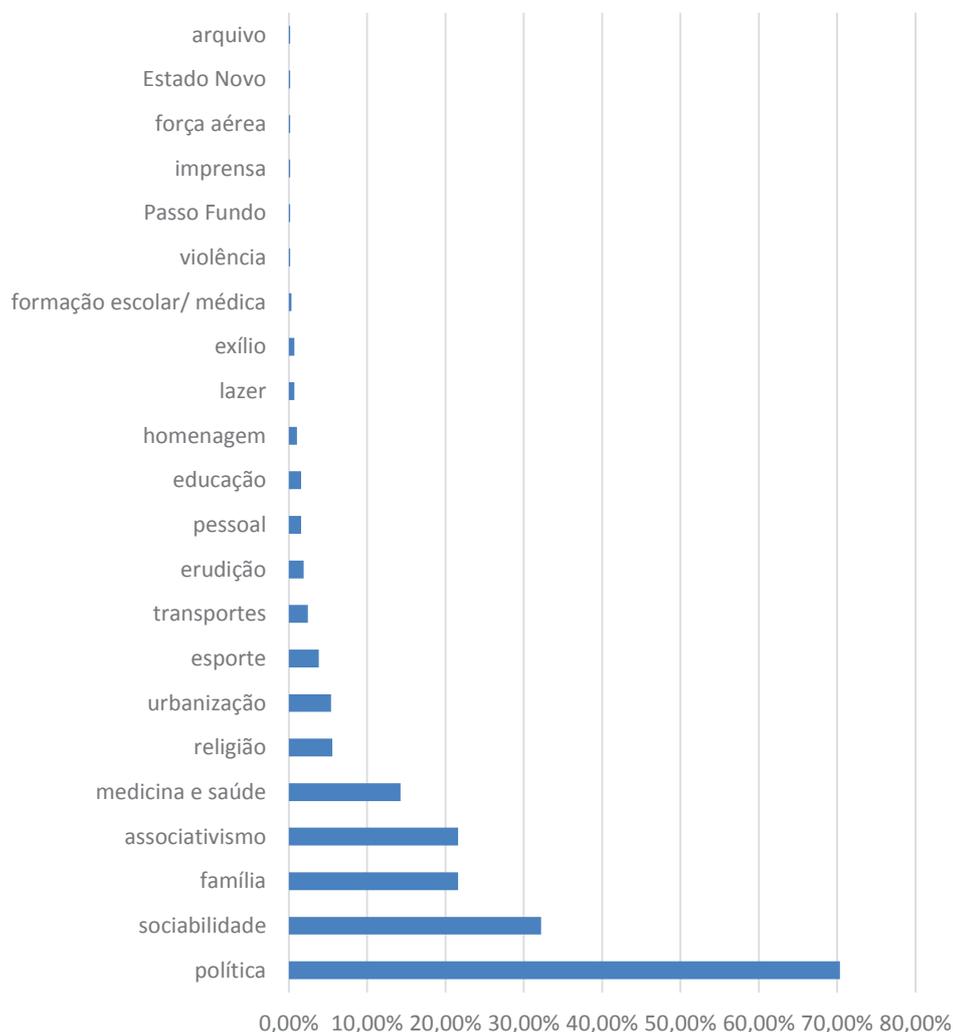
As formas de se relacionar a que nos referimos é expressa nos periódicos, através de publicações do grupo de médicos e políticos. Esse tipo de fonte permite que se estabeleçam redes, porque identificam pessoas que eram próximas, seja como colaboradores ou rivais na medida que descreve eventos, lista os participantes e expõe quem fez uso da palavra e o conteúdo proferido. De mesmo modo, a troca de correspondências entre os membros do PSD com o titular, para conferir-lhe, em regra, apoio ao político é outra manifestação deste tipo de sociabilidade.

Outra palavra-chave, utilizada com frequência na descrição deste conjunto documental foi família. Em geral, se reporta a folhas de calendário com anotações de aniversários, para evitar o esquecimento de datas importantes. Há também discriminações de como transcorreram essas datas. Como médico, nota-se a preocupação de Vergueiro com a saúde dos familiares ao marcar cuidados médico-hospitalares: nascimentos, intervenções cirúrgicas, acompanhamento do desenvolvimento dos netos e bisnetos.

O associativismo foi arrolado em documentos de origem político-partidária, mas também, na concessão de títulos como sócio fundador e benemérito de diversas instituições de apoio à saúde, educação e lazer. Há ainda, no repertório, evidências da organização de uma entidade que congregasse os médicos no Estado (álbum, v. 2, p. 13-14).

A concessão de verbas para hospitais da região de Passo Fundo recebeu designações como política e medicina/saúde. Igualmente, a concessão de títulos por essas instituições, foi classificada deste modo, com o acréscimo da palavra-chave associativismo. As notas vinculadas a saúde dos familiares, também receberam classificação da palavra-chave medicina, bem como, eventos que envolveram os profissionais da área.

Gráfico 2 – Incidência de palavras-chave nos álbuns



Fonte: Elaborado pela autora

O primeiro destes álbuns reúne um conjunto constituído por telegramas, correspondências, projetos de lei, convites, cartões, recortes comentando a atuação política do deputado e apreciando seu apoio para o desenvolvimento regional. Sobressai-se entre este material da atividade parlamentar, incluindo à preocupação com a captação de verbas para a construção do Hospital de Caridade de Carazinho e de outros hospitais da região.

A exposição dos álbuns e documentos avulsos expressa a identificação de Vergueiro com alguns princípios da modernidade. No início do século XX, os homens públicos buscavam ser modernos, o que englobava “remodelar as cidades, implementar ações de grande vulto no território nacional, como os trilhos urbanos, as estações telegráficas, a formação dos trabalhadores nacionais”. (ABREU, 1996, p. 103). No volume 1, por exemplo,

destacam-se as ações do deputado na construção de ferrovias, do prédio do Correios e Telégrafos, a inauguração de pontes, as obras de represas, auxílios a aeroportos, hospitais e escolas, bem como, a outras entidades beneficentes, entre elas o Círculo Operário Passofundense.

Muitos registros do conjunto ilustram a relevância das obras e realizações do titular. A subvenção para os hospitais rendeu a Vergueiro muitas homenagens, entre as quais, a concessão de títulos de sócio benemérito e benfeitor, juntamente com a inauguração de retratos. No segundo álbum predominam recortes de jornais sobre suas participações em eventos e homenagens ocorridas na região. Há correspondências, cartões, telegramas e fotografias. Podemos dizer que estes documentos expressam o envaidecimento do autor, bem como sua preocupação em não deixar cair no esquecimento o papel que desempenhara, registrando-o para a posteridade.

No terceiro álbum predominam documentos, cuidadosamente acondicionados, associados a comemoração das bodas de ouro do casamento de Nicolau e Jovina Vergueiro. Finalmente, no quarto álbum, a composição foi recolhida, organizada e arquivada após 1956, por Maria C. Malheiros, viúva de Eugênio Vergueiro Malheiros, falecido em 2003. O álbum em questão tem como particularidade a elaboração posterior ao falecimento do titular do arquivo. Ou seja, é uma composição dos familiares, sobre o titular do arquivo. No entanto, assegura aos familiares que faleceram após o titular alguma visibilidade, senão pela própria trajetória, pelo fato de pertencerem à tradicional família, cujos nomes dos membros estão inclusos na maioria das vezes. Além disso, Vergueiro é citado em vários desses necrológios como constata-se no álbum volume 4. As notas ou artigos sobre as mortes mantem relação com a comemoração da atuação política de Vergueiro: é referido o grau de parentesco seguido pela informação de que Vergueiro foi um importante líder político ou um político eminente e médico conterrâneo.

Tabela 2 – Tipo dos documentos (álbuns, envelopes e avulsos)

TIPO DE DOCUMENTO	Álbuns				Envelopes e avulsos	Total
	v. 1	v. 2	v. 3	v. 4		
Anotação, lista ou texto manuscrito	2	3		1	3	9
Assento de casamento (cópia)		1				1
Boletins (semanais e de notas)					24	24
Cadernos formação escolar/ médica					12	12
Cartilha do estudante					1	1
Cartões e lembranças	4	14	2	1	7	28
Catálogo/conferência biblioteca					3	3
Cédula eleitoral	1					1
Certificado de Promoção					2	2
Compromisso de compra e venda					1	1
Convite	4	9	1	1	1	16
Correspondência expedida		2			2	4
Correspondência expedida por João de Vergueiro		4			3	7
Correspondência recebida (cartas, ofícios, telegramas, fonogramas, radiogramas)	49	46	31		14	140
Credencial (PSD)	1				1	2
Diploma					1	1
Discursos	1	3		1	2	7
Discursos Adroaldo Mesquita da Costa					7	7
Documento de identificação					2	2
Emendas	11					11
Folhas de calendário com anotações manuscritas	12	22	2	2		38
Fotografias e amostras	2	15	4	12	66	99
Jornais (recortes/ folhas/exemplares)	61	99	15	126	44	345
Livro Ata PSD					1	1
Livros caixa/sócios PRR					3	3
Logogrifo		1				1
Manifesto, impressos	2	1			1	4
Menção Honrosa					2	2
Nota fiscal (com anotações), recibo, comprovante		3				3
Pareceres	7					7
Partitura					1	1
Passagem aérea		1				1
Programas		2			1	3
Projeto	1					1
Proposições		2				2
Recorte de relatório hospitalar	3					3
Revistas					2	2
<b>Total</b>	161	228	55	144	207	795

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela demonstra que alguns tipos de documentos foram produzidos e colecionados em maior quantidade do que outros neste acervo. Entre estes registros podemos alocar cartões

e lembranças, convites, correspondências recebidas, fotografias, folhas de calendário e recortes de jornal. A partir desses, podemos pressupor a diversidade de jornais lidos pelo titular, editados no Sul e Sudeste do Brasil. No entanto, cabe dizer a quantidade de recortes retirados de jornais publicados no Rio Grande do Sul, como *O Nacional* e o *Diário da Manhã*, seguidos por *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* foi superior numericamente. A maioria desses recortes liga-se a trajetória pública de Vergueiro, isto é, suas ações como deputado e a repercussão causada por suas manifestações e posicionamentos.

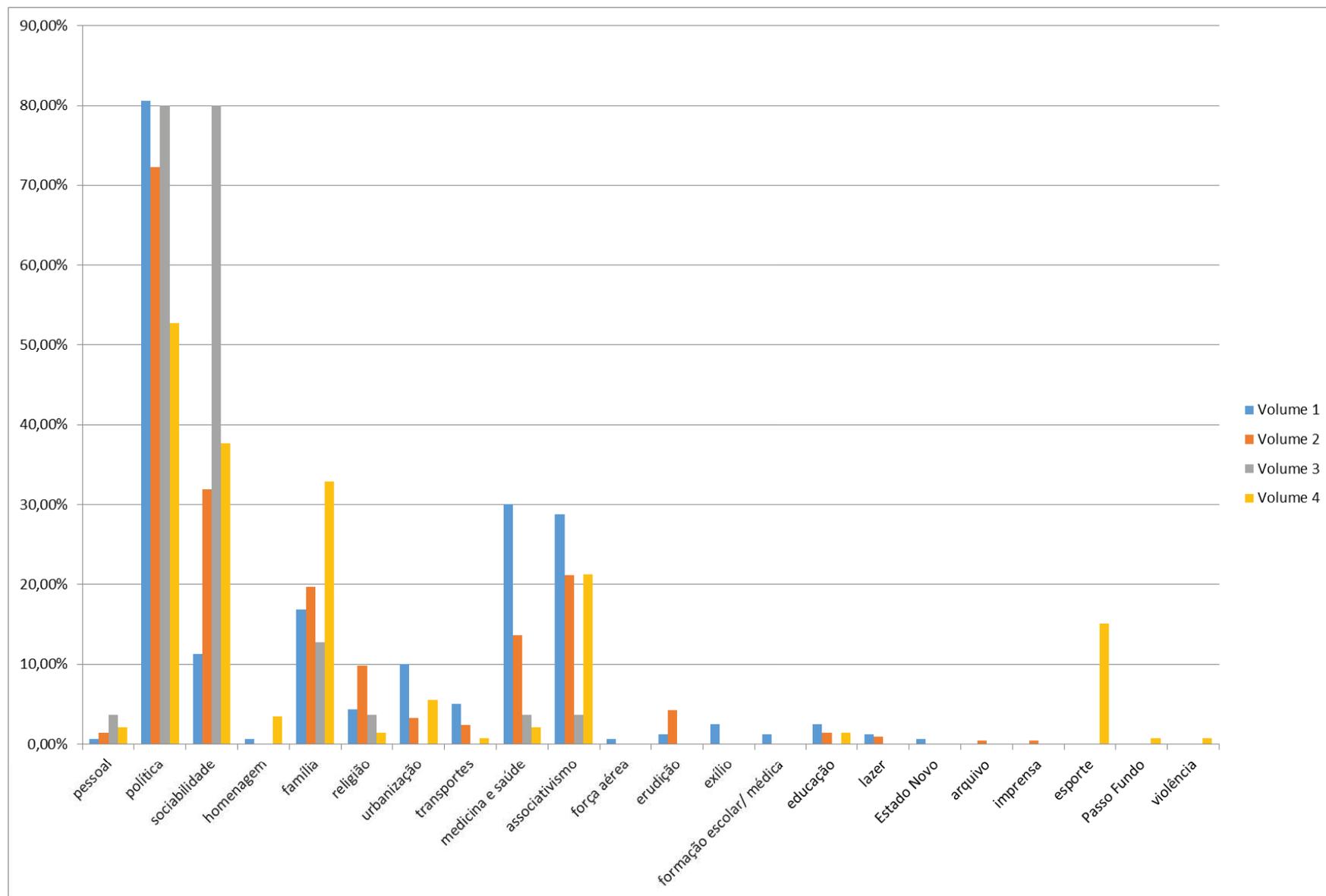
Outro importante documento localizado no arquivo consiste nas folhas de calendário. Nelas, ele fazia registros de acontecimentos sucessivos da sua vida familiar. Com o objetivo de manter sua alteridade, esses lembretes facilitavam sua organização em relação ao tempo. Encontramos entre essas inscrições indicações de aniversários, internações hospitalares e motivações religiosas.

Os cartões e lembranças que foram guardados como recordação, evocam acontecimentos como comemorações de nascimentos e aniversários. Além disso, representam a sociabilidade do autor em sua velhice. As fotografias também contribuem para configurar uma representação de um homem culto, um político bem quisto, membro abastado da sociedade local. Identificamos retratos de sua participação em eventos de cunho partidário e religioso. Nelas está ao lado de autoridades, participa de reuniões do PSD, agremiação que liderava, e faz pronunciamentos em celebrações católicas, como a recepção a imagem de Nossa Senhora de Fátima e as bodas de ouro do casal Vian, de Marau; ou o lançamento da pedra fundamental da Capela de São Miguel, em Passo Fundo.

O acervo é bastante específico e podemos distinguir dois conjuntos principais de recortes. O conjunto englobado pelos quatro álbuns possui documentos que narram a trajetória de Vergueiro, principalmente por sua ação política: nele encontramos correspondências emitidas e recebidas, papéis e recortes de jornais relacionados a atividade parlamentar, discursos, participação em eventos partidários e homenagens. Essa documentação se refere a trajetória do titular e de sua família. Outro grupo documental, apartado do primeiro, está distribuído entre o acervo bibliográfico. No interior dos exemplares, temos uma documentação também composta, quase exclusivamente, de recortes de jornais. Trata-se de um hábito do titular, leitor diário de periódicos, que guardava notícias sobre intelectuais e suas obras. No entanto, nele também se verificam alguns temas recorrentes entre esses recortes. O que significa que Vergueiro selecionava os documentos que iria colecionar de acordo com os assuntos de seu interesse. São notícias sobre a morte dos intelectuais,

homenagens póstumas como: ritos funerários, artigos laudatórios, ereção de monumentos, associações com crenças mediúnicas, etc.

Gráfico 3 – Comparativo da incidência de palavras-chave por álbum



Fonte: Elaborado pela autora

O titular buscou construir uma imagem por meio do arquivo, ao longo do tempo. Ela resulta das opções por coletar documentos que de alguma maneira pudessem revelar ações de sua vida em diferentes papéis, como médico, homem público e, também como pai. Embora os papéis não permaneçam na ordem que seu proprietário os deixou, devido a reorganizações posteriores de parte de seus familiares, ainda assim, é possível perceber a lógica que norteia o conjunto.

Os textos das reminiscências retratam um médico competente, dedicado e capaz de acompanhar avanços desta ciência. Revelam também, um político que buscava ser justo e, por vezes, expressava mágoa e ressentimento devido ao tratamento que lhe conferiam pessoas tidas como ingratas. Nos discursos transcritos nas memórias e publicados em jornais, verifica-se o quanto era vaidoso. Procurava não demonstrar o quanto o afligiam os ataques da oposição, assinalando sua firmeza, autoridade e a coesão partidária.

Igualmente, os documentos dispostos nos álbuns enaltecem sua atuação, seja em família, ou no âmbito público. Isto, principalmente, pela autoria de projetos que deveriam promover o desenvolvimento da região.

Em meio às “Notas íntimas” foram acrescentados documentos originais, também transcritos, conforme observamos ao examinar a documentação. Isso permite supor que o próprio titular, ou um de seus familiares, selecionou papéis que foram mencionados nas memórias. É notável que o conjunto de correspondências esteja reduzido – praticamente aqueles citados pelo autor das memórias – tendo em vista a ampla rede de relações sociais do titular.

Além disso, ao verificar o conteúdo de alguns trabalhos historiográficos (PRATES, 2001; BENVENÚ, 2006; GATTI, 2008), concluímos que Vergueiro incorporou ao acervo apenas documentos que contemplavam versões que desejava manter na lembrança. Por exemplo, o conjunto não contempla polêmicas como a emancipação de Carazinho (PRATES, 2001, p. 87-103); ou ainda, relativas a disputa entre o PTB e o PSD (BENVENÚ, 2006, p. 51-58); ou a acusação feita por Antônio Bittencourt Azambuja, membro do PSD, de que Vergueiro e Artur Ferreira Filho cometeram fraude eleitoral (GATTI, 2008, p. 67-68).

### 3.5 Reminiscências: “Notas íntimas”

Os relatos memorialísticos formam um conjunto integrado por doze manuscritos. O número de volumes está disponível num catálogo do acervo, onde Vergueiro registra documentos de sua autoria (conforme a figura 30). Todavia, apenas os primeiros oito cadernos das “Notas íntimas” foram doados pelos familiares. Não sabemos ao certo se eles optaram por guardar os demais como recordação ou se foram extraviados. Cada manuscrito contém 200 páginas numeradas. Os registros estão dispostos em sumário contínuo, ao final de cada volume, perfazendo o total de trezentas e vinte e quatro notas.

Ao levar adiante o projeto de escrevê-los, Vergueiro pretendia comemorar seus trinta anos de exercício da medicina. Inicialmente ele dispôs-se a registrar cem casos clínicos. Porém, com o passar do tempo, o material recebeu outras ênfases, rememorando, também, sua atividade política.

Redigidas no período compreendido entre 1935 e 1937, nas cidades do Rio de Janeiro e de Passo Fundo, as memórias de Nicolau Vergueiro levaram um longo tempo para se tornarem públicas. Seu autor recomendou aos familiares que esperassem cerca de 50 anos, após sua morte para a divulgação das mesmas, sob a justificativa de que mencionava pessoas que ainda viviam na ocasião. Trata-se de relatos com temática bastante variada: o atendimento a pacientes, as relações familiares (da família extensa), o período de estudos na capital, a descrição de trajetórias clínicas e biográficas, a inscrição de artigos autorais relativos à saúde e à política e os discursos, como vimos comentando.

Essas memórias trazem dados relevantes para compreender a vida no interior do país até o final dos anos 1930, relatando com minúcias a atuação médica na região (o papel social dos médicos, as disputas entre médicos e “práticos”, os diagnósticos, os procedimentos, as doenças de maior incidência, etc.). Mas há relatos onde predominam as rivalidades sejam médicas ou políticas, além das emoções e da identidade projetada pelo autor.

Embora tenhamos nos referido a escrita de si ao longo do texto, conferimos a ela um capítulo a parte. Essa escolha justifica-se pela necessidade de apresentar suas peculiaridades, analisar o projeto da composição e as características da fonte. No estudo do arquivo, como um lugar físico de memória e de produção do indivíduo há uma outra espécie de lugar: o espaço literário construído por Vergueiro para si mesmo. Ler as “Notas íntimas” é contagiar-se com as lembranças e reelaborações de um período que nos antecedeu, pela arte da representação de um narrador que espera nossa cumplicidade.

A próxima parte da tese consiste na apresentação das ideias e da trajetória do produtor desse arquivo. Sua redação foi pautada nos objetos biográficos, no acervo bibliográfico e na documentação contida em álbuns e nas escritas de si que foram caracterizadas neste capítulo. Com este exercício, pretendemos compreender aparentes incoerências no posicionamento do personagem, mas também seus anseios.

### **3.6 Arquivo: testemunho e repositório de memórias**

A documentação que se constituiu no que hoje denominamos como arquivo privado de Nicolau Vergueiro foi organizada, nesta pesquisa, em quatro categorias, a saber: móveis e objetos; acervo bibliográfico e apensos; álbuns e documentos avulsos; e escrita de si. Buscou-se etnobiografar o arquivo, isto é, pesquisar e narrar a história de como esse conjunto foi constituído.

Para seu titular, o arquivo desempenhava várias funções, tais como: prova, testemunho, elaboração e transmissão da memória, instrumento de trabalho, repertório de saberes científicos e projetos políticos. Como assinala o título *Repositório de memórias*, Vergueiro utilizava seu arquivo para acessar lembranças de suas vivências em família e em diferentes círculos sociais. O recurso do arquivamento servia-lhe para elaborar e conservar suas memórias e, também, para transmitir a seus filhos Ruy e Maria laços de afeto e identidade, valores e atitudes exemplares adotados pelo pai. Portanto, o arquivo constituir-se-ia em repositório para os familiares de Vergueiro após sua morte.

Os documentos adquiriam valor de prova e testemunho, denotando preocupação com a veracidade das informações apresentadas, indicando, na ausência de documentos, pessoas que poderiam atestar suas afirmações. Os livros de diversas áreas do conhecimento eram frequentemente consultados por Vergueiro no exercício da medicina, na atuação política e, ainda, na formação pessoal. Ele recorria a tais publicações que formavam um repertório de saberes científicos, ideias e argumentos para seus projetos políticos. Notamos duplicidade de alguns textos, uns são documentos originais, outros são transcrições, cópias. Isso indica uma preocupação do titular com a preservação do conteúdo, provavelmente, para a posteridade.

Novos significados podem ser atribuídos ao arquivo privado de Vergueiro, entre eles consolida-se o testemunho de um indivíduo, que viveu na primeira metade do século XX, e da sua sociedade. Igualmente, a análise das categorias indica que o arquivo contém representações do seu idealizador, projetando-o como ávido leitor, defensor do progresso

econômico rio-grandense, homem culto e reconhecido líder político. E, em acréscimo, os procedimentos de descrição dos documentos permitem verificar que o acervo contempla além da história do indivíduo, a síntese da história de sua família.

O processo de patrimonialização de Vergueiro revela a existência de inúmeros lugares de memória, entre os quais aloca-se o arquivo. Ao desvelar seus significados atuais para a comunidade, o mesmo pode ser apontado como patrimônio histórico e cultural da região norte do Estado do Rio Grande do Sul. O Arquivo privado de Vergueiro pode ser assim designado porque permite conhecer uma sociedade, os modos de pensar e se relacionar, a história, a cultura e a tradição, elementos necessários para assegurar a memória e a identidade da mesma sociedade ao longo do tempo.

Os objetos do acervo foram dotados de significados por seu antigo proprietário. Eles revelam o lugar dele na hierarquia social e expressando sua identidade. No caso de Vergueiro esses objetos foram investidos de novos significados porque estão musealizados. Para a família, mesmo os objetos são portadores de memórias e sua musealização impede o esquecimento de Vergueiro, conferindo-lhe reconhecimento e sentidos para sua trajetória.

Os móveis e objetos doados compõem uma imagem do titular determinada pela maneira como ele desejava ser visto na época e, lembrado na posteridade. Ações como a doação do acervo, a participação de Nicolau Vergueiro Malheiros na entrega da medalha APFM e a disponibilidade de Maria Canfield Malheiros em colaborar com essa pesquisa, demonstram que os herdeiros procuram manter o capital simbólico e social advindo de Vergueiro.

A biblioteca, projeto iniciado por Vergueiro e depois compartilhado com seus familiares também é um patrimônio, uma herança que ele legou a família e, por conseguinte a comunidade. Ao descrever o material disponível no arquivo e seu conteúdo percebem-se as múltiplas possibilidades de pesquisa. De modo privilegiado, ao longo da tese destacamos a sociabilidade, família, formação cultural e religiosa, trajetória profissional, principais influências literárias e científicas.

A biblioteca era um espaço importante para as sociabilidades masculinas, um ambiente especialmente constituído, incomum para a maioria dos habitantes de Passo Fundo no século XX. Nesse local Vergueiro recebia seus pares médicos e/ou políticos e, também, exibia nas estantes os livros com que fora presenteado por distintos pares. As dedicatórias, que foram listadas por Vergueiro, indicam reconhecimento pela sua condição de admirador da literatura e do saber, bem como pela sua liderança política. Nessa modalidade da sociabilidade percebemos a expressão de laços afetivos, de gratidão e de reciprocidade.

Parte significativa da biblioteca de Vergueiro foi dispersada. A doação representa apenas parte do acervo original. Há pelo menos dois catálogos manuscritos entre os papéis doados: um deles datado de 1937 e, o outro de 1951, apresentando autores em ordem alfabética, seguidos dos títulos. Esses dados carecem de análise detida. Mas, a partir dessas catalogações e, de outras não datadas, foi possível apurar a doação de livros escritos por médicos, realizada pela família de Vergueiro em 1961, a fim de colaborar com a constituição do acervo necessário à abertura da Faculdade de Medicina em Passo Fundo.

No acervo bibliográfico que foi mantido, observamos duas particularidades. Uma consiste na discriminação do local e data de aquisição dos livros, acompanhadas da assinatura do titular. Já a outra caracteriza-se pelo arquivamento no interior dos livros, de recortes e jornais abordando a trajetória do autor, o conteúdo do mesmo, fotografias publicadas e outros documentos como correspondências do titular com o autor, anotações, etc. Mapeamos temas recorrentes nos documentos arquivados em diferentes livros e autores evidenciando sua admiração por alguns personagens de liderança política e intelectual comentando as trajetórias, obras, cerimônias fúnebres, homenagens póstumas. Vergueiro ponderava sobre a finitude humana conforme esses documentos que colecionou e suas memórias.

Quanto ao agrupamento que apresentamos como álbuns e documentos avulsos cabe dizer que Vergueiro classificava os registros que iria manter para posteridade. É o caso do material encontrado nos álbuns cuja ordem cronológica parte do ano de 1949, contendo exceções. Em geral está em destaque sua atuação política, os eventos que protagonizou, as suas iniciativas de promoção do desenvolvimento regional, apresentação de projetos, seja por meio de discursos, entrevistas, correspondências, participação em reuniões, etc. No entanto, esses documentos também indicam aspectos da convivência familiar, da religiosidade e cotidiano do titular.

A escrita de si, caracterizada no último capítulo, constitui oito cadernos manuscritos. Neles Vergueiro registra suas memórias redigidas entre 1935 e 1937. Nessas narrativas literárias, ele busca a compreensão do leitor e, assim como nos demais documentos do arquivo, evidencia situações e experiências que protagonizou nas diversas fases e esferas de sua vida: médica, política, familiar, religiosa, estudantil, etc.

#### 4. MEU ARQUIVO, MINHA HISTÓRIA

Expomos, na sequência, aspectos da trajetória de Nicolau Araújo Vergueiro segundo a documentação presente no arquivo pessoal. Empregamos a autobiografia que ele designou como “Notas íntimas – algumas reminiscências clínicas”, recortes de jornais que constituem seus álbuns e também aqueles apensos a diferentes livros, bem como, suas anotações. Mas algumas fotografias, objetos e documentos acadêmicos foram acessados em diferentes acervos como o Museu Histórico Regional (MHR), o acervo mantido pela família e o da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAMED – UFRGS).

A história de vida de Nicolau Vergueiro é contada com base nesses documentos de acordo com três itens que merecem nossa atenção, a saber: formação; ciência, erudição e religião; e trajetória política. A narrativa consiste no esclarecimento das ideias expressas pelo personagem, considerando autores nos quais se embasou, suas experiências pessoais e relações sociais.

O estudo do arquivo pessoal dá visibilidade as inter-relações dos documentos, como procuraremos demonstrar. Em acréscimo, permite compreender posições de Vergueiro que aparentemente são antagônicas. Ao acompanharmos o decorrer de sua vida e, segundo suas memórias, identificamos a razão das escolhas e da forma de proceder.

Inicialmente tratamos de sua formação escolar e como acadêmico do curso de medicina. Os semióforos permitem que Vergueiro rememore e conte suas experiências daquela época. Entre esses objetos estão: seu tinteiro, um pequeno bilhete em que solicitava confissão, crônicas sobre o período, fotografias de seus colegas e seu anel de formatura.

Na sequência conferimos destaque aos autores que citou em seus discursos e “Notas íntimas”. Para apresentar os autores mais citados sistematizamos os dados em uma tabela. Todavia duas teorias recebem maior ênfase devido a sua presença nas manifestações escritas e orais de Vergueiro, que são o positivismo e a eugenia.

A terceira importante questão abrange as crenças religiosas manifestas por Vergueiro. Diferentes documentos do acervo expressam a religião católica, predominante na sociedade brasileira do século XX. Contudo, também é possível apontar alguma proximidade entre o titular do acervo e a doutrina espírita, como vamos ver pois este admite que possuía um guia espiritual e que participou de uma experiência mediúnica quando esteve exilado.

Outro item a aclarar é sua trajetória política, iniciada no Partido Republicano Rio-grandense (PRR), durante sua formação no curso de medicina, e finalizada com a instalação

do período que chamamos Estado Novo. Como liderança política local ele participou da revolução de 1930 e, logo depois, apoiou a revolução constitucionalista de 1932, motivo pelo qual exilou-se na Argentina.

O período entre 1937 e 1945 não possui documentação, sequer é abrangido pelas memórias, que foram escritas entre 1935 e 1937. Posteriormente, com o retorno da democracia, Vergueiro não fez a mesma escolha que seus antigos companheiros do PRR. Estes, aconselhados por Borges de Medeiros, filiaram-se à União Democrática Nacional (UDN), enquanto ele participou da criação do Partido Social Democrático (PSD), tão logo assumindo a presidência do partido.

#### 4.1 Formação

As fontes presentes no arquivo de Nicolau Vergueiro remetem à sua trajetória. No entanto, sem uma investigação do historiador, não seria possível conhecer o significado que lhes foi atribuído pelo proprietário do arquivo. As “Notas íntimas” são imprescindíveis neste processo de revelação dos significados desses objetos. Embora as memórias do autor não estejam escritas seguindo um padrão cronológico, através de seus semióforos ele rememora momentos de sua formação escolar e médica. Em casos como “88. Meu tinteiro” e “235. Deseja confessar-se” o autor une seu presente ao passado, refletindo acerca da finitude humana. Um desses objetos é o tinteiro:

Logo depois que deixei de ser interno da histórica Escola Brasileira, de que eram diretores os ilustres professores Ignacio Montanha e André Leão Puente, fui, em Abril de 1898, residir na casa do Sr. Domingos da Costa Ferreira, à rua Riachuelo. Aí, nos primeiros dias daquele mês, adquiri, na Livraria de Echenique Irmãos, um pequeno tinteiro, que é o mesmo e único, que me serve até hoje.

É todo de vidro, arredondado, de três centímetros de altura e com tampa metálica. Com ele, terminei o meu curso de preparatórios no Colégio de Emilio Mayer, e seis anos de medicina, e com ele, escrevi tese, estudos, cartas, discursos, conferências, literatices, atestados, receitas e tudo o mais. Eu o estimo muito, por isso que, meu confidente, o possuo há 37 anos: para um insignificante e humilde tinteiro de vidro, de vida, quase sempre, tão efêmera, já é idade provecta. Está sempre, em uso, na minha mesa de trabalho, e, quando miro-o, turbilhona me, no cérebro; um mundo de recordações, algumas boas e alegres, outras más e tristes, mas dessa maldade inofensiva de quem tem cruzado a existência sem nada, de má fê ou de verdadeiramente ruim, a acusar-lhe a consciência, o grande olho eternamente aberto dentro de cada um, aplaudindo ou pateando [reprovando] os seus atos.

Ferreira, Puente e Montanha, já são falecidos, e o meu velho tinteiro ainda se conserva intacto, repositório de tantas saudades, cofre de tantos segredos.

Vovô tinteiro, em sinal de respeito tiro-te o meu chapéu. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 34-35).

Aqui Vergueiro se remete a um passado longínquo em que o objeto se tornou um semióforo dado o tempo que acompanha sua trajetória. O tinteiro acompanhou-o no registro de sua produção como médico, político e no aspecto mais íntimo, voltado a redação de missivas para os familiares. Metaforicamente, o objeto necessário ao trabalho de um homem de letras, além de seu uso prático, torna-se confidente e testemunha da trajetória de seu proprietário.

Figura 32 – Tinteiro



Fonte: Acervo da família

Ele iniciou sua formação escolar na cidade onde nasceu, Passo Fundo, com o professor Eduardo de Britto. Lembra-se que ao acompanhar o grupo de republicanos até Santa Maria no ano de 1893, sua mãe, que já era viúva, resolveu matriculá-lo como interno no Colégio Nossa Senhora da Conceição, localizado em São Leopoldo. Essa memória é narrada em “235. Deseja confessar-se”. Por meio de seu filho Ruy, o padre Fürh, que acompanhava a turma de Vergueiro, enviou-lhe um bilhete em que, como aluno, ele solicitou confissão. Décadas depois, o bilhete passou a servir como repositório para acessar lembranças da época: “Lá se vão quase 41 anos! Guardo o pequeno papel em meu arquivo, com amor e com saudades, e presto aqui os seus mais sinceros agradecimentos aquele distinto e ilustre sacerdote”. (VERGUEIRO, 1936, v. 6, p. 66-68).

A partir do tinteiro e do bilhete solicitando a confissão, Vergueiro lembra dos professores Ignácio Montanha e André Leão Puente da Escola Brasileira, onde estudou de 1895 até 1899. Segundo ele, diferentemente dos objetos inanimados, a vida das pessoas é marcada de forma indelével por aqueles que estão ao seu redor. Na finita vida humana, os que

partiram não deixam de ser amados, admirados ou lembrados com saudade, porque há formas de acessar as reminiscências de que fazem parte, como faz Vergueiro com os documentos de seu arquivo, vias de acesso as experiências compartilhadas com os mestres.

Os estudos preparatórios para cursar a Faculdade de Medicina foram realizados com o professor Afonso Emílio Meyer. As matérias exigidas para admissão e matrícula em cursos de estudos superiores compunham-se de: português, francês, geografia geral e do Brasil, história natural, latim, inglês, física e química, aritmética e álgebra, história geral e do Brasil, geometria e trigonometria.<sup>92</sup>

A maioria dos jovens que optaram pela carreira médica no Rio Grande do Sul na época dirigiu-se à capital para realizar seus estudos secundários em instituições que pertenciam a ordens religiosas. Destacavam-se, então, o Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, e o Ginásio Anchieta, em Porto Alegre. Mas havia opção de escolas laicas como, a Escola Brasileira, o Colégio São Pedro e, depois, o Ginásio Público Julio de Castilhos. Embora o Rio Grande do Sul contasse com “[...] pequeno número de estabelecimentos, certamente [eram] aqueles que se impunham como centros de educação da elite regional”. (CORADINI, 1997, p. 269).

Sob o mesmo aspecto, Vergueiro retoma lembranças sobre o período do Curso Superior em Farmácia e Medicina. No volume 1 de seus álbuns (p. 47, p. 115) também encontramos alusões a esse período. A primeira delas trata-se de um recorte do jornal *Gazeta do Comércio*. É uma crônica sobre o período que Balthazar, Heitor, Nicolau e Ulysses Pereira de Nonohay viveram numa República, escrita por Pollux (pseudônimo do último).

No mesmo álbum e na biblioteca encontramos uma nota de *A Federação*, n.º 292, divulgando a defesa da tese de Nicolau Araujo Vergueiro. Em sua biblioteca, ele também guardou o caderno de observações sobre procedimentos médicos, caso da aplicação de anestésias com o cloreto de etila. E ainda, um exemplar da publicação de sua tese “Anestesia geral pelo keleno”. Além disso, Vergueiro se reportou em suas “Notas íntimas” a esse período e aos colegas em outros escritos (1935, v.1, p. 129-133, 145-147; v. 2, p. 1-9).

A casa onde viviam os estudantes de medicina ficava próxima a rua da Praia e era chamada “República Charcot”<sup>93</sup>. Ao comemorar os 30 anos de sua formatura em Medicina, Vergueiro redigiu uma nota com o mesmo título. Nela nomeia os colegas daquela que foi a

<sup>92</sup> Atualmente a Faculdade de Medicina integra a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – e corresponde a sigla FAMED. Os documentos que assinalamos pertencem a pasta de Nicolau Araujo Vergueiro.

<sup>93</sup> Alusão ao médico e professor francês Jean-Martin Charcot (1825-1893), que se dedicou a estudos de neurologia e psiquiatria. Seus estudos sobre tratamentos de histeria com uso de hipnose influenciaram Freud. Fonte: Jean-Martin Charcot. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JeanMart.html>>. Acesso em: 27 set. 2016.

segunda turma da Faculdade de Medicina de Porto Alegre: Balthazar Patrício de Bem; Heitor Annes Dias; Pedro Alexandrino de Borba; Julio Mariath e Ulysses Nonohay, que só completou o curso no ano seguinte.

Vergueiro dá mostras do sentimento de amizade que o ligava aos colegas na sua trajetória, na medida em que se refere as teses defendidas, enumerando-as: “Heitor - Ruídos Musicais no Coração; Balthazar - Geografia médica do Rio Grande do Sul; Borba - Sobre a digitalis; Ulysses - Prognóstico nas cardiopatias; Mariath - Cremação; Vergueiro - Anestesia geral pelo Keleno”. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 129-133). Acrescentando que:

O único falecido é Balthazar, em Cachoeira, em um combate no lugar denominado Barro Vermelho, em um dos primeiros dias de novembro de 1924.

Mariath era o mais velho, tinha cerca de 45 anos quando se formou; Heitor, o mais moço, menos de 23 e eu ainda não completara 24.

Heitor clinicou em Cruz Alta, Porto Alegre e atualmente no Rio.

Borba, em Rio Pardo e agora em Porto Alegre.

Ulysses e Mariath, sempre em Porto Alegre. Balthazar, só em Cachoeira, e eu só em Passo Fundo.

Ulysses é professor da cadeira de dermatologia e sífilis, na capital do Rio Grande do Sul, e Heitor, foi professor de clínica médica em Porto Alegre, e agora no Rio. [...]

O único casado era Mariath; todos os outros noivos das senhoritas Carolina Revoredo, Jovina Leite, Celina Britto, Marina Mattos e Aracy Telles, cujos casamentos se efetuaram todos, no decorrer de 1906.

No dia da formatura, o único que possuía anel simbólico era eu, e o meu anel serviu então para todos.

Foi nosso paraninfo o Dr. Sarmiento Leite, e orador da turma o Balthazar.

Entre meus professores, que já são mortos, lembro-me, de momento os seguintes: Sebastião Leão, Rodolpho Marron, Tristão Torres, Ramiro Barcellos, Arthur Franco, Dias Campos, José Carlos Ferreira, Carlos Wallau, Victor de Britto, Dioclécio Pereira, Protásio Alves, Octávio Lisboa de Souza, Damasceno Ferreira e Sarmiento Leite; e vivos: Olintho de Oliveira, Christiano Fischer, Nogueira Flores, Carvalho Freitas, Diogo Ferraz, Frederico Falk, Marechal Gonça Carneiro, Ricardo Machado, Jacintho Gomes, Serapião Mariante e Freire de Figueiredo. (VERGUEIRO, 1935, v.1, p. 129-133).

Conforme a exposição de Vergueiro nesse excerto de suas memórias, ele referendava as pessoas com quem possuía algum vínculo ou relação. Conferindo atenção especial aos falecidos, ele narra encontros, diálogos, circunstâncias do falecimento e registra preces.

A consulta à documentação do acadêmico permitiu-nos traçar as disciplinas que cursou entre 1900 e 1905. Alguns documentos não traziam a assinatura dos professores, no entanto, a partir da nota “56. 30 anos”, percebemos que os professores que não foram arrolados na lista abaixo seriam: Rodolpho Marron, Arthur Franco, Carlos Wallau, Octavio Lisboa de Souza, Nogueira Flores e Ricardo Machado.

Quadro 3 – Grade curricular, cursada por Vergueiro

<b>Disciplina</b>	<b>Ano</b>	<b>Professor</b>
Física Experimental	1900	
Química mineral e princípios de mineralogia	1900	
Botânica e Zoologia	1900	
Química Orgânica	1902	Christiano Fischer
Bacteriologia	1902	Manoel Gonçalves Carneiro
Fisiologia	1902	Sebastião Leão
Química Biológica	1902	
Farmacologia e Arte de Formular	1902	Francisco Carvalho Freitas
Clínica Dermatológica e Sifiligráfica	1902	Serapião Mariante
Anatomia e Fisiologia Patológicas	1903	Olympio Olinto de Oliveira
Patologia Médica	1903	João Dias Campos
Patologia Cirúrgica	1903	Diogo Ferraz
Clínica Cirúrgica (2ª Cadeira)	1903	Serapião Mariante
Clínica Oftalmológica	1903	Victor de Britto
Terapêutica	1904	João Dias Campos
Operações e Aparelhos	1904	Frederico G. Falk
Anatomia Médico Cirúrgica	1904	
Clínica Cirúrgica (1ª Cadeira)	1904	Serapião Mariante
Clínica Pediátrica	1904	Olympio Olinto de Oliveira
Obstetrícia	1905	Francisco Freire de Figueiredo
Higiene	1905	José Carlos Ferreira
Medicina Legal (e toxicológica)	1905	Damasceno Ferreira
Clínica Obstetrícia e Ginecológica	1905	Protásio Alves
Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas	1905	Tristão Torres
Clínica Médica (2ª Cadeira)	1901, 1904	Christiano Fischer; Jacinto Luiz Gomes
Clínica Propedêutica	1902, 1903	Ramiro Barcellos
Anatomia Descritiva		Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca
Histologia		Ricardo Pereira Machado
Patologia Geral		
Química Analítica e Toxicológica		
Clínica Médica (1ª Cadeira)		Dioclésio Sertório Pereira

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela foi criada com base nos documentos conservados na pasta do acadêmico Nicolau Araujo Vergueiro, consultados na Secretaria da Faculdade de Medicina FAMED - UFRGS.

Para compreender as ideias defendidas por Vergueiro, no campo científico, é preciso considerar que, em 1902, cursou a disciplina de Fisiologia ministrada por Sebastião Leão (1866-1903)<sup>94</sup>. Entre as transcrições dos pensamentos escritos nos cartões postais oferecidos à Jovina, quando eram noivos, encontramos a seguinte apreciação sobre esse professor:

Dr. Sebastião Leão – em um cartão pintado por sua esposa d.<sup>a</sup> Julieta Felizardo Leão – Eis o nome de um dedicado amigo e de um ilustre médico. A sua passagem pela vida foi curta, porém luminosa e benfeitora. A sua presença à cabeceira de um enfermo era a cristalização da esperança, essa boa e meiga companheira; as suas palavras eram para o doente um conforto enorme, um bálsamo agradabilíssimo. Ele, com o mesmo ar alegre, tanto entrava na choupana do pobre, como no palácio do rico, espalhando o bem, sem cogitar de recompensa, de remuneração. Com sua morte deixou no coração daqueles que o conheceram um traço bem nítido, um raio bem vivo de saudades (9.9.1903). (VERGUEIRO, v. 5, 1935, p. 23-32).

Nicolau Vergueiro formou-se nos respectivos cursos em 1903 e 1905, período em que os investimentos dos jovens médicos diplomados dirigiam-se ao exercício da clínica e à atuação político-partidária. Estavam também entre suas opções, o jornalismo, a representação corporativa, a ocupação de postos de burocracia pública ou o ensino na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. (CORADINI, 1997, p. 274).

No entanto, após concluir os estudos, ele retornou à cidade natal e instalou sua clínica, conforme narra em relatos que estudaremos neste trabalho. Como veremos, há neles vários episódios sobre os pacientes atendidos, consultas ou prescrições, em descrições bem-humoradas<sup>95</sup>.

A seguir, Vergueiro relaciona e compara sua carreira com a de alguns colegas:

De todos nós alunos, que sempre fomos bons camaradas e amigos, houve um que, tanto na faculdade, como depois na clínica, muito se destacou: o Heitor. Vergueiro e Baltazar foram intendentess em seus municípios de nascimento, e ambos também deputados estaduais. Na Assembleia do Estado, fui, durante uma legislatura, seu presidente. Heitor foi deputado federal na Constituinte, de 1934, e reeleito neste ano. Eu fui deputado federal, em 1930, e agora também.

<sup>94</sup> Sebastião Leão formou-se em Medicina no Rio de Janeiro, em 1888 e, em seguida retornou a Porto Alegre. O médico viveu na época de consolidação das teorias raciais sob o viés científico. Ele trabalhou como médico legista da polícia, Secretário e professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, mas segundo Figueiró (2014, p. 35), a atividade que lhe conferiu destaque social foi sua atuação profissional na Casa de Correção do Rio Grande do Sul, onde dedicou-se a estudos embasados na antropologia criminal. Detalhes sobre a trajetória desse médico podem ser consultados em: FIGUEIRÓ, Raquel Braun. **O médico, a raça e o crime: a apropriação das teorias raciais pelo médico porto-alegrense Sebastião Leão no final do século XIX.** (Dissertação de Mestrado em História). UFF, 2014. 170 f.

<sup>95</sup> No livro **República dos Coqueiros**, o autor se refere ao médico Nicolau Araujo Vergueiro comentando que o “histórico caudilho” possuía “popularidade invulgar”, com um “traço de humor e sarcasmo” ao referir-se a uma consulta realizada pelo médico. (SANTARÉM, 1994, p. 71).

Encerro essas ligeiras reminiscências, nesta hora de saudades, pedindo a Deus pela alma de Balthazar, assim como pelos lentes cujos nomes referi. (VERGUEIRO, 1935, v.1, p. 129-133).

Vemos que ao elogiar Heitor, ele espera também reconhecimento do leitor. Localizamos no álbum de Nicolau Vergueiro que, integra o acervo sob os cuidados da família, duas fotografias desses amigos com dedicatórias (figuras 33 e 34).

Figuras 33 e 34 – Balthazar Patrício de Bem e Heitor Annes Dias



Fonte: Acervo da família

Na dedicatória de Balthazar Patrício de Bem lê-se: “Ao Vergueiro – colega e amigo distinto, do Balthazar”. Igualmente, na fotografia de Heitor Annes Dias: “Ao ilustre colega e amigo Nicolau Vergueiro do Heitor Annes Dias”. cremos que essa troca de fotografias não indica uma mera formalidade mas uma forma de sociabilidade entre iguais: jovens médicos recém formados e correligionários políticos. Nesses retratos vemos dois indivíduos cujos trajés indicam sua elevada posição social e nos seus semblantes reconhecemos altivez e autoconfiança<sup>96</sup>.

<sup>96</sup> Nos retratos feitos em estúdio, “o retratado parecia assumir uma persona, e enquanto tal, projetava na imagem os sentimentos e atitudes pelos quais gostaria de ser reconhecido e lembrado”, utilizando, o fotógrafo, o recurso da fotogenia. (SCHAPOCHINIK, 1998, p. 465).

## 4.2 Ciência, erudição e religião

Mapeamos algumas das leituras que Vergueiro realizou, a partir dos registros de pronunciamentos copiados para as “Notas íntimas” e colados nos álbuns. Com isso verificamos a quantidade de títulos de alguns autores presentes no acervo<sup>97</sup>, para consultar os livros tomados por ele como referência. Entretanto, é preciso esclarecer que em algumas de suas paráfrases não definem autoria, o que dificulta a identificação.

Na tabela a seguir, apresentamos os autores mais citados nos discursos preservados, nas reminiscências e nos álbuns, classificando-os de acordo com áreas de conhecimento. Discriminamos a quantidade de referências que coincidem com dois períodos: “Notas íntimas”, que abrange de meados da década de 1910 até 1937 e, álbuns, cuja datação principia em 1949, apresentando sua totalidade. Por fim, acrescentamos o número de livros desses autores e a data de publicação.

---

<sup>97</sup> O Catálogo do Arquivo Histórico Regional Acervos Privados: Fundo Nicolau Araujo Vergueiro, contém o levantamento do acervo preservado. Sua consulta está disponível em:  
<<http://www.upf.br/ahr/images/stories/acervo-nicolau-araujo-vergueiro.pdf>>.

Tabela 3 – Autores mais citados por Vergueiro

Área	Autor	Memórias	Álbuns	Total	Biblioteca (Quantidade de livros do autor e ano das publicações)
Ciência	Pasteur	2	1	3	
Filosofia	Descartes	3		3	1 (1884)
Filosofia, religião	Comte	3		3	2 (s/d, 1927)
Literatura	Alves Mendes	6	4	10	1 (1916)
Literatura	Belisário Roldán	3		3	2 (2- s/d)
Literatura	Chateaubriand	2	2	4	4 (4- s/d)
Literatura	Dante Alighieri	2	1	3	
Literatura	Guerra Junqueiro	5		5	8 (1885, 1896, 1906, 1907, 1908, 1920, 1924, 1925)
Literatura	Maurice Maeterlinck	4	1	5	9 (1898, 1916, 1919, 3- 1920, 2- 1933, 1962)
Literatura	Olavo Bilac	2	1	3	4 (1902, 1912, 1916, 1918)
Literatura	Shakespeare	4		4	7 (2- 1913, 1914, 1915, 3- 1918)
Literatura	Stefan Zweig	2		2	31 (8- s/d, 8- 1934, 4- 1935, 2- 1936, 1937, 3- 1938, 1939, 2- 1941, 1942)
Literatura, política	Sarmiento	2	1	3	1 (1923)
Medicina	Freud	3	1	4	1 (s/d)
Medicina	Gustave Le Bom	4		4	7 (1910, 2- 1916, 1929, 3- 1922)
Medicina	Renato Kehl	7		7	2 (1930, 1938)
Medicina	Victor Pauchet	2	1	3	2 (1929, 1933)
Medicina, literatura	Francisco de Castro	3	1	4	
Medicina, literatura	Orison Swett Marden	3	1	4	11 (5- 1924, 4- 1925, 1926, 1927)
Política	Borges de Medeiros	4	1	5	2 (1933, 1936)
Política	Eurico Gaspar Dutra		2	2	4 (2- 1947, 2- 1950)
Política	Julio de Castilhos	7	1	8	
Política	Napoleão	2	1	3	
Política	Oswaldo Aranha	3		3	3 (1929, 1931, 1944)
Política	Rui Barbosa	13	2	15	12 (s/d, 1892, 1902, 1916, 1917, 1919, 2- 1921, 1929, 2- 1931, 2- 1932)
Política, direito	João Neves	2	1	3	13 (s/d, 1928, 1931, 1932, 1932, 1933, 2- 1937, 1946, 3- 1948, 1949)
Política, história	Francisco Nitti	3	1	4	5 (s/d, 1921, 1923, 1933, 1934)
Religião	Cristo	2	1	3	5 biblias (2- s/d, 1924, 1937, 1964)
Religião	Ernest Rénan	2	1	3	7 (s/d, 1904, 1908, 1909, 1911, 1915, 1925)
Religião	Santa Terezinha	2	1	3	

Fonte: Elaborado pela autora

O arrolamento e observação das obras que compõem o acervo permitem verificar que, como leitor, Vergueiro tinha um gosto bastante eclético. Além disto, ele lia autores clássicos, mas também acompanhava produções coetâneas. Essas preocupações estão refletidas nos seus discursos, na medida em que conecta as leituras recentes, domina outros idiomas e faz uso de citações.

Observamos que o acervo contém trinta e um livros da autoria de Stefan Zweig. Em muitos deles visualizamos marcações ao longo do texto, feitas a lápis. É provável que, como leitor assíduo, Vergueiro buscasse inspiração na literatura, para seus escritos, citando o escritor em discursos e também em suas reminiscências.

Figura 35 – Material sobre Stefan Zweig



Fonte: AHR, fotografia elaborada pela autora.

Todavia, em **O mundo que eu vi (minhas memórias)**, publicado em 1942, estão ausentes as marcações, no entanto há oito recortes de jornal<sup>98</sup> sobre o escritor e sua obra, datados entre 1935 e 1946. Em meio ao livro dedicado à biografia de **Maria Antonietta**, escrita por Zweig, Vergueiro acrescentou notícias sobre: o leilão da lâmina da guilhotina que

<sup>98</sup> MONIZ, Heitor. Zweig. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: 10 set. 1935.  
 LOPES, J. Luciano. Rotterdam. In: *Correio da Manhã*. 16 ago. 1936.  
 ENCONTRA-SE em São Paulo o escritor Stephan Sweig. In: *Correio Paulistano*. São Paulo: 30 ago. 1936.  
 EUROPA desconhece o novo continente. In: *O Globo*. Rio de Janeiro: 02 set. 1936  
 MENNUCCI, Sud. Revivendo a figura de Erasmo. In: *Correio do Povo*. Porto Alegre: 13 nov. 1936.  
 SILVEIRA, Tasso da. Os olhos do irmão eterno. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: 04 jul. 1937.  
 STEVAN Zweig escreverá um livro sobre o Brasil. In: *Diário de Notícias*. Porto Alegre: 10 out. 1940.  
 FEDER, Ernesto. Nova interpretação de Stefan Zweig. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: 14 abr. 1946.

a decapitou<sup>99</sup>; a trajetória do autor, que pouco depois da vinda ao Brasil foi recebido pela Academia de Letras<sup>100</sup>; e, também sobre outra personagem biografada: **Maria Stuart**<sup>101</sup>.

Figura 36 – Obra Maria Antonietta e apensos



Fonte: AHR, fotografia elaborada pela autora.

Já no volume que traz a biografia desta última, não há recortes, mas sim uma apreciação, ao final do texto, comentando sobre as edições brasileiras (figura 37). Embora não sejam trabalhos do mesmo tradutor (Medeiros e Albuquerque traduziu Maria Antonietta e, Odilon Gallotti, Maria Stuart), Vergueiro registrou:

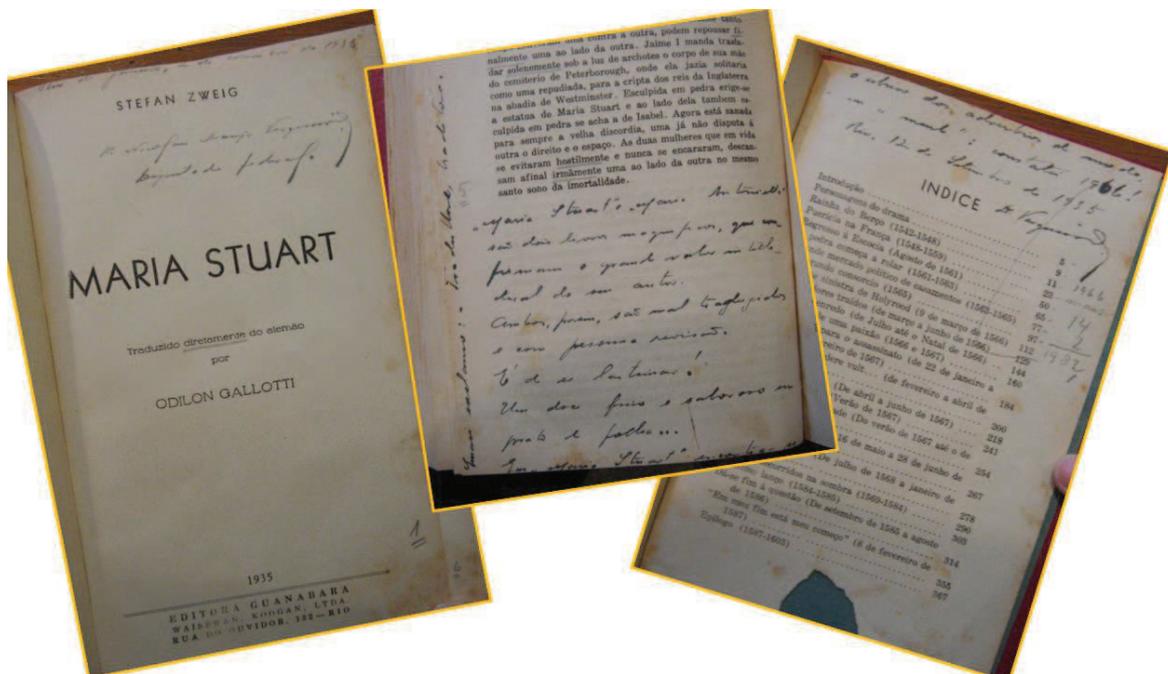
‘Maria Stuart’ e ‘Maria Antonietta’ são dois livros magníficos que confirmam o grande valor intelectual do seu autor.  
Ambos, porém, são mal traduzidos e com péssima revisão.  
É de se lastimar!  
Um doce fino e saboroso em prato de folha...  
Em ‘Maria Stuart’ encontra-se o abuso dos advérbios de modo, em ‘mente’:  
constatei 1966!  
Quase exclamo: Tradutore! Traditore! [Escrito na posição vertical]  
Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1935.  
Dr. Vergueiro [assinado]

<sup>99</sup> Adquirida em leilão. In: *A Razão*. n.102, ano 2. Santa Maria: 18 fev. 1936.

<sup>100</sup> Stefan Zweig na Academia de Letras. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 ago. 1936, p. 5. Há também um pequeno recorte com fotografia do autor austríaco acompanhada da seguinte legenda: “Stefan Zweig examina as publicações as S.A. O Malho”.

<sup>101</sup> MENGE, Alvim. A mancha rubra de Holyrood. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: 22 set. 1935. Há outra nota, acompanhada de ilustração afirmando que o conde de Traquair fechara os portões de seu castelo na Escócia para reabri-los quando outro Stuart fosse rei da Inglaterra.

Figura 37 – Exemplar “Maria Stuart”



Fonte: AHR, fotografia elaborada pela autora.

Ao referir-se a sua biblioteca nas memórias, demonstra conhecer os itens que compunham o acervo. Basta ver o texto “305. Estevão Cruz” Igualmente, Vergueiro orgulha-se da vasta coleção que lhe proporciona incursionar por outras áreas de conhecimento, conforme registra em “115. Advogado a muque”.

A reminiscência sobre Estevão Cruz foi redigida face a notícia de seu falecimento. Vergueiro relembra algumas vezes que se encontraram e os livros que aquele publicou. Nesta “Nota íntima” Vergueiro transcreve as duas dedicatórias que Cruz lhe endereçou expressando estima e gratidão:

Tenho, em minha biblioteca, dois trabalhos seus: “Do grito, à palavra” publicado em 1931 e “Compendio de Filosofia” em 1933.

O primeiro traz a seguinte dedicatória:

“Ao ilustrado continuador de Hipócrates a Dr. Nicolau Araújo Vergueiro – uma das inteligências mais rutilantes que orientam as massas gaúchas, pró-democracia e liberdade, através a vastidão das coxilhas, no dorso opulento da serra, oferece o minúsculo Autor que exíguo na envergadura intelectual, tem imenso o coração para aninhar um infinito de gratidão pelos reais favores que de sua generosidade esclarecida já recebeu. Passo Fundo, 15 de Janeiro de 1932.”

O outro traz a seguinte:

“Ao Dr. Nicolau Vergueiro, com grande apreço e estima, oferece o Autor. Porto Alegre, 30 de janeiro de 1933”.

Além desses estudos, publicou Estevão Cruz outros trabalhos: Teoria da Literatura, Antologia da Língua Portuguesa, Programa de Vernáculo, Programa de Latim e outros. (VERGUEIRO, 1937, v. 8, p. 57-59).

A outra nota corresponde a atuação de Vergueiro como advogado, a convite do juiz identificado como “Guarita”, que presidia o Superior tribunal do Estado do Rio Grande do Sul. O réu era um alcoólatra que desferiu um tiro num corredor escuro causando a morte de outro homem, também alcoólatra. Vergueiro orgulha-se de efetuar a defesa com alguns livros de Medicina Legal de sua biblioteca e com a informação do artigo do Código Penal sobre a perturbação de sentidos repassada por um advogado<sup>102</sup>. Segundo ele:

O promotor desenvolveu cerrada e forte acusação.  
Joguei, depois de comentar algumas peças do processo, e de considerações gerais, toda a minha maior argumentação sobre o alcoolismo, em face do crime, baseado nas brilhantes lições de Souza Lima, Vieira Lopes e Vibert.  
Falei cerca de uma hora.  
O réu foi, por unanimidade de votos, absolvido, e o promotor não apelou, sendo, portanto, solto depois dos cinco dias regulamentares. (VERGUEIRO, 1935, v.2, p.180-183).

O dono da biblioteca orgulha-se de que foi apresentado para escritores que admirava, como conta na transcrição do artigo publicado no jornal, nota “269. Renato Kehl”. Foi Dionysio Cabeda Silveira, seu cunhado e também médico residente no Rio de Janeiro, quem lhe proporcionou o encontro com o renomado médico eugenista brasileiro na mesma cidade. (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 92-96). A admiração de Vergueiro pelo trabalho do colega é evidente na série de artigos que publicou no jornal local *Diário da Manhã*, em 1936. Essa série de artigos foi publicada no intento de esclarecer sobre a eugenia e, principalmente, formar opiniões favoráveis ao projeto que Vergueiro apresentou na Câmara dos Deputados sobre a regulamentação do exame pré-nupcial. Essa questão será discutida ainda neste capítulo.

Entre as ideias científicas que mais influenciaram políticos e intelectuais no início do século XX destacam-se o positivismo, a eugenia, a doutrina espírita e o liberalismo. Nas páginas seguintes nos dedicaremos a compreender de que forma essas ideias repercutiram no pensamento de Nicolau Araujo Vergueiro.

---

<sup>102</sup> Vergueiro comentou em seu discurso de cinquenta anos de formatura que foi convidado para trabalhar como professor adjunto da disciplina de medicina legal, na Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

#### 4.2.1 Positivismo e as chefias unipessoais no PRR

Entendemos a imagem que segue como um vestígio ou prova de que Vergueiro foi o presidente da Assembleia de Representantes. No entanto, muito mais do que isso, esta imagem constitui um discurso, e como tal, comunica sobre a ideologia política adotada no Estado do Rio Grande do Sul.

Figura 38 – Presidente da Assembleia de Representantes



Fonte: Acervo MHR; Prefeitura Municipal de Passo Fundo/Fundação Universidade de Passo Fundo.

Deputados João Lucas de Lima, Nicolau Araujo Vergueiro e Arno Philipp. Vergueiro presidiu a Mesa Diretora da Assembleia de Representantes no ano de 1928.

Na fotografia vemos Nicolau Araujo Vergueiro ocupando, em 1928, a cadeira de Presidente da Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul. No plano superior, em destaque, estão o busto de Borges de Medeiros e acima deste o quadro de Julio de

Castilhos<sup>103</sup>. Essa imagem, como narrativa demonstra que a função do legislativo no contexto da Primeira República, era subordinada ao executivo, cabendo-lhe, exclusivamente, tratar de questões orçamentárias<sup>104</sup>. Em síntese, as imagens do presidente e do ex-presidente do Estado<sup>105</sup> ilustram que:

No cume de todo sistema castilhista encontrava-se a figura do líder carismático, que sabia para onde deveria guiar os destinos da sociedade, sendo consciente do papel salvador que lhe cabia, frente a crise em que o liberalismo suicida submergiu os povos, após a Revolução Francesa. (RODRÍGUES, 2007, v.3, t.1, p.87).

Sob outra perspectiva a imagem é uma autorepresentação do grupo de parlamentares gaúchos. “O ‘retratar-se’ é uma prática cultural que integra uma rede de comunicação e atua, como tantos outros processos, na regulação da sociedade”. (LIMA; CARVALHO, 2012, p. 49). Nesse sentido, a imagem tem um valor simbólico determinado também pela pose, gestos e espaço que os circunda, no caso da fotografia em análise, a mesa diretora do plenário.

No caso de Vergueiro, considerando a postura para o retrato, em consonância com sua trajetória política, é possível sugerir a aspiração a um cargo no executivo, conforme notícia selecionada por Vergueiro para figurar nos seus álbuns<sup>106</sup>.

É possível reconhecer as influências ideológicas de Vergueiro analisando seus discursos em diferentes ocasiões, como festividades, manifestações políticas, campanhas eleitorais e eventos religiosos<sup>107</sup>. Entre os autores citados nos discursos, de forma recorrente, estão, o liberal Rui Barbosa, e os positivistas Augusto Comte, Júlio de Castilhos e Borges de

<sup>103</sup> A obra de arte que retrata Júlio de Castilhos é de autoria de Pedro Weingärtner. A pintura foi inaugurada na Assembleia dos Representantes, em 24 de outubro de 1905. Hoje a mesma está exposta no Salão Julio de Castilhos, espaço anterior ao Plenário 20 de Setembro.

<sup>104</sup> “Comte apunha à divisão de poderes defendida pelos filósofos liberais e harmonia entre os órgãos do Estado. Tal como Comte pregava, as instituições gaúchas não obedeciam à tradicional divisão de poderes, mas concentravam as faculdades legislativas e executivas na presidência do Estado”. (PINTO, 1986, p. 47).

<sup>105</sup> Julio Prates de Castilhos (1859-1903) é conhecido como fundador do Partido Republicano Rio-Grandense – PRR. Ele presidiu o Estado de 1891 até 1898, quando foi sucedido por Antônio Augusto Borges de Medeiros (1863-1961). Ambos governos e a história do PRR foram marcados pelo forte caráter de liderança pessoal destas duas personagens, motivo pelo qual fala-se em castilhismo e borgismo. Essas lideranças do PRR imprimiram a agremiação um forte caráter moralista e conservador, que defendia a tolerância religiosa, a liberdade profissional, mas praticava a intolerância política. (RODRÍGUES, 2007, v. 3, t. 1).

<sup>106</sup> O sucessor do presidente Vargas no Rio Grande. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro 7 nov. 1930 (álbum v. 1, p. 46).

<sup>107</sup> “147. Discurso de Paraninfo”, “150. Discurso sobre o Dr. Borges”, “156. Discurso de posse intencional”, “159. Discurso – regresso do exílio”, “161. Discurso na convenção republicana”, “163. Discurso em Carazinho”, “168. Discurso em uma sessão fúnebre”, “169. Discurso político em um piquenique”, “170. Discurso em Carazinho”, “172. Discurso em um banquete, em Porto Alegre”, “187. Discurso Clube União Comercial”, “188. Discurso num banquete político”, “189. Discurso na Escola Complementar”, “192. Discurso em Marau”, “193. Discurso em uma manifestação”, “214. Discurso na Escola Complementar”, “215. Discurso n’A luta”, “311. Cristo e Lênin”, “318. Comício pro José Américo”.

Medeiros. Em sua biblioteca há duas obras de Augusto Comte<sup>108</sup>, o idealizador da filosofia, da religião e do sistema político positivo no qual Julio de Castilhos se inspirou para criar um projeto de governo para o Estado.

Segundo Vergueiro, homens como Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros deveriam ser tomados como exemplos de virtude, moral e intelecto, não apenas no Rio Grande do Sul, mas em todo o Brasil, pois eram evangelizadores do regime republicano. (VERGUEIRO, 1935, v. 3, p. 143-146; v. 4, p. 112-121).

Como autor, seja em discursos parlamentares, reminiscências ou entrevistas percebemos o uso de analogias entre diversos assuntos e os conhecimentos médicos. Esta estratégia discursiva já foi identificada por Gaglietti (2007) nas falas de outros políticos como Machado e Pilla, que também tinham essa formação. O emprego de um vocabulário da área médica “serve como um argumento de autoridade, pois atesta que aquele que está falando conhece profundamente a medicina e é reconhecido como alguém que possui competência para tratar do assunto.” (GAGLIETTI, 2007, p. 114).

Para homens de cultura, que se posicionaram como Vergueiro, a teorização da política era vista como uma competência em que “a arte de governar relacionava-se com o saber científico”. (PÉCAUT, 1990, p. 30). Como parte de uma visão política elitista, em voga nas décadas de 1920 e 1930, teorias como o positivismo apregoavam que política e ciência estavam associadas. O elitismo sugere que os mais capazes devem dirigir a sociedade. Como vemos no texto “147. Discurso de Paraninfo”, pronunciado em Passo Fundo no mês de dezembro de 1932. Esse foi o ano em que Vergueiro foi preso por apoiar a Revolução Constitucionalista.

A observação do texto permite identificar algumas máximas e valores ligados à filosofia positiva e à ciência eugênica e a psicologia das massas. Anunciando que recebeu o convite para ser paraninfo na prisão, ele justifica que: “[...] fui recolhido tão somente por manter bem alto, inamalgável e intangível o meu ideal político que, desde os bancos acadêmicos, acalento e afago com imenso amor, e hoje venero, mais do que nunca, como um patrimônio sagrado”. (VERGUEIRO, 1935, v. 3, p. 127-134). Depois, aconselha os formandos a escolher posições e mantê-las com firmeza e sem se abalar. Defendendo o civismo sugere que existem binômios para reger a vida: “Deus e Estudo, Pátria e Família, Confiança e Atividade, Amor e Honra, Trabalho e Energia”. Seus discursos seguiam padrões

---

<sup>108</sup> COMTE, Auguste; LAFFITTE, Pierre. **La philosophie positive**. Paris: Félix Alcan, [s.d.].  
COMTE, Augusto. **Religião da Humanidade**. Porto Alegre: Globo, 1927.

bem convencionais e ele expressava posturas bastante conservadoras e moralistas, mas não afastava-se do que propalava a elite nacional.

Como podemos observar na tabela 3 que apresenta os autores mais citados por Vergueiro outra de suas referências constantes era Le Bon<sup>109</sup>. Em sua biblioteca ele possuía várias obras do autor<sup>110</sup> que admirava. A psicologia das massas influenciou a elite dirigente brasileira, uma vez que: “no domínio político, a referência ao saber era ainda mais acentuada do que no domínio cultural” (PÉCAUT, 1990, p. 43).

Neste discurso pronunciado como paraninfo, em 1932, Vergueiro menciona a ideia de que os mais fortes, corajosos e preparados podem se sobressair e, como futuros dirigentes do país devem tirar lições e exemplos do passado.

Já no “159. Discurso de regresso do exílio”, que o autor profere, retoma sua trajetória e justifica as ações de acordo com os princípios morais adotados pelo PRR e grafados na Capela Positivista de Porto Alegre<sup>111</sup>.

Não confundam os meus insensatos e desastrados adversários energia com ódio, repugnância com ódio, saneamento com ódio: não me emprestem os sentimentos que possuem.

O ódio só destrói; só o amor é criador. Augusto Comte sempre aconselhou o amor por base... mas o amor não exclui a higiene.

Não sou um estúpido nem um perverso.

A minha vida – A minha vida sempre foi exercida ao sol, à luz das causas claras e afirmativas: O gaúcho bom só se senta à sombra para tomar chimarrão.

A luz faz mal a certa gente, que, se pudesse, passaria piche no azul do céu e até mesmo prenderia o sol em fétido calabouço. A casa da Avenida Brasil n.º1056, não é um porão, onde, em atmosfera bolorenta, entre baratas, aranhas e ratos, no grotesco reino das trevas e com o astuto espírito das trevas, quando as corujas choram agoureiras e os morcegos esvoaçam doidamente, se constroem, rangendo os dentes e espumando de raiva, fantásticas represas, se organizam mastodônticas empresas, se arquitetam labirínticos planos, se combinam sórdidas vinganças, se ruminam terríveis libelos e se engendram tramoias maquiavélicas, que só ao diabo lembra em dia de vento norte ou de noite de orgia sardanapalesca.

Honro-me de gozar da estima dos bons e do ódio dos maus. (VERGUEIRO, 1935, v.4, p.1-64).

<sup>109</sup> Gustave Le Bon (1841-1931) iniciou o a Faculdade de Medicina, mas não concluiu seus estudos. É citado como um psicólogo social. Consolim (2004) o caracteriza como republicano, conservador, antidemocrata e elitista.

<sup>110</sup> BON, Gustave Le. A psychologia politica. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

\_\_\_\_\_. A revolução franceza e a psychologia das revoluções. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

\_\_\_\_\_. As opiniões e as crenças. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

\_\_\_\_\_. Enseignements Psychologiques de la Guerre européenne. Paris: Ernest Flammarion, 1916.

\_\_\_\_\_. Leis psychologicas da evolução dos povos. Lisboa: Francisco Luiz Gonçalves, 1910.

\_\_\_\_\_. Premières Conséquences de la Guerre: transformation mentale des peuples. Paris: Ernest Flammarion. 1916.

\_\_\_\_\_. Psychologie des temps nouveaux. Paris: Ernest Flammarion, 1920.

<sup>111</sup> As fotografias da Capela Positivista de Porto Alegre podem ser visualizadas no texto de Pezat (2007, v. 3, t. 2, p. 75).

No excerto temos duas ideias propaladas pelo positivismo: “O amor por princípio, e a ordem por base; o progresso por fim”. A primeira relacionada ao amor como fundamento das relações humanas, pelo dom criador. Nela sustenta-se a ideia de que do amor provém boas obras. Ele seria um sentimento essencial para as lideranças partidárias ou governantes, que com amor procuram o bem coletivo para alcançar o progresso material e moral: “viver para outrem”. Portanto, o amor é evocado por Vergueiro como elemento necessário para o civismo, na medida em que congrega e fortalece a nação.

Na sequência, foi estabelecida relação com outra máxima positivista: “viver às claras”. Aqui Vergueiro enuncia a virtude suprema do político: “pureza de intenções” e “desinteresse pessoal” que “equivale à total ausência de sórdidos interesses materiais”. (RODRÍGUEZ, 2007, v. 3, t. 1, p. 63). Nesta, como em outras partes do discurso, ele opõe sua maneira de proceder a dos adversários políticos.

Como administrador, observando serenamente os fatos, pelo prisma da verdade e do direito, propugnarei pelos reais interesses da coletividade, amparando-os, numa concentração de energias, com todas as grandes forças da minha dedicação e da minha vontade.

Na evolução do mundo moderno, nessa vertiginosa decadência de caráter, quando tudo se procura deturpar e corromper, quando a sociedade é invadida por uma avalanche de vivedores, quando impera o vício, quando domina a libertinagem, torna-se necessário aos homens de governo traçar, com mão de aço, uma linha reta, sem desvios e sem atalhos, pelo caminho da moral, da dignidade e da honra, trilhando-o com passo firme, sem tremores e sem vacilações. [...] Moldo a minha ação governamental pelas palavras de Julio da Castilhos: ‘A minha ação política, na elevada significação da palavra, será tão tolerante como enérgica. Tolerante, quanto às opiniões e quaisquer pronunciamentos pacíficos, tolerante até o extremo de uma renúncia voluntária do mandato, para que se efetue mais uma manifestação livre dos cidadãos, que compõem o corpo eleitoral, a aprazimento daqueles que movem ao governo a mais obcecada oposição. Enérgica sempre que for preciso invalidar resolutamente as criminosas tentativas dos inimigos da paz pública; enérgica, quando a segurança e o sossego da sociedade exigirem aplicação severa de inexoráveis medidas repressivas’. (VERGUEIRO, 1935, v.4, p.1-64).

O que se depreende deste trecho é que Vergueiro se propõe a “cumprir sua missão moralizadora” orientando a conduta dos cidadãos. (RODRÍGUES, 2007, v. 3, t. 1, p. 66). Ou ainda exercer tutela sobre a sociedade, para que as pessoas procurem o bem público, alcançando a segurança e a prosperidade do Estado, em detrimento dos interesses individuais. Para esse fim ele defende o uso da autoridade do governante. A linha discursiva adotada por Vergueiro, em consonância com a doutrina partidária, recomendava aos membros do partido local para que mantivessem a organização e a disciplina partidária.

#### 4.2.2 Eugenia

A Eugenia era um tema caro à ciência e começou a ser difundida no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Entre seus adeptos estavam muitos intelectuais e políticos que se dedicavam a refletir sobre a realidade nacional e propor sua “salvação”. O termo eugenia, formulado por Francis Galton, designa um conjunto de ideias e práticas relativas a um melhoramento da raça humana, fundamentado no estudo da hereditariedade.

Não sabemos exatamente em que ano Vergueiro passou a fazer leituras sobre eugenia, posicionando-se como favorável a algumas práticas. Ele se referiu a esse tema, do seguinte modo, na nota “324. Atestado Médico”:

Desde alguns anos, principalmente depois da leitura dos trabalhos do Dr. Renato Kehl, venho, por todos os meios ao meu alcance, tribuna, imprensa, palestras, conferências, conselhos médicos, trabalhando sem cessar por uma lei que regulamente a matéria e pela formação de um estado de opinião pública em todos os setores sociais, de modo a poder se contar com o concurso consciente dos cidadãos. (VERGUEIRO, 1937, v. 8, p. 180-195).

Do texto depreendemos que embora Vergueiro já tivesse contato com as ideias propaladas por Renato Kehl, suas leituras são intensificadas por causa do projeto sobre exame pré-nupcial. O contato com estudos sobre eugenia, na época em que redige suas memórias, transparece em outros textos como “83. Não queria casar”. O texto inicia fazendo uso de ditos populares: “O destino já se traz do berço, e, por mais que se o queira torcer ou desviar, segue impávido o seu caminho, e as influências da hereditariedade são de valor preponderante: filho de peixe sabe nadar, ou filho de tigre sai pintado [...]”. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 12-15).

O tema também é aludido no seu discurso de paraninfo dos formandos do Instituto Ginásial de Passo Fundo no ano de 1932. Ali ele propugna seu entendimento sobre a relação entre saúde e virtudes cívicas: “A vitória pertencerá aos sadios de corpo e alma: fortalecei a raça, sede propugnadores da eugenia, educai a criança, cultivai a inteligência, aperfeiçoi os conhecimentos, cantai as virtudes, combatei os vícios, amai a luz, detestai a treva” (VERGUEIRO, 1935, v. 3, p. 127-134).

O projeto de lei apresentado por Vergueiro, em 1936, pretendia regular o Artigo 145 da Constituição Federal promulgada em julho de 1934. A redação do artigo determina a necessidade dos noivos apresentarem provas de sanidade física e mental considerando as particularidades das diferentes regiões do Brasil. Nesse ano ele compunha com outros dez deputados a Comissão de Saúde Pública da Câmara. Eram membros, além de Vergueiro:

Heitor Annes Dias, que presidia a Comissão; Abelardo Marinho; Agostinho Monteiro; Juscelino Kubitschek; Magalhães Netto; Carlota de Queiroz; Bento Costa; Pires Gayoso; Figueiredo Rodrigues e Levindo Coelho.

Para o redator do projeto não era mais necessário debater a respeito do exame pré-nupcial, visto que fora contemplado pela Constituição, e sim de regulamentá-lo, de forma prática e conveniente, segundo expôs para os demais membros da Comissão. Voitechén (2015) volta sua análise às discussões sobre o assunto em jornais, trabalhos de conclusão do curso de medicina e na Câmara dos Deputados. Segundo podemos apurar Vergueiro reflete na nota “324. Atestado Médico” as dificuldades para aprovar a lei, ponderando as questões que foram discutidas entre 1926 e 1934, tais como a necessidade de conscientizar a população dos benefícios que o exame pré-nupcial traria; a falta de médicos no país para realizar os exames antes dos matrimônios; o investimento no ensino e na propaganda como formas de obter resultados mais rápidos, entre outros. O projeto de Vergueiro “parecia ser o mais completo, já que previa sugestões para contornar todos os impedimentos”. (VOITECHEN, 2015, p. 123-124). De fato, Vergueiro embasa-se nas ideias eugenistas e no projeto de lei que fora elaborado por Amauri de Medeiros.

[...] Projeto nº

Regula o art. 145 da Constituição Federal.

O Poder Legislativo decreta:

Art. 1º - Além dos documentos exigidos pelo Código Civil, para habilitação do casamento, os nubentes, cada um de per si, apresentarão atestado de que não têm defeito físico irremediável e incompatível com o casamento, ou doença grave transmissível, por contágio ou herança, ao outro cônjuge ou à sua descendência.

§1º - Consideram-se doenças graves transmissíveis ao outro cônjuge ou a sua prole, para os efeitos deste artigo: a tuberculose aberta, a lepra, a sífilis contagiante, a blenorragia, o cancro venéreo, a idiotia, a imbecilidade e a alienação mental sob qualquer de suas formas.

§ 2º - Nos casos de alcoolismo e de uso habitual de entorpecentes, não se permitirá o casamento, enquanto se não provar a cura dos hábitos de intoxicação.

Art. 2º - Os certificados médicos trarão a firma reconhecida, e serão datados dentro de cinco dias, no máximo, anteriores à celebração do casamento, devendo ser juntos ao processo até 24 horas antes desse ato.

Parágrafo único - Esses certificados não envolvem violação do segredo profissional.

Art. 3º - O exame médico será realizado por clínico indicado pelos nubentes e aceito pelo juiz.

§1º - Para as nubentes do sexo feminino, o exame se limitara às práticas da clínica geral e às provas de laboratório, a menos que a gravidade do caso reclame, além daquelas, provas ginecológicas, a juízo do médico nomeado.

Art. 4º - Diante de certificado médico, que implique no veto do casamento, o nubente, que se julgar prejudicado, poderá requerer ao juiz novo exame, promovido por dois outros profissionais, um de sua indicação e outro de nomeação do juiz. Se o segundo certificado ainda foi contrário ao casamento, mesmo pelo voto de um só daqueles, novos exames somente poderão ser feitos, após decorridos três meses.

Art. 5º - Nos lugares onde não houver médico, poderá o exame pré-nupcial ser dispensado tão só para os habitantes de moradia efetiva, com domicílio civil imediatamente anterior de mais de dois anos, mediante requerimento ao juiz, assinado pelos nubentes.

Parágrafo único - Neste caso, suprirá o exame um atestado de boa saúde aparente, firmado por duas pessoas idôneas, com as respectivas firmas reconhecidas, comprovados os requisitos determinantes da exceção.

Art. 6º - Nos casos em que os nubentes sejam de pobreza manifesta, atestado pela autoridade policial, o juiz, a seu requerimento, nomeará médico para proceder gratuitamente ao exame.

§ 1º - Na Capital da República e dos Estados, e na sede dos Municípios, o exame pré-nupcial em pessoa pobre será feito, e gratuitamente, enquanto não houver, para tal, serviço organizado por médico da assistência pública.

Art. 7º - São dispensados de selo os atestados médicos e certificados de saúde, de que trata a presente lei, sendo também gratuito o reconhecimento de suas firmas.

Art. 8º - Quando o casamento se tiver realizado em face de atestado médico, que não expresse a verdade, será o atestado passível das sanções do Código Penal, referente ao falso testemunho e à imperícia.

Art. 9º - Toda a autoridade, que fizer um casamento sem exigir a apresentação do certificado médico, ou atestado de boa saúde aparente, deverá ser processada, incorrendo nas penas do Código Penal, previstas para a falta de exação no cumprimento do dever, além da perda do cargo.

Art. 10º - A exibição do atestado médico, ou certificado de saúde será dispensada, quando algum dos contraentes estiver em iminente risco de vida. Nesse caso, porém, cessado o risco, tornar-se-á obrigatório o exame, a fim de instruir o processo preconizado no Código Civil, para que o casamento surta os seus efeitos legais.

§1º - O juiz deverá decretar a separação de corpos, até o necessário restabelecimento, se do exame procedido verificar-se a existência de moléstia contagiosa curável em algum dos cônjuges, casados na hipótese do nº II do art. 199 do Código Civil.

§2º - O juiz deverá decretar, porém, a ineficiência do ato, uma vez verificada a existência de moléstia grave e transmissível, em qualquer dos nubentes.

Art. 11 - Nos casos de casamento para a reparação de mal causado, o respectivo ato será realizado, independentemente de exibição do certificado médico ou atestado de saúde, de que trata a presente lei. O juiz deverá, ordenar, entretanto, a separação de corpos, se do exame dos nubentes verificar-se existência de mal contagioso curável, até a cura do paciente ou de ambos os cônjuges.

Parágrafo único - No caso de moléstia transmissível e incurável, a separação de corpos deverá ser decretada, enquanto a vítima for menor, permanecendo em separação, se por ela for requerida ao adquirir a maioridade.

Art. 12 - A presente lei entrará em vigor um ano depois de sua promulgação.

Art. 13 - Revogam-se as disposições em contrário. [...]. (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 9-31).

Devido à própria especialidade no tratamento de doenças venéreas, ele constata que o houve aumento desses casos. Isso justificaria sua argumentação pela regulamentação do exame pré-nupcial e em prol das ideias eugênicas. Essas preocupações estão contempladas nas “Notas íntimas”, onde ele expõe, por exemplo, uma série de casos sobre pacientes com sífilis<sup>112</sup> e gonorreia<sup>113</sup>. A eugenia no Brasil não foi um movimento homogêneo e singular, tampouco a ela aderiram apenas intelectuais e políticos de direita, conservadores e reacionários. (SOUZA, 2006, p. 13).

<sup>112</sup> Referências aos textos tratam do assunto escritos por Vergueiro (1935, v. 1, p. 92-99, 153-155); (1935, v.2, p. 68-72, 76-86); (1936, v.7, p. 108-115).

<sup>113</sup> Referências aos textos que enfocam essa doença na autobiografia do médico Nicolau Vergueiro (1935, v. 1, p. 163-165, 168-170, 183-185); (1935, v. 2, p.103-106); (1935, v. 6, p. 39-41).

Na literatura nacional, o termo ‘eugenia’ aparecia sempre como símbolo de modernidade cultural, assimilada como um conhecimento científico que expressava muito do que havia de mais ‘atualizado’ na ciência moderna. Falar sobre a eugenia significava automaticamente pensar em evolução, progresso e civilização, termos que constituíam o imaginário nacionalista das elites brasileiras. Em muitos casos, a eugenia era interpretada como a ‘nova religião da humanidade’, tamanho a admiração e a crença que os “homens de ciência” depositavam neste saber científico. (SOUZA, 2006, p. 21).

Para comprovar seus pronunciamentos na Câmara dos Deputados e publicações no jornal, a respeito desse projeto e das doenças que assolavam a população, tais como tuberculose, lepra, alcoolismo, sífilis e gonorreia, Vergueiro copiou esses textos nos volumes 7 e 8 das “Notas íntimas” – “265. Exame médico pré-nupcial”; “267. Discurso: exame médico pré-nupcial e lepra”; “268. Eugenia”; “269. Renato Kehl”; “270. Educação e Saúde”; “271. Duas opiniões e um esclarecimento”; “277. Lepra”; “278. Ainda a Lepra”; “313. Um discurso na Câmara” e “324. Atestado médico”. Além dos textos do próprio cunho, transcreveu opiniões favoráveis a instituição do exame pré-nupcial. Esse é o foco dos textos: “266. Um projeto do deputado Vergueiro”, “272. Serviço Público” e “297. Um artigo do Dr. Noble”.

A citação de intelectuais e médicos de renome foi um recurso empregado por Vergueiro para demonstrar sua propriedade ao abordar o tema da instituição do exame pré-nupcial. Na argumentação, reproduziu falas de brasileiros como: Oscar Fontenelle, Miguel Couto, Julio Dantas, Renato Kehl, Alfredo Ferreira de Magalhães, Afrânio Peixoto, Belisário Penna e Coelho Neto. Além deles, mencionou conceituados teóricos internacionais para definir a ciência eugênica, acrescentando a estes o nome de Kehl, com admiração:

Mas o que é eugenia?

Eis algumas definições:

Huerta – É a ciência e a arte da geração.

Ford – É a seleção nacional.

Pinard – É a puericultura antes do nascimento.

Houssay – É uma aplicação total das ciências biológicas.

Schreiber – É a pesquisa e aplicação de conhecimentos úteis à reprodução, à conservação e, sobretudo, o melhoramento da raça humana, libertando-a de suas taras mórbidas.

Renato Kehl – É a higiene da raça e constitui a ciência da felicidade, porque se esforça pela educação moral e física do homem, a fim de dotá-lo de qualidades ótimas, de fornecer-lhe elementos de paz na família, na sociedade e na humanidade. (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 87-92).

Santos (2008, p. 185) observou que o pensamento de Renato Kehl sofreu uma inflexão a partir de 1930. Mas, no discurso de Vergueiro, não se verificou uma radicalização, pois entre os temas discriminados por este, não constam discussões a respeito da seleção eugênica dos imigrantes, em prol da eutanásia e da esterilização involuntária. O termo “raça” é

encontrado em referências a outros intelectuais, sobretudo Kehl. Nesse sentido, parece-nos que Vergueiro, quando emprega expressões como “higiene da raça”, “aperfeiçoamento da raça”, “profilaxia da raça”, utiliza-as como sinônimos de eugenia positiva, que privilegiava a reprodução dos indivíduos de “boa estirpe”. Notamos que seu pensamento é autônomo e peculiar, ocupando-se com questões de eugenia preventiva<sup>114</sup>.

Nessas narrativas Vergueiro, respaldado em estatísticas, sugere a necessidade de medidas de higiene, limpeza e desinfecção para alimentos, pessoas e ambientes para que não ocorra contágio. Esclarece que o poder público deve criar e manter serviços de atendimento à população, como a vacinação, a desinfecção de residências, a hospitalização de doentes. Ou ainda no discurso sobre o exame médico pré-nupcial e a lepra proferido na Câmara dos Deputados:

Cabe então ao médico, que como sociólogo, higienista, clínico ou em qualquer esfera de sua profissão, aconselhar e educar, sanear e combater: aconselhar aos poderes públicos, educar o povo, sanear os focos, combater os males.

Só ao médico, pelo exercício de suas funções, em diária frequência dos hospitais, dos manicômios, dos sanatórios, dos asilos, das maternidades, dos consultórios, no conhecimento dos habitantes da cidade e dos da campanha, é dado fazer imagem real do que por aí vai de doença e de miséria, de doloroso e de triste, de abandono e de incúria.

Descartes escreveu: "É à medicina que cumpre pedir a solução dos problemas que mais interessam à grandeza e à felicidade da humanidade" e Lenz, professor da Universidade de Munique, em trabalho recente, comentou: "A tarefa da classe médica não consiste apenas no tratamento dos indivíduos, considerados avulsamente, pois a ela cabe o papel transcendente de dirigir o saneamento e o fortalecimento do povo".

O Sr. Magalhães Netto - Tarefa muito mais segura essa, do que a outra.

O Sr. Nicolau Vergueiro - É imprescindível e urgente, e nisso não há o menor exagero, que o Estado, cômico de sua responsabilidade, olhe de frente, encare com seriedade a saúde de seu povo, política sanitária, principalmente o problema dos quatro grandes males que o corroem: a tuberculose, a lepra, a sífilis e a verminose.

Estabeleça-se, por outro lado, a política eugênica, aperfeiçoamento físico, moral e intelectual, trabalho constante e tenaz, inspirado em elevadas concepções, e, no decorrer dos anos, o Brasil terá uma população sadia e forte, trabalhadora e rica, alegre e garbosa.

O engrandecimento de qualquer nação sustenta-se em um fator básico: a saúde do povo. (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 39-86).

Há alguns exemplos de sua convicção na reabilitação de alcólatras nos volumes 1 (VERGUEIRO, 1935, p.116-124), 3 (VERGUEIRO, 1935, p. 30-33) e 8 (VERGUEIRO, 1937, p. 157-159). Ele conta a história de dois amigos seus que conseguiram mudar seus hábitos. No caso escrito no terceiro volume, o médico sugere que o tratamento para esse tipo de dependência deve ser gradativo.

<sup>114</sup> Vergueiro (1935, v.2, p.183-187); (1936, v.7, p. 115-123, 177-183, 191-195).

Ainda a respeito do tema, associado a questões eugênicas, detém-se comentando a situação de pessoas alcóolatrás que geraram filhos que também se tornaram dependentes do álcool.

Eis aqui um fato interessante, e que, a propósito, narrei no júri: a mãe desse criminoso contraiu matrimônio com um ébrio inveterado, que, de tanto se entregar ao vício, estourou por uma dupla lesão de coração e de figado, e todos os seus cinco filhos vivos eram degenerados: um surdo mudo; outro surdo mudo e louco; uma, cretina e papuda; outra, microcéfala e paralítica e o réu, borracho contumaz, desordeiro e criminoso. Pudera! Árvore torta só pode dar sombra torta; querer o contrário é querer o absurdo. Aquela senhora casou, em segundas núpcias, com um tipo sadio e normal, e sadios e normais são os últimos descendentes do casal, o que vem, mais uma vez, demonstrar a ação nefasta do álcool sobre a prole... (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 180-183).

Ou seja, Vergueiro entende que é possível a reabilitação de ébrios. Contudo, manifesta que, aos que tiverem filhos, será transmitida alguma patologia.

Em síntese, para Vergueiro:

A eugenia não cuida de criar tipos excepcionais, pelo gênio ou pela altura; muito outro é o seu fim: procura evitar certas doenças na sua origem, propugnando pela boa e melhor saúde das gerações futuras. Não visa a criação de sábios ou de gigantes, mas não quer a produção de mediocres ou de tarados, prefere ficar na medianidade, isto é: o homem comum, mas de perfeito equilíbrio nervoso, de corpo e espírito normais, sadio e forte.

Os males que se refletem na família, como bomba destruidora, são, por sem dúvida, a sífilis, a lepra, a tuberculose e o alcoolismo, e sobre os quais diremos, em penadas rápidas, alguma coisa, em artigos sucessivos, de prático e de útil, o que baste para tirar a venda dos olhos de muita gente, principalmente das mães boas e sensatas, que tem obrigação, até para sua própria felicidade, de possuir certos conhecimentos. (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 101-105).

Averiguamos, com isso, que embora ele demonstrasse a influência de Kehl na sua visão eugênica, através do uso frequente deste autor, não comungava de todas as suas ideias.

Apesar da mobilização do redator do projeto sobre o exame pré-nupcial, o mesmo não seguiu para votação. Ele expressa seu descontentamento sobre isto, pouco tempo antes da dissolução dos partidos políticos em dezembro de 1937. Mais do que queixar-se dos governantes e políticos em geral devido à falta de compromisso com a questão da saúde pública, ele censura os outros deputados que se preocupam com questões eleitorais ao invés de dedicarem-se aos problemas coletivos:

Apresentei, em Agosto de 1936, à Comissão de Saúde Pública da Câmara dos Deputados, um longo projeto aquele respeito e o mesmo ali empacou, não tendo o menor andamento, apesar de todos os empenhos junto aos membros daquela comissão e apesar do enérgico protesto que, em discurso, proferi em plenário, em Janeiro do corrente ano.

Sei que não é só esse o projeto que, na Câmara, dorme indefinidamente; acontece nas várias comissões, e não em pequeno número, o mesmo com outros, também de grande necessidade pública. (VERGUEIRO, 1937, v. 8, p. 180-195).

No mesmo texto, expõe que será persistente em sua campanha pela adoção do exame pré-nupcial no Brasil.

Quebrando tabus ridículos e nefastos, não me fatigarei de trabalhar pelo ideal eugênico, que visa garantir melhor futuro aos destinos do Brasil e considero dever de patriotismo ilustrar e esclarecer a mocidade promissora, que, no entanto, marcha, muitas vezes, para o abismo do mal e da doença por não ter quem lhes mostre o caminho do bem e da saúde.

Todo candidato ao casamento deve saber se suas condições orgânicas são de tal ordem que possam levar ao novo lar, como garantia de estabilidade, a felicidade e a alegria, em vez da desgraça e da tristeza.

Aos noivos, sempre e sempre, é útil chamar sua atenção, despertar sua consciência, fazendo-lhes ver a imensa responsabilidade que assumem.

Consigno, com prazer, que depois do meu projeto de lei, têm vindo, em Passo Fundo, à minha consulta, diversos jovens, pedindo exame, solicitando tratamento prévio quando necessário e atestado de saúde para casamento e posso asseverar que, em alguns casos, consequências desagradáveis já foram evitadas.

Para o bem coletivo, por amor à humanidade, pela grandeza do Brasil de amanhã, continuemos, sem esmorecimentos, a pregar esse novo evangelho de saúde: a eugenia ou a higiene da raça.

Pais de família, que só almejam o bem estar dos seus filhos; jovens, responsáveis pelo futuro de seu novo lar, deixem à margem certos preconceitos antigos, já abandonados pela elite dos povos civilizados, encarem, de olhos bem abertos, o problema do casamento não só pela sua face social e moral como também eugênica, procurem o seu médico de confiança, aconselhem-se com eles e, assim, poderão evitar irreparáveis males e garantir a felicidade de entes queridos. (VERGUEIRO, 1937, v. 8, p. 180-195).

Em 18 de outubro de 1946, Vergueiro volta a ocupar a tribuna, dissertando, novamente, sobre a regulamentação do exame pré-nupcial, sugerindo que a Comissão de Saúde apreciasse o projeto de lei, fizesse as alterações necessárias e o colocasse em votação. Na oportunidade, ele afirma:

[...] Quero me referir ao exame médico pré-nupcial, que, uma vez estabelecido, concorrerá, por certo, pela profilaxia da raça, para eliminação do espantoso número de fracos, doentes e degenerados: incapazes físicos, anormais psíquicos, débeis e doentes mentais, epiléticos, surdos-mudos, cegos - peso morto, carga dolorosa, coorte de infelizes.

*Preliminarmente, desejo frisar que sou contrário aos processos de esterilização, por motivos que, de momento, não vem ao caso declarar, mas podemos, por outros*

*meios mais suaves, dar início a essa campanha salvadora, que, em algumas gerações, trará os melhores resultados à nossa Pátria. [...]*<sup>115</sup>

### 4.2.3 Catolicismo

Essa parte de nossa pesquisa volta a atenção aos documentos do arquivo de Vergueiro relacionados à religião católica, com a doutrina espírita e com a ciência do século XX. Na biblioteca há uma seção contendo cento e noventa livros cuja temática é religião<sup>116</sup>. Encontram-se nela obras de caráter ateísta, de espiritualismo universalista, espíritas, e cristãs católicas ou vinculadas às igrejas protestantes. Indicamos, ainda, a presença de um texto judaico e de outro da “religião da humanidade”, vertente religiosa do positivismo, proposta por Comte. Além dessas, outras versam sobre a história das religiões, a religiosidade no Brasil, experiências místicas ou ainda sobre teorias criacionistas e evolucionistas.

A vasta literatura religiosa que integra o arquivo privado em análise contém uma maioria de textos católicos: biografias (de santos, religiosos católicos), catecismos, orações, poesias, cânticos e textos sobre comunidades religiosas. Destaca-se a quantidade de títulos que procuram inspirar a devoção à Virgem, enfatizando as aparições em Fátima, Portugal. Também é possível localizar diferentes edições da Bíblia em sua versão completa ou, apenas, o Novo Testamento, e da difusão do cristianismo durante o Império Romano. Além disso, existem textos clericais, entre os quais alocamos as vinte e quatro publicações de Dom João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, quase todas, cartas pastorais.

O acervo bibliográfico e os discursos pronunciados por Vergueiro, transcritos nas “Notas íntimas” e em jornais que integram o que chamamos de “produção de si”, refletem a apropriação que fez das biografias de santos. São feitas citações de Santo Agostinho, Santa Terezinha, Santo Tomas de Aquino, assim como os santos e a mãe de Jesus são empregados como modelos de virtudes, conduta e abnegação pelo autor.

<sup>115</sup> VERGUEIRO, Nicolau Araujo. Discurso: exame médico pré-nupcial. In: **Diário do Congresso Nacional**. Ano 1, n. 20. Rio de Janeiro, 19 out. 1946. p. 369.

<sup>116</sup> Dos cento e noventa volumes da seção de religião, em trinta e um livros não consta o ano de publicação, além disso, vinte e quatro dos mesmos foram publicados após o falecimento do titular.

Figura 39 – Cartões sacros



Fonte: Acervo da família

A esta literatura se agregam pequenos cartões ou santinhos, como são conhecidos popularmente, que continham orações de devoção e serviam como lembrança de eventos religiosos. O primeiro corresponde a uma oração que lhe foi oferecida pela sua irmã (Izaura), na conclusão do ano letivo de 1901. A outra indica comemoração dos cinquenta anos de sacerdócio de Exupério de La Compôte, no ano de 1950<sup>117</sup>. Enquanto a terceira, exemplifica convite/lembrança da festa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Com isso nota-se o uso desse material sacro como lembranças formais entre parentes, amigos e membros da comunidade católica.

Entre os objetos doados, enfatizamos dois quadros contendo as imagens dos sagrados corações de Jesus e de Maria. De acordo com as anotações de Vergueiro, em folha de calendário datando 05 de setembro de 1949, esses quadros foram benzidos pelo padre Clemente, ao visitar a família no dia do aniversário de Maria Vergueiro Malheiros (álbum, v. 1, p. 13).

<sup>117</sup> Nicolau Vergueiro pronunciou discurso nessa ocasião saudando Frei Exupério de La Compôte. Mencionou sua trajetória e dedicação à religião. O discurso foi transcrito pelo Jornal *Diário da Manhã*, de Passo Fundo no dia 03 de maio de 1950 (álbum, v. 1, p. 61).

Figura 40 – Quadros dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria



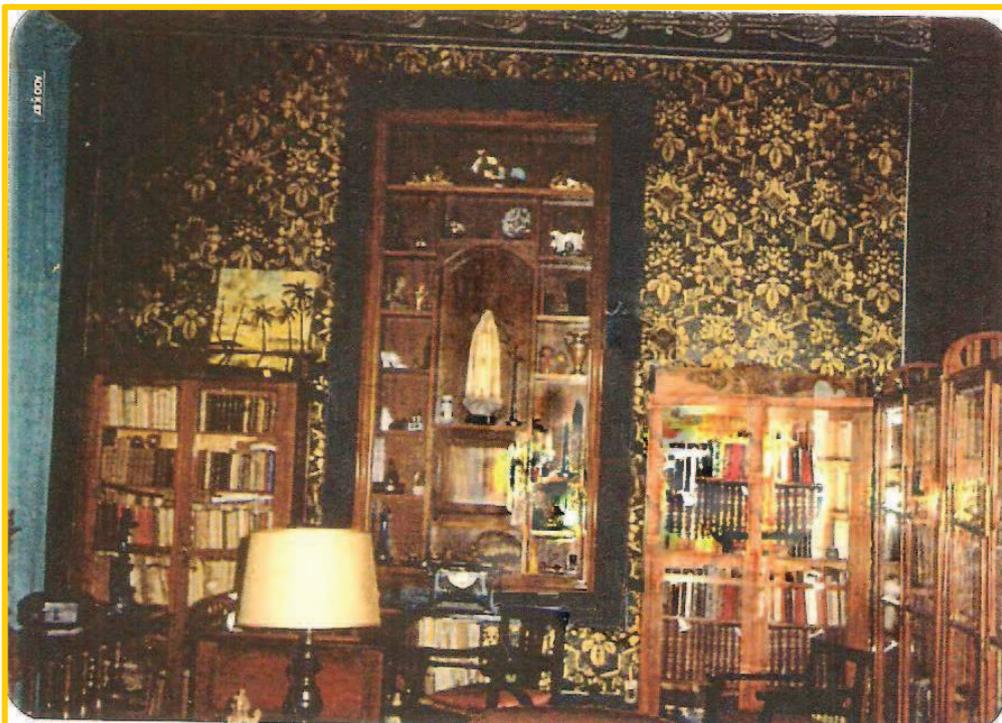
Fonte: AHR; elaborada pela autora.

Pode ser tomada como indício da devoção por Nossa Senhora a participação do titular do arquivo na recepção à imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima<sup>118</sup>, na cidade de Marau, em 27 de janeiro de 1952. Nessa ocasião, como orador, mencionou o histórico das aparições em Fátima, descreveu a confecção da estátua da Virgem, comentando sobre sua peregrinação, citou autores como Visconde de Montelo, Antonio Correia de Oliveira e Alves Mendes, e concluiu dirigindo uma prece a Nossa Senhora de Fátima. Na mesma época, ele adquiriu uma imagem, mantida em destaque, no gabinete residencial (figura 41). Atualmente, a mesma, está na residência de Maria Canfield Malheiros.

---

<sup>118</sup> Consultar documentos sobre as homenagens à imagem de Nossa Senhora de Fátima no Álbum (v. 2, p. 25-29).

Figura 41 – Interior do gabinete



Fonte: MHR

Em suas memórias Vergueiro evidencia a influência do catolicismo. Lembra as ocasiões em que recebeu sacramentos como batismo (15 agosto de 1882), eucaristia (1892), confissão (30 março de 1895)<sup>119</sup>, matrimônio (1906) ou participou dos ritos de iniciação de seus familiares e de pessoas que convidaram o casal para apadrinhamento. Algumas fotografias do acervo são lembranças, registros desses momentos marcantes na vida da sua família.

---

<sup>119</sup> “151. Discurso na pedra da Catedral”; “235. Deseja confessar-se”.

Figuras 42, 43 e 44 – Retratos da primeira eucaristia



Fontes: AHR; Acervo familiar

Na primeira figura, fotografia de C. Avila, temos uma lembrança da primeira comunhão de Maria Vergueiro com seu irmão Ruy, a celebração ocorreu em 08 dezembro de 1919. Já na segunda, vemos a neta Carolina Vergueiro também no dia da Eucaristia. E, a terceira, datada de 06 novembro de 1949, refere-se a Eucaristia do neto Nicolau.

Tais imagens revelam a condição abastada dos familiares, retratados pelo trabalho de um fotógrafo, como costumava acontecer. Além das roupas que indicam a solenidade do ato, há o uso de símbolos como o terço, as flores. A mudança de status dentro do catolicismo exigia um ato festivo do qual fazia parte a família e a comunidade, que na vida social também marcava a passagem da infância para a adolescência. As figuras ilustram como “a religião ajuda a fixar momentos importantes da vida social, ajudando a inventar um tempo e espaços especiais”. (DAMATTA, 2004, p. 61).

Da mesma forma, o casamento também se apresenta como um ritual simbólico e social que mobiliza todo o grupo familiar. A figura 45 mostra-nos que Vergueiro, como chefe da família e pessoa de destaque social, conduziu a neta Carolina ao altar no dia de seu casamento com Julio Galvez. A cerimônia ocorreu na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Foi nessa paróquia que a família contribuiu com o dízimo e realizou a maior parte dos rituais religiosos, pois era a mais próxima de sua residência.

Figuras 45 e 46 – Celebração de matrimônio



Fonte: Acervo familiar; AHR.

Casamento de Carolina Vergueiro Malheiros e Julio Galvez (1955); Bodas de Ouro de Nicolau e Jovina Vergueiro (1956)

A fotografia (figura 46) registram rituais que ocorreram na mesma festa, com a presença de numerosos familiares e amigos. Enquanto Nicolau e Jovina Vergueiro celebravam as bodas de ouro de seu casamento, em 11 de janeiro de 1956, sua bisneta Sandra Jovina recebia a primeira eucaristia. Essa solenidade ocorreu na Capela do Colégio Notre Dame, que ficava ao lado da residência da família em Passo Fundo. Vergueiro confeccionou um álbum contendo os registros do evento, com recortes de jornal sobre a comemoração das bodas de ouro do casal e inúmeros telegramas recebidos.

Contudo, para além das expressões formais sua condição de católico, ele expressa sua crença por meio de reminiscências. Em inúmeras narrativas, conclui com preces e com menções de piedade ao se referir a pessoas que morreram. Já sua relação com a doutrina espírita é mais discreta. No entanto, existem diversas evidências disto, que passamos a analisar na sequência. Entre elas estão seus relatos memorialísticos, suas relações com pessoas que seguiam a doutrina espírita, as obras que leu e adquiriu.

#### 4.2.4 Espiritismo

Inicialmente, Vergueiro faz algumas asseverações em suas memórias que nos permitem supor que ele não tolerava o espiritismo<sup>120</sup>. É feita a referência à prática do espiritismo de modo negativo em tal narrativa. A mesma versa sobre uma paciente de Benedicto Frydberg que foi submetida a cirurgia e, depois apresentou outra patologia, motivo de seu óbito. Este médico e Vergueiro entenderam que não se tratava de erro do diagnóstico e agravamento da doença, no entanto outro profissional sugeriu o contrário. Após o falecimento dela, seu filho dispôs-se a vingança. Ele cometeu crime de homicídio alvejando a esposa daquele médico na sua ausência.

[...] O Dr. Benedicto tem apreciáveis qualidades: sólido preparo, muito trabalhador e dedicado aos seus doentes.

Operou, certa vez, com êxito de hérnia umbilical, a uma senhora, de cerca de 50 anos, da conhecida família K. B. Decorridos alguns meses, foi novamente atendê-la, diagnosticando então: úlcera cancerosa do estômago. Chamado em conferência, observei uma atmosfera de desconfiança e, mesmo de hostilidade, aquele colega, por isso que acreditavam ser atual enfermidade uma consequência da intervenção cirúrgica. Expendi minha opinião contrária ao pensamento da família, que não se conformou.

Agravando-se o mal, romperam ostensivamente com o Dr. Frydberg, e chamaram o Dr. Casteletti, médico italiano, o qual, várias vezes, deixara perceber, com maldade, o erro daquele, tão somente para insinuar-se no conceito daquela gente, atrasada e supersticiosa, procurou, em seguida, a uma sessão de baixo espiritismo, manejado por pessoas verdadeiramente incultas e mais que isso, pérfidas, onde lhe afirmaram ter sido a primeira operação mal feita e que o atual estado era uma resultante daquela. Arrebolou o ódio, que lavrou-se entre todos os parentes. [...] (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 20-27).

A categorização “baixo espiritismo” variou de acordo com autores que a empregaram ao longo das primeiras décadas do século XX (policiais, juizes, cientistas sociais, médicos, jornalistas e espíritas). (GIUMBELLI, 2003). De modo geral, a expressão designa situações nas quais se pretende enganar, tirar proveito pecuniário ou causar mal a outras pessoas. Os critérios para definir “baixo espiritismo” apontam para a intenção ou finalidade depreendidas desta prática. Assim, voltando nossa atenção ao texto, entendemos que Vergueiro utiliza a expressão para designar o falso espiritismo, ou seja o embuste. A situação apresentada por Vergueiro demonstra a necessidade expressa pela Federação Espírita Brasileira (FEB) de

---

<sup>120</sup> No caso “58. Espírito” trata do tema com certa ironia ao narrar o episódio protagonizado por um amigo, estudioso do espiritismo, em 1914. Depois de comer salame, queijo e beber vinho esse amigo é conduzido, de noite, à sua residência embriagado e, a esposa chama o médico para socorrê-lo, pois acreditava que um espírito estava molestado-o. A resposta de Vergueiro foi que esse espírito era o vinho, pois, nesta época as bebidas alcoólicas eram chamadas de espirituosas. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 136-138).

orientar os adeptos ao preparo doutrinário e ao exercício da mediunidade totalmente desinteressado a fim de diferenciar as práticas e definir identidades.

Outra referência necessária sobre a relação de Vergueiro com o espiritismo, encontra-se na narrativa: “118. Um guia”. Nela o autor fala de um uruguaio, chamado Hector Cabrera, que possuía uma barbearia chamada Yogin, em Passo Fundo. De acordo com o memorialista, Cabrera era um estudioso convicto, sincero e dedicado do espiritismo, além de ser um crente sensato, o que o motivava a trocar ideias e ouvir suas preleções. O autor revela que em 1930 Cabrera lhe confidenciou a existência de um guia médico espiritual que o orientava em sua clínica. A esse respeito, Vergueiro esclarece que:

Nunca me dediquei ao conhecimento do espiritismo, e respeito-o como crença religiosa e quando exercido com elevação e desinteresse. A verdade é que, e não oculto, centenas de vezes, ao penetrar num lar ou num hospital, no nobre exercício da medicina, evoco, com admiração, a memória de Raul Pinto Bandeira... e, não nego, tenho sido mesmo muito feliz. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 190-193).

Em algumas das “Notas íntimas”, Vergueiro revela suas percepções acerca do sobrenatural a partir das suas próprias vivências. Como médico, assistiu a doentes que viram familiares mortos há pouquíssimo tempo. (VERGUEIRO, 1935, v. 1 p. 147-153).

Um relato interessante é o repetido sonho premonitório narrado no caso “210. De avião, não”. Vergueiro desejava viajar ao Rio de Janeiro encontrar-se com Oswaldo Aranha. Muitas pessoas tinham o mesmo destino pois queriam assistir a posse de Getúlio Vargas em 1930 e, como não conseguiu passagem para viajar de navio, reservou uma passagem aérea. No entanto, sonhou com um acidente em meio a água e sua mãe pedindo-lhe que não fosse de avião. O sonho levou-o a desistir do voo, mas na sequência, foi procurado por Ezequiel Maristany que lhe cedeu o camarote no vapor. Logo ao iniciar a viagem marítima foi informado do acidente com o avião da Companhia Condor, que caiu no litoral de São Paulo. Ele registra o fato, vendo na situação “algo de misterioso e divino”. (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p.184-187). Esta era uma crença própria do período e o identifica, como veremos no próximo capítulo, com o perfil dos médicos generalistas definido por Pereira Neto (2001).

Para finalizar a exposição a respeito dessas notas em que o tema do sobrenatural ou do espiritismo figura, é preciso fazer uma última referência: a narrativa “202. Uma noite no exílio”. Vergueiro enumera os amigos com os quais conviveu no exílio em Passo de los Libres, demorando-se na descrição de Oswaldo Palma, com quem tinha maior intimidade, e compartilhou uma experiência mediúnica:

Entre os bons amigos que encontrei em Libres, no exílio, Octacílio Fernandes, Sylvio Nunes, Aristides Pedroso, Gasbyo das Chagas Pereira, Vicente Saguas, João Garcia Cony e Oswaldo Palma, cuja distinção não sei e não posso fazer, houve, no entanto, um, o último, que desde logo, me chamou a atenção e por vários motivos. Cerca de 33 anos, olhos pequenos e vivos, claro, alto, de grande barba negra, basta cabeleira caindo-lhe sobre os ombros, vestido, a rigor, de autêntico gaúcho, cantor de modinhas, tocador de violão, inteligente, generoso, muito alegre, mas de temperamento delicado e excessivamente nervoso.

Educado nos Estados Unidos da América do Norte, falando diversas línguas, com apreciável cultura, Palma sempre se revelou uma grande alma e um imenso coração generoso. Só não dava uma esmola quando não tinha dinheiro [...]

O seu quarto era uma miscelânea, tinha de tudo, principalmente revistas, livros, jornais brasileiros, argentinos, uruguaios, americanos, espalhados por toda a parte. [...] Tornamo-nos íntimos. [...].

A descrição de Palma nos permite supor que, no retrato a seguir, tirado em Passo de los Libres, no dia 13 de agosto de 1933, este apareça, ainda que não esteja identificado.

Figura 47 – Exilados



Fonte: Acervo da família

De acordo com a inscrição na fotografia, o primeiro era Gasbypo Chagas Pereira; o segundo, Nicolau Vergueiro; o terceiro, Baptista Luzardo; o quarto, Octacílio Fernandes; e o quinto e último parece não ter recebido identificação. A possibilidade de ser Oswaldo Palma, o quinto integrante do grupo fotografado, deve-se a algumas características descritas por Vergueiro: se trata de um homem jovem, alto, que possui barba espessa e cabelo volumoso. Parece-nos que ele usa um lenço, não uma gravata. Veste um terno que, provavelmente, não lhe pertence (parece curto na cintura e nos punhos, além de apertado). Por fim, sua postura indica a de alguém pouco à vontade. Talvez ele não tenha sido identificado na fotografia, ou seu nome foi apagado por indicar uma aproximação de Vergueiro com o Espiritismo, que era hostilizado pela igreja católica.

Victor seguira a Buenos Aires, e Palma vinha todas as noites ler e conversar comigo até altas horas da madrugada.

Líamos Keyserling, Soiza Reilly, Roldan, Amado Nervo, Guido y Spano, Sarmiento, Marianni, Horácio Quiroga e outros autores.

Veio-nos às mãos um folheto de Francisco Waldomiro Lorenz sobre "Elementos de quiromancia" ou melhor de "quirosafia" como que Sana Khan, cuja leitura iniciamos com relativa curiosidade, observando, ao mesmo tempo, as nossas mãos.

Mais tarde, João Neves da Fontoura, sabedor, por Baptista Luzardo, do nosso estudo, enviou-me, de Buenos Aires, com expressiva dedicatória um tratado de Desbarrolles: *Les mystères de la main*.

Lá pelas três da manhã encontramos a descrição da linha da intuição, denominada também, mercuriana, e que parte do monte de Mercúrio e estende-se verticalmente, chegando muitas vezes a unir-se com a linha do destino. Essa linha é bem acentuada nas pessoas dotadas de faculdades mediúnicas. Nas minhas mãos não se revelava, mas nas do Palma sim, e nitidamente.

Nessa ocasião, Palma, entre outros interessantes comentários, lembrando, com carinho, o nosso prezado Dr. Adão Araujo, me referiu que, de fato, ele era médium escrevente, e que não se dedicava ao assunto, faltando-lhe, portanto, o necessário aperfeiçoamento.

Palma, de um momento para outro, torna-se muito pálido, de respiração ofegante, de contrações violentas, de gestos bruscos, e lança mão de um lápis e de um bloco de papel, escrevendo as várias folhas que guardo em meu poder, e cuja transcrição passo a fazer:

Depois de traçar em uma folha riscos concêntricos, tão fortes que chegam a rasgá-la, escreveu na 2ª por duas vezes a palavra Vergueiro, e na 3ª: "eu quero lhe falar, eu sou o amigo Sebastião Soares<sup>121</sup>, diga se recorda de mim" e continuou na 4ª "eu sempre lhe quis bem, eu fui morto em São Jerônimo" e por diversas vezes escreveu o nome dessa cidade. Imediatamente, na 5ª: "o senhor já não se lembra de mim, fui morto em 3 de Agosto de 1927. Recorda-se? Não. O senhor diga o que quer de mim?"

Na folha seguinte, continuou deste modo: "é isto que eu quero para o senhor: o seu bem e o dos seus. Situação difícil e futuro muito incerto. Ouça a palavra de fé e de bondade para quem já deixou essa vida de sacrifícios, quase todos de uma completa inutilidade. Ouça, uma grande desgraça ameaça o Brasil; ouça, o tempo dirá quais os

---

<sup>121</sup> Vergueiro finaliza a nota afirmando que não se lembrava de Sebastião Soares, mas que faria uma investigação. Cerca de um mês depois de narrar sua conversa com ele, Vergueiro consegue esclarecer que foi um rapaz corajoso de Soledade, que lutou na Revolução de 1923, ao lado de Vergueiro, e serviu ao 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar, sendo assassinado em São Jerônimo no ano de 1927. (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p. 156-159).

bons, quais os maus filhos que enlutam os lares sem terem a menor noção de um gesto de humanidade, tudo é vaidade".

Foi quando pedi que dissesse qual o bom e qual o mau, respondendo-me assim na 7ª: "o que o senhor pergunta é próprio dos que aí vivem; eu já passei para outra vida; aqui tudo é calmo; sinto uma grande pena pelos que aí vivem a sonhar com o reino da paz, que jamais terão na terra. Ainda vou lhe dizer, não acuso, amo a todos porque todos terão que passar por graves provações para poderem se purificar. A intenção será boa, mas o senhor garante que depois da guerra todos se irmanarão??" Logo após, na 8ª: "ouça os bons sempre passam, como é natural, despercebidos, porque os maus são os que surgem adiante dos acontecimentos que sacodem os países, que anseiam pela paz e pela regeneração dos costumes; os movimentos armados trazem sempre esse grande inconveniente. Adeus. Sebastião Soares".

Lembrei-me então de perguntar, o que fiz mentalmente, se Sebastião queria uma oração ou de que precisava, escrevendo o médium, por último: "Basta a sua oração, sou feliz. Adeus aos dois, sempre poderei voltar, sou liberto. Adeus. Sebastião Soares". Palma despertou, dispneico, e eu lhe tomei o pulso, constatando 120; abri a janela para lhe dar um pouco mais de ar. Levantou-se caminhou a passos largos, movimentando os braços, abraçou-me em seguida, dizendo-me tão somente: "boa noite, amigo".

Eram 5 horas da manhã, do dia 16 de Agosto de 1933. [...]. (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p. 145-156).

Os apontamentos nas memórias mostram que, se Vergueiro não era um estudioso do espiritismo – como teriam sido, segundo ele, seus amigos Cabrera e Palma – também não ignorava completamente a doutrina. A exposição de suas experiências pessoais, bem como das leituras que efetuou permitem-nos fazer essa afirmação. Como disse Maria Malheiros, em entrevista, o titular do acervo “buscava conhecer e aceitava as outras crenças religiosas”. Nesse sentido, talvez Vergueiro se interessasse pela doutrina que tinha um aspecto científico englobando estudos dos fenômenos físicos e intelectuais.

A maior parte dos autores citados no fragmento versou sobre a prática do espiritismo, ainda que na perspectiva literária (Soiza Reylli, Horácio Quiroga, Amado Nervo, Guido y Spano); do esperanto (Francisco Valdomiro Lorenz); ou do autoconhecimento (Desbarrolles, Hermann Keyserling); assim, algumas dessas obras passaram a integrar sua biblioteca particular.

Verificamos, ainda, que existem pelo menos dez livros que correspondem a doutrina espírita<sup>122</sup> na seção “Religião” da biblioteca concebida por Nicolau Araujo Vergueiro. Entre

<sup>122</sup> Listagem das obras espíritas identificadas na seção religião da biblioteca de Nicolau Araujo Vergueiro: HECKER, Paulo. **Espiritismo**: Tese. Porto Alegre: Continente, 1944.

NOGUEIRA, J.A. **Amor Imortal**. 3.ed. Rio de Janeiro: Federação espírita Brasileira, [s.d.].

MÍNIMUS. **Síntese de O Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1947.

XAVIER, Francisco Cândido. **O consolador**. 2.ed. Rio de Janeiro: F.E.B., 1945.

\_\_\_\_\_. **Ruy Barbosa e a nova constituição**. Rio de Janeiro: Henrique M. Sondermann, 1933.

FLAMMARION, Camille. **A morte e seu mysterio**. Rio de Janeiro: F. Briguiet, v. I – III, 1922.

\_\_\_\_\_. **A vida nos Astros**. Lisboa: Almeida, Carvalho, [s.d.]. (Bibliotheca de Educação Moderna, n. III).

\_\_\_\_\_. **Como acabara o mundo**. 2.ed. Paris: Aillaud e Bertrand, [s.d.].

\_\_\_\_\_. **La Pluralité des mondes habités**. Paris: Didier, 1864.

\_\_\_\_\_. **Os habitantes dos outros mundos**. Lisboa: Abel D’Almeida, 1909.

eles estão catalogados cinco livros de Camille Flammarion (1842-1925), astrônomo francês, amigo de Allan Kardec e, também, estudioso do espiritismo. Flammarion procurava as relações entre a ciência e a fenomenologia espírita, criticando sistemas religiosos e dogmas difundidos naquela época. Buscava a espiritualidade e a religião natural, desprovida de dogmas, mistérios ou do sobrenatural em conformidade com Kardec<sup>123</sup>. Não foi possível apurar se Vergueiro participou de algum núcleo espírita, mas, coincidentemente, o segundo Centro Espírita de Passo Fundo, criado entre 1923-1924 recebeu o nome de Flammarion.

Os documentos de Vergueiro indicam que possuía relações com outras pessoas que partilhavam da crença espírita<sup>124</sup>, inclusive na família, como seu cunhado<sup>125</sup>. Podemos citar, ainda, Eduardo Manoel de Araujo, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Gabriel Bastos, Carlos Leopoldo Reichmann e Herculano Araujo Annes. Assim como ele, os quatro últimos foram membros da maçonaria<sup>126</sup> e da diretoria do Hospital de Caridade (HC) nas primeiras décadas do século XX (ROSA, 2007, p. 205-207), o que sugere um leque de conexões entre eles.

Antonino Xavier é citado<sup>127</sup> como um dos precursores da doutrina espírita e estudioso da história da cidade. Gabriel Bastos, outro personagem local, reconhecido por sua trajetória política no PRR, também manifestou ser adepto do espiritismo. Ao escrever o ensaio “Psicologia do sentimento”, ele defende que a doutrina espírita se torne mais conhecida a fim de que os seres humanos possam dominar seus sentimentos e compreender a morte (2013, p. 66-67). Do mesmo modo, Herculano Annes publicou um livro, de ensaios espiritualistas, intitulado **Na estrada da vida**, em 1963.

Considerando que esses integrantes do núcleo espírita da cidade foram também maçons, e que Rosa (2007) atribui aos últimos a fundação do Hospital de Caridade, atual Hospital da Cidade (HC), aventamos se houve influência dos espíritas, na criação desta

---

<sup>123</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.camilleflammarion.org.br/biografia.htm>>. Acesso em: 25 set. 2015.

<sup>124</sup> Quando Vergueiro faleceu o jornal *Orientador*, fundado em 1948 por Antonino Xavier, publicou um artigo intitulado “Os que partem”. (álbum, v. 4, p. 14). Esse periódico reflete ideias e eventos da comunidade espírita de Passo Fundo. Outras informações sobre o periódico podem ser encontradas em Zanotto, Silva e Gastaldon (2013).

<sup>125</sup> Seu cunhado, chamado Gedeon, que esteve em Portugal, passou a frequentar com sua esposa, Lucila Duarte Leite, um grupo espírita em 1930, aproximadamente. Em 1932 fundou a Sociedade Espírita Ramiro d’Ávila, cuja obra assistencial de maior reconhecimento é a Sopa do Pobre (SANTOS, 2013, p. 155-156).

<sup>126</sup> Segundo Colussi (1998, p. 23-24), Nicolau Araujo Vergueiro integrou a diretoria da Loja Maçônica Concórdia do Sul, entre 1910 e 1912.

<sup>127</sup> Conforme histórico sobre o surgimento das instituições espíritas em Passo Fundo, em 1905 Antonino Xavier e Eduardo Manoel de Araujo fizeram parte da diretoria do segundo núcleo Espírita, denominado Grupo Espírita Concórdia e Caridade. CENTRO Espírita de Caridade Dias da Cruz. O surgimento do espiritismo em Passo Fundo: pequeno histórico até os dias de hoje. Disponível em: <<http://www.diasdacruz.org.br/o-surgimento-do-espiritismo-em-passo-fundo-pequeno-historico-ate-os-dias-de-hoje/>> Acesso em: 30 jul. 2016.

instituição. Além disso, o preceito da caridade propalado na doutrina espírita<sup>128</sup>, foi integrado ao nome do segundo núcleo espírita de Passo Fundo denominado “Grupo Espírita Concórdia e Caridade”. Outra associação que fazemos, atrela-se a denominação do Hospital Psiquiátrico Bezerra de Menezes, concebido pelo grupo HC na década de 1980<sup>129</sup>.

Ao admitir a evocação de um guia ou mentor espiritual, Vergueiro aceita a crença no espiritismo, na medida em que reconhece receber orientações de um “espírito mais evoluído” do que ele. Se Vergueiro, sob a perspectiva médica, não condenava os serviços assistenciais de cura, crendo na possibilidade destes coexistirem sem conflitos, essa não era a postura de sua corporação. Para esse grupo, os serviços prestados por instituições e médiuns espíritas deveriam ser denunciados e reprimidos, pois representavam concorrência no mercado dos serviços de saúde e de prestígio com os médicos. (PEREIRA NETO, 2001, p. 93-97).

Considerando a legislação no Rio Grande do Sul, que definia apenas a necessidade de registrar-se, para obter licença como clínico, percebe-se maior preocupação dos médicos diplomados em diferenciar-se dos demais<sup>130</sup>. Obter a confiança da população e discernir a prática científica da medicina das outras crenças e tratamentos oferecidos, converteu-se em preocupação do grupo médico. A fim de solucionar o problema, lançavam mão de vários recursos como, por exemplo, afirmar que o “baixo espiritismo”, o curandeirismo e a feitiçaria eram perigosos, na medida em que as pessoas que os praticavam, designadas como charlatões e ignorantes, não eram preparados para tanto e poderiam causar a morte ou piorar o estado de saúde dos doentes.

Assim, Vergueiro, como primeiro médico diplomado no município, não deixa de valorizar o conhecimento científico e a técnica, com a finalidade de legitimar sua profissão junto à sociedade e ampliar sua compreensão acerca da realidade sob a perspectiva científicista (por isso o acervo contém livros de evolucionistas, sobre diversas religiões, crenças populares). Assim como outros médicos, vale-se estrategicamente da organização

---

<sup>128</sup> “No espiritismo, a noção de ajuda ao próximo está concebida através da caridade. A vida de qualquer pessoa, assim como dos espíritas, deve estar baseada na busca da caridade como forma de resgatar dívidas provenientes de vidas anteriores. Nesta concepção, todos que se encontram na Terra são considerados, em alguma medida, espíritos em provação, pois este planeta seria designado para isto. A caridade desempenhará tal tarefa até o dia em que os espíritos atinjam determinado nível de perfeição e não necessitem mais retornar à Terra”. (SANTOS, 2013, p. 152).

<sup>129</sup> HOSPITAL Psiquiátrico Bezerra de Menezes. Disponível em: <<http://www.hcpf.com.br/page/is/sobre/ver/10>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

<sup>130</sup> Weber (1999, p. 44) esclarece que a partir do decreto lei de 30 de dez. 1891 houve a autonomização dos estados quanto a organização das ações sanitárias terrestres. No Rio Grande do Sul, por sua vez, o governo adotou a liberdade profissional e também religiosa, permitindo assim a implantação de variadas práticas de cura combatidas e proibidas nas demais regiões. A adoção da liberdade profissional estava embasada, segundo a pesquisadora, em princípios propagados pelo positivismo religioso.

corporativa, de eventos e debates divulgados ao público, bem como, da realização de palestras e de publicações na imprensa como bem atestam os documentos de seu arquivo.

### 4.3 Trajetória política

A trajetória política percorrida por Nicolau Araujo Vergueiro entre 1908 e 1956 é exposta e analisada nesta seção. Apresentamos alguns fatos relevantes para compreender sua militância dividida apenas entre dois partidos: PRR e PSD. Ele foi eleito para diferentes cargos. Foi conselheiro municipal por três mandatos consecutivos entre 1908 e 1920; intendente municipal entre 1920 e 1924 e, depois, entre 1928 e 1932. Atuou também na Assembleia de Representantes entre 1909 e 1928. E, posteriormente, foi deputado federal em sucessivas legislaturas a partir de 1930.

Conforme a documentação, Vergueiro envolveu-se em várias situações controversas no âmbito político, tais como, a disputa com Pedro Lopes de Oliveira na sucessão de líder do PRR local, Gervasio Lucas Annes; a contrariedade ao processo de emancipação de Carazinho. Na esfera estadual e também local foi criticado por exercer mandatos eletivos em períodos concomitantes, sobretudo, pelos federalistas.

Procuramos verificar posições assumidas por Vergueiro que a primeira vista parecem antagônicas. Em âmbito nacional, a participação na Revolução de 1930 e, a seguir, na de 1932, que ocasionou o seu exílio na Argentina, são analisadas segundo sua escrita auto-referencial.

A segunda subseção elenca o período de seu exílio entre 1933 e 1934. Destacam-se os semióforos relacionados a essa experiência marcante na carreira política, que também são colocados em pauta. Tratam-se de textos memorialísticos, fotografias, pedras, cuia, cédula de identidade e livros, entre outros documentos que integram seu testemunho.

A outra subseção reúne indícios que narram a atuação de Vergueiro no interior do PSD. Trata-se de sua atuação parlamentar na Câmara dos Deputados, das rivalidades políticas locais e intrapartidárias. Nesse momento verificou-se também a emergência do líder trabalhista César Santos, que teria contribuído para o enfraquecimento do partido de Vergueiro.

Em 1950 Vergueiro candidatou-se pela última vez, não atingindo o número de votos necessários para sua eleição. Ponderamos a esse respeito buscando sua explicação. Apesar dele não se eleger, a carreira política não foi encerrada pois continuou presidindo a comissão diretiva do PSD local até o seu falecimento, em 1956.

### 4.3.1 PRR – De militante a chefe unipessoal passo-fundense

O interesse de Vergueiro pela esfera política remete ao período em que Julio de Castilhos ainda governava o Estado, ingressando nos quadros do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p. 102-110). Vergueiro é contemporâneo da “geração de 1907”<sup>131</sup>, como são chamados os políticos, bacharéis em Direito, nascidos entre 1880-1894. (GRIJÓ, 1998).

Esse foi um grupo de jovens cujos “integrantes estariam propensos a instigar mudanças que refletissem as que estavam ocorrendo no Brasil, tanto no plano socioeconômico como na introdução de novas diretrizes no âmbito político, que desembocariam na Revolução de 1930”. (AMARAL, 2013, p. 103). Essa geração ganhou espaço no interior do PRR, promoveu a liderança do processo político nos âmbitos regional e nacional, aproximando-se das ideias defendidas por Pinheiro Machado.<sup>132</sup>

Ao desenvolver uma análise sobre o recrutamento da elite médica no Rio Grande do Sul, Coradini (1997) assegura-nos que o exercício dessa profissão no Estado não conferia recursos sociais capazes de garantir notabilidade aos seus membros. Esta advinha, geralmente, da militância política partidária ou ainda do desempenho de cargos públicos burocráticos, da participação em instituições culturais ou literárias, do reconhecimento alcançado no exercício da clínica, etc.

Embora cômicos da situação econômica abastada do personagem, vinculamos os dados identificados na trajetória em pauta, à análise de Coradini (1997). Vergueiro, que também era médico, militava no PRR, integrando o Clube Republicano Pinheiro Machado, conforme verifica-se no excerto, extraído das memórias:

---

<sup>131</sup> A expressão foi criada por Joseph Love. Luiz Alberto Grijó (1998) realizou um estudo sobre este grupo de políticos rio-grandenses, composto por Getúlio Dornelles Vargas, Oswaldo Aranha, João Neves da Fontoura, José Antônio Flores da Cunha, Lindolfo Collor, Firmino Paim Filho e Maurício Cardoso. O ingresso desses jovens na política ocorreu em 1907, no bloco acadêmico castilhista. Em seu estudo sobre as elites políticas, Sandra Amaral (2013) emprega esta expressão, ampliando sua abrangência para aqueles políticos nascidos entre 1881 e 1900, na pesquisa que estuda três diferentes gerações da elite política do Rio Grande do Sul. Os recortes temporais de cada geração facilitaram a análise das conjunturas 1930-1937, 1937-1945, 1945-1947.

<sup>132</sup> É interessante ressaltar que o clube republicano de Passo Fundo, fundado em 1904, se chamava Clube Pinheiro Machado. Vergueiro presidiu essa agremiação em 1908. A construção de sua sede própria foi iniciada em 1919 e concluída em 1921. Atualmente, o prédio foi tombado como patrimônio histórico municipal e nele localizam-se as sedes da APL e do IHPF. Além disso, a área que equivale ao Parque Ambiental da Vergueiro, foi concebida como Praça Pinheiro Machado na idealização do loteamento da Vila Vergueiro, como verifica-se nas plantas da área que integram o arquivo.

## 250. UMA APRESENTAÇÃO POLÍTICA

O jornal *O Gaúcho*, que durante muitos anos se publicou nesta cidade, lançou, em 3 de Abril de 1909, em seu número 9, o seguinte artigo, epigrafado ‘Dr. Vergueiro’ ‘A eleição do dia 29, para deputados à Assembleia dos Representantes do Estado, trouxe, à tona da política rio-grandense, entre outros nomes de distintos moços, que ora aparecem com investidura popular, o do nosso prezado conterrâneo Dr. Nicolau Araujo Vergueiro.

*Não é um desconhecido na política o distinto médico de Passo Fundo, se bem que muito jovem ainda.*

Tão cheio de merecimento e talento, quanto modesto e abnegado, o nosso esforçado companheiro de lida e preclaro amigo, em poucos anos, *fez um nome invejável como clínico, e uma reputação exemplar como político*, o que lhe tem valido as justas considerações e o prestígio de que goza em nosso meio.

Presidente do Conselho Municipal, que conta em seu seio respeitáveis venerandos; presidente reeleito por aclamação do Clube Pinheiro Machado; recusante insistente do cargo de intendente do município e companheiro político sempre ouvido com proveito pelo seu seguro critério, são provas inequívocas dos merecimentos políticos do novo deputado pelo 2º círculo.

S. Ex., aceitando a apresentação da sua candidatura, o fez unicamente em obediência ao seu ilustre chefe e amigo Sr. Coronel Gervasio, e às injunções do dever cívico.

Avesso por temperamento a qualquer espécie de destaque; moço; casado com uma distintíssima porto-alegrense de primorosa educação e excelsas virtudes; residindo no seu elegante palacete; dispondo de avultada fortuna patrimonial e de rendosa clínica; apreciado na sua roda de amigos que se compõe de todos os que com S. Ex. mantém relações de amizade sem restrições partidárias, o nosso abnegado amigo sacrifica todas as suas comodidades e vantagens, para servir o seu partido com essa dedicação que o torna digno de ocupar a sua cadeira de representante do povo entre os veteranos da honrosa investidura.

Apresentando o novo deputado à imprensa política do partido, fazemos com segurança de que o modesto filho da região serrana é digno da sua simpatia, como um dos que bem merecem da Pátria Rio-grandense pelos seus serviços e pelos seus merecimentos pessoais. (VERGUEIRO, 1936, v. 6, p. 145-148, grifo nosso).

Entendemos que Vergueiro aceitou ser herdeiro do patrimônio político familiar, reconhecendo sua “vocação política”. Isso não significa que o mesmo acreditasse ser um predestinado, mas apenas que havia disposição de sua parte para investir no jogo político e, que a mesma demandou avaliação quanto ao ingresso no PRR, tanto por parte da personagem, quanto da agremiação. Pressupõe-se que seu pertencimento a um determinado grupo, ou seja, o reconhecimento de seu status social, bem como de suas características pessoais como carisma e liderança, foram analisadas e, posteriormente, mostrar-se-iam eficientes no plano das disputas eleitorais. (GRILL, 2005).

A partir do retorno a Passo Fundo, sua posição social de prestígio – devida à tradição familiar na política, à privilegiada condição econômica e ao diploma de nível superior – contribuiu para o início de uma carreira política. Em 1908 tornou-se presidente do Conselho Municipal, no qual atuou por três Legislaturas (1908-1920). No ano de 1909, foi eleito para a Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul, reelegendo-se consecutivamente cinco vezes. Foi deputado em uma Assembleia Legislativa, cujas funções eram basicamente

orçamentárias<sup>133</sup>, no período compreendido entre 1909 e 1928<sup>134</sup>. Portanto, ele ocupou cargos eletivos de modo concomitante, tornando-se alvo de críticas dos Federalistas. A pesquisa de Rouston (2012) analisa a atuação destes últimos na Assembleia dos Representantes e confere atenção as denúncias sobre o acúmulo de cargos ou mandatos de membros do PRR, entre os quais Vergueiro.

Logo após o falecimento de Gervasio Lucas Annes, líder do PRR em Passo Fundo, Vergueiro envolveu-se na disputa pela liderança partidária local com o Coronel Pedro Lopes de Oliveira (também conhecido como Lólico). A contenda ocorreu entre 1917 e 1920. Os apoiadores do médico eram conhecidos como Vergueiristas e manifestavam-se por meio do jornal *A Voz da Serra*. Os apoiadores do coronel eram chamados Lolicistas e o periódico ao qual estavam vinculados era *O Gaúcho*. Em 1920, concomitantemente a conquista do cargo de intendente municipal, ele tornou-se o chefe unipessoal do PRR.

Seus escritos auto-referenciais estão repletos de menções à participação em eventos de cunho político, via de regra, como veremos, para referir o fato de que fez uso da palavra ou foi homenageado. Muitos artigos de jornais foram copiados por ele como registro. Verifica-se, inclusive, a inserção nas “Notas íntimas” de inúmeros discursos pronunciados, no sentido de comprovar sua militância e liderança política.

Embora ele fosse considerado o elo entre as diferentes esferas de governo, devido aos mandatos como deputado estadual e federal, mas também por sua relação próxima com Borges de Medeiros, algumas vezes suas posições receberam oposição, sendo criticadas. Isto ocorreu, por exemplo, no caso em que defendeu a emancipação de Erechim, opondo-se, por outro lado, à autonomia de Carazinho. (PRATES, 2001, p. 15-16).

A emancipação de Erechim ocorreu em 1918. Um grupo de republicanos carazinhenses reivindicou a autonomia política em relação a Passo Fundo entre 1917 e 1930. Segundo Prates (2001), fizeram inúmeras tentativas para que o líder do PRR local autorizasse ou mediasse a emancipação junto ao governador do Estado, mas Vergueiro não promoveu nenhuma ação neste sentido. Então, após a Revolução de 1930, foi formada uma comissão pró-emancipação de Carazinho, da qual faziam parte Homero Guerra e Paulo Coutinho. Este, como veremos no próximo capítulo, antes integrava a rede clientelar de Vergueiro e, foi até a

---

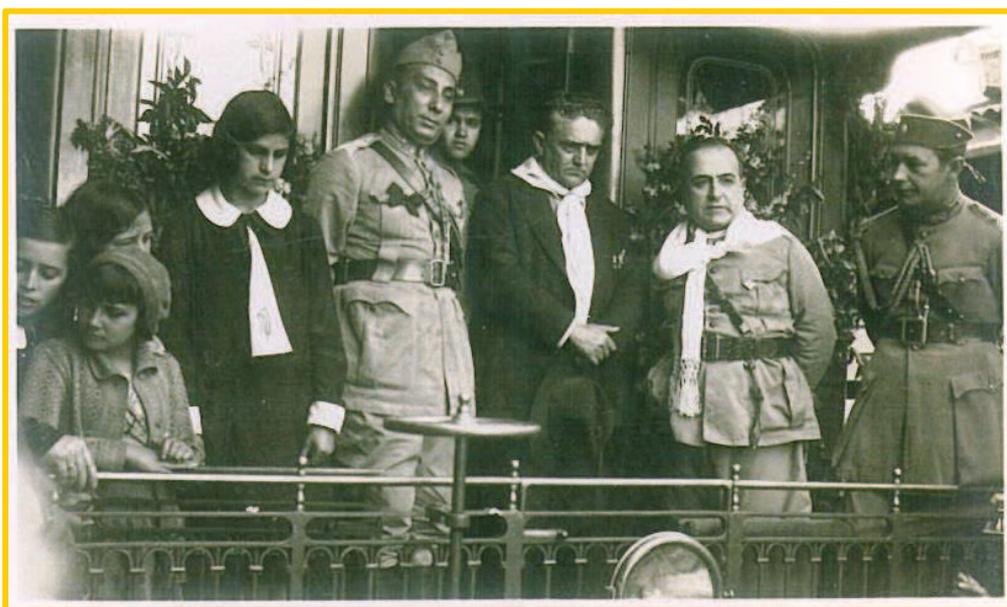
<sup>133</sup> Os eleitos para mandato de quatro anos se reuniam em Porto Alegre, anualmente, iniciando os trabalhos previstos para dois meses em 20 de setembro. A atividade dos membros voltava-se, no primeiro mês à votação da receita e despesa estadual para o ano próximo e, no segundo mês, para examinar as despesas do ano precedente. Portanto, somente era atribuída à Assembleia dos Representantes competência de legislar em questões pertinentes ao orçamento e a tributação. (TRINDADE; NOLL, 2005, p. 24-25).

<sup>134</sup> Sua participação deu-se durante cinco legislaturas: 6ª, 1909-1912; 7ª, 1913-1916; 8ª, 1917-1920; 9ª, 1921-1924; e 10ª, 1925-1928. (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p. 188-190; TRINDADE; NOLL, 2005, p. 142-161).

propriedade de Borges de Medeiros, conhecida como Irapuazinho, consultá-lo sobre a formação do novo município e seus distritos. O grupo que já possuía o apoio de Flores da Cunha conseguia, assim, o aval de Borges de Medeiros e conquistava a emancipação do município, hostilizando a liderança de Vergueiro pelo jornal *O Nacional*<sup>135</sup>.

Em 1930 Vergueiro foi eleito Deputado Federal e apoiou a Aliança Liberal. Na sequência, organizou em Passo Fundo a Revolução de 1930 e, com o apoio de Miguel Costa, liderou a rendição do quartel do 8º Regimento de Infantaria. Sobre esse fato encontramos nas “Notas íntimas” o comunicado de Vergueiro à população, a ata de rendição do quartel e, ainda, a transcrição, da parte concernente a Passo Fundo, do álbum sobre a Revolução de 1930 da Livraria do Globo<sup>136</sup>. A fotografia abaixo é um registro desse acontecimento, no âmbito local.

Figura 48 – Revolução de 1930 em Passo Fundo



Fonte: Acervo da família

Embora possa parecer contraditório apoiar a Revolução de 1930, que conduziu Getúlio Vargas ao poder, e, na sequência, a Revolução de 1932, que lhe dirigia críticas diretas, não era este o entendimento de Vergueiro sobre a situação. Para ele, assim como para Borges de

<sup>135</sup> Cabe pontuar que a pesquisa de Prates (2001) demonstra uma intensa ofensiva sobre Vergueiro empreendida no periódico *O Nacional*, fundado em 1925 e dirigido por Herculano Araujo Annes, Hyran e Americano de Araujo Bastos, na cidade de Passo Fundo.

<sup>136</sup> Conforme “204. Ao povo de Passo Fundo” (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p. 159-161), “205. Ata de rendição” (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p. 161-163), “247. A Revolução de 1930 em Passo Fundo” (VERGUEIRO, 1936, v. 6, p. 111-136).

Medeiros e João Neves da Fontoura entre outros, em ambas situações, 1930 e 1932, estava em jogo a ruptura com a forma de conduzir o país. Segundo o conteúdo de seus discursos, o apoio conferido à Revolução de 1930 deveu-se a expectativa de que o governo elaborasse uma lei eleitoral e o país retornasse ao regime constitucional<sup>137</sup>. A respeito de seu posicionamento Vergueiro esclarece que:

*À revolução de 1930, dediquei, com amor e sinceridade, todas as minhas energias, não poupando esforços nem medindo sacrifícios, mas as desilusões não se fizeram esperar.*

Só vos recordarei uma, e que foi a primeira: a tentativa de obstrução, no dia 4 de outubro, da barra do Rio Grande.

*Pavor que marca uma época, crime que condena irremediavelmente um governo, covardia que plasma nossa mentalidade!* A fúria do mar, em grossas e bravas ondas revoltas como um solene protesto da própria natureza, não permitiu, no entretanto, que se consumasse, de todo, esse monstruoso atentado.

‘Plano genial’ de que, já em 1700, também se lembrou o governo português, com referência a Barra do Bertioga, em São Paulo! (Washington Luís).

Era o ‘medo do pior’ que Sforza considera o ‘pior dos medos’.

Os disparates e os erros foram tais e tantos que seria um nunca acabar a sua simples enumeração.

Foi bem um caso de teratologia. *Em 3 de outubro, ofereci meu peito às balas para implantar esse novo regime, que aí está tão desnaturado, remédio pior que a doença, e não me escondi ridiculamente e nem fugi como em janeiro de 1923.* (VERGUEIRO, 1935, v. 4, p. 11-13, grifo nosso).

Por apoiar a Revolução Constitucionalista de 1932, Vergueiro esteve na prisão duas vezes e rumou para o exílio na Argentina. O seu retorno ao Rio Grande do Sul só ocorreu em 1934, após a promulgação da Constituição. Em outubro do mesmo ano foi eleito, novamente, como Deputado Federal. (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p. 188-190). Assim, podemos dizer que Nicolau Vergueiro foi um personagem fundamental no processo histórico-social do município de Passo Fundo e região, bem como nas articulações com o governo estadual e federal. (PRATES, 2001, p. 7).

Como republicano e integrante da Frente Única Gaúcha (FUG), Vergueiro defendeu princípios da Constituição, os direitos à vida e à liberdade em discursos e manifestos que foram transcritos para as “Notas íntimas”. Ele falou sobre a importância de processos eleitorais justos, alertando para a possibilidade de revolta armada, em caso de fraude no pleito de 1930<sup>138</sup>. Em alguns eventos regionais posteriores, seus pronunciamentos evidenciam como

<sup>137</sup> “169. Discurso político em um piquenique”, pronunciado em 21 de junho de 1931; “170. Discurso em Carazinho”, no dia 17 de janeiro de 1932; “159. Discurso de regresso do exílio”, lido em 1934, na cidade de Passo Fundo; “184. Discurso ao Dr. Borges”, em Passo Fundo no dia 07 de Outubro de 1934.

<sup>138</sup> As falas foram proferidas em Passo Fundo: “162. Discurso em manifestação política”, 1 jan. 1930; “164. Discurso ao Dr. Oswaldo Aranha”, dia 16 nov. 1929; “188. Discurso num banquete político”, 6 jun. 1930; “204. Ao povo de Passo Fundo”, manifesto de Vergueiro em 3 out. 1930; “247. A Revolução de 1930 em Passo Fundo”, consiste na transcrição do relatório intencional de Henrique Scarpellini Ghezzi, publicado no Álbum da Revolução de 1930, da Livraria do Globo.

era aguardado o retorno do regime constitucional. Vergueiro pedia calma aos membros do PRR, sugeria que a demora no reestabelecimento da democracia estivesse relacionada ao “estudo e elaboração de uma lei eleitoral” que seriam seguidos de uma “eleição para a Constituinte”<sup>139</sup>. Segundo ele, o Estado de São Paulo era o mais explorado pelo governo “ditador” de Vargas e por seu interventor, iniciando a Revolução Constitucionalista de 1932<sup>140</sup>. Da expectativa em torno da Revolução Constitucionalista, apoiada por Vergueiro e outros políticos gaúchos, resultaram prisões e o exílio às direções regionais. Uma vez que, no Rio Grande do Sul, o interventor Flores da Cunha, por meio de um jogo ambíguo em que dizia estar ao lado das lideranças republicanas e liberais, unidas na FUG, apoiou Getúlio Vargas.

Após o retorno do exílio, Borges de Medeiros esteve em Passo Fundo no, dia 7 de Outubro de 1934, como líder numa caravana da Frente Única. A ocasião pode ser tida como evidência de prestígio do político local<sup>141</sup>, que fez sua oração saudando-o. Segundo Vergueiro, seu pronunciamento foi publicado no dia 11 daquele mês, pelo *Correio do Povo*, de Porto Alegre. (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p. 39-45).

---

<sup>139</sup> “169. Discurso Político em um piquenique”, realizado em 21 de jun. de 1931; “170. Discurso em Carazinho”, no dia 17 de jan. de 1932.

<sup>140</sup> “184. Discurso ao Dr. Borges”, pronunciado no dia 7 de out. de 1934, em Passo Fundo, quando Borges de Medeiros, visitou Passo Fundo, como líder da FUG. “199. Gente nova” e “206. Hora do silêncio”, apreciações da situação política do Brasil, escritos em São Paulo após o retorno do exílio, no Hotel Aurora, dias 18 e 30 de maio de 1934.

<sup>141</sup> A mesma fotografia foi publicada com a seguinte chamada: “Uma foto histórica dos arquivos de O Nacional”. Edição comemorativa 116º ano de Passo Fundo. *O Nacional* - Segundo caderno. Passo Fundo, 07 ago. 1973. No entanto notamos algumas incoerências: o jornal menciona que Borges regressou do exílio no Uruguai em 1933. O que não confere, pois na dedicatória do livro que enviou para Vergueiro, estava no Recife. Além disso, no exame do periódico relativo a 1934 não verificamos a publicação da imagem.

Figura 49 – Borges de Medeiros visitou Passo Fundo, em 1934



Fonte: Acervo da família.

Em sua trajetória política, Vergueiro participou de eventos como a passagem de Getúlio Vargas e de Borges de Medeiros, em 1930 e 1934, respectivamente figuras 48 e 49. Acontecimentos como estes alimentaram na cena local a importância do político e seu protagonismo. Igualmente, as comemorações decorrentes de sua eleição para intendente, Deputado Estadual e Presidente da Assembleia dos Representantes, bem como Deputado Federal tem essa conotação. Esses “bailes”<sup>142</sup> e “banquetes”<sup>143</sup> fizeram parte da trajetória de Vergueiro como partidário do PRR ou do PSD e também indicam formas de sociabilidades.

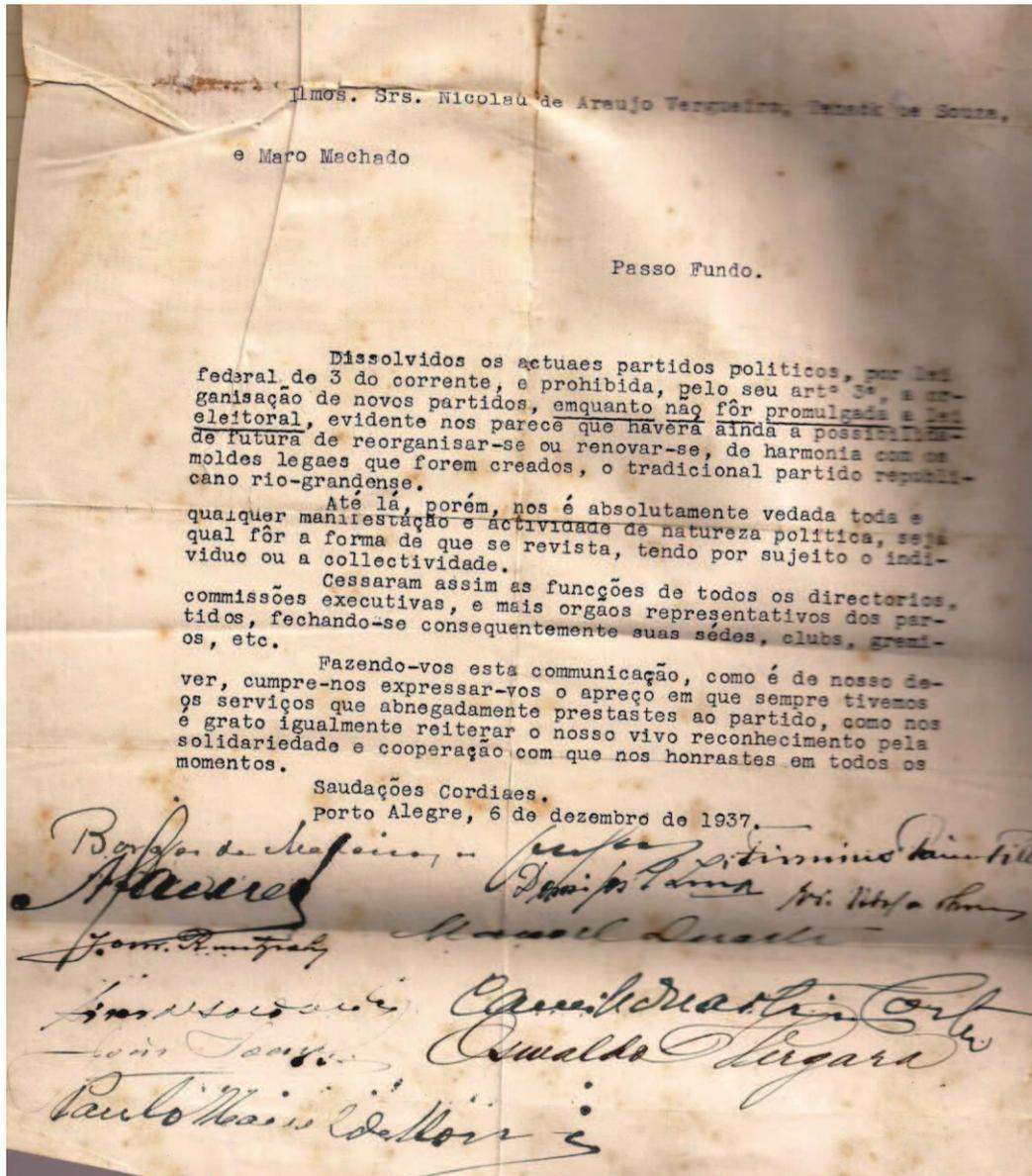
A política autoritária do governo Vargas, dissonante das ideias liberais de Vergueiro, a perseguição que resultou no seu exílio e, em decorrência disso, o ressentimento e o rancor,

<sup>142</sup> No acervo fotográfico do Museu Histórico Regional há duas fotografias, doadas pela família Della Méa. O Cine Coliseu, de sua propriedade, sediou o baile de gala em homenagem a Nicolau Vergueiro. Uma das fotografias antecede o evento pois os participantes estão esperando o início da comemoração, o salão está ornamentado e, no chão está a inscrição “Viva o novo intendente”. Na outra imagem, também do dia 16 de novembro de 1920, há pessoas dançando. Ambas fotos evidenciam a grande quantidade de pessoas que compareceu.

<sup>143</sup> No primeiro álbum há convites para esses jantares, contendo o cardápio e, algumas vezes, assinatura dos políticos que compareceram: Convite banquete oferecido ao Presidente da Assembleia dos Representantes, Dr. Nicolau Vergueiro, 19 dez. 1928. (v. 1, p. 53). Convite banquete em homenagem ao Deputado Nicolau Vergueiro, PRR por motivo de eleição e posse à Câmara Federal. Passo Fundo, 03 jun. 1930. (v. 1, p. 51). Convite banquete em honra ao Deputado Federal Nicolau Vergueiro, PRR por motivo de eleição para o Parlamento Nacional. Passo Fundo, 21 jan. 1946. (v. 1, p. 52).

são eventos marcantes na sua escrita auto-referencial produzida a partir de 1935, na ocasião em que contava com a idade de cinquenta e três anos. Apesar da repressão, este líder político rio-grandense, como outros, criticou o governo de tendência centralizadora varguista. Segundo Pécaut (1990, p. 56), “autoritários ou não, os intelectuais não podiam abster-se de conferir um conteúdo político à sua missão nacional”.

Figura 50 – Comunicado de dissolução do PRR



Fonte: AHR (Álbum v. 1, p. 148).

Comunicação oficial da dissolução dos partidos políticos, enviada pela Comissão Diretiva do PRR, assinada por Borges de Medeiros, Oswaldo Vergara, Manoel Duarte, Firmino Paim Filho, entre outros. Menciona a possibilidade de reorganização do PRR no futuro e agradece pelos serviços prestados ao Partido.

### 4.3.2 Crise e exílio

Por tomar parte na revolução de 1932, Vergueiro foi preso e esteve no exílio em 1933, nas cidades de Buenos Aires e Passo de Los Libres, Argentina. Após a promulgação da Constituição em julho de 1934, o político, retornou a Passo Fundo. O jornal local *O Nacional* noticia que a Frente Única homenageou-o no seu regresso a cidade em julho de 1934<sup>144</sup>, quando já estava no Brasil, mas no Estado de São Paulo. Nos reportaremos aos fatos deste período, conforme as suas escritas de si.

Inicialmente, cabe explicar que Vergueiro não é propriamente um exilado político e sim um emigrado político. Essa categoria pode ser definida como: “aquele que parte pela não concordância com o regime, ainda que não seja forçado legalmente a sair”. (PAULO, 2014, p. 456). Ele, de fato, buscou o exílio voluntariamente, de acordo com a paráfrase de Zola, escolhida para compor seu discurso de regresso do exílio:

Eu vos repito, agora, a calhar, as palavras do grande defensor de Dreyfus, ao regressar do seu exílio, em Londres: "Durante meses, impus-me o mais integral exílio, o mais ignorado retiro, o mais absoluto silêncio. Era como o morto voluntário, deitado no túmulo secreto, à espera da verdade e da justiça. Hoje, tendo a verdade vencido, reinando enfim a justiça, renasço, volto e retomo o meu lugar".  
Desafio – Aqui exercerei, quer queiram quer não, sem peias e sem receios, sem vacilações e dubiedade, apoiado no regime constitucional, que assegura os direitos do cidadão, toda minha atividade política, que agora é, para mim também, uma imposição do brio. (VERGUEIRO, 1935, v. 4, p. 1-64)

Vergueiro define o governo Vargas como uma ditadura e, nas notas cuja temática predominante é a política, faz analogias considerando o país como um doente que necessita de remédio, tal qual lemos no excerto exposto acima retirado do discurso proferido ao retornar do exílio, em julho de 1934. Essa é uma estratégia discursiva que converte-o de autoridade médica, pelo saber científico que possui, em autoridade política, capaz de solucionar os problemas do país, dada sua capacidade de fornecer diagnósticos e receituários precisos da qual outros médicos que atuam na política também se valem. (GAGLIETTI, 2007).

Ele mencionou os hotéis nos quais se hospedou. Em Passo de Los Libres esteve no Hotel Central (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 77-80); em Buenos Aires ficou hospedado durante cinco meses no Hotel Reina, à Avenida de Mayo, 1120. O proprietário deste estabelecimento era Vicente Lopez. (Vergueiro 1935, v. 2, p. 113-115; v. 5, p. 176-183). Ao instalar-se em hotéis, sinaliza que percebia o exílio como uma situação temporária, pouco contribuindo para a acumulação de riquezas e bens. “A perspectiva de uma possível mudança

<sup>144</sup> A nota “159. Discurso de regresso do exílio” cita como data do retorno o dia 27 de junho de 1934. Todavia, a data da homenagem, conforme o jornal *O Nacional* é 31 de julho de 1934.

política no país de origem gera uma situação de permanente incerteza no local de acolhimento, levando à não aquisição dos chamados bens imóveis, simbolicamente a consumação da permanência e do não retorno". (PAULO, 2014, p. 469).

Ao retornar ao Brasil, Vergueiro confia a sua esposa, que o retorno a cidade de Passo Fundo seria adiado pois tratava-se, para ele, de uma questão de honra: “Como tu deves bem compreender não devo voltar ao P. Fundo sem o regime constitucional, o que seria para mim uma desmoralização. Sofro tudo com paciência e com resignação e, principalmente, com fé. O que não devemos é desesperar”<sup>145</sup>.

Já em São Paulo, esperando a promulgação da Constituição, hospedou-se no Hotel Aurora, na rua de mesmo nome, número 82. É neste ambiente que Vergueiro redige alguns textos referentes ao período. Trata de assuntos como o exílio e a situação política do país no período entre 1932 e 1934. Esses escritos, posteriormente foram incorporados as reminiscências datadas entre 1935 e 1937.

Como ele, inúmeros médicos e intelectuais se dedicaram a escrever sobre seu exílio. É provável que esta seja a forma encontrada por eles para legar à sociedade sua visão e experiência ou, ainda, de permanecerem vivos na lembrança após sua morte. Nesse grupo podemos incluir Raul Pilla, Graciliano Ramos, Nicolau Vergueiro, Dyonélio Machado, João Neves da Fontoura, entre outros.

Do total de trezentos e vinte e quatro textos – que compõem os oito volumes de memórias doados pela família de Vergueiro ao AHR – doze contemplam a situação política do Brasil na época ou mencionam a experiência do exílio. Vê-se que essa experiência foi marcante para Vergueiro e se apresenta, também, em outros itens de seu arquivo pessoal como cuia, pedras, livros, fotografia com outros exilados (figura 47), identificados e datados, além da própria cédula de identidade, as notícias de jornais comentando seu regresso ao país e as cartas expedidas para a família.

A mágoa e o ressentimento evidentes nessa produção, especificamente, devem-se às adversidades políticas que enfrentou nesse período, haja vista que não houve um distanciamento temporal para que a memória reelaborasse essas experiências dolorosas. Sob outra perspectiva, a escrita pode ter sido utilizada por Vergueiro como terapêutica, pois sugere que, assim como outros exilados, ele foi vítima. Nesse sentido, as tarefas dos trabalhos de

---

<sup>145</sup> VERGUEIRO, Nicolau Araujo. [Carta manuscrita, 1 folha] [para] Jovina Leite Vergueiro. Uruguaiana, 26 fev. 1934. Localização: Acervo da família em Passo Fundo.

memória e de luto se prolongam no âmbito da cura terapêutica, como ideia de justiça. (RICOEUR, 2007, p. 100-101).

No conjunto das memórias de Vergueiro, é possível identificar algumas preocupações do autor, sendo uma delas com a própria finitude. Ilustrativas dessa afirmação são as observações que Vergueiro grafou na nota “200 Exilados”. Após listar os nomes dos brasileiros que se encontravam degredados, sua profissão, o país e a cidade onde se exilaram, ele acrescenta informações sobre quatro exilados que faleceram ou sofreram acidentes no ano de 1934. É o caso de Waldemar Rippol, que foi assassinado; de João Gonçalves Vianna, que se suicidou; de Arthur Motta Lima, e de Adherbal Oliveira, que sofreram acidentes de avião.<sup>146</sup>

No Rio Grande do Sul houve poucos levantes armados em apoio a reconstitucionalização do país defendida por líderes republicanos e libertadores, como Borges de Medeiros, Raul Pilla, Batista Luzardo e Waldemar Ripoll. Entre os municípios que aderiram a Revolução Constitucionalista podem ser citados Lagoa Vermelha, Vacaria e Soledade. Muitas lideranças políticas regionais aderiram ao movimento irrompido por São Paulo no ano de 1932:

Durante o ano de 1933, estiveram, na Argentina e no Uruguai, exilados por solidariedade à revolução paulista de 1932, os seguintes brasileiros:

1	Dr. João Neves da Fontoura	advogado	Argentina	Buenos Aires
2	Dr. Victor Graeff	advogado	Argentina	Buenos Aires
3	Dr. Aníbal Loureiro	advogado	Argentina	Buenos Aires
4	Dr. João Baptista Luzardo	advogado	Argentina	Buenos Aires
5	Dr. Ibrahim Nobre	advogado	Argentina	Buenos Aires
6	Dr. José Carlos Pereira	advogado	Argentina	Buenos Aires
7	Dr. Glycerio Alves	advogado	Uruguai	Rivera
8	Dr. Flory Azevedo	advogado	Uruguai	Rivera
9	Dr. Mario da Matta	advogado	Uruguai	Rivera
10	Dr. Firmino Paim	advogado	Uruguai	Rivera
11	Dr. Rony Lopes	advogado	Uruguai	Rivera
12	Dr. Waldemar Rippol	advogado	Uruguai	Rivera
13	Dr. João Gonçalves Viana	advogado	Argentina	Libres
14	Dr. Manoel Ferreira	médico	Uruguai	Rivera
15	Dr. Delfino Resende	médico	Argentina	Buenos Aires
16	Dr. Nicolau Vergueiro	médico	Argentina	Buenos Aires
17	Dr. Raul Pilla	médico	Uruguai	Rivera
18	Dr. Dalcio Arnome	médico	Uruguai	Mello
19	Lindolfo Collor	jornalista	Argentina	Buenos Aires
20	Austragésilo de Athayde	jornalista	Argentina	Buenos Aires
21	Clarimundo Flores	jornalista	Argentina	Libres
22	Ulysses Machado	jornalista	Uruguai	Mello
23	João Lagomarcino	intendente	Argentina	Buenos Aires
24	João Garcia Cony	intendente	Argentina	São Tomé

<sup>146</sup>A preocupação com a finitude transparece ao longo de inúmeros relatos em que lista políticos ou médicos, assinalando os falecidos, como podemos ver em: Vergueiro (1935, v.1, p.129-133; v.2, p. 9-11,58-62; v.5, p.184-187; 1936, v.8, p. 14-19, 36-41, 41-45, 74-77).

25	Turíbio Gomes	intendente	Uruguai	Rivera
26	Dr. Armando Pereira	engenheiro	Argentina	Buenos Aires
27	Dr. Mario Cabral	engenheiro	Argentina	Buenos Aires
28	Anacleto Firpo	comerciante	Uruguai	Rio Branco
29	Outubrino de Mattos	comerciante	Argentina	Apostoles
30	Octacílio Fernandes	func. público	Argentina	Buenos Aires
31	Sylvio Nunes	func. público	Argentina	Libres
32	Aristides Pedroso	func. público	Argentina	Libres
33	Luiz Azevedo	func. público	Uruguai	Rivera
34	Oswaldo Palma	fazenda	Argentina	Libres
35	Coronel Brasílio Taborda	militar	Argentina	Buenos Aires
36	Coronel Euclides Figueiredo	militar	Argentina	Buenos Aires
37	Coronel Palimercio Resende	militar	Argentina	Buenos Aires
38	Major Lysias Rodrigues	militar	Argentina	Buenos Aires
39	Major Cyro Vidal	militar	Argentina	Buenos Aires
40	Major Ivo Borges	militar	Argentina	Buenos Aires
41	Cap. Adherbal Oliveira	militar	Argentina	Buenos Aires
42	Cap. Joaquim Alves Bastos	militar	Argentina	Buenos Aires
43	Cap. Arthur Motta Lima	militar	Argentina	Buenos Aires
44	Cap. Dalcio Menna Barreto	militar	Argentina	Buenos Aires
45	Cap. Floriano Peixoto Keller	militar	Argentina	São Xavier
46	Tenente Orsini	militar	Argentina	Buenos Aires
47	Tenente Vicente Saguas	militar	Argentina	Buenos Aires
48	Tenente Aristides Leite Penteado	militar	Argentina	Buenos Aires
49	Tenente Carlos Ximenes	militar	Argentina	Buenos Aires
50	Tenente João da Costa Ferreira	militar	Argentina	Buenos Aires
51	Tenente Gasbypo Chagas Pereira	militar	Argentina	Libres
52	Tenente Leonardo Ribeiro Filho	militar	Uruguai	Rivera
53	Sargento Lorival Lopes	militar	Uruguai	Rivera
54	Sargento Homero Barreto	militar	Uruguai	Rivera

Observações:

n.º 12 - foi assassinado, em Rivera, no dia 31 de Janeiro de 1934.

n.º 13 - suicidou-se, em Uruguaiana, em Abril de 1934.

n.º 41 - em um desastre de avião, ao sair de São Paulo com destino a Mato Grosso, ficou gravemente ferido, sendo internado no Hospital militar de Cambuci, onde o visitei, em princípios de Junho de 1934. Ficou completamente cego. Viajava pilotando o aparelho, um coronel, que faleceu horas depois.

n.º 43 - faleceu, em Curitiba, vítima de desastre de avião, em Maio de 1934. (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p. 137-140).

Segundo a lista fornecida por Vergueiro, estes são os cinquenta e quatro brasileiros apoiadores da Revolução Constitucionalista, que estiveram exilados, em 1933, na Argentina e no Uruguai: alguns auto-exilados como ele, outros banidos do Brasil. O arrolamento compõe-se de treze advogados, cinco médicos, quatro jornalistas, três intendentess, dois engenheiros, dois comerciantes, quatro funcionários públicos, um fazendeiro e vinte militares.

Foi por participar desta iniciativa que ele foi detido. Ele narra que sua primeira prisão (em 5 de setembro de 1932) foi efetuada por Vazulmiro Dutra<sup>147</sup>, após chamá-lo para lhe atender, enganando-o com um apelo médico.

Às 7 horas da manhã, no meu Buik, guiado pelo meu chauffeur Cacildo, sai, com o meu neto Eugenio, para os meus afazeres diários, indo ao Hospital de Caridade, e depois ao consultório. Às 10 fui, como de costume, à livraria Nacional, palestrar com o Hyran, prezado primo amigo, e ver alguma novidade literária ou científica. Estava nessa preocupação, folheando um livro de Nitti, quando, de mim, se aproximou sorridente o Tte. Cel. Vercelino Camargo, comandante de um corpo provisório, assim se expressando.

- Dr., vim chamá-lo urgente. O Coronel Vazulmiro está gravemente enfermo. Ele sabe que o Sr. tem muito serviço, mas pede, com empenho, a sua presença, porque é uma questão de confiança absoluta e de grande amizade. Vamos depressa, Dr., o homem está mal.

Já no interior do meu auto, perguntei-lhe o que acontecera, e o "provisório" em referência me declarou que o seu comandante passara mal a noite, com febre, vômitos e dores muito violentas do lado direito do ventre. Diante dessa informação, era natural que pensasse em um caso de apendicite, e devo confessar que no meu ser travou-se um duelo íntimo, entre cérebro e coração: o cumprimento severo do sagrado dever do médico e o recôndito desejo do homem maldoso.

Resolvi, superiormente, empenhar os melhores esforços, no sentido de seu restabelecimento. Assim, nesse ânimo sereno, chegamos ao quartel, onde vivia Vazulmiro.

Sem de nada desconfiar, completamente calmo e tranquilo, dentro dos altivos dogmas da profissão, penetrei em um vasto aposento de 3 janelas laterais, 1 porta para um gabinete e 2 para um corredor.

Vazulmiro Dutra e Serafim de Moura Assiz comandaram o Terceiro Corpo Auxiliar da Brigada Militar de Passo Fundo. Organizado em Palmeira da Missões, o batalhão conhecido como "O pé no chão", reprimia o apoio aos revolucionários de Passo Fundo e região (PRATES, 2001, p. 144).

No relato Vergueiro assume um dilema moral: atender ou não ao chamado do coronel. Segundo narra, quando recebeu a ordem de prisão, mostrou sua altivez e coragem. Além disso, indica ser arbitrário o cerceamento de sua liberdade:

Aí, sentado na cama, com o cotovelo apoiado em uma mezinha de luz e com a face palmar da mão direita na frente, de olhos cerrados, estava o Coronel.

Carinhosamente, com a mão no seu ombro:

- Então, Vazulmiro, já estás melhor?

Este, dando um salto da cama, em gesto brusco e inesperado, com os olhos faiscantes de cólera:

- O Sr. está preso...

Era a senha. Em cada janela apareceram dois soldados, de fuzis engatilhados com pontaria para o meu peito, e em cada porta um oficial de revólver em punho.

Não me perturbei.

<sup>147</sup> Vazulmiro Dutra foi um coronel de Palmeira das Missões, que também atuou como subchefe de polícia, supervisionando os municípios de Palmeira, Iraí, Passo Fundo, Erechim, Lagoa Vermelha, Vacaria e Bom Jesus. (FÉLIX, 1996, p. 180).

- Mande atirar, Coronel. Matará um homem digno. Não tenho medo de suas armas. Não sou avestruz que esconde a cabeça, na hora do perigo. Lastimo tão só a sua indignidade, atraindo-me, para este covil, de modo infame, que plasma o seu caráter e é o espelho da miserável situação, a que chegamos. De mim, juro, não ouvirá mais nem sequer um monossílabo. Mande agora atirar.

Recordo-me bem dessas expressões.

Alguns soldados baixaram as armas. Não me retrucou, mas nos seus olhos vermelhos, de pupilas dilatadas, percebi todo o ódio que lhe ia na alma, e na sua boca seca, semiaberta, toda a sua insaciável sede de... sangue.

Mostrou-me um telegrama, que não li: fez-me algumas perguntas, que não respondi; pediu-me o revólver, entreguei-lhe.

Fui então conduzido, em estado de rigorosa incomunicabilidade, para um quarto do sobrado, que pertenceu ao Sr. Polydoro de Albuquerque Martins, ao lado do 8º R. I. Nesse mesmo dia, as cadeias encheram-se de presos políticos, entre os quais o meu filho Ruy, mais tarde demitido arbitrariamente do cargo de notário pelo general Flores da Cunha e, poucos dias antes da reconstitucionalização do País, reintegrado por aquele interventor.

Nem mesmo o negrinho Cacildo escapou: foi arrancado do auto, em plena rua, quando conduzia minha esposa, desesperada, ao quartel... a borrasca passou... restam destroços e indelévels cicatrizes... os bons nada têm a temer, mas cuidem-se os maus, porque é bem certo que quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Não há nada, principalmente em política, melhor do que um dia depois do outro... aguardemos... (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 145-151)

A narrativa de como se processou sua prisão em setembro de 1932, como os outros casos, tem caráter literário autobiográfico. Vergueiro se utiliza de recursos literários para narrar as situações vividas, inclui diálogos, descrições dos sentimentos. Escreve ressaltando seus valores e normas de conduta, reafirmando sua unidade.

Segundo Alberti, “a autobiografia é *principalmente* uma narrativa (*récit*), com perspectiva retrospectiva e cujo assunto tratado é a vida individual; e implica necessariamente a identidade entre autor, narrador e personagem” (1991, p. 75, grifos da autora). No texto observamos elementos que nos permitem compreender o que Philippe Lejeune chama de pacto autobiográfico, a saber: Vergueiro é, ao mesmo tempo autor, narrador e personagem do texto. Ele narra o acontecimento, valendo-se de sua memória: “Recordo-me bem dessas expressões”. No caso em estudo, faz uso de citação de Humberto de Campos, demonstrando sua apropriação das leituras e a relação entre o que cita e sua rememoração, seu passado. Nesse sentido, verificamos que, tomado pelo ressentimento tende a desprezar seus adversários políticos, comparando-os a seres que propagam doenças. Além disso, insere na narrativa comentários que informam (sobre os motivos de sua prisão), aconselham o seu leitor (a desconfiar e avaliar as situações) e, ensinam-no, (seja com ditados populares ou com asseverações sobre a moral, a não fazer avaliações precipitadas no campo da política).

Outra preocupação é com as provas concernentes as afirmações que faz, mencionando ora documentos, ora pessoas capazes de testemunhar e comprovar sua versão. Isso se processa na medida em que nossa memória é individual, mas também coletiva. A convivência com

outras pessoas permite que as lembranças sejam comuns ou evocadas a partir de determinadas experiências. Deste modo, ele procura atestar a veracidade do relato, evocando o nome de outras pessoas confiáveis que presenciaram o que está sendo narrado ou, reiterando o seu próprio caráter ético e moral.

Como na narrativa da prisão, em outros textos sobre as vivências em 1932 e 1933, Vergueiro enfatiza a clínica e o conhecimento profissional. De fato, por vários anos, esclarece o próprio autor, a medicina foi relegada a segundo plano para dedicar-se a política e a liderança do PRR local<sup>148</sup>.

Como médico, usando o anel de formatura, ele demonstrou sua cultura e formação profissional, motivos de distinção entre os argentinos de Passo de Los Libres: “pequena cidade e de pouca vida social”. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 77-80). Foi acolhido no país vizinho, conforme relata em “81. O meu anel”, “38. Um caso em Libres” e “209. Últimos dias em Libres”. Não sabemos ao certo se exerceu sua profissão com alguma regularidade, ou apenas em situações específicas. Todavia refere-se aos três médicos locais explicando que “eram quase nenhuma das minhas relações”. Sobre um deles que o precedeu no atendimento da enferma ele diz: “O colega, que em verdade, era muito atrasado, havia se atrapalhado todo [...]”. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 77-80).

Em outros textos o autor nomeia quem foram seus “bons amigos” feitos em Libres: Octacílio Fernandes, Sylvio Nunes, Aristides Pedroso, Gasbyo das Chagas Pereira, Vicente Saguas, João Garcia Cony e Oswaldo Palma, além de Victor Graeff, com quem o memorialista dividia o quarto. Em “202. Uma noite no exílio”, o reminiscente relembra que os ânimos eram acirrados, as ideias muitas vezes discordantes, mas as trajetórias unidas pela participação ou apoio à Revolução Constitucionalista, enquanto descreve o cotidiano dos exilados:

Serviam o jantar às 9 da noite, de modo que só às 10 ½; terminávamos a refeição.  
Mesa grande, todos exilados.  
Frequentemente a palestra, sempre sobre política e assuntos do Brasil, era viva, acalorada, azedando-se às vezes, mas sem maiores aborrecimentos.  
Não raros eram os dias em que, trocados apenas cumprimentos, não falávamos, comendo ‘el puchero’ em profundo silêncio e nenhum se atrevendo a rompê-lo: eram as saudades cruciantes dos pagos que nos embargavam a voz. Fagundes Varella, nas ‘Vozes da América’ escreveu um dia:  
‘Passei trutininho dos salões no meio,  
Atravessei as turbulentas praças  
Curvado ao peso de uma sina escura;  
As turbas contemplaram-me sorrindo,  
Mas ninguém divisou a dor sem termos  
Que as fibras do meu peito espedaçava,

<sup>148</sup> “74. Quanto p.” (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 177-178).

O exilado está só em toda parte.’

Sobre Victor Graeff, outro líder político republicano da região de Passo Fundo, Vergueiro lembra que:

O nosso principal passeio, quase que único, era ao redor da grande praça da Igreja de São José, toda calçada de mosaico e com um lindo jardim, onde sobressaíam centenas de roseiras. Foi aí, nessa praça, que o prezado amigo, Dr. Victor Graeff, dedicado companheiro de viagem e de quarto, pronunciou, por ocasião de uma festa pátria argentina, em nome dos exilados brasileiros, um discurso daqueles que ninguém melhor do que ele sabe fazer e dizer, brilhante oração que, merecidamente, lhe granjeou, e à nós também, as melhores simpatias.

Dividíamos-nos e pequenos grupos, fazendo muitas voltas pela praça, sentando-nos depois para melhor apreciarmos a elite da sociedade librense, que ali se reunia à tarde e à noite.

Para nós, as saudações comuns: buenas noches, señor, mas para o Victor só se ouvia, e a todo instante, adiós, Victor; adiós, Victor, expressão de afeto e de intimidade. Pudera! Se era o único solteiro, jovem, talentoso, de esmerada elegância e o nosso representante em todas as festas e bailes!...

Em meio as refeições, passeios e conversas, outra atividade cotidiana era a leitura e a escrita. A literatura da qual Vergueiro se apropriou no exílio era bastante variada, contemplando poesias, romances, ensaios políticos e contos, além de livros técnicos, como aqueles referentes a quiromancia. Publicações dos autores citados por Vergueiro integram a sua biblioteca particular<sup>149</sup>. Cabe explicitar que vários desses autores, além de serem adeptos ao movimento modernista, tinham ligação com a doutrina espírita ou enfatizavam aspectos do

<sup>149</sup> O catálogo está disponível em: <<http://www.upf.br/ahr/images/stories/acervo-nicolau-araujo-vergueiro.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2015. Localizamos obras de:

- DESBARROLLES. **Les mystères de La Main**. Paris: Garnier, [s.d.].  
 KEISERLLING, Conde de. **Meditaciones suramericanas**. Madrid: Espasa – Calpe, 1933.  
 LORENZ, Francisco Valdomiro. **Elementos de Chiromancia**. São Paulo: O Pensamento, 1928.  
 MARIANI, Mario. **O pobre Christo**: Romance. [s.l.]: Freitas Bastos, 1930.  
 \_\_\_\_\_. **A casa do homem**: Romance. São Paulo: Nacional, [s.d.].  
 \_\_\_\_\_. **Las meditaciones de um loco**. Valencia: Guerri, 1922.  
 \_\_\_\_\_. **Nossa Senhora das Sete Dores**: romance. São Paulo: Nacional, [s.d.].  
 \_\_\_\_\_. **Pureza**: romance. São Paulo: Nacional, 1920.  
 QUIROGA, Horacio. **Anaconda**. 2.ed. Buenos Aires: Babel, [s.d.].  
 \_\_\_\_\_. **Cuentos de amor, de locura y de muerte**. Buenos Aires: Babel, [s.d.].  
 \_\_\_\_\_. **El desierto**. 2.ed. Buenos Aires: Babel, [s.d.]. QUIROGA, Horacio. **El salvaje**. 2.ed. Buenos Aires: Babel, [s.d.].  
 \_\_\_\_\_. **História de um amor turbio**: Novela. 3.ed. Buenos Aires: Babel, 1930.  
 \_\_\_\_\_. **Los desterrados**. Buenos Aires: Babel, 1926.  
 NERVO, Amado. **La amada inmovil**. Madri: Nueva, [s.d.].  
 \_\_\_\_\_. **Los Jardines interiores**: Poesias. Montevideo: Artigas, [s.d.].  
 REILLY, Juan José de Soiza. **Criminales!**: Almas Susias de mujeres y hombres limpios. Buenos Aires: Sopena, 1926.  
 \_\_\_\_\_. **El alma de los perros**. 6.ed. Buenos Aires: Anaconda, 1922.  
 \_\_\_\_\_. **Mujeres de america**. Buenos Aires: Anaconda, [s.d.].  
 \_\_\_\_\_. **No Leas este libro...**: El amor, la mujer y otros venenos. Buenos Aires: Anaconda, 1933.  
 ROLDAN, Belisario. **Discursos completos**. Buenos Aires, Sarmiento, [s.d.].  
 \_\_\_\_\_. **Poesias completas**. Buenos Aires: Brisas [s.d.].  
 SARMIENTO. **Facundo**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.

sobrenatural em seus escritos. Talvez, seja justamente por este motivo que o memorialista elencou os autores pois, na sequência da narrativa, descreve uma experiência mediúnica partilhada com Palma, conforme comentamos. Outros autores como Manuel Galvez e José Ingenieros com publicações da mesma época, em Buenos Aires, embora figurem em sua biblioteca, não são citados neste momento.

A maneira como se hospedaram, a descrição do cotidiano destes emigrados políticos ou exilados demonstra que eles tiveram em comum a necessidade de sobreviver em um país estrangeiro. “A partida do país de origem é sempre algo imposto, fruto de um ato de hostilidade declarada contra o poder de um Estado, ou ainda, pela própria incapacidade de sobrevivência dadas as condições de perseguição política impostas por um regime”. (PAULO, 2014, p. 456).

Por fim, cabe lembrar que a experiência do exílio mantém relação com a violência e a repressão. Nas escritas de Vergueiro, essa questão está presente na nota “209. Últimos dias em Libres”, na qual revela a intensa movimentação dos brasileiros exilados e a preocupação com a prisão. Isso estava relacionado a política de cooperação entre os governos brasileiro e argentino.

Nesta época Getúlio Vargas, no governo provisório, 1930-1934, e no governo constitucional, 1934-1937, o General Agustín Pedro Justo, na presidência da Argentina entre 1932 e 1938, firmaram acordos que aproximaram os países no plano das relações internacionais. No país vizinho ocorreram várias tentativas de levantes e duas revoltas abertas, mas localizadas, que ocorreram em 1931 e 1933. No Brasil, houve revoltas em 1932 e 1935. Em ambos países houve forte repressão aos opositores. (FAUSTO; DEVOTO, 2004). Vargas e Justo mantiveram sob vigilância e controle as atividades dos emigrantes políticos.

Vergueiro descreve um episódio de revolta na Argentina, cuja atuação do governo foi violenta. Ele registra que socorreu homens feridos a pedido do Comissário de Polícia. Para ele, os dias que antecederam seu retorno ao Brasil, no dia 31 de janeiro de 1934, foram inquietantes dada a possibilidade de ter sua liberdade cerceada em país estrangeiro.

### 4.3.3 PSD – Liderança ou “figura decorativa”?

No período democrático, pós-1945, Vergueiro participou da criação do Partido Social Democrático (PSD). A orientação de Borges de Medeiros para que os antigos membros do PRR aderissem à União Democrática Nacional (UDN) não foi acatada por Vergueiro. O amigo Victor Graeff, com quem dividiu o quarto no exílio, filiou-se a este partido, tornando-se oposição. No mesmo período, surgiu também o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e a liderança de César Santos.

Delgado (2003, p. 134) indica que esse conjunto de organizações partidárias formou, após 1945, uma “competição dicotômica, conduzida por um triângulo partidário”. A UDN, o PSD e o PTB destacaram-se na disputa pelo poder, embora a atuação do Partido Comunista do Brasil (PCB) mereça atenção em seu retorno à legalidade.

O PSD e o PTB foram correntes políticas diferentes de sustentação a Vargas. (FLACH; CARDOSO, 2007). Já o PCB possuía um programa nitidamente vinculado ao projeto de revolução socialista mundial. O mandato dos representantes eleitos pelo Partido, foi cassado em 1947, por determinação do Tribunal Superior Eleitoral.

Quanto ao PTB, formado por operários, trabalhadores sindicalizados e funcionários públicos, defendia o conjunto da legislação trabalhista e também como proteção ao crescimento do PCB junto à classe operária. O PTB ganhou força e credibilidade, ampliando sua penetração junto a sociedade, o que refletiu no desempenho eleitoral expressivo, capaz de provocar críticas e ataques por parte dos udenistas. (DELGADO, 2003).

Já a UDN surgiu de um movimento de oposição ao Estado Novo. O partido foi articulado pelas elites que se declaravam liberais e antigetulistas, e acabou revelando-se antidemocrático. (DELGADO, 2003). Em âmbito local, aderiram a esse partido Quim César, Aristóteles Lima, Antônio Carlos Menna Barreto e Gomercindo dos Reis.

O PSD, de perfil pragmático, é lembrado pela força eleitoral, habilidade e capacidade de alcançar e se manter no poder. Era integrado por segmentos da classe média urbana e representantes das oligarquias estaduais. A base de sustentação deste partido contribuiu para que “já nascesse com meio caminho andado para o sucesso eleitoral, uma vez, que, desde antes de sua fundação, já controlava sólida infraestrutura administrativa e também clientelista nos diferentes estados da federação”. (DELGADO, 2003, p. 139). Para compreender a escolha de Vergueiro pelo PSD, enquanto a maioria dos antigos membros do PRR optou pela UDN, devemos considerar a filiação de personagens políticos com considerável força eleitoral, que aspiravam o retorno ao regime democrático e, sem que houvessem mudanças na estruturação

da sociedade. A adesão do líder ao PSD não é incoerente com o histórico familiar e político dele, que dessa forma pode sustentar sua rede clientelar.

Se na esfera federal firmou-se uma aliança entre o PSD e o PTB, isso não aconteceu no âmbito estadual e local, pois faltaram consenso e abertura dos líderes partidários locais para esta negociação. César Santos, ao lado de Armando Araujo Annes, se tornaram expoentes trabalhistas. Vergueiro contava com Antônio Bittencourt Azambuja, Arthur Ferreira Filho, Odalgiro Correa e Túlio Fontoura. No Diretório Estadual estavam Adroaldo Mesquista da Costa, seu cunhado, Elpídio Fialho, Daniel Faraco, João Neves da Fontoura, Miguel Costa, Tarso Dutra e Oscar Carneiro da Fontoura, entre outros.

Figura 51 – Lideranças do PSD



Fonte: MHR

Senador Ernesto Dornelles com os Deputados Federais Adroaldo Mesquita da Costa e Nicolau Araujo Vergueiro.

Em 1946 Vergueiro elegeu-se membro da Assembleia Nacional Constituinte e, na sequência para a Legislatura Federal. Na agremiação ocupou, a partir de 1947, o cargo de presidente do diretório local.

Gatti (2008) reproduz duas situações polêmicas que envolveram Vergueiro. A primeira delas ocorreu em 1946, quando Bittencourt Azambuja acusou Ferreira Filho de

fraude eleitoral, beneficiando Vergueiro (GATTI, 2008, p. 78-79). A segunda, em 1947, incide sobre as acusações e discussões entre Vergueiro e Annes:

[...] o primeiro acusa Annes de ter realizado em sua gestão de 1932 uma má administração, de ter lhe mandado prender, também por ter demitido seu filho Rui Vergueiro. E Annes rebate as acusações, dizendo que Vergueiro tem ciúmes de seu crescente prestígio enquanto o poder eleitoral de Vergueiro só vem decaindo com os anos. (GATTI, 2008, p. 95).

Armando Araujo Annes, primo e adversário político de Vergueiro, que ocupou o cargo de prefeito, a partir da Revolução de 1932, era filiado ao Partido Republicano Liberal (PRL). Todavia, recebeu apoio do PTB e da UDN, nas eleições de 1947. (BENVEGNÚ, 2006, p. 52). O PSD predisponha-se a fazer um acordo para apoiar a candidatura de Annes, o que ficou a cargo de Vergueiro. Ao encontrar-se com César Santos, este impôs que Vergueiro o antecederesse na assinatura do termo, com o que ele não concordou. A irredutibilidade de Vergueiro foi atribuída a sua liderança, a longa e prestigiada trajetória política, mas também ao fato de que o então governador Walter Jobim, era membro do PSD, que contava como prefeito nomeado com o também partidário Pio Brum, o que os tornava situacionistas. (BENVEGNÚ, 2006, p. 53). Com isto fica evidente que, o PSD estava fragilizado por dissensos entre os líderes no que diz respeito as decisões como a realização de comícios, o apoio a candidatos, a necessidade de estabelecer alianças interpartidárias, etc.

As questões polêmicas, tratadas por Benvegnú (2006) e Gatti (2008), nas quais Vergueiro esteve envolvido, não constam na documentação presente no acervo privado. Igualmente, constatamos a escassez de registros datados do período do Estado Novo. Provavelmente, o titular ou seus familiares não desejassem dar destaque a estes fatos, seja devido ao seu alijamento do poder político no período de regime autoritário, ou por evidenciarem a redução de seu poder político, ou ainda pela dissonância da autoimagem projetada pelo arquivo. No entanto, a partir de 1949, há recortes que refletem outros acontecimentos desse teor, conforme veremos.

Em 1950, Vergueiro e Odalgiro Corrêa foram candidatos à Câmara Federal e ao Legislativo Estadual<sup>150</sup>. Nos anúncios abaixo, vemos Vergueiro dirigir-se aos cidadãos: passo-fundenses evocando a representação do “amigo das boas e más horas e o leal defensor dos teus interesses”; aos erexinenses o candidato lembra os benefícios pleiteados na sua atuação

---

<sup>150</sup> Indicados, ontem pelo PSD de Passo Fundo os nomes dos Srs. Nicolau Vegueiro e Odalgiro Corrêa como candidatos à Câmara Federal e ao Legislativo Estadual. *Diário da Manhã*. Passo Fundo: 4 jun. 1950 (álbum, v. 1, p. 88-89).

parlamentar, argumentando que “votar em Nicolau Araujo Vergueiro é contribuir para o desenvolvimento e o progresso de Erechim”<sup>151</sup>, aos carazinhenses e aos médicos.

Figura 52 – Publicidade eleitoral para os passo-fundenses, 1950

**Passofundense**

Honra a tua terra e as tradições gloriosas de seu povo, realizador e altivo, votando nas eleições de 3 de outubro, para deputado federal, pelo Partido Social Democrático, em

**Nicolau Araujo Vergueiro,**

o teu amigo das boas e das más horas e o leal defensor dos teus interesses.

(Comité Pró Candidatura dr. Nicolau Vergueiro, em Passo Fundo)

Fonte: AHR, Álbum (v. 1, p. 105)

Figura 53 – Publicidade eleitoral para os erexinenses, 1950

**Ao Eleitorado de Erechim**

Votar em Nicolau Araujo Vergueiro é contribuir para o progresso e o desenvolvimento de Erechim

**ELEITOR:**

Dá teu voto, a 3 de Outubro, a quem já muito fêz pe'o progresso do teu município. É preciso que você saiba que o deputado **DR. NICOLAU ARAUJO VERGUEIRO**, orgulho da tradição republicana, honrado e digno, conseguiu para Erechim, sem que para isso tivesse sido solicitado, os seguintes benefícios:

Para o Hospital de Caridade, Cr\$ 100.000,00, importância que já foi recebida pela direção do nosso importante estabelecimento hospitalar; Hospital de Caridade, Cr\$ 300.000,00, verba essa que consta do orçamento para 1951; para o Aero Porto local Cr\$ 200.000,00; já pago; para a Escola Agrícola, Cr\$ 250.000,00, já recebida; Construção do edificio dos Funcionarios Publicos, Cr\$ 500.000,00, verba que consta do orçamento para 1951; edificio dos Correios e Telegrafos, cuja construção se deve, em grande parte, aos esforços do ilustre parlamentar que tantos benefícios vem proporcionando ao Rio Grande. Circulo Operario, dois auxilios, um de Cr\$ 50.000,00, já recebido, e o outro de Cr\$ 50.000,00, que consta da proposta orçamentaria para o proximo exercicio. Atendendo a um pedido de correigionarios e amigos, o deputado **NICOLAU VERGUEIRO** conseguiu um avião para o nosso Aero Clube, cuja unidade de voo af está prestando relevantes serviços a nossa entidade aviatoria

**Dr. Nicolau Araujo Vergueiro**

Votar em **NICOLAU ARAUJO VERGUEIRO**, é contribuir para o desenvolvimento e o progresso de Erechim.

Fonte: AHR, Álbum (v. 1, p. 106)

O candidato também se dirigiu aos eleitores de Carazinho e ao grupo de médicos:

As vésperas do momento em que todos os brasileiros se empenham na escolha dos homens que se incumbirão de dirigir os destinos da Nação, no próximo período governamental, os médicos rio-grandenses não podem esquecer que, a exemplo das demais classes, é necessário eleger um elemento que os possa representar, condignamente, na Câmara Federal e que venha a ser o defensor de seus direitos e aspirações. A classe médica acha-se empenhada, mais do que nunca, numa série de reivindicações justas. Dependem elas, antes de tudo, de um defensor desassombrado e perfeito conhecedor das necessidades da classe. Este defensor e representante dos médicos, na Câmara Federal deverá ser o dr. NICOLAU ARAUJO VERGUEIRO, cuja atuação no atual Parlamento, em defesa do projeto que estabelece uma remuneração condigna aos médicos servidores federais, já é de todos conhecida. Pugnar pela sua continuação na Câmara Federal é o meio de poder contar com um médico na defesa dos direitos e aspirações de toda a classe. Elejamos, pois, o dr. NICOLAU ARAUJO VERGUEIRO para representante da classe, para ter a certeza de que os nossos não deixarão de ser ouvidos.<sup>152</sup>

Portanto, Vergueiro procura angariar apoio de diferentes grupos de eleitores. O candidato emprega uma estratégia discursiva visando despertar a atenção e o apoio. Aos conterrâneos apresenta-se como amigo, acolhedor e disposto a auxiliar. Aproxima-se dos médicos, ao alegar que tem soluções para as dificuldades da profissão. Já ao público eleitor de Erechim, ele comprova como interveio favoravelmente pela concessão de verbas. Apesar disso, nas eleições de 1950 para Deputado Federal, pela primeira vez em sua carreira política, contando com sessenta e oito anos, não se elegeu<sup>153</sup>. Após o término de seu mandato retornou a Passo Fundo, reabriu seu consultório e continuou a integrar o PSD.

Uma questão polêmica foi o descontentamento com o tratamento que lhe é conferido pelos vereadores do PSD, em 1954. A situação deveu-se ao fato de alguns vereadores locais externarem posições favoráveis a concessões para estabelecimentos comerciais nas praças, de modo contrário a lideranças como Wolmar Salton, Pedro Piran, José Lamaison e Vergueiro. Em entrevista, este afirmou que não era consultado pelos parlamentares municipais do PSD sobre qualquer assunto, relevante ou não. E, concluiu da seguinte forma: “Sou, em face da Câmara de Vereadores, nada mais, nada menos, do que uma figura decorativa...”.<sup>154</sup> No mesmo período formulou a renúncia formal ao Diretório Municipal partidário<sup>155</sup>. Então, o secretário geral do PSD no nível estadual, Francisco Juruema, esteve na cidade em reunião

<sup>152</sup> CLASSE médica. *Folha da Tarde*. Porto Alegre: 30 set. 1950 (álbum, v. 1, p. 109).

<sup>153</sup> Um exemplo de dignidade. *Diário da Manhã*. Passo Fundo: 3 jan. 1951 (álbum, v. 1, p. 133).

<sup>154</sup> “Nunca fui consultado por um só dos membros da Câmara de Vereadores” declara ao O Nacional o Dr. Vergueiro. *O Nacional*. Ano 30, n. 7877. Passo Fundo: 27 dez. 1954 (álbum, v. 2, p. 132).

<sup>155</sup> VERGUEIRO, Nicolau Araujo. Ao Diretório do Partido Social Democrático de Passo Fundo. *Diário da Manhã*. Passo Fundo: 3 maio 1955 (álbum, v. 2, p. 153).

com os membros pois percebiam a necessidade de reestruturação da agremiação, no que foram aconselhados a aguardar até a próxima convenção partidária<sup>156</sup>. Em reunião do PSD local, com votação secreta, Vergueiro foi eleito novamente, presidente da Comissão Executiva, em conjunto com Dionísio Langaro, Pedro Pacheco, Aurélio Amaral, Sadi Marinho, Octaviano Goelzer e Felisbino da Silva Rocha.

Outro episódio polêmico, envolvendo o líder do PSD ocorreu em agosto de 1955, ocasião em que os partidos movimentavam-se para as eleições municipais. O Coronel Alfredo Rosa Prestes concedeu uma entrevista manifestando que o PSD o apoiaria numa campanha eleitoral para prefeito. Ao que o líder reagiu afirmando que o candidato partidário seria Gervasio Araujo Annes, e solicitou que o Coronel esclarecesse o conteúdo da entrevista. Este redigiu uma carta aberta a Nicolau Vergueiro e declarou que fora visitado por membros do PSD, e eles lhe falaram da possibilidade de lançar sua candidatura à prefeitura<sup>157</sup>.

Observamos na documentação do primeiro e do segundo álbum muitos recortes de jornais que enfatizam o fomento da instalação de vias de transporte e comunicação, bem como de verbas para instituições voltadas a saúde e educação. Todas essas iniciativas de Vergueiro como deputado federal estão em consonância com o programa apresentado pelo PSD no pós-1945<sup>158</sup>, partido ao qual ele manteve-se vinculado, atuando profissionalmente como médico, conforme contou na homenagem que lhe foi prestada em 1955<sup>159</sup>.

Segundo Prates (2001, p. 161), logo após seu retorno do exílio ocorreu a “perda da hegemonia política regional”, ligada a figura de Flores da Cunha, que apoiou a emancipação de Carazinho, contribuindo para o maior alijamento do político naquela conjuntura. No entanto, Nicolau Vergueiro não encerrou sua carreira política, reelegendo-se deputado federal. Na conjuntura posterior ao Estado Novo, igualmente, notou-se um lento declínio do seu prestígio, culminando no resultado eleitoral negativo que já mencionamos.

---

<sup>156</sup> A sequência de recortes sobre o assunto pode ser consultada no álbum (v. 2, p.132, 147, 150-153, 161-162).

<sup>157</sup> Consultar álbum (v. 2, p. 158-160).

<sup>158</sup> O programa do PSD incluía temas como normas trabalhistas e previdência social; a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas e garantias de seus direitos; organização sanitária e hospitalar, combate as endemias, enfim, assistência pública; legislação educacional e assistência aos estudantes e professores; gratuidade do ensino e difusão cultural. (GATTI, 2008, p. 37).

<sup>159</sup> VERGUEIRO, Nicolau Araujo. Discurso de agradecimento às homenagens dos médicos e farmacêuticos por completar 50 anos de formatura médica. Passo Fundo: 23 dez. 1955. Cópia datilografada, 7 folhas. O mesmo foi publicado no Jornal *O Nacional*. Passo Fundo: 27 dez. 1955, com o título “O coração do médico é cofre de todas as lamentações e manancial de todos os bálsamos” Cita o Dr. Vergueiro em sua oração de agradecimento às homenagens (álbum, v. 2, p. 177).

Para compreender a derrota eleitoral de Vergueiro, é preciso ponderar a respeito da ampliação do número de eleitores<sup>160</sup> decorrente de algumas mudanças na legislação. Entre elas: obrigatoriedade do alistamento e do voto para homens e mulheres acima dos 18 anos, a abolição dos alistamentos *ex-officio*<sup>161</sup> em 1950, a criação de partidos nacionais, fomentando um sistema partidário-eleitoral competitivo e, em acréscimo, a força do movimento queremista. (ANGELI, 2015).

Gatti (2008, p. 56) expõe, sem citar fontes, que Vergueiro tinha “estima pela figura de Getúlio Vargas, o que lhe conduziu às fileiras do PSD”. De fato, na conjuntura anterior ao movimento de 1932, Vergueiro assim como muitas lideranças rio-grandenses, apoiava Vargas, todavia essa conjuntura foi alterada. Mas, a par da trajetória política de Vergueiro, entendemos que, logo após a Revolução de 1930, quebraram-se esses vínculos.

Seguindo a orientação partidária de Borges de Medeiros, a maior parte do grupo de republicanos rio-grandenses apoiou a Revolução Constitucionalista de 1932. A partir desse evento, os líderes gaúchos sofreram perseguições ou foram afastados do poder. As “Notas íntimas” ressaltam as críticas que Vergueiro dirigiu ao presidente Vargas qualificando-o como “ditador”<sup>162</sup> após o retorno do exílio. A linha discursiva adotada por Vergueiro indica a insatisfação com as medidas do governo<sup>163</sup>.

A mesma autora não percebe nenhuma dissonância ao analisar um comício que ocorreu em Passo Fundo, organizado por Antonio Bittencourt Azambuja, em 1945, ao qual Vergueiro e Ferreira Filho não compareceram justificando que não haviam sido convidados. O comício tornou-se uma manifestação do movimento “queremista”. Não podemos asseverar

---

<sup>160</sup> A dissertação de Angeli (2015), **Como atingir o coração do eleitor**: partidos, candidatos e mobilização eleitoral em Canoas/RS (1947-1963), enfoca práticas de mobilização eleitoral e de construção do eleitor nas eleições do município de Canoas-RS. No entanto, consideramos que suas considerações são pertinentes para o estudo da conjuntura eleitoral pós-1945, no município de Passo Fundo – RS. Cabe esclarecer que Gatti (2008) limita seu estudo ao crescimento populacional, tanto na área urbana quanto rural de Passo Fundo e afirma que não ocorreu êxodo rural que implicasse em perda de prestígio para o PSD. No entanto, ela não cogita a ampliação do número de eleitores.

<sup>161</sup> O alistamento *ex-officio* ocorria quando o juiz, mediante atestação da administração pública, declarava conhecidos e listados os cidadãos. O Código eleitoral, instituído pela Lei n.1164 de 24 jul. de 1950, aboliu esta modalidade de registro dos eleitores. A qualificação e a inscrição de eleitores passaram a realizar-se apenas por meio de requerimento do interessado. Para os partidos políticos isso repercutiu num intenso trabalho de recrutamento dos eleitores. (ANGELI, 2015).

<sup>162</sup> “159. Discurso de regresso do exílio”, “199. Gente nova”, “201. Pedro Aurélio”, “206. Hora do silêncio”, “207. Dois crimes” e “208. A filha de Frankstein”.

<sup>163</sup> O que nos preocupa e chega a apavorar é essa marcha, em passo acelerado para a involução social, quando se prega a ideia temerária e absurda de justiça praticada pelas próprias mãos. *Diário da Manhã*. Passo Fundo: 18 set. 1951. Um apelo ao ministro Souza Lima. n. i., s.d. "Ninguém se alimenta de sorrisos e ninguém se empanturra com promessas"- Afirmou perante a 4ª Convenção do PSD o Dr. Nicolau A. Vergueiro. *Diário da Manhã*. Passo Fundo: 19 mar. 1952. "Como médico entendo que o Brasil deve ser colocado numa tenda de Oxigênio" afirmou em entrevista ao Diário da Manhã, o Dr. Nicolau Araujo Vergueiro. *Diário da Manhã*. Passo Fundo: 12 abr. 1953. A margem de uma entrevista. *Diário da Manhã*. Passo Fundo: 14 abr. 1953 (ver álbum, v. 2, p. 18, 20, 36, 82, 83).

o real motivo de Vergueiro não ter participado, mas, a ideia de apoio a candidatura presidencial de Vargas é discrepante das suas manifestações discursivas.

O PSD gaúcho sofreu um processo de “desgetulização” após 1946. Na prática, todos os políticos simpáticos a Vargas já haviam migrado ao PTB até 1950. (FLACH; CARDOSO, 2007). A permanência de Vergueiro no PSD, dessa forma, sinaliza que não o apoiava. Não temos, no arquivo pessoal, nenhum documento com essa datação, porém na convenção do PSD realizada em 1952, defende o ex-presidente: “é um desserviço prestado procurar o descrédito de um governo honesto, como foi o do General Eurico: honesto e progressista”.<sup>164</sup>

Entretanto, precisamos considerar também a emergência de outra liderança no campo político local, quando da não eleição de Vergueiro em 1950. Trata-se do também médico, filiado ao PTB, César Santos.

A tabela a seguir, sintetiza os mandatos exercidos por Vergueiro. A mesma foi elaborada com base nos dados apresentados pelo memorialista, considerando as publicações de Trindade e Noll (2005) e Damian (2010).

---

<sup>164</sup> "Ninguém se alimenta de sorrisos e ninguém se empanturra com promessas"- Afirmou perante a 4ª Convenção do PSD o Dr. Nicolau A. Vergueiro. *Diário da Manhã*. Passo Fundo: 19 mar. 1952.

Quadro 4 – Participações eleitorais de Nicolau Araujo Vergueiro

Data da eleição	Votos	Legenda	Função	Legislatura
16 set. 1908	2.028	PRR	Conselheiro municipal, presidente	1908-1912
16 set. 1912		PRR	Conselheiro municipal, presidente	1912-1916
16 set. 1916	2.028	PRR	Conselheiro municipal, presidente	1916-1920
29 mar. 1909	10.091	PRR	Deputado estadual	6ª legislatura (1909-1912)
20 ago. 1913	75.760	PRR	Deputado estadual	7ª legislatura (1913-1916)
26 fev. 1917	79.718	PRR	Deputado estadual	8ª legislatura (1917-1920)
16 set. 1920	4.004	PRR	Intendente	1920-1924
20 fev. 1921	78.354	PRR	Deputado estadual	9ª legislatura (1921-1924)
15 mar. 1925	15.775	PRR	Deputado estadual, vice-presidente e presidente	10ª legislatura (1925-1928)
16 set. 1928	3.315	PRR	Intendente/ Prefeito	1928-1932
1 mar. 1930	81.312	AL/FUG (PRR)	Deputado federal, Comissão de Agricultura	35ª Legislatura
03 maio 1933		FUG (PRR)	Deputado federal, constituinte	36.ª Legislatura (1934-1935)
14 out. 1934	77.509	FUG (PRR)	Deputado federal, Comissão de Saúde	37.ª Legislatura (1935-1937)
<b>Trabalhos legislativos suspensos 10 de nov. 1937 a 31 de jan. 1946.</b>				
02 dez. 1945	9.219	PSD	Deputado federal, constituinte, Comissão de Transportes, Comunicações e Obras Públicas	38.ª Legislatura (1946-1950)
03 out. 1950	6.449	PSD	Deputado federal	Não eleito

Fonte: Elaborada pela autora

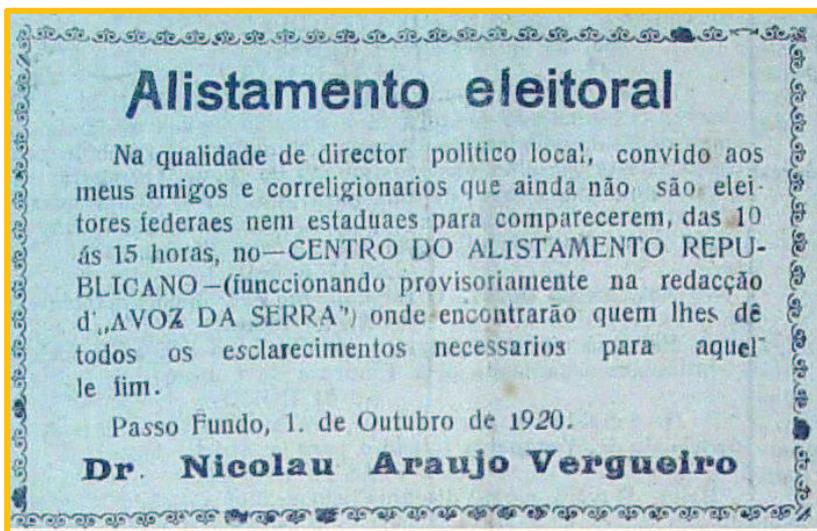
Ressaltamos que Vergueiro não menciona, em suas memórias, a eleição para o Conselho Municipal entre 1912-1916 (VERGUEIRO, 1935, v. 5, p. 188-190), mas acrescenta uma nota sobre sua participação no ano de 1913 (VERGUEIRO, 1937, v. 8, p. 25-28).

Os números de votos registrados por Vergueiro para eleições do Conselho Municipal, Assembleia dos Representantes e da Intendência não foram publicados por Damian, com exceção da eleição de 1928, na qual acresce um voto a Vergueiro. Todavia, os dados da eleição de 1930, para Câmara Federal, não conferem: Vergueiro afirma ter recebido 81.312, mas, segundo as informações deste autor foram 56.156 votos. Quanto ao processo eleitoral de 1945 e de 1950, sua votação foi 9.219 e posteriormente, 6.449, insuficiente para a eleição. (DAMIAN, 2010, p. 147-148). Não localizamos outros números para cotejá-los.

Com base na documentação do acervo, podemos afirmar que houve uma mudança na prática política de Vergueiro entre o período inicial do século XX e o período posterior ao Estado Novo. Dentro do PRR, entendemos que ele estava atento às diretrizes do governador Borges de Medeiros.

Em parte, sua prática era de unir os membros do Partido na região e realizar o cadastramento eleitoral ampliando o número de apoiadores. De acordo com seus textos, mantinha uma rede de pessoas para as quais oferecia atendimentos médicos, remédios, favores como cargos públicos e empréstimos.

Figura 54 – Chamada para alistamento de eleitores



Fonte: AHR, *Jornal A Voz da Serra*. Ano 5, n. 230. Passo Fundo, 16 out. 1920. (Acervo digitalizado).

Embora as funções da Assembleia de Representantes fossem restritas, a análise dos anais indica que Vergueiro não era orador expoente do PRR, mas sim, articulador de redes de apoio, sobretudo em períodos eleitorais. Deste período temos registro de mais embates políticos via periódicos, enquanto os discursos nos anais estão praticamente ausentes.

Já no período como Deputado Federal, as fontes minimizam tais embates valorizando a atuação parlamentar. Os documentos do arquivo privado indicam sua participação nas Comissões de Saúde entre 1936-1937 e, na Comissão de Transportes, Comunicações e Obras Públicas entre 1949-1950.

Devido a inserção do deputado na comissão de saúde ele pronunciou-se algumas vezes para expor seu projeto de lei sobre o exame pré-nupcial, conforme esclarecemos anteriormente. Em 1946, quando não integrava mais essa comissão, fez novo pronunciamento sobre o assunto. Nessa ocasião defendeu a obrigatoriedade de que os noivos prestassem o exame em âmbito nacional e pediu que a nova comissão desse atenção ao tema.

Como membro desta última Comissão contabilizou seu apoio a diferentes estados e municípios do país, sobretudo em benefício da região de Passo Fundo. No primeiro volume dos álbuns identificamos notícias sobre obras públicas para favorecer a economia e a integração nacional (ferrovias, construção de pontes, criação de aeroportos e instalação de agência de correio e telégrafo), bem como a saúde e educação pública (captação de verbas

para hospitais e instituições educacionais). Pronunciou discursos ligados a ampliação da rede ferroviária do Rio Grande do Sul nos anos de 1947, 1948 e 1949.

Figura 55 – Discurso na Câmara Federal



Fonte: AHR.

No verso da fotografia lê-se a seguinte inscrição: “Este retrato foi tirado em 12 de maio de 1948, na Câmara Federal, quando eu pronunciei o meu segundo discurso sobre a construção da Estrada de Ferro de Passo Fundo à Volta do Barreto”.

#### 4.4 Homem público: pensamento e experiência

O capítulo elucida alguns aspectos do pensamento de Vergueiro, mapeando as influências teóricas de suas principais ideias e projetos. Para empreender a análise utilizamos como fontes as narrativas memorialísticas, objetos biográficos ou semióforos, recortes de jornais, discursos, fotografias e livros que pertenceram a Vergueiro.

Ele integrou a segunda turma da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, cursando Farmácia e Medicina entre os anos de 1900 e 1905, foi colega de Balthazar Patrício de Bem, Heitor Annes Dias, Pedro Alexandrino de Borba, Júlio Mariath e Ulysses Nonohay. Morou com alguns colegas no período, quando viviam na “República Charcot”. Muitos de seus professores da faculdade atuaram na medicina, conciliando-a com a política partidária. Como eles, Vergueiro, Heitor e Balthazar também atuaram em ambas áreas.

Como membro do Partido Republicano Rio-grandense, Vergueiro defendia princípios positivistas como civismo, ordem, progresso material e moral, colocando o bem público acima de interesses individuais. Em seus discursos localizamos várias menções e citações a Augusto Comte, Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros.

A visão política de Vergueiro, assim como outros intelectuais brasileiros nas décadas de 1920 e 1930 era elitista. Segundo os homens cultos, política e ciência associavam-se e, os mais preparados deveriam dirigir à sociedade. No mesmo período, ideias e práticas eugênicas eram cada vez mais difundidas no Brasil. Foi nesse contexto que ele elaborou o projeto do exame pré-nupcial, em 1936. Tal projeto propunha que os noivos deveriam realizar consulta médica, para atestar sua saúde física e mental, como condição para a realização dos matrimônios. Possivelmente, sua experiência com o tratamento de doenças venéreas e como médico que realizava partos, contribuiu para a reflexão sobre o tema e posterior elaboração do projeto.

É provável que o contato de Vergueiro com tal ideário, tenha ocorrido enquanto cursou a Faculdade de Medicina, pois seu professor Sebastião Leão foi defensor das teorias raciais sob o viés científico. Renato Kehl, conforme o próprio Vergueiro afirma, foi o intelectual que mais influenciou seu posicionamento em prol da adoção de práticas eugênicas no território nacional. A ciência eugênica era associada a modernidade, ao conhecimento científico, no entanto, formaram-se heterogêneas compreensões entre seus inúmeros adeptos.

Entendemos que a eugenia defendida por Vergueiro é sinônimo da eugenia positiva ou preventiva, privilegiando a reprodução de indivíduos saudáveis. Ele sugere medidas

higiênicas de limpeza ambientes e alimentos, vacinação, hospitalização de doentes, declarando-se contrário aos processos de esterilização.

Em seus escritos – sejam publicações em jornais, discursos ou narrativas memorialísticas – notamos que era um leitor eclético, conectava suas leituras, dominava idiomas e empregava citações dos autores que provinham das áreas do conhecimento pelas quais incursionava. Todavia, buscava inspiração em obras literárias.

De postura bastante conservadora e alicerçada em princípios morais e religiosos, Vergueiro se autorretrata como católico. Mas, ele nutria interesse e curiosidade pela doutrina espírita, sobretudo devido ao seu viés científico. Além disso, a crença era difundida por um grupo de conterrâneos com quem possuía afinidade e não se opunha a seus preceitos e práticas.

Vergueiro elaborou sua memória, mantendo constância pelo próprio nome, fator de distinção no interior da sociedade. Criando, assim, a ilusão biográfica, alertada por Bourdieu (2005). Entendo que esta memória, cujos suportes estão na documentação do arquivo, propõe o desenho da curva do destino de Vergueiro justamente pelo campo político, destacando seu protagonismo.

Após a experiência do exílio, ele redige as memórias, da vazão ao seu ressentimento e confronta-se com a possibilidade latente de morrer, o que se processa durante duas décadas aproximadamente. Conforme o exposto, a própria narração da vida do titular, disponível no arquivo mantém a esperada constância desse tipo de relato. Mesmo após a derrota nas eleições em 1950, porque trata da campanha eleitoral, depois noticia o seu retorno a PF, sugerindo que os eleitores ficarão sem representantes de seus interesses na Câmara dos Deputados e, ainda, a continuidade da sua liderança entre o PSD local, evidenciando que era uma figura imprescindível no Partido em âmbito local.

No entanto, sob nosso olhar que busca uma coerência, não ter atingido o número de votos para a eleição demonstra a intensificação de um declínio, identificado por Prates (2001) já no início da década de 1930. As críticas ao político foram intensas entre 1917 e 1951 e que a sua pertinência, bem como avaliação de como repercutiram na trajetória deve ser objeto de outra pesquisa.

## 5. “NOTAS ÍNTIMAS”

Após nos colocarmos a par da história do arquivo de Nicolau Araujo Vergueiro, desde o início do processo de acumulação até o momento em que seu neto doou o material para o AHR, nos detemos em uma parte da documentação que ele adquiriu, selecionou e organizou. Ela foi apresentada no capítulo anterior, de forma que elementos importantes da vida do titular do acervo servissem de estrutura para sua exposição. Agora, vamos nos ocupar de outra parte do acervo, caracterizada pela redação do seu titular.

Nesta seção temos como objetivo demonstrar as especificidades da “escrita de si” de Nicolau Araujo Vergueiro, ressaltando a existência dos relatos que ele chamou de suas “reminiscências”. Inicialmente, comentamos o processo de transcrição da fonte histórica produzida entre 1935 e 1937. Intitulada “Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas”, a coleção de escritos totaliza trezentos e vinte e quatro textos, divididos em oito volumes manuscritos, cada um com duzentas páginas. As temáticas dos casos narrados por Vergueiro são bastante variadas e constituem valiosa fonte para compreendermos práticas sociais e culturais do século XX<sup>165</sup>.

Neste capítulo, enfatizamos a identidade médica que Vergueiro constrói a seu respeito, o que é possível a partir da discussão de alguns casos clínicos das memórias e dos álbuns. A seleção deste tema ocorre, justamente, por ter ficado evidente a sua relevância em nossa análise prévia. Entre as abordagens das memórias, nos referimos especialmente às disputas entre médicos formados ou diplomados, e os apenas “licenciados”, bem como às denúncias sobre a falta de preparo e mesmo de ética daqueles que exerciam a medicina sem a devida formação acadêmica. Além disso, algumas influências teóricas nas áreas da ciência, política, religião e medicina que a metodologia empregada na tese revelou como significativas para Vergueiro, também são abordadas na tentativa de compreender o pensamento deste indivíduo que, ao registrar suas experiências pessoais, procura deixar memória de que atuara como um modelo de ética.

Buscamos responder a razão que levou Vergueiro ao exercício autobiográfico pontuando temas como honra, sociabilidade e finitude. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, que visa compreender o que chamamos, em outro momento, de “indivíduo moderno”, a primeira seção do texto abarca questões sobre memória, identidade, sociabilidade e projeto.

---

<sup>165</sup> Para fins desta tese a digitação e atualização ortográfica das memórias foram consideradas aspectos importantes para leitura e compreensão, ao mesmo tempo, supomos que conferem agilidade na consulta às fontes, sendo considerado um modo de difusão.

Apresentamos, empregando as notas do autor, características deste tipo de escrita solitária em que predominam a revisão de trajetórias pessoais e a ressignificação do fenômeno da morte. Com a análise do exercício narrativo apreendemos funções como: comunicação consigo e com os outros, expressão da identidade, prática da escrita terapêutica e da confissão, e, a transmissão do legado.

A partir das reminiscências de caráter político, que também foram realçadas no exame prévio, tivemos acesso aos projetos, emoções e ressentimentos de Nicolau Vergueiro. Então, integramos as questões que ele postula, sobre sua trajetória política, as análises: dos pleitos eleitorais; das disputas relacionadas à chefia unipessoal do PRR local; da participação em revoluções – como a de 1930 e a de 1932 – que resultou no exílio; da atuação como parlamentar; além dos favores que prestou a outras pessoas, de acordo com a prática clientelista.

Para divulgar as “Notas íntimas”

Algumas vezes dialogamos com Maria Canfil Malheiros, que foi durante muitos anos guardiã do acervo de Nicolau Araujo Vergueiro – falecido em 1956 –, e Nicolau Vergueiro Malheiros, neto, que efetuou a doação do acervo. Ambos ressaltaram que respeitaram a orientação de Vergueiro: as memórias só deveriam se tornar de conhecimento público quando houvessem decorrido cerca de cinquenta anos de sua morte. O próprio autor justificou-se aos familiares quanto ao longo período de espera para a revelação do conteúdo das memórias. Ele se fazia necessário em respeito aos nomes de pessoas citadas, a fim de evitar constrangimentos.

Assim, a divulgação e análise das “Notas íntimas”, de Nicolau Araujo Vergueiro, é fruto de um longo processo iniciado no ano de 2011<sup>166</sup>. A leitura e transcrição dos manuscritos não é uma tarefa tão fácil quanto possa parecer numa primeira impressão. Principalmente quando nos deparamos com textos escritos nas décadas finais do século XIX<sup>167</sup> e início do XX, registrados no período citado. A dificuldade consistiu na leitura,

---

<sup>166</sup> As memórias do Dr. Vergueiro estão publicadas no site do Projeto Passo Fundo, e temos verificado, por parte da comunidade, participação, através de acessos para leitura e pesquisa, bem como por meio de pedidos de informações e comentários. Ernesto Zanette é o idealizador do Projeto Passo Fundo, que gera acessibilidade de fontes históricas regionais e apoia as publicações dos autores passo-fundenses. O escritor Marco Antonio Damian ajudou-nos na digitação dos volumes 1 e 7.

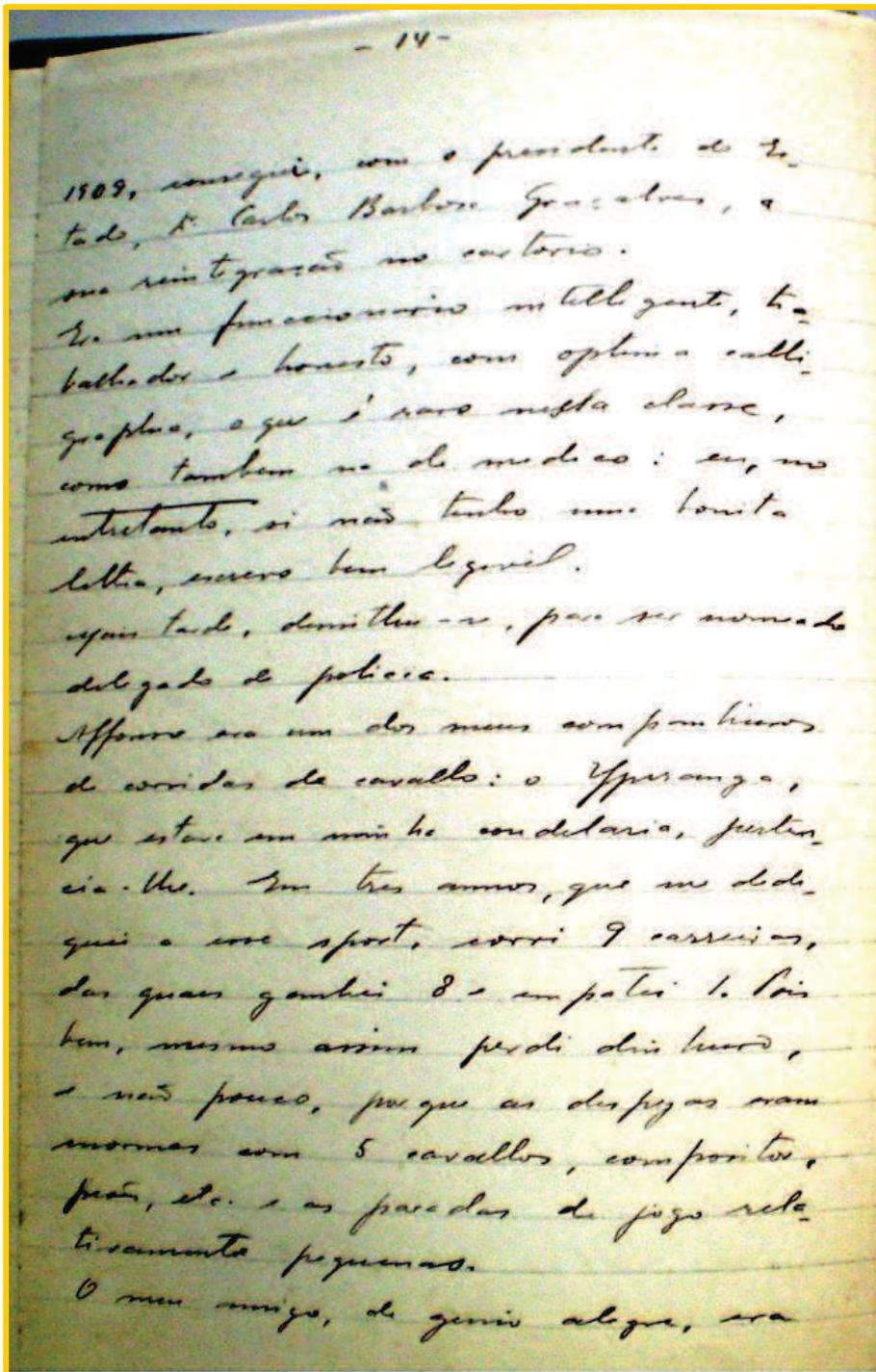
<sup>167</sup> Vergueiro copia as cartas de seu pai, uma enviada a João Baptista Vidal de Almeida Pillar, datada de 1877 (nota “249. Mais Uma carta”); e três enviadas à sua mãe Carolina nos anos de 1883 e 1885 (nota “248. Cartas de meu pai”). As dez primeiras notas transcritas no volume 5 são datadas pelo autor entre 1898 e 1907. Entre elas localizamos contos e crônicas que publicou sob o pseudônimo de Américo de Oliveira em 1906 e 1907, bem

compreensão e correta atualização do vocabulário utilizado na área da medicina, especificamente, no que diz respeito ao receituário dos medicamentos. A esse respeito, concordamos com Oliveira (2012) que afirma que um dos desdobramentos da pesquisa arquivística num acervo pode ser o estudo paleográfico. “A compreensão de documentos produzidos nos séculos anteriores ao século XX apresenta algumas dificuldades, provenientes de elementos como a tinta utilizada, a forma de escrita, o uso de abreviações, e o vocabulário típico de uma época”. (OLIVEIRA, 2012, p. 53). Felizmente, os manuscritos estão em bom estado de conservação e o texto não possui edições (rasuras ou revisões), como podemos observar na ilustração (figura 56):

---

como escritos para sua noiva Jovina datados de 1903 e 1904. (“174. Louise”, “175. O anjo de Páscoa”, “176. Até nos passarinhos”, “177. Que desilusão”, “178. Maria”, “179. Ano de 1906”, “180. Pensamentos”, “181. General Stoëssel”, “182. Em um álbum – epígrafe da tese-”, “183. Espírito de criança”).

Figura 56 – “Notas íntimas”: caligrafia de Vergueiro



Fonte: AHR

Em conformidade com a observação do próprio autor, sua caligrafia era adequada. Vergueiro fez esta afirmação ao abordar a trajetória de um amigo no terceiro volume das notas. No caso “122. Saudoso Amigo”, ao referir-se a trajetória e a profissão daquele, diz:

Exercia o cargo de escrivão do civil e crime, em Passo Fundo [...] Era um funcionário inteligente, trabalhador e honesto, com ótima caligrafia, o que é raro nesta classe, como também na de médico: eu, no entanto, se não tenho uma bonita letra, escrevo bem legível. (VERGUEIRO, 1935, v. 3, p. 12-19).

Todavia, ao observarmos a coleção notamos variações na caligrafia e na própria linguagem utilizada em determinadas crônicas. Existem, obviamente, diferenças ortográficas e gramaticais quando cotejados estes textos com a escrita contemporânea, mas também, quanto ao vocabulário empregado: as expressões em latim, inglês e espanhol, as citações em francês e italiano, os nomes dos cientistas e das obras à época em voga<sup>168</sup>. Referimo-nos a um sujeito que cursou Faculdade de Medicina e, também, adquiriu vasta biblioteca. Portanto, portador de cultura invulgar, situado em um setor da sociedade que poderíamos chamar de “elite”.<sup>169</sup>

Desse modo, a digitação dos manuscritos e sua atualização ortográfica foram consideradas relevantes para divulgação e compreensão das memórias. Além das análises da tipologia e do conteúdo desses documentos, temos como objetivos identificar posicionamentos revelados na escrita; compreender e reconhecer o contexto em que foram produzidos, indicar através de que suportes textuais o registro foi se constituindo ao longo dos volumes; identificar, portanto, se as notas possuem vínculos entre si ou com os demais documentos do arquivo.

Este processo para conferir agilidade à consulta destas fontes é, igualmente, uma forma de engajamento na defesa da preservação documental e do patrimônio cultural. Na perspectiva assinalada por Barbosa e Silva (2012), a atitude adotada de disponibilização das fontes na *web* é uma das políticas de difusão dos acervos, chamada divulgação, cuja vulgarização independe do desejo do consulente ou da curiosidade do pesquisador. Para as historiadoras “é por meio da difusão que se dá visibilidade às fontes, antecipando ao público a riqueza documental de um arquivo”. (BARBOSA; SILVA, 2012, p. 46).

---

<sup>168</sup> Com atenção, procedemos à atualização das palavras que constam no texto original com grafia anterior à última reforma ortográfica da Língua Portuguesa no intuito de facilitar a leitura. Percebendo que alguns vocábulos ou expressões em latim já não são empregados corriqueiramente, usamos colchetes para inserir no texto o seu significado. Outra opção foi manter as abreviaturas como senhor (Snr.) ou senhores (Snrs.), muito utilizadas em discursos da primeira metade do século XX, embora as substituindo por outras abreviaturas mais atuais, a saber, Sr. e Srs. Em relação aos nomes próprios: atualizamos a grafia para as instituições e preservamos a forma de registro empregada por Vergueiro às pessoas.

<sup>169</sup> Oliveira (2012, p. 85) adverte que: “Caso os documentos do arquivo em questão sejam manuscritos e produzidos no período anterior ao século XX é imprescindível o uso da paleografia. Ou mesmo o conhecimento de inglês ou francês, uma vez que as famílias abastadas guardavam o hábito de se comunicarem nessas línguas. E ainda noções de história, já que muitos documentos fazem referência a eventos históricos. É no decorrer da análise do conteúdo que muitas vezes se descobre as relações entre os documentos, seus autores, ou mesmo são identificados os personagens citados”.

A seguir, investigaremos as questões de aspecto social, cultural e, ainda aquelas ligadas às representações, no contexto geral da escritura. Ressaltamos que identificamos inúmeras potencialidades na “produção e escrita de si”, entre elas: retornar ao passado a partir do presente, representar correntes de pensamento, compartilhar experiências e conflitos, relembrar das sociabilidades, permitir o ressurgimento de sentimentos, etc. É destes temas que trataremos a seguir.

### 5.1 O conjunto das memórias e suas partes

As notas íntimas do Dr. Nicolau Araujo Vergueiro, que ora abordamos, foram originalmente redigidas entre 1935 e 1937, nas cidades do Rio de Janeiro e de Passo Fundo, em oito cadernos manuscritos, organizados em volumes pelo próprio autor. Cada volume possui duzentas páginas e, ao final, um índice que indica o número de registro do texto, seu respectivo título e a página inicial.

Como já foi evidenciado ao longo da tese, dadas às características verificadas neste balanço memorialístico, bem como às informações prestadas por Maria Canfield Malheiros, calcula-se que o número total de manuscritos seja superior aos oito volumes do conjunto preservado. Observamos o registro de trezentos e vinte e quatro textos ou casos, dentre os quais apenas a nota intitulada “127. Gato preto”, do terceiro volume foi suprimida, isto é, recortada. Abaixo temos a distribuição das notas em cada volume onde é evidente a disparidade de casos contida no primeiro volume em relação aos demais. Isto corresponde de certo modo à pressa que o autor manifesta em concluir a tarefa auto imposta no centésimo

Quadro 5 – Distribuição das “Notas íntimas” nos volumes

<b>Volume</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>Total</b>
<b>Quantidade de notas</b>	80	39	39	15	40	48	29	34	324

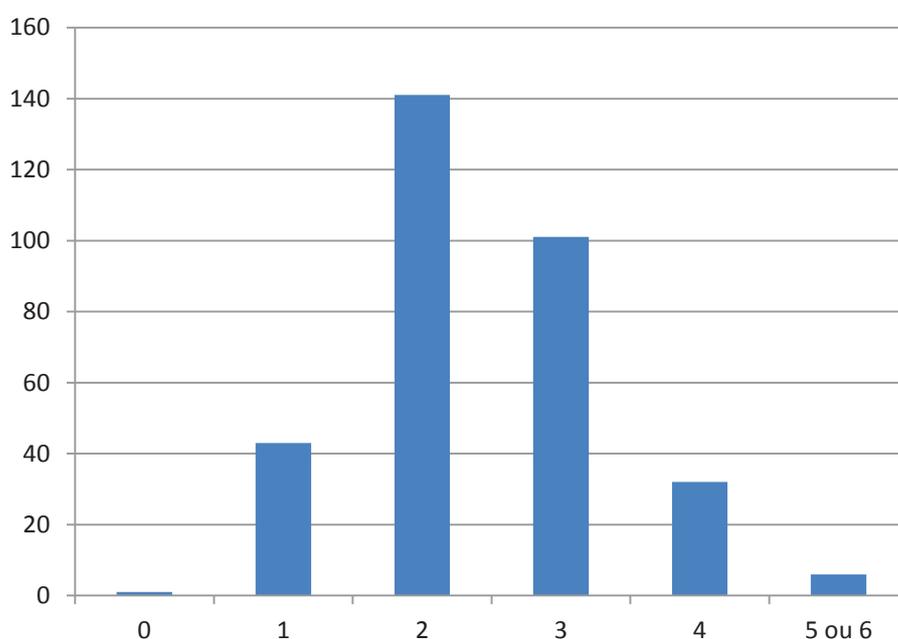
Fonte: Elaborado pela autora.

A visão global das temáticas abordadas foi expressa pelas palavras-chave: adultério, arquivo, associativismo, biblioteca, ciência, constrangimento, conto, criança, direito, erudição, ética, etnia, formação escolar, exército, exílio, família, formação médica, humor, imprensa,

lazer, medicina, moral, mulher, objeto de uso pessoal, poesia, política, relações sexuais, relações sociais, religião, senso comum, sobrenatural, sociabilidade, urbanização, violência.

Evitando enfatizar determinada temática em detrimento de outras, utilizamos na classificação entre uma e seis palavras-chave por nota. Do total de trezentos e vinte e quatro casos, a um não foi atribuída palavra-chave, pois não tivemos acesso ao seu conteúdo. Quarenta e três foram classificados com apenas uma palavra-chave. Cento e quarenta e um, receberam atribuição de duas. Em cento e uma narrativas, foram atribuídas três palavras-chave. Trinta e duas somaram quatro e, por fim, seis notas íntimas foram classificadas com cinco ou seis palavras-chave. Essas são as informações disponíveis na ilustração (gráfico 4):

Gráfico 4 – Quantidade de palavras-chave por “Nota íntima”



Fonte: Elaborado pela autora.

Após o levantamento do número de palavras-chave que utilizamos para classificar cada “nota íntima”, observamos seu percentual na coleção dos oito volumes. Vergueiro afirma que se tratam de “reminiscências clínicas” e, de fato, isso se comprova visto que a maior incidência recai sobre a palavra medicina (43,83%). Muitas vezes esta palavra-chave designa temáticas que são histórias de consultas, tratamentos e relações estabelecidas entre o médico e seus pacientes ou seus pares, como teremos a oportunidade de investigar. Todavia, no balanço memorialístico o autor traça perfis biográficos de algumas pessoas que faleceram, os quais algumas vezes são do seu rol de conhecidos da esfera clínica e, outras, da política. Expressa, assim, uma preocupação com o culto aos mortos, de visitar os túmulos ou de lembrar as

trajetórias e mencionar o caráter dos falecidos. Há, ainda, a inserção de uma série de artigos de cunho científico que foram publicados na imprensa sobre eugenia.

A segunda palavra com maior índice foi política (40,12%), posto que Vergueiro registrava muitos de seus discursos e crônicas sobre a situação do PRR local. Suas ocorrências tratam de eventos de cunho político nos quais ele participou e se manifestou, como liderança do Partido ou orador. Ou ainda, de comemorações natalícias de políticos, churrascos, jantares, inaugurações, homenagens prestadas a Vergueiro ou a outras autoridades que visitaram a cidade. E ele fez uso da cópia de excertos da imprensa com a finalidade de explicar situações nas quais sofreu oposição ou recebeu destaque pela sua atuação política.

A terceira palavra que obteve um percentual elevado foi sociabilidade (20,37%). De acordo com Agulhon (1989) existem múltiplas formas de sociabilidade, que consiste na prática de vida social organizada. Mas enfatizamos aqueles a quem chama de amigos, familiares, além de pares médicos e políticos com quem mantinha vínculos mais próximos, na “vida associativa”. Dentre os diversos modos de relacionar-se, vivenciados e descritos na reunião de escrituras autobiográficas, podemos alocar a troca de correspondências, cartões-postais<sup>170</sup> e sonetos<sup>171</sup>. Como já afirmamos anteriormente, aos homens era destinado o espaço público, cuja convivência se traduzia por frequentar clubes, bares, cafés onde se travava a conversação e, no Rio Grande do Sul, era muito comum o hábito da roda de chimarrão.

A prática de uma religião, o sentimento de pertença a uma comunidade, a participação em ritos de iniciação – como batizados, crismas, casamentos e funerais –, além das festas para os santos padroeiros, abrangem os modos de sociabilidade familiar. Todavia, havia também um aspecto laico desta sociabilidade, quando as senhoras podiam participar de alguns eventos como comemorações natalícias, festas de Réveillon, cerimoniais de formaturas e chás<sup>172</sup>.

<sup>170</sup> O autor expõe que foi um costume de trocar cartões postais no início da década de 1900. Conta uma história, bem-humorada, sobre uma moça porto-alegrense que desejava lhe namorar em “226. Poço e sapos”. As notas “180. Pensamentos” e, “182. Em um álbum” se referem aos pensamentos grafados nos cartões postais enviados para a noiva Jovina entre 1903 e 1904, bem como ao álbum para colocá-los e a dedicatória que Vergueiro redigiu. Esse texto foi apresentado na epígrafe da Tese.

<sup>171</sup> As poesias eram redigidas e enviadas como forma de presentear as pessoas. Elas se referiam a assuntos políticos, eventos marcantes da trajetória ou apenas cotidianos. Vergueiro também se dedicava a esse tipo de produção literária. Em “190. Soneto” temos os versos que declamou na cerimônia de casamento do médico e amigo Geraldino Xavier; “195. Quadrinhas ao Maneca” são versos para o filho do farmacêutico e amigo Ivo José Ferreira. Vergueiro recebeu sonetos de Armando Barros Cassal, Francisco Furasté, Maximiliano de Almeida, Jovino Silva e de Apporely.

<sup>172</sup> Sobre a presença feminina em comemorações natalícias, podemos consultar a nota “291. Aniversário de 1915”, na qual foram listados inúmeros senhores que estavam acompanhados de suas famílias e várias senhoritas. Do mesmo modo, em “155. Discurso ao Coronel Gabriel Bastos”, Vergueiro se refere a Dona Juvência, esposa do aniversariante, erguendo lhe um brinde. Data de 31 dez. 1916 um discurso de posse do Clube União Comercial, no qual o orador dirige-se às senhoras presentes (“187. Discurso Clube União Comercial”). Já a nota “152. Discurso no Colégio Notre Dame” refere-se a um pronunciamento feito por Vergueiro para homenagear o Bispo Dom Antonio Reis, durante um chá promovido pelas Senhoras Católicas de

As sociabilidades masculinas, no entanto, eram marcadas pela diversão e pelos jogos como xadrez, pôquer e outros jogos de cartas<sup>173</sup>; apostas em rinhas de galo e corridas de cavalo<sup>174</sup>; e, também por esportes, como o futebol<sup>175</sup>. Entre as atividades de lazer, podemos enumerar a criação de cachorros, a caçada, passeios a cavalo<sup>176</sup>; etc.

Outra importante forma de convivência e trocas é o ingresso em associações que podem representar diferentes grupos de interesses. De fato, elas procuram, de algum modo, influenciar a opinião pública de acordo com seus propósitos, ligam-se a partidos, promovendo ideias políticas ou contestando-as, tomando parte do processo eleitoral e do funcionamento das instituições democráticas; ou a religiões, buscando avalizar sua luta. (RIOUX, 2003, p. 103).

Vergueiro também integrou diferentes associações, entre elas o Clube Pinheiro Machado, cujos estatutos documentavam a defesa dos ideais republicanos<sup>177</sup>; o Grêmio Dramático Passo-Fundense instalado em 1908, cujo funcionamento restringiu-se a dois ou três anos<sup>178</sup>; e a Sociedade de Medicina de Passo Fundo (1930-1932), entre outras.

A quarta palavra que pretendemos destacar, devido à quantidade de vezes em que é empregada, vem a ser “imprensa” (19,14%). Conforme procuramos evidenciar, contudo, neste índice englobam-se artigos publicados por Vergueiro sobre saúde pública e ligados a sua rede de relações políticas, além de notícias sobre sua atuação. A presença da palavra-chave “imprensa” é, ainda, um indicativo de textos publicados em periódicos por Vergueiro, algumas vezes sob o pseudônimo Américo de Oliveira, no caso de contos. Ou seja, a palavra indica a transcrição de algum jornal para a constituição da escrita auto-referencial, embora, haja exceção na nota “1. O primeiro doente”, em que ele comenta ter anunciado sua clínica na cidade com a finalidade de se tornar conhecido e adquirir clientela.

Outro grupo de palavras-chave (percentual entre 10% e 5%) a que queremos nos reportar inclui: humor, etnia, relações sociais, ética, violência, família, erudição, poesia,

---

Passo Fundo em 1932. Em 1936, no Ginásio do Colégio Notre Dame, Vergueiro discursou, como homenageado (“303. Discurso às bacharelandas”).

<sup>173</sup> Ver: Vergueiro (1935, v.1, p. 168-170; 1935, v. 2, p. 1-9, 9-11; 1937, v. 8, p. 157-159).

<sup>174</sup> Sobre galos de briga: Vergueiro (1935, v.1, p. 67-71; 1936, v. 6, p. 170-174). Sobre turfe: Vergueiro (1935, v. 1, p. 111-113; 1935, v.3, p. 12-19; 1936, v. 6, p. 164-169).

<sup>175</sup> Participação em festividades e diretorias das agremiações de futebol: Vergueiro (1935, v. 3, p. 134-140; 1936, v.8, p. 20-23).

<sup>176</sup> Criação de filhotes de cães: Vergueiro (1935, v. 2, p. 54-58; 1937, v.8, p. 110-112); Caçadas: Vergueiro (1935, v.1, p. 9-16, 128-129; 1937, v. 8, p. 113-118); Passeio à cavalo: Vergueiro (1935, v.1, p. 91-92).

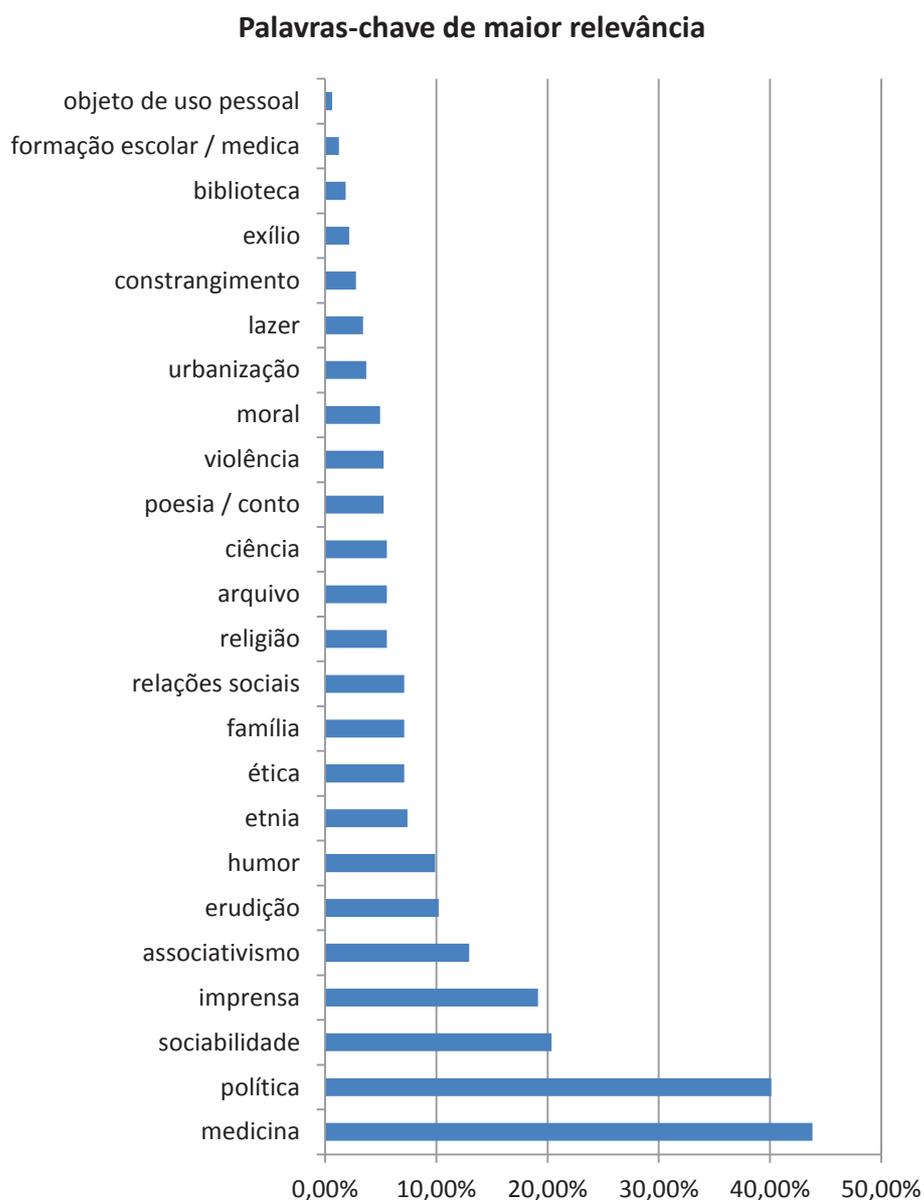
<sup>177</sup> Vergueiro presidiu a diretoria da agremiação nos anos de 1908 e 1909. (VERGUEIRO, 1936, v. 6, p.176-189)

<sup>178</sup> A respeito das sociedades dramáticas que existiram em Passo Fundo na época ver Vergueiro (1936, v. 6, p. 189-194).

ciência. Seu rol vincula-se ao modo que encontramos para estabelecer como Vergueiro narra os casos ou construía os seus discursos com base em suas leituras.

Essas informações podem ser visualizadas no gráfico que demonstra a incidência das principais palavras-chave para a pesquisa, classificadas no conjunto das “Notas íntimas” (gráfico 2).

Gráfico 5 – Incidência de palavras-chave nas “Notas íntimas”



Fonte: Elaborado pela autora.

Outro modo de visualizar essas informações, porém, considerando as variações das temáticas em cada volume, está disponibilizada na sequência. Contemplamos uma

comparação de variação das palavras-chave por volumes. Isso nos permitiu perceber em quais volumes alguns assuntos foram mais ou menos abordados e ponderar a respeito da regularidade.

“Medicina” é abordado em sete dentre os oito volumes, só não constando no volume 4. Contudo, sua grande incidência é no volume 1, onde alcança 88,75%, diminuindo para 69,23% no volume 2 e, voltando a crescer no volume 7 quando alcança o percentual de 58,62%. Os dois primeiros manuscritos, em conformidade com a seção anterior deste capítulo, são predominantemente narrativas associadas à memória profissional de Vergueiro. Quanto ao volume 7, este corresponde, basicamente, às publicações em jornais e na Câmara de Deputados voltados à área médico-científica e constituído como registro contemporâneo de sua produção.

Nos volumes 1 e 2, o autor relata muitos atendimentos médicos nos quais, de modo geral, afirma ser bem-sucedido quanto ao diagnóstico, tratamento e relação com os pacientes e familiares – o que não se passava com todos os médicos, segundo ele. O memorialista apresenta, de fato, algumas denúncias sobre médicos que exerciam a profissão e, no entanto, não detinham o saber necessário para reestabelecer os pacientes.

Entre as enfermidades mais citadas estão tuberculose, pneumonia, gonorreia, sífilis, febre tifoide, difteria, gripe espanhola e doenças mentais. Outros atendimentos comuns eram para cuidar de parturientes, crianças com doenças virais, alcoólatras e homens com ferimentos causados por projétil. No volume 7, estão transcritos os artigos publicados por Vergueiro, após a divulgação de seu projeto de regulamentação do exame pré-nupcial, datado de 1936. Nesse momento, o médico posiciona-se a favor da eugenia, escrevendo sobre as doenças contagiosas (sífilis, tuberculose, lepra) e dependência do álcool, procurando mobilizar a opinião pública de modo favorável a aprovação do projeto.

Quanto à política, sua abordagem passa a ser significativa a partir do volume 3, com 43,59%, alcançando 100% no volume 4, mantendo a faixa dos 50% nos volumes 5 a 7 e chegando novamente a 70, 59% no volume 8. A partir do volume 3, cabe explicitar, Vergueiro inseriu discursos pronunciados em diversos eventos de cunho político, regional e estadual, repetindo a prática no volume 4. Do mesmo modo, no volume 5, encontramos alguns discursos, mas em menor número. Esporadicamente localizamos discursos nos outros volumes, são aproximadamente quarenta e cinco discursos entre trezentos e vinte e quatro textos. Todavia, há referências ao governo Vargas, desde sua participação na revolução de 1930 até o período de retorno do exílio, etc. Estas correspondem a redações de 1934. Quanto aos volumes 6 e 8, localizamos inúmeras transcrições da imprensa sobre a situação política

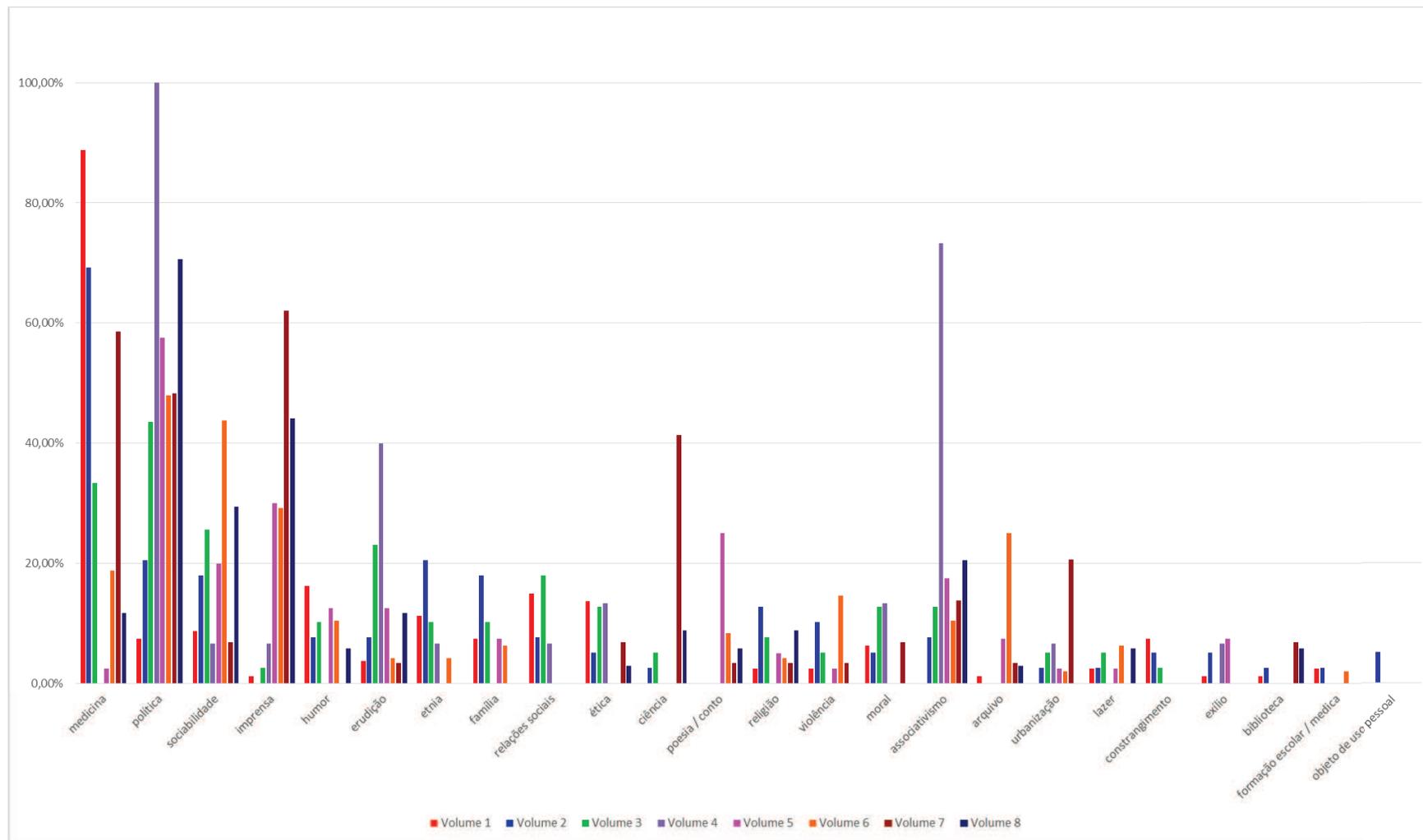
local, abrangendo vasto período. Parece-nos que estas notícias da imprensa auxiliaram Vergueiro a rever sua trajetória política. O volume 7 engloba a questão política, pois trata da defesa do projeto de Vergueiro sobre a obrigatoriedade do exame pré-nupcial, como já analisamos anteriormente.

Destacamos narrativas de trajetórias das pessoas a quem Vergueiro beneficiou – como líder político, indicando para algum emprego ou cargo público –, ou mesmo prestando cuidados quando enfermas. São as chamadas redes de clientela e parentesco. A falta de reconhecimento, ou gratidão, por parte daqueles a quem teria beneficiado, feria sua vaidade e deixava-o ressentido.

Como comentamos, os inúmeros discursos proferidos permitem que nos aproximemos da forma de pensar de Vergueiro, dos intelectuais e obras nas quais ele embasava suas ideias e arguição. Deste modo, como membro do PRR, Vergueiro abordava constantemente a necessidade de ser solidário, disciplinado, participar das eleições através do voto e, principalmente, manter-se fiel a Borges de Medeiros.

Assim, procuramos compreender a atuação de Vergueiro nas esferas da medicina e da política. A demanda surge da centralidade destes temas na constituição das fontes, bem como, da imagem que este expressa por meio dos registros autobiográficos.

Gráfico 6 – Comparativo da incidência palavras-chave por volume de “Notas íntimas”



Fonte: Elaborado pela autora

## 5.2 Exercício da medicina: memória e identidade

Políticos e médicos diplomados manifestaram preocupações com as condições da saúde pública, a necessidade de implantar práticas sanitaristas e, ainda, de diferenciar o saber médico daquele propalado por não médicos, aos quais eles logo qualificaram de “charlatães”. (BRUM, 2013; VIEIRA, 2009; WEBER, 1999). Em acréscimo, nas primeiras décadas do século XIX, o governo rio-grandense, de orientação positivista, aderiu à liberdade profissional e religiosa. A única exigência para o exercício da profissão no Estado, a qual os diplomados também deveriam se submeter, era o registro na Diretoria de Higiene do Rio Grande do Sul. (WEBER, 1999, p. 49). A diferenciação entre os grupos determinava-se pelos termos licenciados e diplomados<sup>179</sup>.

Designavam-se como “licenciados” aqueles indivíduos que haviam feito o registro para exercer o ofício de curar, cujo conhecimento era empírico. Em outra categoria, a expressão “médicos diplomados” indicava os que possuíam o título de doutor e haviam frequentado uma faculdade de medicina, qualificando-os, portanto, como autoridades devido ao conhecimento científico.

A fundação da Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, em 1898, pode ser vista como um movimento em busca da profissionalização da medicina. Nesse sentido, a formação técnica e científica, traduz, inicialmente, a ambição do grupo médico em despertar a preferência dos clientes, garantindo o prestígio social.

A partir do ano de 1900, Vergueiro cursou a segunda turma da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Ele lembra que ingressaram na época quarenta e cinco acadêmicos, dos quais apenas seis defenderam tese de doutoramento. Quanto aos demais, ele explica que dois transferiram-se para o Rio de Janeiro, alguns atrasaram o andamento dos estudos, enquanto muitos desistiram do curso.

O autor inicia suas reminiscências narrando o primeiro atendimento médico que efetuou, no ano de 1906, logo após formar-se e retornar a sua terra natal, Passo Fundo:

---

<sup>179</sup> O termo “práticos” é empregado por Weber (1999) para os indivíduos que exercem a profissão de cura no Rio Grande do Sul, como sinônimo de médicos licenciados. Em 1922 foi realizado o Congresso Nacional de Práticos e o orador oficial do evento, em entrevista justificou que “[...] o termo, se até hoje ainda não foi usado, merece sê-lo, pois mesmo a tradução única do francês, bem como o vocábulo primitivo, indica adaptação. Prático ou *praticien* é o mesmo que médico praticante da profissão. O Congresso não se chamou dos clínicos porque a clínica quer dizer leito do doente, e o fim do nosso certâmen é discutir apenas a medicina social e não a medicina clínica [...]”. (PEREIRA NETO, 2001, p. 35). Para fins desta tese, cabe definir que o uso do termo será empregado como sinônimo de médicos licenciados. Percebemos que Vergueiro também emprega o termo em outro texto com o mesmo sentido. (VERGUEIRO, 1935, v.3, p. 42-46).

### 1. O PRIMEIRO DOENTE

Logo depois de formado, em 24 de dezembro de 1905, fui para Passo Fundo.

Ali chegado a 25 de janeiro de 1906, abri meu consultório na Farmácia dos Pobres, de Oscar Pinto de Moraes, anunciando-me então pelo único jornal da terra, o semanário '*O Gaúcho*'. Decorreu-se exatamente um mês, sem que eu tivesse uma consulta sequer. O meu desapontamento era imenso, e já estava resolvido voltar a Porto Alegre.

Na cidade trabalhavam dois médicos licenciados: Roberto Cunha e Silva e Gezerino Lucas Annes. Este tinha cerca de 80% da clínica, e era homeopata; aquele que fora estudante de medicina na Bahia, e que tomara parte saliente na revolução de 1893, no Rio Grande do Sul, nas forças de Gomercindo Saraiva, dedicava-se também à advocacia, principalmente Juiz. Ambos, mormente o homeopata, moviam-me uma guerra surda e lenta. Em 25 de fevereiro, fui chamado para atender a uma menina, filha do Sr. J. J. M. Gezerino era o médico assistente. Tratava-se de um caso grave de angina diftérica, e até aquela época doente acometido de tal enfermidade era "defunto fresco", pois ali não se conhecia o soro de Roux.

Parece incrível, mas é a pura expressão da verdade, que em Passo Fundo ainda não se fizera uma injeção de medicamento algum: o método de tratamento por meio de injeção era completamente desconhecido.

Atendi ao chamado, com a condição de não fazer conferência, não só porque o assistente não era formado (única vez que, por tal motivo, assim procedi na vida) como também pela campanha e descrédito que me era movida.

Além disso, soube que Gezerino dissera: "pois aí está um caso para esse menino; vamos a ver o seu preparo; sair agora da Academia; é doutor; vamos experimentá-lo".

Clara era a intenção de me fazer estrear mal.

Na minha pequena ambulância, levava algumas ampolas daquele soro, que até então vinha de Paris. Aconselhei a aplicação. A família opôs-se porque "seria judiar da doentinha, furando-lhe a pele". Insisti com tenacidade, lendo-lhe livros, revistas e a descrição que acompanhava o vidro. Depois de uma luta tremenda, venci e fiz a primeira aplicação; doze horas depois a segunda e após 48 horas a enferma estava restabelecida.

Foi um sucesso. Na pequena cidade só se falava nesse assunto.

Desde então tomei conta de clínica, quase por completo.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 1-4).

Aqui Vergueiro comenta que foi necessária a divulgação da sua clínica através de periódico. Essa não foi uma estratégia exclusiva, comumente os jornais anunciavam clínicas médicas e farmácias, além de comunicar visitas de outros médicos à cidade. Estes normalmente se hospedavam em hotéis, onde ofereciam consultas (ROSA, 2007). Essa era uma estratégia para tornar-se conhecido na cidade e adquirir clientela. Ele também possuía uma placa de identificação, feita em bronze, que integrou a doação ao AHR.

Figura 57 – Placa de identificação



Fonte: AHR

Inscrição: Dr. Araujo Vergueiro médico-operador e parteiro, elaborada por H. Beck e F<sup>o</sup>, em Porto Alegre.

Além disso, o autor (recém-formado na época) fornece-nos o quadro da “guerra surda e lenta” entre os médicos licenciados, aludindo à disputa pela clientela e confiança da comunidade. Ele explicita que, apesar de sua formação, foi necessário utilizar argumentos científicos junto à família para aplicar a injeção, pois, do contrário, não aceitariam que machucasse a pele da menina.

A medicina como atividade científica precede o século XX, pois os médicos pretendiam utilizar-se de uma prática homogênea, autorizada pelo discurso e excludente de outras práticas de cura. O conhecimento da anatomia, as formas de contágio e os diferentes tratamentos para as doenças eram objeto de estudo através do método experimental. (WEBER, 1999, p. 85).

O período de liberdade profissional e religiosa contribuiu para que “uma avalanche de práticos” se dirigisse ao Rio Grande do Sul, a fim de exercer práticas de cura. Tratava-se de pessoas que não possuíam formação ou não haviam concluído o curso, como Roberto Cunha e Silva, mencionado por Vergueiro e, ainda, imigrantes diplomados que desejavam evitar provas de titulação. (WEBER, 1999, p. 49). Um destes foi Giovanni Palombini, outro médico que relatou sua viagem pelo Rio Grande do Sul entre 1901 e 1914. (SCHWARTSMANN, 2008).

Vergueiro cita os médicos que atuaram em Passo Fundo no período compreendido entre 1905 e 1935. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 58-62). Ele divide a relação em três grupos: os formados, os diplomados e os licenciados. No primeiro grupo foram arrolados: 1 - Dr.

Geraldino Xavier, 2 - Dr. Bruno de Campos, 3 - Dr. Alcides Pereira, 4 - Dr. José Castelleti, 5 - Dr. Villa Vicenzio, 6 - Dr. Salucio Brenner de Moraes, 7 - Dr. Antonio Recco, 8 - Dr. Frederico De Marco, 9 - Dr. José Maria Gomes, 10 - Dr. Henrique Giordano, 11 - Dr. Ivo Barbedo, 12 - Dr. Fernando Carvalho, 13 - Dr. Bruno Pellegrini, 14 - Dr. Euclides da Cunha Lopes, 15 - Dr. Renato Barbosa, 16 - Dr. Lafayette Godinho, 17 - Dr. Miguel Kozma, 18 - Dr. Leuynberg [Godofredo Leunberger], 19 - Dr. Manoel Rodrigues e 20 - Dr. Francisco Benoni.

No segundo grupo foram nomeados os diplomados: 1 - Dr. Nicolau Vergueiro, 2 - Dr. Odilon Berendt de Oliveira, 3 - Dr. Tenack Wilson de Souza, 4 - Dr. Dino Caneva, 5 - Dr. Benedicto Frydberg, 6 - Dr. Arthur de Oliveira Leite, 7 - Dr. Clodoaldo Brenner, 8 - Dr. Adalberto Simões, 9 - Dr. Antonio Carlos Rebello Horta, 10 - Dr. José Walmarath, 11 - Dr. Luiz Felipe da Silva e 12 - Dr. Armando Vasconcellos.

E, no terceiro apenas os licenciados: 1 - Gezerino Luccas Annes, 2 - Oscar Pinto de Moraes, 3 - José Magalhães, 4 - Giuseppe Yorio, 5 - Romão Rosa Lopes, 6 - Antonio Carlos Wolmer e 7 - Roberto Cunha e Silva. Após concluir a listagem lembra-se do Dr. Max Krone, adicionando-o.

O nome de Adalgides Affonso de Figueiredo não foi citado nas “Notas íntimas”, todavia figura entre os colegas de profissão lembrados por Vergueiro na comemoração do seu jubileu de formatura (álbum, v. 2, p. 177). Entre os médicos formados temos os nomes de vários estrangeiros<sup>180</sup>, bem como de profissionais que não defenderam a tese doutoral, fato que diferenciava, para o autor, os dois primeiros grupos. A listagem fornecida por Vergueiro contempla trinta e três clínicos. No agrupamento constam vinte e um formados, doze diplomados e, apenas sete licenciados.

Uma lembrança guardada por Vergueiro do grupo de médicos que atuou em Passo Fundo é a fotografia a seguir:

---

<sup>180</sup> São citados vários médicos estrangeiros que se estabeleceram em Passo Fundo, ou estiveram brevemente na cidade, entre eles: Benedicto Frydberg (russo), Francisco Benoni (italiano), Enrico Giordano (italiano), Bruno Pellegrini (italiano), Cezar Merlo (italiano), Casteletti (italiano).

Figura 58 – Médicos que atuaram em Passo Fundo



Fonte: Acervo da família

Em retrato da década de 1920, da esquerda para direita, estão Ivo Barbedo, Nicolau Araujo Vergueiro, Odilon Berendt de Oliveira, Adalgides Affonso de Figueiredo, Lafayette Godinho.

Na disputa entre licenciados e médicos diplomados, estes criaram o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul – SMRGS. O principal objetivo do grupo desde a fundação da entidade sindical no ano de 1931, consistia em regularizar o exercício da medicina no país e, extinguir a liberdade para exercer essa profissão no Estado. O número de práticos, ou profissionais que exerciam a profissão sem formação específica era bem superior ao de médicos licenciados. (VIEIRA, 2009).

Tal como “1. O primeiro doente”, inúmeros são os casos contidos no conjunto, nos quais o autor projeta a imagem de um médico bem sucedido nos diagnósticos, nos tratamentos prescritos e, ainda, no modo de se relacionar tanto com pacientes, quanto com os familiares dos mesmos. Ele conta que por vezes contrariou o diagnóstico ou o tratamento prescrito por outros médicos, devido a sua constante atualização profissional.

Em tais momentos, registra ter feito uso de fala em tom firme, indicando sua autoridade<sup>181</sup>. A adoção deste comportamento evitou, segundo sua interpretação, desfechos trágicos e, o conduziu, na maioria das vezes, ao domínio da situação, como evidencia no relato a seguir:

#### 78. O CASO DO M.

[...] Em um dos meus regressos de Porto Alegre, em 1929, soube, ainda na estação, que M. estava à morte, desenganado, e, já em casa, recebi a visita dos senhores A. L. e J. X. C., respectivamente, genro e sobrinho, que, em nome de Dona A., sua esposa, vinham me chamar, em apelo. Fui.

Cinco eram os médicos que o tratavam, com os quais conferenciei longamente. Depois do exame a que procedi, concordei com o diagnóstico, mas discordei, por completo, do tratamento.

Edmundo, com uma infecção reumática poli articular aguda, apresentava como complicação, uma miocardite da mesma causa.

Pulso quase incontável e imperceptível, 180; alta temperatura, 40.8, delírio intenso... Faziam-lhe injeções de 8 qualidades diferentes, por dia, e banhos de ar seco e quente, de 6 em 6 horas, em um caixão de madeira, especialmente preparado, com 15 lâmpadas elétricas no interior. No seu quarto 3 aquecedores elétricos, permanentemente acessos e nas janelas, pequenos e compridos sacos de areia, para evitar a entrada de ar.

Discordei, como já disse, desse tratamento, e propus a sua substituição por gelo.

A discussão tornou-se generalizada. Afinal não chegando a um acordo, chamei genro, sobrinho, irmã, esposa e filha do doente ao escritório da conferência, que era, cada vez mais irritante. Aí, os médicos todos, a uma voz, declararam que o enfermo não amanheceria, que a sua morte era inevitável, e que não admitiam minha medicação.

- Nesse caso perdido, na opinião dos senhores, que mal há na experiência da aplicação de gelo, nas diversas articulações mais atacadas e no precórdio? Se ele está quase morto, se morrer não será o gelo. Os senhores dizem que não há mais nada a fazer, eu afirmo que há ainda um meio a que se pode recorrer, pois bem, tratemos então.

Continuavam, obstinados, não concordando, mas a família, na esperança extrema, pensou como eu, e os meus colegas, em um gesto muito deselegante, abandonaram o doente. Um deles, ao sair declarou que eu ia cometer uma eutanásia.

Fiquei como assistente.

Mandei retirar o tal caixão, onde o enfermo, fechado, suava como um desaguasco, até correr pelas frestas; apagar as estufas; afastar os sacos de areia; abrir as portas e ligeiramente, e pouco a pouco as janelas. Suspendi a salada de injeções e várias poções. Determinei: a aplicação de seis bolsas de gelo nas várias articulações e na região precordial; uma injeção de óleo canforado, 0,50, de 4 em 4 horas e uma fórmula com 8,0 de bromureto de sódio com 3,0 de urotropina e nada mais.

Depois de 2 horas, saí, prevenindo que me avisassem de qualquer ocorrência.

De manhã, pulso 140, menos fraco, temperatura 39.

Ao meio-dia pulso a 120, mais cheio, temperatura 38.5.

A tarde, pulso 100 e temperatura 38.

A infecção, acompanhando a melhora foi diminuindo. Só nesse momento, é que o doente me reconheceu. Passou bem a noite e, em poucos dias, estava em franca convalescença.

Foi um caso ruidoso e de excepcional sucesso.

E. veio a falecer dois anos depois, em 20 de setembro de 1931, de síncope cardíaca, em Tupanciretã. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 185-190).

<sup>181</sup> Sobre a postura que o autor afirma adotar nas situações ver também: Vergueiro (1935, v. 1, p. 26-29, 61-64, 106-108; 1935, v.2, p. 145-151).

O autor serve-se do caso para evidenciar a autoridade médica e diferenciá-la das que não a possuíam. Remete à sua atuação parlamentar e o constante trânsito em que vivia, ausentando-se do município para as capitais do Estado ou da República, Porto Alegre e Rio de Janeiro, respectivamente. Essas viagens lhe proporcionavam contato com literatura e profissionais de seu campo, mantendo-o a par das discussões e das inovações para a clínica. Conforme tratamos anteriormente, além de médico, Vergueiro era também membro do PRR, o que não significa que concordasse com a liberdade profissional adotada no Estado. Se nas memórias dá vazão à hostilidade aos licenciados, por certo sua indignação não era externada em outras formas de expressão, dada a posição de liderança que ocupava no Partido. Conforme Weber (1999, p. 113), a liberdade profissional e religiosa no Rio Grande do Sul fez com que médicos sem vínculos partidários, os médicos-positivistas e os médicos ligados ao PRR que aderiram parcialmente à doutrina, adotassem diferentes posturas. Isso provocou desacordos e dificultou a coesão do grupo de profissionais diplomados:

Para entender essas divergências, devemos levar em conta os conflitos entre o governo e os médicos que não eram positivistas. Os membros do partido assumiam o seu ideário, adotando posicionamentos de acordo com a situação política mais geral. Mas os médicos do PRR também tinham a preocupação com a organização de suas entidades corporativas, mesmo que defendessem a perspectiva positivista da liberdade profissional. A ambiguidade de certas posições a respeito da vacinação, por exemplo, indica que a argumentação médica, técnica, sobre a questão, podia estar influenciando as decisões. [...] Os médicos responsáveis pela ciência inseriam-se na ambiguidade do cotidiano, não apresentando comportamentos dirigidos coerentemente por uma perspectiva teórica, mas dando respostas diversificadas às situações dependendo dos interesses pessoais, políticos ou de necessidades práticas. Suas atitudes são um claro indício da complexidade do processo que estavam vivendo. (WEBER, 1999, p. 114).

Nas narrativas “1. O primeiro doente” e “78. O caso do M.” a rivalidade entre pares está explícita, sobretudo quando Vergueiro expõe que, apesar de cinco médicos assistirem o paciente, ele foi chamado para opinar e divergiu. Com o apoio de familiares do paciente sugeriu alteração no seu tratamento. Entre atitudes que denotaram autocontrole e conhecimento, avaliou que o tratamento prescrito com base em temperaturas altas (aquecimento) não acarretava melhoras no estado de saúde do paciente. Desta forma, invertendo a prescrição para baixas temperaturas (determinando aplicação de gelo), evitou a morte do doente.

Histórias como as de Vergueiro retratam diferentes tratamentos sobre o que se convencionou chamar de medicina científica. As enfermidades dos pacientes eram curadas através de diversificados métodos, baseados na experimentação. Mas, no contexto rio-

grandense das décadas iniciais do século XX, “diferentes concepções de doença e cura, no próprio campo da medicina científica, davam origem a variados (e às vezes incongruentes entre si) procedimentos terapêuticos”. (WEBER, 1999, p. 89).

Embora Vergueiro não cite o nome dos demais médicos, houve um desacordo entre o grupo de profissionais que não foram receptivos ao seu julgamento profissional independente e experiente, pois, em 1929 já exercia a profissão médica há mais de duas décadas. A escrita de si, que abrange esse período, promove sua imagem como médico de confiança dos leigos pela sua prática profissional e conduta embasada nos preceitos éticos, morais e também em valores propalados pelo positivismo. Em alguns textos percebe-se que Vergueiro recrimina a conduta de médicos diplomados, por considerá-la inapropriada ao explorar os pacientes abastados; por diagnosticar pacientes de modo errôneo (levando-os, às vezes, a óbito); e, ainda, pela falta de domínio da anatomia humana<sup>182</sup>.

Divergem do procedimento adotado, em “78. Caso do M.”, inúmeros casos nos quais Vergueiro trabalha com médicos de sua confiança, para conjuntamente assistir a doentes, realizar partos, cirurgias, confirmar diagnósticos, etc. Os pares com quem clinicava frequentemente, por possuir afinidade no exercício da profissão, eram Dino Caneva, Arthur Leite e Benedicto Frydberg. Contudo, também clinicava com Ivo Barbedo, Bruno Pellegrini, Tenack Wilson de Souza e Odilon Berendt de Oliveira, entre outros. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 91-100).

Normalmente, os familiares decidiam qual médico seria chamado para assistir o doente e quem seriam seus auxiliares. O tipo de perfil médico especialista já era defendido por alguns profissionais, segundo os pronunciamentos do Congresso Nacional de Práticos que ocorreu em 1922. Havia diferentes perfis: generalista, especialista e higienista cuja retórica foi analisada por Pereira Neto (2001, p. 43-61). No perfil generalista a ação do médico era comparada a de um sacerdote. “Mais importante que curar, que aliviar a dor, seria ‘consolar’”. E entre os valores da relação médico-paciente estavam a simpatia e a bondade, capazes de cativar a confiança e a obediência. Outros valores desse grupo seriam o altruísmo e o sacrifício numa busca por agradar e beneficiar os pacientes, que seriam atendidos numa relação individualizada e direta. Os adeptos do perfil especialista buscavam técnicas precisas e aperfeiçoamento através dos estudos, suas condutas seriam mediadas pela precisão do diagnóstico e da cura. A especialização e o treinamento metódico e sistemático, a observação e a experimentação, num trabalho em equipe estabelecer a cura do indivíduo. Esses dois

---

<sup>182</sup> Vergueiro (1935, v.1, p. 51-52, 77-80, 81-86, 113-114, 114-116, 133-136, 191-195; 1935, v.3, p. 61-65, 101-104).

grupos adotavam o padrão liberal, o que significa dizer que se submetiam a lógica do assalariamento. Defensores do perfil higienista, destacavam a atuação respaldada no caráter científico, onde a carreira do médico orientaria a coletividade normatizando hábitos e costumes, prevenindo doenças, ou ainda adotando uma lógica eugenista. No entanto, os médicos que clinicavam com Vergueiro não formavam uma equipe médica com o grau de especialização que conhecemos na atualidade.

Vergueiro expõe a rivalidade no interior do grupo de médicos diplomados, talvez devido aos perfis de atuação ou a posições ideológicas, que não temos como precisar. Segundo Vieira (2009, p. 44), a divisão entre os médicos pautava-se nas questões profissionais, de regulamentação do ofício e, além disto, em rixas de cunho político-partidário ou, as vezes, de caráter pessoal. Os relatos de Vergueiro evidenciam divergências entre os diagnósticos e terapêuticas adotados pelos médicos e, também, em relação a fixação dos honorários.

Vieira (2009, p. 45) aponta que as mudanças políticas, como a diminuição da influência do PRR, a formação da Frente Única agregando republicanos e libertadores e, inclusive a renovação das lideranças políticas, teriam contribuído para a criação do SMRGS. Certamente, a fundação do Sindicato Médico Brasileiro no Rio de Janeiro, em 1927, também inspirou a criação dessa instituição no âmbito estadual e da própria Sociedade de Medicina de Passo Fundo.

Ele trata da sociedade de medicina, que vigorou em Passo Fundo como uma tentativa do grupo profissional local se autodisciplinar para discutir suas práticas, partilhar experiências, e tornar-se coeso. Segundo o reminiscente, ela vigorou apenas por três anos, entre 1930 e 1932, sendo presidida por ele e por Odilon Berendt de Oliveira. Os membros dessa associação apresentavam conferências e depois colocavam os temas em debate. Vergueiro enumera que abordou doenças como sífilis e seu tratamento com o bismuto<sup>183</sup>, meningite pneumocócica, dentição precoce e uso do 914 em febre tifoide. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 100-103). Ele esclarece que a associação foi extinta porque era “[...] o pomo de discórdias, de inimizades e de questões externas, travando-se ali, parece incrível em um meio tão intelectual, discussões violentíssimas”. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 58-62).

O sindicato tinha duas funções concomitantes: “defender os interesses morais e materiais da classe” e “fazer reconhecer como legítima” sua “definição de médico e de classe médica”. (VIEIRA, 2009, p. 55). Embora Vergueiro não mencione o SMRGS, supomos que

---

<sup>183</sup> Conteúdo da conferência de Vergueiro (1935, v. 2, p. 76-86).

ele estava a par dos debates e iniciativas da agremiação, pois Ivo Barbedo, que também clinicou em Passo Fundo e com quem manteve estreita relação profissional, integrou o grupo de dirigentes entre 1934 e 1936.

Com a legislação que regulamentou a profissão médica – Decreto Federal Nº 20.931, de 11 de janeiro de 1932 – o SMRGS enfatizou a necessidade de registro dos profissionais diplomados e fiscalização, contando com seus afiliados para efetuar denúncias, nos casos de ilegalidade. A partir da análise dos boletins do SMGS, Vieira (2009) identificou aspectos presentes nos discursos enunciados por dirigentes sindicais que ressaltavam diferenças sociais entre os médicos e os práticos. Esses eram designados como aventureiros, exploradores, gananciosos, interesseiros, etc.

Havia consenso quando se tratava de desqualificar aqueles identificados por ele como seus concorrentes, os licenciados, a saber: curandeiros, homeopatas, espíritas, benzedeiras, charlatães e parteiras. Todos os grupos profissionais agem dessa maneira, valorizando comportamentos apropriados e reprimindo os demais “a fim de produzir uma memória adequada de saberes e fazeres e a manutenção de uma identidade profissional”. (CANDAUI, 2011, p. 118).

Estas são constatações com base nas denúncias formuladas pelo autor sobre a falta de preparo e ética de alguns médicos licenciados. É o que podemos ver na história que segue<sup>184</sup>, iniciada por um prólogo bastante significativo:

#### 18. UM PARTO

*Alguns homens passam pela vida deixando atrás de si um rastro luminoso; outros, a imensa maioria, cruzam apagados, medíocres, obscuros, na sombra, dentro da indiferença e do esquecimento, sem brilho, mas sem manchas; mas existem ainda outros que se notabilizam por um sulco profundo de ignorância, alardeando, o que é mais ridículo, conhecimentos que nunca, nem de leve possuíram. Coloco-me a gosto, na segunda série, mas o "herói" que, veladamente, procuro focar está na terceira. Velho médico licenciado, exercendo a clínica há cerca de 40 anos, dando-se um pouco ao abuso do álcool, tinha para todos os casos, receitas especiais, exercendo toda sua atividade terapêutica dentro de 8 a 10 fórmulas, invariavelmente escritas.*

De chegada a Passo Fundo, pelo muito reclame feito, conseguiu alguma clínica, mas, pouco a pouco, foi ficando à margem. A sua especialidade era a cura do crupp e da hidropisia, por processo seu.

Como homem não era mau, mas como médico era péssimo. Vou contar dele, para começar, um caso: uma madrugada fui chamado para atender a uma primípara nas proximidades do Mato Castelhana. Lá encontrei o "colega", que passara a noite. Havia urgente necessidade de uma aplicação de fórceps.

Durante a assepsia, perguntou-me:

- Que vai fazer, doutor?

<sup>184</sup> Ver descrição de casos presentes no volume 1 (VERGUEIRO, 1935, v.1, p. 42-49, 58-60, 86-89, 127-128) e no volume 3 (VERGUEIRO, 1935, v.3, 53-56).

- *É muito simples: meto as mãos na cavidade vaginal, trago o útero para o exterior, viro-o de dentro para fora, tiro o filho e a placenta, reviro-o e coloco-o em seguida em sua posição normal.*

- *Eu não tinha me lembrado disso, disse-me então, se não eu já o teria feito, mas eu lhe garanto, doutor, que na primeira oportunidade eu aplico esse processo.*

Dei uma boa risada, que ele não compreendeu, e fui assistir a parturiente.

Eu mesmo a anestesiiei, clorofórmio à la reine, e fiz a aplicação do Tarnier, extraindo, com facilidade e com felicidade, um feto do sexo masculino.

A família ficou danada com o outro ‘doutor’, e chegou até a ofendê-lo muito, e tive de intervir para cessar essa cena desagradável, e até luta, porque o ‘colega’ estava disposto a pelear, revidando as grosserias com outras piores.

Quando do regresso, no meu carro, para a cidade, *chamei-lhe a atenção para a caçoada que eu fizera, que era um brinquedo meu e que quem assim procedesse, seria um criminoso.*

Prometeu-me não aplicar o método, mas garantiu-me que iria comprar um fórceps.

(VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 39-42, grifo nosso).

A memória profissional justifica aqui a autobiografia: trata-se de afirmar sua competência, não apenas a relevância de sua atuação, mas a singularidade do “ideal de ser, ter ou realizar algo único e diferente, bem como a satisfação trazida por sua consecução”. (ELIAS, 1994, p. 118). É o que Vergueiro faz ao longo das narrativas, mostrar que fez diagnósticos corretos, que curou pessoas, sempre reiterando sua legitimidade, enquanto médico, graças ao domínio da técnica, do conhecimento científico, isto é, sobre as doenças e sobre a anatomia humana.

Obter a confiança da população e discernir a prática científica da medicina das outras crenças e tratamentos oferecidos, converteu-se em preocupação cotidiana do grupo médico. A fim de solucionar o problema, lançavam mão de vários recursos como afirmar que o curandeirismo e a feitiçaria, por exemplo, eram perigosas, na medida em que tais pessoas, designadas como charlatães e ignorantes, não sabiam o que estavam fazendo e poderiam causar a morte ou piorar o estado de saúde dos doentes. (BRUM, 2013; VIEIRA, 2009; WEBER, 1999).

Posteriormente, em 1951, os médicos Bruno Marsiaj, Paulo Tibiriçá, José Job e João Fernandes, estiveram palestrando para a comunidade médica de Passo-Fundo e região. Coube a Vergueiro recepcioná-los, o que fez ressaltando a importância de organizar a Associação Médica do Rio Grande do Sul, entidade que os representaria e cuidaria de seus interesses, inclusive da questão previdenciária.

De acordo com as memórias e álbuns, percebe-se que Vergueiro acompanhava as reivindicações de seu grupo profissional. E como vimos anteriormente, inseria-se no debate sobre as questões científicas.

Nos textos de Vergueiro, por exemplo, também encontramos referências sobre as crenças da população e sua postura sobre elas. O médico se refere a uma “velha negra

feiticeira”, lembrando que uma senhora recorreu a tal benzedeira para curar a picada de aranha, (quando, em verdade, o marido houvera contraído sífilis). (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 92-99). No mesmo sentido negativo, é feita referência à prática do espiritismo em outro texto. O memorialista esclarece que uma senhora foi operada de hérnia umbilical e, pouco tempo depois, foi diagnosticada “úlcer cancerosa do estômago”. Mas, sendo “supersticiosa”, aquela família supôs erro do cirurgião que atendeu a paciente na primeira vez e recorreu a outro médico, buscando ainda “uma sessão de baixo espiritismo, manejado por pessoas verdadeiramente incultas, e mais que isso pífidas [...]”. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 20-27).

Entretanto, nas memórias também temos acesso às crenças do próprio Vergueiro que afirma sua prática religiosa como católico. Por exemplo, num texto descreve a realização de uma promessa pela convalescença dos netos no final do ano de 1935. (VERGUEIRO, 1936, v. 6, p. 71-74). Portanto, era um médico católico, que acreditava na possibilidade de milagres e aparentemente não via contradição nisto. Para Vergueiro os serviços assistenciais de cura poderiam coexistir sob a perspectiva médica e mística sem que houvesse conflitos, desde que esta faceta mística fosse chancelada no interior do catolicismo. Contrário senso, segundo os discursos da corporação, os serviços prestados por instituições e médiuns espíritas deveriam ser denunciados e reprimidos, pois representavam concorrência, no mercado dos serviços de saúde e de prestígio, com os médicos. (PEREIRA NETO, 2001, p. 93-97).

No Rio Grande do Sul, além de depreciar as formas de cura que se afastassem das suas, os clínicos pressionavam o governo pela aplicação de uma prova, capaz de habilitar para o exercício da medicina pública. (WEBER, 1999, p. 117). Valorizando o conhecimento científico e a técnica, estes profissionais buscaram legitimar sua profissão junto à sociedade. Como estratégias valeram-se, também, da organização corporativa, de eventos e debates divulgados ao público, bem como da realização de palestras e de publicações na imprensa.

Vergueiro, sem afastar-se das aspirações do grupo de profissionais, demonstra preocupação com as questões de saúde pública, com as práticas sanitárias e profiláticas no cotidiano, independente da atuação como médico ou como político.<sup>185</sup> Todavia, o uso dos meios de comunicação para instruir a população é parte do processo de conquista da confiança tanto de clientes, quanto de eleitores, e de legitimação da profissão médica. É nesse sentido que a discussão sobre a saúde pública, a sintomática das doenças e a prevenção recebe

---

<sup>185</sup> A dissertação de Brum (2013) consiste no estudo da trajetória de José Bonifácio Paranhos da Costa. Ele foi um destacado médico gaúcho que participou da criação do Departamento Estadual de Saúde durante o período do Estado Novo. O texto contempla discussões do grupo médico na primeira metade do século XX, com atenção especial ao movimento sanitarista. Além disso, situa profissionais da área da saúde que compunham a rede de relações profissionais de Bonifácio Costa.

maior atenção, destacando-se inclusive debates sobre a eugenia, em vista da elaboração de seu projeto para regularizar o exame pré-nupcial no país.

A prática cotidiana de Vergueiro, como ilustram as narrativas destacadas, comprova que a dinâmica das relações sociais entre médicos e pacientes era muito diferente da atual. Localizamos no Jornal *A Voz da Serra* anúncios da década de 1910, que nos permitem compreender seus procedimentos nas consultas antes de efetuar diagnósticos.

Figuras 59 e 60 – Anúncios médicos de Vergueiro

**Dr. Nicolau Araujo Vergueiro**

previne aos seus clientes e amigos que reabriu o seu consultorio medico-cirurgico, á Pharmacia Brazil, onde poderá ser procurado diariamente das 9 às 11 da manhã.

Attende a chamados a qualquer hora do dia ou da noite.

Exame completo de urinas (dosagem de albumina, chloruretos, uréa, etc.)

Especialidades: partos, molestias de creanças, syphilis (tratamento moderno).

Para que não haja motivo de susceptibilidades previne tambem que mensalmente apresentará conta de honorarios medicos a todos os seus clientes, menos aos pobres.

**Dr. Nicolau Araujo Vergueiro**

Previne aos seus clientes e amigos, que reabriu o seu consultorio medico-cirurgico, á Pharmacia Brazil, onde poderá ser procurado diariamente das 9 às 11 da manhã.

Attende a chamados a qualquer hora do dia ou da noite.

Exame completo de urinas (dosagem de albumina, chloruretos, uréa, etc.)

Especialidades: partos, molestias de crianças, syphilis (tratamento moderno).

Prepara no proprio consultorio agua bi-distillada para injecções endo-venosas.

Faz exame microscopico para a pesquisa de agentes pathogenicos da tuberculose pneumonia, blenorragia, crup syphilis, etc.

Para que não haja motivo de susceptibilidades previne tambem que mensalmente apresentará conta de honorarios medicos a todos os seus clientes, menos aos pobres.

Fonte: AHR, Jornal *A Voz da Serra*. Ano I, n. 50. Passo Fundo, 9 dez. 1916; *A Voz da Serra*. Ano II, n. 71. Passo Fundo, 16 maio 1917. (Acervo digitalizado).

Na escrita de si que ele elabora, assim como em anúncios médicos em jornais, observamos que a prática da medicina para o personagem não pode ser associada a um único perfil generalista, especialista ou higienista. (PEREIRA NETO, p. 43-61). Os avisos (figuras

59 e 60) sugerem que seu perfil de atuação era de especialista. Contudo, as revelações das reminiscências apontam para os perfis generalista e o higienista. De fato, esse anúncio evidencia que devido a situação de liberdade profissional defendida pelo governo do Estado, os médicos diplomados se preocupavam com o discurso científico, procurando demonstrar sua qualificação e distinção, inclusive pelo modo de diagnosticar. Vergueiro efetuava exames de urina e de agentes patogênicos no próprio consultório, além de preparar soro (água bidestilada para injeção endovenosa) o que, provavelmente, o diferenciava.

Já suas ideias políticas (de inspiração comtiana) adquirem o tom do perfil generalista. Ele se diz um “sacerdote da medicina”. (VERGUEIRO, 1935, v. 4, p. 1-64). Entretanto, nas décadas iniciais do século XX a prática médica e a população afirmavam que o exercício da medicina era um sacerdócio. (VERGUEIRO, 1936, v. 6, p. 89-92, 108-111, 155-160). Outros casos das reminiscências revelam, ainda, características de atuação do perfil higienista. O fato de encontrarmos em Vergueiro características dos três perfis descritos por Pereira Neto (2001) significa que ele se interessava e participava dos debates da categoria, configurando uma proposta modernizadora. Como primeiro médico da cidade, aplicou injeções, fez uso de fórceps e, mais tarde, do microscópio no próprio consultório, inovando nos diagnósticos e tratamentos.

Em defesa da eugenia, Vergueiro fala da função do profissional de saúde, ao qual cabe [...] como sociólogo, higienista, clínico ou em qualquer esfera de sua profissão, aconselhar e educar, sanear e combater: aconselhar aos poderes públicos, educar o povo, sanear os focos, combater os males”. (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 39-86).

As narrativas esclarecem que, nas cidades, os médicos faziam visitas domiciliares, mas também estabeleciam consultório junto a alguma farmácia, como podemos observar nos anúncios. Para assistir aos pacientes do espaço rural, às vezes, eles realizavam viagens longas, nas quais levavam algum acompanhante e pernoitavam quando necessário. O memorialista nos informa que prestou consultas nas farmácias de Oscar Pinto de Moraes (Farmácia dos Pobres), Miguel Pinto de Moraes (Farmácia Brasil), José Bernardes e Ruy Vergueiro (Farmácia São José), Ivo José Ferreira (Farmácia Serrana) e Ademar Pinto Carvalho. Esse era um modo de captar alguns pacientes que, estando doentes, se dirigiam à farmácia em busca de medicação, que rapidamente era aviada. (PEREIRA NETO, 2001, p. 63-64). De outro modo, o estabelecimento de consultórios junto às farmácias delimitava o campo de atuação dos farmacêuticos, pois só os clínicos podiam prescrever medicamentos. Vergueiro esclarece que

as cirurgias eram realizadas por um médico e um auxiliar, em salas anexas às farmácias, antes da fundação dos hospitais<sup>186</sup>.

Na sequência há o registro de uma visita que Vergueiro realizou a uma propriedade rural. Nela podemos verificar as observações e constatações do clínico:

#### 116. ESPERTALHÃO

[...] é um agricultor italiano, que, há muito, vive em Passo Fundo, [...] distante 6 quilômetros da cidade, e chefe de numerosa família. Uma vez, veio me chamar para atender a uma sua filha.

Tratava-se de um caso de febre tifoide, que, em um mês, já lhe matara 2 filhos.

A moça agonizava: vitimou-a uma hemorragia intestinal.

Procedi a um exame geral na casa e vizinhanças. Havia ali uma imensa falta de higiene: nos porões altos da casa, aliás hábito muito comum dos colonos italianos, dormiam galinhas, vacas e cachorros; a água, de que se serviam para beber, era de um riacho, que tinha bem perto, poucos metros, uma latrina de fossa fixa e, um imundo chiqueiro de porcos, e, a respeito, fiz-lhes ver do constante perigo que os ameaçava. O agricultor italiano é grande trabalhador, mas nas suas casas e até mesmo no seu modo de vestir, é grande descuidado, o que contrasta flagrantemente com o alemão, que é, em geral, muito asseado e tem o prazer de morar em bom prédio, bem caiado e todo de janelas envidraçadas: na habitação do alemão ou seu descendente a limpeza é uma verdade. Existem, não nego, exceção de lado a lado, mas a regra geral é aquela. Tive oportunidade de, em Não Me Toque, almoçar com o meu dileto amigo Coronel [...], a convite especial, na casa de [...], e toda a comida nos foi servida em... bacias.

Fechado em pequeno parênteses, e voltando ao caso em referência, aconselhei que só tomassem água fervida, assim como verduras. Receitei antissépticos para desinfecção, e vacinei todos os da casa e vizinhos e determinei outras providências, no sentido de serem removidas aquelas imundícies.

Por tudo isso, algum tempo depois, mandei-lhe uma módica conta de 100\$000.

Uma semana mais tarde, apareceu-me o [...]; vinha me pagar, e deu-me uma nota de 10\$000, com o que não estive de acordo, chamando sua atenção para o engano. Mostrou-me então a conta: lá estava, de fato, 10\$000, mas o zero do lado esquerdo do cifrão fora escandalosamente raspado, e tão grosseiro era o truque, que quase chegaram a rasgar o papel.

Num misto de indignação, nojo e revolta, energicamente assim lhe falei:

- Olha, seu gringo, você é um porcalhão; meta já esse dinheiro no bolso e vá embora; você não me deve nada, mas raspe-se da minha presença...

Rápido, rodou nos calcanhares.

- Então, muito obrigado, Dr., ... e contente, esfregando as mãos, lá se foi o sujeito espertalhão. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 58-62).

Nessa nota temos um médico que frequenta a casa do paciente, sua intimidade, determinando as atitudes e os comportamentos que devem ser seguidos. Ou seja, Vergueiro orienta a família quanto à higiene: construção da habitação própria para pessoas e para animais domésticos, o cuidado com a água e com a disposição da fossa sanitária, importância da vacinação e de medidas de prevenção.

<sup>186</sup> Tratam-se do Hospital de Caridade (HC) e do Hospital São Vicente de Paulo (HSVP), fundados em 1914 e 1918, respectivamente.

É sabido que na profissão médica a escuta e olhar atento em busca da compreensão do outro com o intuito de ajudá-lo são competências a ser desenvolvidas a fim de prescrever medicações e cuidados necessários para a reabilitação. Entretanto, no começo do século XX até a contemporaneidade, ao realizar esta tarefa o profissional desfruta de prestígio e, ainda, de um status como autoridade por possuir formação superior técnico-científica e ser detentor de conhecimentos sobre saúde pública que a maior parte da população não dispõe.

#### 90. CONSULTA DE JUDEU

No Rio Grande do Sul, como em toda parte, os judeus vão, dia a dia, e pouco a pouco, tomando conta dos negócios, e minha cidade natal não poderia escapar dessa regra geral, tanto mais quanto, em Erechim, nas proximidades da estação Erebangó, a poderosa Jewish possui a enorme fazenda, denominada "Quatro Irmãos", que procura colonizá-la com o braço israelita. O judeu, porém, que nunca foi agricultor, abandona logo aquela propriedade, saindo, pelos municípios vizinhos, principalmente em Passo Fundo, onde sua ação se pode desenvolver melhor, a estabelecer os conhecidos Bric-a-brac, ou pequenas casas de negócio. Vendedores ambulantes em prestações, percorrem as ruas em todas as direções. Naquela cidade, já são em grande número [...].

São trabalhadores, e excessivamente econômicos, base do seu progresso, e conseqüente fortuna.

Contam já com sociedade própria, com cemitério especial e muitíssimos são os seus estabelecimentos comerciais; os mais importantes estão em seu poder.

Da colônia judaica, ali domiciliada, só tenho recebido provas de consideração, de respeito e de amizade.

Como clientes, não são maus, e têm o hábito invariável de pagarem, à vista, as visitas e as consultas, mas revelam-se, de comum, muito cautos.

Consultam, por exemplo, e isso tem acontecido comigo, sobre uma lesão de garganta. Examinada e receitada, pagam mas reclamam "o Dr. não me examinou o pulmão" e coisas semelhantes.

São, em geral, honestos, mas há que deles se cuidar, pois, podendo passar um logro, o fazem.

Tratava um desses clientes que, a cada visita, entregava os vinte mil reis, em moedinhas de um; pois bem, vim a verificar que, entre elas, sempre haviam duas ou três falsas. Um outro pagava também pontualmente, pondo o dinheiro dentro do meu chapéu: sempre uma nota de 20\$000; na última visita, dando alta ao doente, colocou apenas uma de 10\$000.

Um terceiro consultou-me sobre uma enfermidade de fígado. Por escrito, a seu pedido, dei-lhe minuciosamente a relação do que podia, ou não podia, comer. Esperava-me na rua, quase todos os dias, hora perguntando uma coisa, hora outra, o que, por sua insistência, já me ia aborrecendo. A última, pois não mais me procurou, inquiriu se podia comer carne de ovelha.

– Escute, meu amigo, você pode comer carne até de bode, mas não se esqueça de fazer sopa do cavanhaque, que é muito suculenta, e, de noite, quando tiver insônia, chupe meia hora em cada chifre... e não me apareça mais.

Quando não pagam, por esquecimento do dinheiro como dizem, a última consulta, já sei que não voltam mais, procurando outro médico.

Eles é que julgam da necessidade, maior ou menor, do número de visitas, por pior que seja o estado do doente; ao contrário de nós, brasileiros, não querem que o facultativo venha diariamente, e só quando é chamado. Tive, entre eles, um caso grave de febre tifoide, que deixei de tratar por não querer, pela minha formação mental, me submeter a esse processo. Possuo, em meu escritório e guardo-o com carinho, um lindo relógio de mesa, que me foi oferecido pelos judeus de Passo Fundo, em 1924, quando por terminação de mandato, deixei, o que lhe empresta maior valor de estima, o cargo de intendente, com a seguinte interessante

dedicatória, em placa de prata: "Ao ilustre Dr. Vergueiro, alvitre da Colônia Israelita. 15-11-1924".

O meu amigo Dr. Francisco de Paula Lacerda de Almeida Júnior - o Lacerdinha, ilustre advogado que ali residiu, foi quem mais graça achou do... alvitre. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 183-187).

Aqui, faz um comparativo entre as duas culturas, brasileira e judaica, baseando-se nas próprias experiências e comportamentos. Ao final do texto, registra que recebeu uma homenagem da respectiva comunidade, no ano de 1924, oportunidade em que encerrava seu primeiro mandato como intendente. Na placa de prata lia-se que eles o consideravam seu conselheiro. Os judeus reconheciam sua liderança e autoridade, seja como político ou como médico, visto que costumava atuar tanto na perspectiva de assistência médica, quanto na de prevenção e profilaxia. Como médico, esse olhar de Vergueiro para diversas etnias reflete também as discussões na pauta dos intelectuais e políticos nos anos 1930 sobre os benefícios da imigração para a nação brasileira.

É, pois, a partir da sua cultura e conhecimento que o Dr. Vergueiro escreve as impressões sobre as mais diversas etnias: os italianos, os alemães, os portugueses, os negros e as mulatas, os caboclos, os gaúchos, os ciganos, os judeus, os russos, os árabes, etc. E, a afirmação de sua identidade advém, também, desse olhar para ou sobre o outro. As descrições que faz sobre esses indivíduos, nesse sentido, revelam características estereotipadas sobre tais grupos étnicos. Os dois casos sobre imigrantes revelam essa perspectiva de que eles seriam capazes de lograr.

Assim, temos a descrição clássica do judeu como detentor de ganhos materiais, lucrando indevidamente, por astúcia. A prosperidade nos seus negócios adviria da excessiva economia. Para o autor, eles eram inexperientes como agricultores e tendiam ao abandono da colônia para praticar atividades comerciais nas cidades.

Da mesma maneira, os grupos citados são apresentados como prósperos economicamente. O trabalho dos italianos e dos alemães, aptos e experientes agricultores, é reconhecido e citado, embora os mesmos nem sempre sejam capazes de adotar os hábitos de higiene necessários à manutenção de sua saúde.

Sob outro ângulo são descritos diálogos travados por aqueles identificados como caboclos, normalmente adjetivados como atrasados, incultos. O distrito onde residem e sua situação financeira normalmente são incluídos nos casos. Isso evidencia que, para o autor, nem mesmo a prosperidade econômica altera a origem social. Para contar histórias sobre as consultas destas pessoas o médico utiliza expressões de estranhamento quanto às comparações

e metáforas empregadas, assinalando que achou engraçado, riu muito, etc. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 38-43).

Embora o tom usado nas memórias de Vergueiro seja humorístico, os textos ilustram que as doenças venéreas, como sífilis e gonorreia, atingiam um número significativo de homens, mas também de mulheres. Além disso, em sua redação é possível identificar um caráter moralizante e ligado à hereditariedade, aspectos da teoria eugenista.

### 83. NÃO QUERIA CASAR

O destino já se traz do berço, e, por mais que se o queira torcer ou desviar, segue impávido o seu caminho, e as influências da hereditariedade são de valor preponderante: filho de peixe sabe nadar, ou filho de tigre sai pintado, sentenciam os velhos brocados populares.

É o caso de [...], filha mais moça de uma mulata que, em sua mocidade, entregara-se à prostituição.

Era, no gênero, de uma beleza impressionante; sua mãe, por justificado temor íntimo, afastara-a de si desde pequenina, entregando-a aos cuidados de honrada família que se esforçara por lhe dar uma regular educação, mas a travessa mulatinha, sempre endiabrada, tinha, no cérebro, a gritar-lhe, em reclamação permanente, a voz do sangue, que dia a dia, se vinha alvorotando até que, aos 18 anos, foi raptada por um soldado da polícia [...].

Estalou o escândalo, e ambos foram presos.

Propício não negava o defloramento e [...] o confirmava. Aquele queria reparar o mau com o casamento, ao que esta, de modo peremptório, se opunha.

- Eu consinto, dizia ela ao delegado, que me examine, fui deflorada ontem; não nego, mas eu não me caso; digo e repito isso para o senhor, para o juiz e para o padre: não me caso porque não quero; não há quem me obrigue a isso... quero ser puta...

Não houve o que a convencesse, e explicava, à todas as ponderações que, casada, iria servir de criada ao marido, lavar lhe a roupa e cozinhar, uma escrava enfim, ao passo que amigada com o seu homem, no dia em que ele procedesse mau, meteria lhe os pés, caindo na farra.

E, agora, diante da sua imensa teimosia, tantas vezes repetida, como obrigá-la?

Não foi possível.

O defloramento recente foi, por mim, constatado.

Viveu com o seu primeiro amante alguns meses, largou-o em menos de ano, recolhendo-se para uma baixa pensão de meretrizes, onde entregou-se, de corpo e alma, ao seu grande "ideal" na satisfação do seu insaciável instinto.

Bebia e era desordeira; os registros policiais marcaram, diversas vezes, a sua presença.

Não foi, porém, muito longe. Vi-a, a última vez, num mísero leito de hospital: estava tuberculosa, e a terrível peste branca agrediu, de modo violento e agudo, aquele depauperado e gasto organismo, já minado pelo álcool e corroído pela sífilis, levando-o, dentro em pouco ao túmulo. O Rabi, de Nazareth, perdoou à Madalena, por que foi uma sincera arrependida... não sei se [...], alguma vez, se arrependeu... creio que não... mas o meigo filho de Maria, o sublime Jesus, se é infinito em sua sabedoria, não o é menos em sua misericórdia. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 12-15).

Evocando ditos populares, Vergueiro passa a narrar a trajetória da mulata, aqui citada como uma mulher de pouca moral que leva uma vida desregrada e não quer compromissos. Assim, na moça L., por herança genética, a perversão de seu sangue inferior ou mestiço teria determinado a sua degenerescência. Em outras palavras, os médicos adeptos desta ideologia postulavam que a hereditariedade é capaz de determinar o destino do indivíduo. Vergueiro,

como vimos no capítulo anterior, partilhava desses pressupostos eugênicos que, no caso citado, teriam se sobreposto à educação que a moça recebeu.

No caso desta moça temos, inclusive, uma preocupação com a degeneração pois ela escolhe uma vida na qual não predominam os valores morais da sociedade em que está inserida, não aceita a religião, o casamento, o trabalho doméstico, a função de apoiar e ser fiel ao companheiro como convinha para uma mulher da época. Decidida, quer trabalhar, divertir-se e ter liberdade, por isso escolhe uma das poucas possibilidades que se apresentaram: a prostituição. Logo, é contaminada por doenças com elevados índices de mortalidade e torna-se alcoólatra.

A classe médica assumia função decisiva na configuração das pautas culturais e normativas que definiam a feminilidade e a masculinidade. Como discurso leigo e científico, a medicina viria ocupar o espaço de uma argumentação fundamentalmente religiosa, ampliando sua ação, regulando os espaços, os hábitos e os corpos, procurando discipliná-los e vinculá-los a um projeto social mais amplo. O cientificismo imperante neste período permitiu aos médicos expandir controle sobre a vida dos homens e mulheres. Eles buscavam, além dos meios de curar e prevenir as doenças, normatizar os corpos e os procedimentos, disciplinando a sociedade, ordenando o sexo e os prazeres. Nesse sentido, o discurso médico apresenta a sociedade como caótica, com a necessidade de ser regada, estabelecendo assim uma oposição entre uma ordem ideal e uma desordem real, para a qual a interferência do médico é considerada indispensável. (MATOS, 2001, p. 26).

Nenhum dos bons exemplos ou conselhos que ela recebeu a fizeram mudar de ideia e, pelo visto, restaram dúvidas no memorialista se houve arrependimento pela trajetória percorrida. No entanto, Vergueiro não deixou de cumprir seu dever como médico: ouviu e orientou a paciente. Ela foi desobediente ao modelo de masculinidade hegemônico: não aceitou retificar seu erro com o casamento, escolheu padrões de comportamento que não eram usuais para as mulheres. A invocação ao final do texto sobre a misericórdia de Jesus permite-nos interpretar que as escolhas da mulata não foram racionais, mas determinadas pela hereditariedade, condição essa que lhe permitirá receber o perdão.

A fim de encerrar as considerações sobre o exercício da medicina por Vergueiro, gostaríamos de acrescentar que ele, como seus contemporâneos, percebia a própria profissão como um sacerdócio, cobrando apenas de quem podia pagar por seus serviços<sup>187</sup>, como registra nos anúncios do jornal.

Essas escritas sinalizam o exercício profissional de Vergueiro no sentido de atuar como um modelo de ética ou de indutor de condutas, capaz de interferir nas possibilidades de ações dos outros indivíduos.

---

<sup>187</sup> Consultar Vergueiro (1935, v. 2, p. 152-163).

### 5.3 Escrita auto-referencial: honra, sociabilidade e finitude

Constatando que o exercício de produzir escritos de tipo pessoal era uma prática relativamente comum entre homens públicos, passamos a nos questionar a respeito de sua função. É possível que esteja relacionado às suas múltiplas áreas de atuação, à possibilidade de aproximação entre moral e política, ou ainda, aos projetos de autoimagem. Essa escritura pode ser a maneira encontrada para a superação da própria morte. Isto é, uma forma de não cair no esquecimento. Assim, com o processo de atualização da memória coletiva eles seriam transformados em figuras exemplares. (HEYMANN, 2012, p. 103).

Ao realizar a leitura de **O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro**, publicado por Heymann (2012), formulamos questões a respeito da trajetória de homens públicos como Vergueiro (1882-1956), Raul Pilla (1892-1973)<sup>188</sup> e Darcy Ribeiro (1922-1997)<sup>189</sup>. Qual é a razão que os leva a redigir memórias? Há para Vergueiro algum fato desencadeador dessa escrita, talvez à semelhança do que se passou com Darcy Ribeiro que experimentou em 1975 a perspectiva da morte e a percepção de sua finitude? Ou, ainda, seu desejo de vencer o tempo e o esquecimento projetando-se como monumento, de modo semelhante a Pilla?

Cinquenta e três anos era a idade de Darcy Ribeiro em 1975, quando a ideia da morte ganhou concretude em sua vida, após ele ter experimentado uma difícil situação clínica. Intitulado “Segundo exílio”, o balanço memorial que Ribeiro produziu foi ordenado cronologicamente e publicado pouco antes de seu falecimento: “A perspectiva da morte alimentou a pulsão autobiográfica de Darcy, expressa nos vários textos em que revê a sua trajetória e se define como intelectual e político”. (HEYMANN, 2012, p. 93). A doença mostrou a Ribeiro sua condição humana de vulnerabilidade e finitude. Em suas memórias fica explícita a preocupação em relação ao modo como seria lembrado. Não tinha filhos, herdeiros ou discípulos, isto é, alguém que prosseguisse com seus estudos ou se interessasse pela divulgação da obra. O câncer despertou nele “o desejo de vencer o tempo e o esquecimento, permanecendo na memória das gerações futuras”. (HEYMANN, 2012, p. 95). Ele é um homem público que projeta uma imagem multifacetada, singular e moderna. Como

---

<sup>188</sup> Para conhecer os dados biográficos do líder do Partido Libertador e o conteúdo das suas memórias, sugerimos consultar Gaglietti. (2007, p. 203- 237).

<sup>189</sup> Os seus dados biográficos podem ser localizados em Heymann (2012, p. 89-92), que explicita também o contexto de produção das memórias intituladas **Testemunho**, publicadas em 1990, e **Confissões**, em 1996. (HEYMANN, 2012, p. 92-98).

intelectual, afirma ser movido por utopias, reconhecendo a influência do marxismo em sua obra antropológica na perspectiva totalizante e evolucionista.

Ribeiro tinha, como seu maior projeto, a ideia de transformar o país. Outro intelectual engajado, que traduziu em discursos o projeto de progresso para o país, foi o médico Raul Pilla. Admirador de Tocqueville, tornou-se conhecido em âmbito nacional pela defesa da democracia e do parlamentarismo. Pilla elaborou, em 1949, o que pode ser entendido como escrita auto-referencial.<sup>190</sup> Na época ele contava com 57 anos e exercia o mandato de Deputado Federal, no Rio de Janeiro. **Palavras de um professor** reúne discursos que proferiu em cerimônias da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, textos sobre a dimensão política da vida acadêmica e outros temas que marcaram a sua trajetória, como o exílio a que foi submetido em 1932. Abordou, também, questões vinculadas ao jornalismo político, à ética profissional, etc. (GAGLIETTI, 2007, p. 237-238). Para o intelectual, suas atividades como jornalista e docente seriam obras inacabadas, passageiras, portanto:

[...] a razão da referida publicação é erigir um ‘monumento’ ao ofício que ele próprio desempenhara; é conferir um acabamento à obra que realizara [...]

Nota-se que Pilla nutre uma certa desilusão no que se refere à natureza transitória e ao parco conhecimento do trabalho com o qual se envolvera. Insatisfeito e reputando-se um ser especial – um daqueles ‘espíritos bem nascidos’ que mereciam um modesto monumento –, deseja inscrever num volume impresso, o testemunho – os frutos ou vestígios – das ações que realizara, comprovando dessa forma a relevância de sua passagem pela história. [...] A ‘razão pessoal’ que o movera, exposta em detalhes, é, portanto, a justificativa apresentada por ele para a organização dessa obra de caráter autobiográfico e para ‘o dispêndio de um pouco de papel’. (GAGLIETTI, 2007, p. 239-240).

Algumas experiências são comuns a Ribeiro e Pilla, a saber, o fato de ambos viverem a experiência do exílio<sup>191</sup> e se imaginarem incumbidos da missão particular de salvar o país, resolvendo suas mazelas. Além disso, tinham mágoas e ressentimentos, o primeiro, por sua obra não ser conhecida no Brasil e o segundo por ter sido afastado da faculdade em que lecionava. Outra afinidade está na preocupação com o *post-mortem*, e eles manifestam o desejo de ser lembrados como exemplos. Mas, e Vergueiro? Terá alguma semelhança sua escrita com a destes dois outros homens públicos?

A princípio, em suas “Notas” Vergueiro não faz comentários que possam esclarecer o objetivo da sua escrita. Aliás, no primeiro volume, encontramos poucos comentários introdutórios aos casos. Entretanto, as histórias são narradas em primeira pessoa; precedidas

<sup>190</sup> É um registro de teor autobiográfico, expressão subjetiva dos indivíduos modernos manifestada em memórias, diários, correspondências ou romances. Na escrita auto-referencial o indivíduo escreve sobre si e coloca em questão sua conduta individual. (FRAIZ, 2000, p. 89-90).

<sup>191</sup> Eles estiveram no exílio em períodos diferentes. Pilla entre 1932 e 1934, estabeleceu-se no Uruguai. Ribeiro entre 1964 e 1976 esteve no Uruguai e, depois, na Venezuela, no Chile e, antes de retornar ao país, no Peru.

da localização temporal (algumas com exatidão, outras apenas referem-se ao clima ou à estação do ano); espacial (local urbano ou rural, hospital, distrito); e dos personagens envolvidos (cita nomes, profissões, etnias ou grupos sociais). Vergueiro se autodesigna testemunha, essa condição é explicada por Ricoeur (2007):

Um triplo dêitico pontua a autodesignação: a primeira pessoa do singular, o tempo passado do verbo e a menção ao lá em relação ao aqui. Esse caráter auto referencial é por vezes sublinhado por certos enunciados introdutórios que servem de ‘prefácio’. Esses tipos de asserções ligam o testemunho pontual a toda a história de uma vida. Ao mesmo tempo, a autodesignação faz aflorar a opacidade inextrincável de uma história pessoal que foi ela própria ‘enredada em histórias’. (RICOEUR, 2007, p. 172-173).

É a partir desta autodesignação que ele escreve atestando a realidade e sua inserção como ator ou vítima ou, ainda, como testemunha, solicitando credibilidade. (RICOEUR, 2007, p. 173). De dois modos ele procura atestar a veracidade do relato, evocando o nome de outras pessoas confiáveis que presenciaram o que está sendo narrado ou reiterando o seu próprio caráter ético e moral.

O segundo volume de suas reminiscências inicia-se com a nota intitulada “O meu anel”, na qual o autor confere ao anel de formatura, símbolo da profissão, a condição de “confidente” e testemunha “permanente e muda” de sua atuação clínica. Tendo em vista a abordagem sobre os atendimentos médicos prestados nos casos, e citados os trinta anos de profissão, estamos cientes de que se trata de memórias alusivas, basicamente, à temporalidade profissional (voltaremos a analisar a nota).

Assim, é somente ao longo do segundo volume que o autor esclarece sua motivação inicial: alcançar “o centésimo” “caso”, que não recebeu acidentalmente esse título. Nesta nota (e na anterior) lemos a narrativa do histórico clínico de seus filhos Ruy e Maria. A nota de número cem descreve o sofrimento do pai perante uma intervenção cirúrgica para retirada do apêndice de Maria.

#### 100. O CENTÉSIMO

Chego, hoje, ao centésimo caso, a que espontaneamente, me propus a descrever. Quero encerrar toda essa despreziosa arenga, que só a mim interessa, com chave de ouro, e não o poderia escolher melhor do que referindo-me à minha querida filha Maria. [...]

Apelei para o Dr. Dino Caneva, amigo de distinção e operador conceituado. Opinou por apendicite, e aconselhou a intervenção, de acordo também com os pareceres dos não menos ilustres Dr. Arthur Leite e Benedicto Frydberg. [...]

Algumas centenas de semelhantes operações, seguro, sereno e despreocupado, já tenho praticado, mas em pessoa da família a coisa muda, por completo, de figura: é o amor, que tudo faz ver, nesses casos, pelo pior prisma: rondava-me o coração o doloroso pressentimento de que minha filha iria morrer, e não podia externá-lo, para não criar, nos outros, o pânico e o desespero, tanto mais quanto urgia a intervenção cirúrgica, pois os acessos eram mais amiúdes, e cada vez mais intensos. [...]

Pus-me a andar de automóvel por toda a cidade, e confesso que me irritava a maneira alegre, porque, por pessoas amigas, era cumprimentado: parecia-me incrível que não compreendessem o estado angustioso de minha alma; julgava estampada, no rosto, toda a minha dor.

Às 9 horas, voltei aquele estabelecimento, refeito de superior coragem. [...] ‘Tudo muito bem e examine o apêndice’.

Era, não havia a negar, um caso sério. Maria, levemente ruborizada, dormia tranquila, sob a ação de anestesia geral, aos cuidados da risonha e saudosa Irmã Florentina, a quem, daqui há pouco, farei referências. *Voltei para casa, e descarreguei, em tremores e pranto, toda a tempestade avolumada, desde tempo.*

*Eu, que nunca tremera em combates, era como um vime agitado pelo vento; que sempre me julgara forte, era de uma fraqueza de espantar; eu, médico, operador e parteiro, há tantos anos, habituado a observar dores e lágrimas, misérias e grandezas, era de uma pusilanimidade infantil... Demonstrava, nesse momento, que era, nada mais nada menos, do que uma frágil criatura humana.*

Contei as horas dos primeiros cinco dias, vendo-as passar, na diminuição do perigo, com indisfarçável satisfação. Dormi duas noites no Hospital, ou melhor, em verdade, cruzei-as em claro.

No fim de oito dias, levei-a para casa, e esta, como por encanto ao seu simples contato, encheu-se novamente de alegrias e de júbilos.

‘Hosana! Hosana!’ tudo cantava.

*Oh Deus Onipotente, como te sou agradecido!* (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 91-100, grifo nosso).

A leitura do texto nos coloca em contato com questões expressas de modo inequívoco por Vergueiro: os sentimentos, as fraquezas, os anseios, o medo, a gratidão, a finitude, a religiosidade, enfim sua natureza humana. O autor, ao promover essa revisão das suas memórias como clínico, valoriza sua experiência, o corporativismo, o processo de envelhecimento. Na sequência mostra estar bastante ciente da precariedade da condição humana, antecipando a ideia de que ele logo poderá morrer, por considerar sua idade avançada, como esclarece ao dialogar com a Irmã F. Esse tipo de assertiva indica a morte de uma pessoa considerada velha como cumprimento de uma ordem julgada natural:

Direi, agora, em respeitosa homenagem, algumas palavras sobre a Irmã F., que trabalhava na seção de cirurgia, onde a conheci. [...]

Tive ensejo de apreciar o seu carinho pela minha filha, o que, aliás, dispensava a todos os enfermos, ricos ou indigentes, sem exceção. [...]

Por uma madrugada, quando, com o Dr. Caneva, fazia a minha ‘toilette’ pré-operatória, disse-lhe eu, gracejando:

- Escute, Irmã, a Senhora é eminentemente boa, sua vida é a de uma santa, quero, por isso, fazer-lhe uma solicitação: *é natural, pela nossa diferença de idade, que eu morra primeiro, e então não irei imediatamente à presença de São Pedro; ficarei vagando por esse imenso azul, escondido em alguma estrela, até que a Irmã deixe a terra, esse Vale de lágrima.* Quando a Senhora for chegando ao céu, eu lhe estenderei as mãos, em súplica, a fim de que interceda, com o seu justo prestígio, por mim, pobre pecador, mas não de todo mau: falará com o velho chaveiro, e ele, estou certo, não se negará a atender o seu primeiro pedido e, por esse modo, irei também gozar de eterna bem-aventurança.

Com uma bondade infinita, sempre sorrindo, assim me respondeu:

- Sim, Dr., eu rogarei por si, prometo...

Dias depois viajei, e, ao meu regresso, a caridosa Irmã F. já estava enterrada. Fiquei desolado.

Nessa mesma noite, o Dr. Caneva procurou-me para um recado: Irmã F., ao morrer, na hora sagrada, pediu-lhe e à Madre Diretora: ‘Digam ao Dr. Vergueiro que não me esquecerei de seu pedido e, no céu, rezarei muito por ele’. [...]

Devidamente autorizado pela Madre, a quem obedecia mandei erigir-lhe, com a contribuição também de Henrique Scarpellini Ghezzi, Arthur Lângaro e Dr. Octacilio Ribas, um pequeno mausoléu, humilde como a sua vida, simples como a sua alma, marco imperecível de sua benfazeja passagem por este mundo.

Não tenho a menor dúvida: quem assim viveu tem seguras credenciais, para o Reino Celestial. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 91-100, grifo nosso).

Ao comentar sobre a singularidade de sua trajetória, referindo-se à esfera profissional, familiar e, nelas, aos sofrimentos e alegrias que viveu, podemos postular que Nicolau Araujo Vergueiro é um sujeito que representa a sociedade individualista. Sob o prisma da sociedade ocidental moderna, o indivíduo biológico transformou-se lenta e progressivamente no seu valor básico. A riqueza dessas fontes memorialísticas situa-se na singularidade das experiências pessoais, o que as torna socialmente relevantes e dotadas de sentido a partir das noções como carreira, biografia e trajetória. (VELHO, 2003, p. 100).

Para os nossos dias, Vergueiro não seria considerado idoso<sup>192</sup>. No entanto, até 1940, a expectativa de vida da população no país era baixa. Considerando-se a esperança de vida dos brasileiros das diversas regiões do território nacional no período, a maior delas, em torno dos 50,1 anos, era encontrada na região Sul, enquanto a menor, em torno de 38,2 anos, foi verificada na região Nordeste. Todavia, as estatísticas revelam que houve alterações até o final do século<sup>193</sup>.

Logo, a idade na qual compõe o texto, rememorando sua trajetória, nos comunica sobre o processo de envelhecimento que sente e partilha. Temos aí códigos de comportamento e expressões de subjetividade, e, ainda, a preparação para o rito de passagem: a morte.

Mesmo assim, sentia a necessidade de ligar o seu passado ao presente, o que fez através da rememoração e da escrita de si. Percebendo como necessário dotar sua vida de um sentido. Darcy Ribeiro chegou a imaginar para si “uma morte trágica que garantisse, pela via do heroísmo, a imortalidade do seu nome”. (HEYMANN, 2012, p. 97). Vergueiro atribuía o sentido à morte por meio da religião. Embora também manifestasse preocupação em relatar seus feitos exemplares, não chega a fazer nenhum comentário sobre como imaginava sua

<sup>192</sup>Segundo dispõe o Estatuto do Idoso, Lei Nº 10741, de 1º de outubro de 2003, são considerados idosos, somente pessoas que completaram sessenta anos ou ultrapassaram esse marco temporal.

<sup>193</sup> Ao longo do século XX, ampliou-se muito a expectativa de vida dos brasileiros. A das mulheres praticamente dobrou entre 1910 (quando era 34,6 anos) e 1990 (quando passou a 69,1). A expectativa de vida masculina cresceu 28,9 anos no período, passando de 33,4 anos em 1910 para 62,3 anos em 1990. A tendência de aumento se manteve até o fim do século XX: em 2000, a expectativa de vida para ambos os sexos era de 68,6 anos (64,8 para homens e 72,6 para mulheres). (IBGE, 2003).

morte. Mas, segundo esta acepção, a passagem por este “mundo”, visto como um “vale de lágrimas”, seria recompensada com a “eterna bem-aventurança”.

Como em “100. O centésimo”, em vários escritos verificamos menções a fé, aos valores morais e aos ritos cristãos, tão relevantes para o narrador em seu cotidiano. Ao protagonizar um rito, o ator pode ou não estar consciente de sua adesão. Vergueiro nos conta que aprendeu com sua mãe<sup>194</sup> o ato de orar, de agradecer. O autor formula preces, de modo reiterado, ao longo das notas, e entendemos que esta seja uma forma de mostrar a seus filhos a importância do ato. Isso seria necessário, pois “[...] o ritual se reconhece como fruto de uma aprendizagem, implicando por conseguinte a continuidade das gerações, dos grupos etários ou dos grupos sociais dentro dos quais ele se produz”. (SEGALEN, 2002, p. 32).

Em outro âmbito, ao pensar na possibilidade de ser interrompida a vida de sua filha, bem como ao ser informado da efetiva morte da jovem religiosa, percebemos duas situações que o desequilibram emocionalmente, evidenciando sua fragilidade. Conforme expõe, estava acostumado com a possibilidade da morte de pacientes. Todavia, quando situações de doença ou cirurgias eram enfrentadas em sua família ou por pessoas ligadas a ele, preocupava-se em demasia ou sofria, devido a ansiedade.

As memórias, nesse sentido, indicam a maneira encontrada por Vergueiro para ser uma lembrança constante, um presente para Ruy e Maria. Elas contêm seu exemplo, quanto à atuação profissional médica, autorretratando um pai que se ausenta de casa, por força do ofício, mas não deixa de ser zeloso e amoroso e, em complemento, é um homem de atitudes dignas. A transmissão da memória mantém viva uma identidade, significando que o indivíduo deixa seu legado, e igualmente, encontra uma maneira de estar no mundo. (CANDAU, 2011, p. 118).

De acordo com estudos sobre o envelhecimento humano, admite-se que a estratégia autobiográfica possa promover a valorização desse processo e a ressignificação do fenômeno da morte. De fato, sentimentos e recordações associados contribuem para que Vergueiro efetue a revisão da própria trajetória. Esse processo de reelaboração do passado no presente confere caráter de continuidade e identidade a trajetória dos idosos, que como o personagem, pretendam legitimar a própria vida. A preparação para a morte, através da autobiografia, visa dotar a própria vida de sentido.

---

<sup>194</sup> Em “151. Discurso na pedra da Catedral”, o autor comenta suas lembranças de infância sobre a participação em ritos da religião católica estabelecendo um elo entre as experiências pessoais e a trajetória da capela que deu nome à primeira igreja e, depois à catedral: Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Além de estar pensando na morte<sup>195</sup> e, por isso, produzindo narrativas sobre as vivências médicas, o redator afirma que deseja encerrar sua escrita – “despretensiosa arenga” – pois concluiu seu projeto pessoal. Verifica-se que Vergueiro se dedicava ao “adestramento de si por si mesmo”, utilizando a expressão de Foucault (1992, p. 132), quando ainda não havia adquirido o hábito da escrita de si, que só se torna possível a partir do exercício diário. Portanto, escrever as memórias foi um projeto<sup>196</sup> que exigiu determinação, isto é, investimento de tempo e disposição para externar seu pensamento.

No dia seguinte a composição de “O centésimo”, Vergueiro escreve:

#### 101. SAYONARA

No espaço de 35 dias, de 11 de Julho a 18 de Agosto, escrevi, sempre pela manhã, no Hotel Avenida, onde, no quarto 427, estou hospedado, essas "notas íntimas", como pequena recordação de algumas ocorrências destes 30 anos de laboriosa e ativa clínica, no torvelinho do eterno "struggle for life", contínuo arrebentar de ondas impetuosas no granito indestrutível das rochas.

Trinta anos de trabalho!... (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 100-103).

Gomes (2004, p. 16) esclarece que “[...] a escrita de si foi mobilizada pelos indivíduos modernos com múltiplas intenções, entre as quais a de permitir o autoconhecimento, o prazer, a catarse, a comunicação consigo mesmo e com os outros”. O conteúdo de “101. Sayonara” em consonância com a citação indica-nos um intenso período de produção no qual o narrador rende-se ao dever e à necessidade de memória. Enuncia que as notas íntimas se tratam de recordação das ocorrências de sua atividade clínica, qualificada como laboriosa e ativa, ou seja, de intensa dedicação e constante trabalho na agitação cotidiana ao longo de trinta anos, portanto motivo pelo qual comemora.

Mais são os meus cabelos brancos que os pretos, e eu poderia agora dizer, como Hordelin, o eterno sonhador, o artista do verso, com a diferença de que ele, moço, sentia apenas a hostilidade da vida, e eu, tão somente, o peso dos anos: "já está morta aquela que me criou e que me amava; está morto também o mundo da minha infância; este meu peito, que um dia se embebedava do azul do céu, está já morto e estéril como um campo de restolhos! Oh! A primavera poderá cantar como outrora uma canção de doçura e de consolo, mas a aurora da minha vida passou e a primavera de meu peito murchou há muito tempo". (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 100-103).

<sup>195</sup> Podemos fazer essa afirmativa com base nos escritos de Vergueiro. Em vários textos ele lista médicos ou políticos, sempre assinalando quem são os falecidos. (VERGUEIRO, 1935, v.1, p. 129-133; 1935, v. 2, p. 9-11, 58-62; 1935, v. 5, p. 137-140, 184-187; 1937, v. 8, p. 14-19, 36-45, 74-77).

<sup>196</sup> A noção de projeto é exposta por Velho (1997, 2003) com base no conceito de Alfred Schutz, como “a conduta organizada para atingir finalidades específicas”. (2003, p. 40). Velho ressalta que o projeto não é puramente interno e subjetivo: “Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes”. (1997, p. 29).

O autor utiliza o fragmento de Hordelin para falar de si, de sua trajetória, sendo a primeira vez que lança mão deste recurso nas notas. Isso se deve à maneira como procedeu nas diversas descrições pessoais e de trajetórias percorridas por pacientes nas notas anteriores. Contudo, falar de si mesmo pode ter sido mais difícil.

A inserção do trecho das leituras de Vergueiro em suas notas é um elemento a elucidar. Ele pode ser compreendido, segundo a perspectiva de inscrição de leituras nos “hypomnematas”<sup>197</sup> pesquisados por Foucault (1992, p. 143-144):

O papel da escrita é constituir, com tudo que a leitura constituiu, um ‘corpo’ (quicquid lectione collectum est, stilus redigat in corpus). E este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras se apossou delas e fez a sua respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue’ (in vires, in sanguinem). Ela transforma-se no próprio escritor, num princípio de ação racional. Em contrapartida, porém, o escritor constitui a sua própria identidade mediante essa recoleção das coisas ditas.

Vendo-se como um homem de cabelos grisalhos, dados os seus 53 anos, sente-se envelhecido, pois já teve perdas de entes queridos, decepções. Percebendo-se como influente pela posição social e cargo de Deputado Federal por ele ocupado, entende a atualidade como um momento em que ele não tem mais suas referências familiares presentes. Supondo que se tornou o modelo – não apenas da família, mas também da sociedade passo-fundense –, isto é, um homem exemplar por sua atuação e conduta.

Não procurei buscar forma literária, nem adorno de palavras, plainei simplesmente, em linguagem comum, e ao correr da pena, em vocabulário simples, natural, sem preocupação de opulência, essas 100 observações.  
"O estilo, dizia Buffon, é a ordem e o movimento com que cada qual dispõe os seus pensamentos". É certo que, relendo-as um dia, terei muito que emendar na forma, aparar arestas, polir expressões, modelar conceitos e suavizar palavras: a essência continuará pura, pois ela é uma só e verdadeira. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 100-103).

---

<sup>197</sup> Parte da escrita etopoiética, datada dos séculos I e II. “Os hypomnemata podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda. O seu uso como livro de vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre um público cultivado. Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha tido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior”. (FOUCAULT, 1992, p. 134-135).

Outro aspecto a ressaltar nesta questão identitária, é que o autor nega edições nas memórias, como de fato pode ser observado. Ele acrescenta que não houve preocupação com estilo literário e expressões polidas; todavia, nos concede mostras de sua erudição. Encontramos nos textos, independente dos tipos – histórias, discursos, históricos clínicos ou trajetórias – diversas citações de obras e autores, expressões em latim, vocábulos e frases grafados em outros idiomas. No mesmo âmbito, embora o autor assinala a possibilidade de uma futura revisão, avisa que ela não comprometerá o conteúdo das notas, pois sua “essência continuará pura”, “uma só e verdadeira”.

Notamos que Vergueiro se dedicava a leitura diária de obras literárias. Conquanto elas lhe serviram como citações, paráfrases, modelos de estruturação, formas de expressão, etc. nas suas produções discursivas. Em inúmeras obras, localizamos marcações, que coincidem com a maneira do autor redigir as “Notas íntimas”. A obra de Stefan Zweig (comentada anteriormente) ilustra essa prática. Como erudito que pretendia ser, propunha-se escrever corretamente, inspirando-se nos autores que admirava e cujas obras constavam no seu acervo literário.

Figura 61 – Nicolau Araujo Vergueiro



Fonte: Acervo da família - Foto Sirota, Rio de Janeiro (194?)

Recorri quase sempre à memória, por isso que raríssimas são as anotações que possuo. A conferência sobre bismuto é a única coisa que já tinha escrito; outras que pronunciei, na Sociedade de Medicina [...] não as escrevi. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 100-103).

Nesse ponto do excerto, expõe sua metamemória ao gabar-se de sua capacidade de lembrar, registrando que os cem casos “quase sempre” foram elaboradas com base na memória e, afirma que suas anotações são “raríssimas”. Imaginamos que esta afirmativa esteja ligada ao fato de estar dedicando-se à escritura no Rio de Janeiro, onde não dispunha de seu arquivo, ao qual se refere inúmeras vezes posteriormente.

A memória é constituída por dois elementos: os vividos pessoalmente e aqueles vividos pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer. Vergueiro nos leva a crer que todas as suas narrativas são acontecimentos que o envolveram. Então, são personagens de suas notas, o próprio Vergueiro, seus familiares, pacientes e os demais integrantes da rede de sociabilidade. Ora, vemos que existe estrita ligação entre memória e identidade. Esta é definida como: “a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria”, algo construído e apresentado aos outros e a si mesmo, para crer na sua própria representação, “mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”. (POLLAK, 1992, p. 204). Ou seja, o reminiscente produz uma imagem nas “Notas íntimas”, de acordo com sua autopercepção.

As memórias registradas são indissociáveis da identidade expressada pelo autor. Ambas estão ancoradas em relações sociais. A memória, devido ao seu caráter seletivo e de reconstrução, é atualizada de modo continuado, enquanto a identidade é uma construção baseada no diálogo.

A imagem expressa por Vergueiro, associada a citação de Hordelin, é de um homem que alcançou a velhice, portanto demonstra melancolia, verifica a perspectiva da morte, está voltado para o passado. Deprimindo-se, fala da senescência, queixa-se das perdas e expressa sentimento de desvalorização. (BEAUVOIR, 1990). No entanto, a configuração geral do texto explicita outra representação, dissonante da primeira. Um homem estudioso, perseverante na carreira profissional, digna de comemoração, conhecedor da literatura, com suas faculdades mentais preservadas. Em acréscimo transmite a ideia de altruísmo, pois se a sociedade não celebrou seus trinta anos de trabalho, ele não se deixou abater pela falta de reconhecimento, redigindo as “Notas íntimas”.

Ao registrar por meio da escrita suas memórias, Vergueiro fez escolhas: optou por escrever sobre quem e o que julgava necessário que fosse lembrado, na mesma medida que evitou mencionar o que e quem queria esquecer. Testemunhou, mas as suas preocupações no momento da produção autobiográfica constituíram um elemento decisivo na estruturação da memória<sup>198</sup>.

Desse modo, durante 35 dias, de forma solitária e disciplinada, em turno predefinido e local reservado, a escrita foi realizada. (VERGUEIRO, 1935, v.2, p. 100-103). Vergueiro teve como companheiro apenas seu caderno de notas, portanto, livrou-se do constrangimento imposto pela presença alheia e a escrita abrangeu, algumas vezes, o papel de confissão. (FOUCAULT, 1992, p. 130-131). A fim de aclarar sobre os casos que configuramos como uma confissão<sup>199</sup> trazemos o relato que ele intitulou “Mordida de Aranha”. Embora extenso, ele é revelador do que pretendemos demonstrar:

#### 43. MORDIDA DE ARANHA

Meu tio, [...], era de uma brilhante inteligência e de uma formosa palestra. Ouvi-lo era um encanto: alegre, chistoso, de espírito fino e delicado. Qualquer ocorrência, por ele relatada, expressava um sabor de elegância e de elevada ironia: tinha o verdadeiro pendão do ‘savoir dire’. Nascido e criado em Passo Fundo, sem haver frequentado colégios, a não ser os medíocres da então atrasada vila, possuía, entretanto, regular cultura, por esforço próprio. Embora descendente de uma família pobre, por seu trabalho honrado e profícuo fez fortuna.

Guardada a diferença de idade, e guardado também o natural respeito entre tio e sobrinho, devo declarar, e com prazer o faço, que fomos íntimos e excelentes amigos, e que sempre me distingui com muita consideração e abundante confiança, conversando comigo, desde os meus estudos acadêmicos, sem guardar aquela velha e tão decantada pragmática, entre parentes, dos nossos antepassados.

Minha tia era distintíssima, de uma moral irrepreensível, de excessiva bondade, ingênua e supersticiosa, acreditando, com facilidade, em tudo que lhe diziam: por ela e por ele, só bem poderia vir ao mundo.

Vamos agora ao caso, que, para sua boa elucidação, se fazia mister essas considerações.

Meu tio, como quase todo homem, era um tanto quanto bilontra, e estivera, a negócios, três ou quatro meses, em Porto Alegre, anunciando seu regresso para determinado dia. Nesse tempo, por deficiência de veículos de transporte, o trem de tabela, que chegara à cidade às 2 horas da tarde, fazendo o trajeto em 3 etapas - Porto Alegre a Santa Maria - Santa Maria a Cruz Alta - Cruz Alta a Passo Fundo, parava, antes de ir à estação, no meio da Avenida Brasil, para deixar os passageiros, como, de manhã, para recebê-los.

Depois de Pulador, a última estação, Tio [...] foi ao mictório, e verificou, com espanto, uma lesão ulcerosa e dura, na glândula. Ficou apavorado diante da fundada suspeita de um câncer de Hunter, porém não podia mais protelar a sua chegada, o que fez alegre, abraçando família e amigos.

<sup>198</sup> “[...] a anamnese de todo indivíduo dependerá daqueles que lhe são contemporâneos: ele oferecerá portanto, uma visão dos acontecimentos passados em parte transformada pelo presente ou, mais exatamente, pela posição que ele próprio ocupa nesse presente”. (CANDAUI, 2011, p. 75).

<sup>199</sup> Referimo-nos aqui a alguns casos presentes no primeiro volume de reminiscências. (VERGUEIRO, 1935, v.1, p. 23-25, 54-57, 139-141, 163-165, 172-177).

Já em casa, depois de meia hora, queixando-se de ligeira cólica intestinal, de que comumente sofria, foi à latrina, para uma nova observação, e aí convenceu-se da brutal realidade.

Que fazer? Como resolver esse difícil problema? Como solucionar sua situação doméstica? Como coonestar tamanho caiporismo?

Entre essas tremendas perguntas e cruéis cogitações, assaltou-lhe o cérebro uma ideia formidável e gigantesca, capaz de salvá-lo.

Do pensamento à ação, um instante. Viu na parede de tábuas da antiga latrina, de fossa fixa, uma grande aranha preta, e matou-a imediatamente com um certo cuidado. Atou bem, na perda esquerda, as tiras de sua ceroula comprida, e, com corajosa repugnância, deixou cair em seguida a nojenta aranha, entre a pele e a ceroula. Correndo e gritando ai... ai... com as peças da roupa desabotoadas e seguras em ambas as mãos, entrou pela casa adentro diante da estupefação geral, atirando-se ao leito, contorcendo-se todo de dor.

Foi uma cena dramática desempenhada por notável artista!

Todos queriam saber o que se passara. Depois de muita algazarra e de muito custo, com a testa em suor, e ficando só com minha tia, contou-lhe:

- Eu estava sentado na latrina, e um bicho me mordeu no membro... estou desesperado de dores... que coisa horrórosa!

Assim falando, tratou de despir-se em cima da cama de alvo lençol, gemendo e afrouxando disfarçadamente os cordões da ceroula.

Nisto, a senhora exclama assustada diante da prova:

- E., foi uma aranha, aqui está e é das venenosas, vou chamar o Vergueiro.

Vim às pressas, e ficamos só os dois no quarto, e ele, depois de tudo me relatar, baixinho, quase suplica:

- Não me descubra, confirme que foi a aranha, e diga que preciso de repouso, de cuidados, de abstinência por muito tempo.

Assim o fiz, com convicção, autoridade e seriedade... estava salva a paz doméstica... mentiras convencionais de Max Nordau.

Bendita aranha!

Bem merecias um museu!

Na casa, havia uma criada que sabia de uma velha negra feiticeira, possuidora de um método, especial e certo, para uma cura rápida de picada de aranha: a benzedura. Pois bem, até a isso o pobre paciente teve, no dia seguinte, que sujeitar-se, mas sem resultado algum.

Ainda Erhlich não descobrira o bom 606, depois magnífico 914, que dá à úlcera hunteriana uma rápida cicatrização.

Seu tratamento foi, pois, demorado. Muitas vezes ouvi minha tia afirmar:

- Para mordida de aranha, qual benzedura, não há nada como licor que de Van Swieten e umas injeções que o Vergueiro dá...

Ambos já são falecidos: ele de uma goma sífilítica cerebral, e ela, que levou para o túmulo a consoladora certeza de uma mordida de aranha, de uma lesão cardíaca.

Ainda nos seus últimos meses de vida, decorridos talvez mais de 20 anos, conversamos longamente a respeito e tive, mais uma última vez, ensejo de ver que ela estava convencida daquela grande verdade, que nunca tentei destruir: ao contrário, procurei sempre fortalecer.

Deus lhes dê o Reino da Glória. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 92-99).

Eis uma história familiar, que Vergueiro impediu de cair no esquecimento, não podendo deixar de confessar sua participação na trama. Previamente justifica-se, dadas: a relação de amizade e confiança com o tio, a distinção e a moral irrepreensível da tia e, em acréscimo à manutenção da paz doméstica, ele sustentou a história inventada. Porém, em outro caso, já no volume 2, “081. O meu anel”, o médico nos conta que, em 1911, uma das três vezes em que perdeu seu anel de esmeralda, quem o recuperou, na mesa de pôquer, foi

esse tio. Entretanto, não foi apenas neste caso que o médico ocultou o diagnóstico para evitar embaraço aos envolvidos, o que nos remete a um certo código de honra masculina<sup>200</sup>.

Não nos cabe julgar o procedimento dos indivíduos envolvidos, mas sim buscar compreender suas escolhas, de acordo com os hábitos e condutas da sociedade na qual estavam inseridos. A inclusão desta história, em que há cumplicidade entre o sobrinho médico e o tio, portanto, demonstra a existência de uma sociabilidade masculina:

[...] a sociabilidade é o jogo no qual se faz de conta que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e fazer de conta não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade. (SIMMEL, 1983, p. 173 apud TEDESCO, 2006, p. 194-195).

Nas décadas iniciais do século XX havia múltiplos espaços e formas de convívio atreladas a preconceitos de gênero entre os diferentes grupos sociais. O espaço público era frequentado, especificamente, por homens que tinham acesso ao lazer, aos jogos e à diversão, além das frequentes idas às zonas de prostituição da cidade. Já o espaço privado era o domínio das mulheres que deveriam cuidar da casa e da família, mantendo a moral e preocupando-se com a educação dos filhos.

A afirmação de que o tio, “como quase” todos os homens, era “um tanto quanto bilontra”, isto é enganador ou malandro, partiu de outro homem. Mas, ao contrário do que possa parecer, ele não insere o caso como acusação e sim atestando a sua fidelidade ao grupo através de um código de amizade, representado como opção consciente dos indivíduos envolvidos. Para os homens a masculinidade se caracterizava como virilidade, na capacidade de sustentar a família e manter a honra<sup>201</sup>. Tanto a “noção de honra como a de homem de honra são sancionadas pelos sentimentos de consideração por si próprio e pela vergonha”. (REMEDI, 2011, p. 200). Vergueiro escreve algumas interrogações que, provavelmente, vieram à mente daquele homem como um autojulgamento. Torna-se visível que os valores da honra são individualistas, muitas vezes, até egoístas, pois a falta dela acarreta vergonha e sofrimento.

<sup>200</sup> A nota “69. Tamancos” narra história de cumplicidade semelhante. O marido que vai à cidade com frequência, ao perceber que está com uma doença venérea, escreve uma carta e manda entregá-la para Vergueiro. O médico, a seu pedido, ocultou o verdadeiro diagnóstico da esposa. Ela presenteou o marido com um par de tamancos para que ele não pusesse os pés no barro, a fim de evitar que ele adoecesse novamente. (VERGUEIRO, 1935, v.1, p. 163-165).

<sup>201</sup> “Masculinidades são também marcas, como as feminilidades; são culturais. Conceitos de honra, macheza, virilidade, ou ternura, fragilidade, delicadeza são reproduzidos o tempo todo. Assim entendidas, as masculinidades são vistas, neste trabalho, como reafirmação dos papéis exigidos dos homens, num tempo em que homens e mulheres tinham lugares demarcados e apareciam nos discursos absolutamente separados, e assim exigidos na cultura e pela Nação”. (FÁVERI, 2005, p. 2).

Quando Vergueiro faz referência às mentiras convencionais – título da obra de Max Nordau<sup>202</sup> que possuía, e era quicá uma de suas leituras recentes - que garantiram a paz doméstica, está falando de defender a honra e a reputação do seu tio perante a esposa, a família e a comunidade. Segundo a visão da época: “[...] a honra deveria ser reafirmada e defendida constantemente, pois poderia a qualquer momento ser colocada em risco com insultos, comentários maldosos, declarações ofensivas e humilhantes”. (REMEDI, 2011, p. 11).

Porém, sob outro ângulo, na narrativa do caso nota-se o uso da ironia: uma mentira que se transforma em “grande verdade”. Ao falar de seu tio como “notável artista” e propor a construção de um museu para a aranha, ele deseja seu reconhecimento como ator, uma vez que fez o papel com “convicção, autoridade e seriedade”.

Graças à devida representação de Vergueiro, o plano funcionou. O anseio de ver reconhecida uma aptidão ou dom é um modo de diferenciar-se dos semelhantes. Esta manifestação é parte do processo de individualização das sociedades, no qual há desejo de se destacar dos outros, o chamado “ideal de ego do indivíduo”. (ELIAS, 1994, p. 118).

Os indivíduos não nascem, escolhem ou atraem este ideal, mas são criados de uma maneira que o aprendem na sociedade, aceitando o comportamento competitivo como evidente e natural<sup>203</sup>. Esse “ideal pessoal de realização individual” torna-se o norte das escolhas e dos projetos do indivíduo, tanto do ponto de vista profissional, quanto da escolha dos grupos e instituições que irá integrar, e das atividades de lazer e oportunidades. Pois, nesses meios, é que encontrará oportunidade de se destacar entre os demais indivíduos alcançando “respeito, aplauso e, muitas vezes, amor”. (ELIAS, 2004, p. 119).

Nessa situação, atuar como médico da família trata-se, para Vergueiro, de um “ideal de ser, ter ou realizar algo único e diferente, bem como a satisfação trazida por sua consecução”. (ELIAS, 1994, p. 118). Ao fazer, por exemplo, o balanço memorialístico, o autor tem presente o ideal de inscrever seu “lugar”, enquanto indivíduo, “na construção social da identidade” dos grupos e da sociedade a que pertenceu como: médico, pai, sobrinho, político, amigo, homem, etc. (VELHO, 1997, p. 46).

---

<sup>202</sup> NORDAU, Max. **As mentiras convencionais da nossa civilização**. Lisboa: Francisco Luiz Gonçalves, v. 1 - 2, 1909. Disponível no Acervo Nicolau Araujo Vergueiro, AHR.

<sup>203</sup> Nas Sociedades em que “o indivíduo é colocado numa competição estritamente controlada, mas bastante difundida” “se exclui a força física”. Trata-se de uma competição na qual estão em jogo oportunidades tidas como valiosas e dignas de empenho, segundo a escala de valores predominante em cada sociedade. Muitos indivíduos perseguem tais oportunidades, contudo apenas alguns as alcançam. As oportunidades são associadas a tipos de recompensa, tais como: “sentimento de realização, propriedade e poder, o de respeito e prazer, ou uma combinação de ambos”. (ELIAS, 1994, p. 120).

Queria apenas 100 casos; estou satisfeito; aqueles foram os primeiros. É provável que me venham outros à lembrança, e então continuarei a escrever. Não quebro hoje, pois, a minha obscura pena; guardo-a para prosseguir. Não lhe digo o nosso "adeus" palavra um tanto quanto dura e áspera, mas a despedida suave e graciosa dos nipões: "Sayonara" que me parece expressão mais doce e mais delicada, o "até breve" daquela gente valente, que vive, e trabalha, e luta e morre a sorrir, enigmáticamente...  
Sayonara... (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 100-103).

Nas "Notas íntimas – algumas reminiscências clínicas", apesar da ênfase do título, verificamos a recorrência de textos com teor político. Longe de um paradoxo, entendemos que o conhecimento científico aludido diretamente ou pelo uso de metáforas auxiliou o autor a traduzir os fenômenos da vida social e política. Ou seja, para Vergueiro, tanto o exercício da clínica, quanto da política, tinham o objetivo de contribuir para o bem coletivo e a moralização da sociedade<sup>204</sup>.

Retornando à conclusão da nota “101. Sayonara” (em 19 de agosto de 1935), Vergueiro declara “continuarei a escrever”. Portanto, ele consegue se comunicar consigo mesmo, avaliando a consistência do projeto que prossegue e ganha novas orientações<sup>205</sup>. Além de narrar lembranças de sua atuação médica, Vergueiro concede-se o direito de deixar aflorar reminiscências de cunho político partidário.

---

<sup>204</sup> Comunica a identidade do memorialista, por exemplo, o seguinte trecho que integra o “159. Discurso [de] regresso do exílio”: “[...] Na vida pública, duas grandes preocupações tenho tido: a medicina e a política. Da primeira fiz um sacerdócio, da segunda um sacrifício: sacerdócio obscuro, sincero, humilde, honesto, sem ridícula e pública exibição, mas com entranhado amor pelo meu próximo e caridade para com os desprotegidos da fortuna, e já disse Roldan: "rezar é bater às portas do céu, praticar a caridade é abri-las" - sacrifício, que não lastimo por estar convencido de que não há sacrifício inútil diante da grandiosidade da causa, que corporifica honra ideal, fê! De como sou médico, bem pode ser austero juiz de minha ação, em sentença inapelável o povo inteiro desta terra. Político, diretor, desde 1920, de um grande e glorioso Partido, tendo, por muitas vezes, enfeixados nas mãos os mais dilatados poderes, agi com absoluta serenidade e com extrema prudência, nunca exerci uma vingança, nunca cometi uma violência, sempre respeitei o adversário, e aí estão, como insuspeitas e presenciais testemunhas, desde os velhos maragatos até os meus mais ferrenhos inimigos de hoje, se é que, a estes, o ódio ainda não lhes embotou, de todo, a memória. Como homem, nunca pulei uma cerca, perverso libidinoso; nunca saltei um muro, sedutor sem escrúpulos; nunca penetrei um lar, gozador grosseiro, para aí deixar, como antônimo da moral, e por isso mesmo infamemente, uma nódoa indelével e uma vítima, lírio machucado rolando para o desgraçado abismo do ‘bas fond’ social... não terei que prestar contas à Proserpina [Perséfone]. Administrador nunca fui algoz de ninguém, procedi com justiça e com rigor de honestidade; os meus atos e relatórios pedem, até hoje, contestação e podem, a qualquer tempo, ser escalpelados. Falam-me, seguidamente, os íntimos, das víboras que criei, das hienas que alimentei, dos amigos falsos, dos simuladores de amizade, da ingratidão, mas esta é uma coisa que não me causa o menor espanto nem me produz o menor abalo, pois além de conhecer que ela é, quando surge, sempre proporcional ao bem que se faz, sei, como médico, que a amnésia é sintoma patognomônico nos degenerados de ordem moral. Essa gente anômala ilustra, todos os dias, o conceito de Augusto Comte: nada é mais fácil do que simular sentimento. [...]”. (VERGUEIRO, 1935, v. 4, p. 1-64).

<sup>205</sup> Velho (2003, p. 48) assegura: “Os projetos, como as pessoas, mudam. [...] A transformação se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial, em termos amplos”.

Nesse contexto, no qual é reconhecido um projeto de produzir memórias, julgamos pertinente acrescentar que:

*O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade. Ou seja, na constituição da identidade social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a memória e o projeto individual são amarras fundamentais. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória. (VELHO, 2003, p. 101, grifo do autor).*

Provavelmente, a estruturação e revisão desse projeto se devem a reavaliação da própria história, uma vez que era recente seu retorno do exílio. Pilla e Vergueiro têm em comum esta experiência, devido ao apoio que concederam à Revolução de 1932. Enquanto o líder libertador esteve no Uruguai, o republicano estabeleceu-se na Argentina. No contexto em que elabora suas memórias Vergueiro, como opositor político do governo de Getúlio Vargas, manifesta preocupação com a liberdade e a preservação da vida<sup>206</sup>.

Estes, como inúmeros outros políticos e intelectuais, viveram experiências de restrição da liberdade (exílio ou prisão), tal qual Graciliano Ramos, criador das *Memórias do cárcere* (1953), e Dyonélio Machado que, além da autobiografia *Memórias de um pobre homem* (1990), produziu quatro romances – *O Louco do Cati* (1942), *Desolação* (1944), *Passos Perdidos* (1946), *Nuanças* (1981). Para o último, tratava-se de sublimar, como costumava afirmar em entrevistas, suas experiências negativas, transformando-as em literatura.

Podemos classificar a produção dos memorialistas como uma escrita terapêutica. Suas reminiscências sugerem que foram vítimas da injustiça, deixando transparecer emoções como: sofrimento psíquico, humilhação, ressentimento, raiva. Num movimento prospectivo, as tarefas dos trabalhos de memória e de luto se prolongam no âmbito da cura terapêutica, como ideia de justiça. (RICOEUR, 2007, p. 100-101).

Tal registro, processado em vários níveis, pode indicar reflexão sobre si, luto, experiência traumática ou, enfim, a possibilidade de viver em paz com a experiência dolorosa. Nesse sentido, a situação de exilados gerou uma espécie de impedimento da condição plena de homens – posto que restringiu seus direitos e, ainda, o cumprimento dos deveres, como

---

<sup>206</sup> Exemplar sobre a preocupação com a liberdade dos demais presos políticos, é a resposta remetida em ofício do dia 10 jun. 1937 pelo Ministro da Justiça José Carlos de Macedo Soares, aludindo à representação enviada por Vergueiro em favor dos presos sem culpa (brasileiros e estrangeiros), no qual afirma que 300 pessoas foram libertadas, conforme “312. Um ofício”. Trata-se da ordem de libertação de presos políticos sem processo formado, vítimas da repressão à chamada Intentona Comunista que ocorrera em 1935, conhecida como “macedada”.

alimentar, proteger e sustentar a família. Nas décadas iniciais do século XX, a concepção de homem em vigor estava relacionada a estes aspectos, tendo ainda o trabalho como uma espécie de virtude capaz de libertar os homens. “Nos anos de 1930 e 1940, o trabalho retinha a ideia de virtude imbuída do liberalismo: ser cidadão era produzir riquezas, ter carteira de trabalho e estar moralmente dentro da concepção dos direitos e deveres para com o Estado, numa relação contratual entre o presidente e o povo, coletivo e abstrato”. (FÁVERI, 2005, p. 3-4).

Após a promulgação da Constituição em 1934, Vergueiro retorna a Passo Fundo e faz um longo e eloquente discurso, em 27 de julho de 1934, no Teatro Coliseu, transcrito na nota “159. Discurso Regresso do Exílio”. Primeiramente, ele alude às belezas e aos recursos naturais do Brasil, em seguida aos valores, dando ênfase ao patriotismo e às suas relações sociais. Menciona a dificuldade de suportar o exílio, a confortante esperança do retorno e a tranquilidade de quem não havia perdido a honra. Na sequência do discurso, encadeiam-se elementos referentes a essa injustiça:

Pátria, família, amigos, tudo e tudo, fizeram-me abandonar; não me fizeram, porém, perder a vergonha.

Arrebataram-me a liberdade de viver aqui; não me arrebataram a dignidade.

Meteram-me na cadeia; não conseguiram me fazer sair de joelhos.

Cassaram-me os direitos políticos; não me cassaram o direito de pensar.

Encerraram-me a clínica, o consultório, pão meu de cada dia; não me cerraram os olhos nem as portas da consciência. Perdi tudo quanto possuía, só conservei o melhor e o mais bem da vida: a honra pobre de dinheiro; rico de brios e de esperanças.

Perseguiram-me até a margem do rio Uruguai, no porto de São Marcos, essas formigas carnívoras, na ânsia de fome devoradora, e não me puderam curvar a coluna vertebral, amolecer a rijeza dos músculos, liquidar com as vibrações do cérebro e nem gelar-me o sangue nas veias, deixando a minha ossada a branquear no topo de uma coxilha, em contraste com a cor de algum famigerado negro "provisório".

Prenderam violentamente, demitiram arbitrariamente o meu filho, e Shylock, com o seu "pathos" notável confusionista, com ares de Rasputin e alma de Heliogábalo, conseguiu a minha repugnância cada vez maior: entre uma coisa assim e um vômito, prefiro o vômito.

O próprio governo do Estado, quinze meses depois, espontaneamente, o reintegrou ao seu cartório de 1º notário, reparando, d'est'arte, um erro e uma injustiça: erro, porque aquela exoneração foi um atentado à Lei; injustiça, porque meu filho não é responsável pelos meus atos.

A demissão de Ruy levantou protestos gerais. [...]

Esqueceram-se, porém de que quem semeia ventos só colhe tempestades; de que nada melhor, principalmente em política, que um dia depois do outro [...]. (VERGUEIRO, 1935, v. 4, p. 1-64).

Na medida em que Vergueiro explicita ter perdido sua liberdade de estar no Brasil, entre a família e os amigos, seu discurso evoca o conceito de “homem”. Assim, anseia pelo direito de manifestar seu pensamento e retomar sua participação política. De acordo com as representações masculinas em voga, ele expõe que se tornou improdutivo como médico,

portanto pobre e, incapaz de prover a família. Esse é um argumento que ele utiliza para mobilizar a opinião pública a seu favor, na medida em que se iguala ao patamar da maioria da população que conquista o sustento da família através do trabalho.

Outro aspecto importante, presente no pronunciamento, é o projeto de justiça, de caráter exemplar. A justiça é uma virtude voltada para o outro: “O dever de memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro, que não a si”. (RICOEUR, 2007, p. 101). Neste fragmento do discurso, Vergueiro refere-se ao seu filho Ruy, que foi destituído do cargo de notário, após sua fuga. Ambos teriam sido vítimas de perseguição de inimigos políticos.

Ao nos dedicarmos a esclarecer aspectos da escritura pessoal de Vergueiro, tornou-se evidente a necessidade desta prática, para seu autor. As “Notas íntimas”, espaço privilegiado de reflexão sobre si e rememoração, traduzem o processo de envelhecimento no qual o indivíduo une o passado e o presente. Valorizamos o emprego de tais fontes, uma vez que, se constituem como expressão da singularidade e comunicação da identidade de Nicolau Araujo Vergueiro.

A historiografia relacionada a temas como política e medicina, sobre a região de Passo Fundo, vêm sendo produzida, sobretudo, a partir de fontes impressas: periódicos e alguns relatórios das intendências. Então, a narrativa das experiências pessoais de Vergueiro representa uma renovação das fontes e a possibilidade de ampliação do conhecimento sobre as práticas médicas e políticas do início do século XX, na vida cotidiana. Tais estudos serão beneficiados pelos procedimentos de descrição da documentação do arquivo privado.

Como explicitamos ao comentar algumas especificidades da história de disponibilização destes escritos à comunidade, a doação do arquivo pessoal foi o início de um processo, que seguiu com a digitação e atualização ortográfica das fontes e a disponibilização na *web*. Esta tese também pode ser incluída no processo de difusão do acervo, na medida em que tem como objetivos revelar o conteúdo, proceder a análise dos documentos, buscar vínculos entre eles, indicar o contexto de sua produção, etc.

#### 5.4 Trajetória política: projeto, memória e ressentimento

Ansart (2004, p. 22), propondo uma reflexão sobre o conceito de ressentimento, enumera inicialmente “a inveja, o ciúme, o rancor, a maldade e o desejo de vingança” como sentimentos e emoções criadores deste tipo de emoção. Não são estas as características que temos em mente ao desenvolver a exposição, mas sim, “a experiência de humilhação, e igualmente a experiência do medo. A humilhação não provém apenas de uma inferioridade. Ela é a experiência do amor-próprio ferido, experiência da negação de si e da autoestima suscitando o desejo de vingança [...]”

Ao expor algumas características das memórias de Nicolau Araujo Vergueiro evidenciamos que seu projeto inicial era o registro de reminiscências clínicas, conforme ele explicitou diversas vezes. Todavia, enunciamos uma modificação na ênfase das narrativas ou a revisão do projeto, como assinalamos ao comentar o caso “101. Sayonara”. Devido ao estudo das palavras-chave, já adiantáramos o segundo tema mais abordado nas “Notas íntimas”: a sua atuação política como parlamentar, intendente municipal e chefe unipessoal do PRR local.

Nesse sentido, temos algumas considerações acerca da noção do projeto, que permitem interpretar a escritura pessoal e a trajetória de Vergueiro. A base ou o ponto de partida para pensarmos em projeto é a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher. (VELHO, 1997). Embora os projetos tenham sua dimensão interna e subjetiva, são elaborados em função dos paradigmas históricos e culturais da sociedade em que o indivíduo está inserido. Assim, não podemos ignorar que Vergueiro tem um projeto: a escrita de sua memória individual, na qual são feitas opções sobre o que irá incorporar, seja quanto aos temas ou às pessoas. Isso significa que a autobiografia foi feita com algum sentido, que não pode ser ignorado, posto que, é também finalidade política.

Na sequência, temos a figura 62 com uma pequena listagem a partir da qual constam no volume 6 várias notas. Entre elas temos temas variados, a questão dos juízos de valor, a indicação do bem que fez as pessoas, lembranças do tempo escolar e familiares.

Figura 62 – Relação de assuntos para incorporar às “Notas íntimas”

X	Herc. Am. Tuckers - em 1919	✓
2	Wag (Prov.) em Jan. de 1923	
X	Astro gildo apelo em Jan. de 1923	✓
4	Arminio Lito. em 1925	
5	Law. G. Chamurino - Eng. - Cas. - advec. em 25-12-1935.	✓
X	Notas promissoras -	✓
X	Desq. confisco. -	✓

- 961

Fonte: AHR

O V ao final das linhas indica incorporação do conteúdo ao manuscrito.

A lista (figura 62) demonstra que havia o planejamento de alguns textos que seriam incorporados. Essa é uma maneira de evitar o esquecimento e, ainda, de planejar o significado do que iria redigir. O projeto de recordar, para Vergueiro, coloca-se como condição para prosseguir a vida. As “Notas íntimas” são modalidades de manifestação da necessidade de memória numa sociedade moderna. (CANDAUI, 2011, p. 126).

Rapidamente, vejamos a nota:

#### 288. ASSOCIAÇÃO DOS CARTEIROS

Reproduzo textualmente o ofício que recebi em 9 de Maio de 1935, quando, no Rio de Janeiro, me achava hospedado no Hotel Avenida.

*Transcrevendo-o, como outros documentos, não o faço por vaidade, o que seria fútil e até ridículo, mas tenho apenas em mira a significação de, com exatidão, fazer sentir aos meus filhos e seus descendentes que não passei, por esta vida, inutilmente e em completa obscuridade.*

- ‘Associação Beneficente dos Carteiros - fundada em 25 de Janeiro de 1930 - sede: Avenida Rio Branco, 117. Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1936.

Exmo. Sr. Dr. Nicolau Vergueiro. A Associação Beneficente dos Carteiros, tendo em vista o valor pessoal de V. Ex., resolveu, em Assembleia Geral, extraordinária, realizada em 8 do corrente, aclamar o honrado nome de V. Ex. benfeitor da Casa do Carteiro, que é uma instituição para o bem estar da família dos carteiros.

Saúde e fraternidade

(assinado) Zacharias Rosa – secretário’.

Passo Fundo, 18 de Novembro de 1936. (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 183-184, grifo nosso).

Embora Vergueiro se atrapalhe na data em que recebeu o ofício, vemos uma grande preocupação em assegurar que o reconhecimento obtido na atuação parlamentar não fosse apagado. Para tanto transcreve no volume 7 notas sucessivas, explicando de quais entidade foi sócio fundador, doador, membro convidado, homenageado ou, ainda, apoiador (para a construção de prédios públicos, como o do Correio de Passo Fundo). (VERGUEIRO, 1936, v.7, p. 168-177). De modo reiterado, Vergueiro afirma que sua vida não foi obscura, que escreveu seu nome na história, sendo útil à sociedade, ajudando aos outros, seja como médico ou como político. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 39-42; 1936, v.7, p.1-3) As reminiscências são construções complexas entre história e ficção, misto de “verdade factual e verdade estatística” é por meio delas que ele exprime sua trajetória apresentando-a. a escrita autobiográfica visa dominar o passado e, a seguir, inventariar as lembranças. (CANDAUI, 2011, p. 71).

As “notas” de cunho político têm vários elementos: históricos, culturais e literários. Englobamos entre elas quatro tipos de documentos que foram transcritos, a saber, os contos ou crônicas de autoria de Vergueiro, correspondências (recebidas e expedidas), o material extraído dos jornais (entrevistas concedidas por Vergueiro, artigos autorais e artigos versando sobre ele ou pleitos eleitorais) e os discursos. Todos os registros, de algum modo, ilustram estratégias identitárias que operam na escrita de memórias contendo: sublimações, restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas e interpretações.

Todavia, à medida que sua escrita é intensificada, misturam-se relatos clínicos e políticos: são pacientes de Vergueiro os rivais políticos a quem ele prestou socorro. E assim, as narrativas clínicas transformam-se com comentários sobre trajetórias de políticos e cedem espaço aos discursos, que adquirem proporção significativa nos volumes 3 e 4.

Após a confirmação da primeira eleição para o cargo de Deputado Estadual, seu prestígio aumentou bastante. As notas transcritas de jornais, congratulando-o pelo aniversário, datadas de 1909 e 1910, reiteram que não era “um ambicioso em política” ou um militante que desejasse conquistar posições, visto que lhe foi oferecido o cargo de intendente do município e ele recusou. A unidade discursiva instituída nas memórias também nos permite refletir sobre a falta de aspiração, no que diz respeito a suceder a liderança no PRR local, Gervasio Lucas Annes, falecido em 1917. Embora mencione outros indivíduos, a saber, o próprio Gervasio Annes (em discurso, no ano de 1912) e Borges de Medeiros (através de telegrama, em 1917), alegando que teria condições de ser o próximo chefe do partido no município de Passo Fundo.

Parece ser uma questão complexa e contraditória, Vergueiro não aceitar a ideia de ocupar o cargo de intendente e, sobretudo, de líder partidário e, mesmo assim, eleger-se ao cargo de deputado estadual. Todavia, a posteriori, verificamos em sua trajetória duas eleições intencionais (1920-1924, 1928-1932) e um longo período na direção do PRR local, sem comentar as atuações parlamentares. Se acompanharmos as escolhas do indivíduo dentro do campo de possibilidades proporcionadas pela sua atuação, temos de considerar que “o projeto existe no mundo da intersubjetividade. Por mais velado ou secreto que ele possa ser, ele é expresso em conceitos, palavras, categorias, que pressupõe a existência do Outro”. (VELHO, 2003, p. 103). Desta forma, embora Vergueiro parecesse apenas “conceder” em seguir um percurso que lhe foi dado pelas circunstâncias, pois “não era um ambicioso em política”, acreditamos que a carreira seguida neste âmbito não deixou de estar no horizonte de escolhas pessoais. A seleção da nota d’*O Gaúcho* de abril de 1909, transcrita em “250. Uma apresentação política”, evidencia a importância concedida a esse campo.

Nesse sentido, o projeto foi captado “como instrumento básico da negociação da realidade” pela direção local e estadual do PRR, representada por Gervasio Annes e Borges de Medeiros, entre outros membros. Por mais que Vergueiro aspirasse esse posto ou projetasse assumir a liderança partidária, talvez isso não ocorresse racionalmente. O certo é que não foi expresso em palavras. Entendemos a consolidação da sua liderança como “resultado de uma deliberação consciente a partir das circunstâncias”: da situação política local, da ponderação e disposição dos demais membros partidários para assumir a liderança do Partido, bem como das características pessoais julgadas necessárias para exercer tal função. Enfim, talvez não se trate de plano arquitetado e consciente para assumir o poder.<sup>207</sup>

O caso a seguir aborda diversas temáticas: a política, a medicina e a religiosidade. O pequeno texto é um misto de humor e ressentimento. Alude ao investimento na carreira política e aos atendimentos prestados aos pobres:

#### 74. QUANTO P

Houve uma época de minha vida, de 1917 a 1924, em que quase abandonei a medicina, dedicando-me à política e a administração municipal.

Trabalhava, é verdade, nas horas vagas, mas o serviço não me produzia absolutamente nada; a clientela era constituída de: pobres, parentes, políticos, padres, provisórios, putas, p 5 da estrada de ferro e promptos. p...p...p...p...p...p...p...p.....oito!

Tinha muitas vezes, e não me arrependo, de fornecer dinheiro para a medicação,

<sup>207</sup> O texto em que Vergueiro comenta o discurso de Gervasio Annes pode ser contemplado na nota “252. O seu substituto”. A respeito do período de oposição a Pedro Lopes de Oliveira observar Vergueiro (1935, v. 4, p. 64-98). Trata-se do “160. Discurso pelo Conselho Municipal”. É um longo texto em que o político faz toda exposição e repete sua visão de como alçou a liderança do PRR em Passo Fundo. Sugerimos ler também Vergueiro (1935, v. 6, p. 47-49, 102-111).

dieta, enterro, não falando nas corridas de automóvel, sempre pagas por mim, mas isso tudo não era nada, diante das inevitáveis e não pequenas "facadas" de ordem política.

Quanto tempo e dinheiro perdi!

Deus, que é bom e cheio de justiça, e que, melhor de que ninguém, conhece, a fundo, o meu caráter, já tem e há de, por certo, continuar a me recompensar. (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 177-178).

Analisar o teor da nota, aqui, engloba compreender seu título: quantas palavras iniciadas com a letra “p”: Oito, enumeradas! Justamente o número de letras que compõe a palavra política, atividade que tomou muito tempo de Vergueiro. Além disso com “p”, iniciava o nome do seu principal rival na disputa pela liderança do PRR local: Pedro Lopes Oliveira<sup>208</sup>.

Coincide entre 1917 e 1924 o período situado por Vergueiro com a disputa ocorrida, em nível local no PRR, em torno da liderança do partido por duas facções, após a morte de Gervasio Lucas Annes. Essas contendidas em geral correspondiam a disputas entre os chefes locais do PRR. Segundo Axt (2007, p. 109) os grupos formados em torno deles, em geral visavam beneficiar-se com o tráfico de influências e comércio de vantagens. No entanto, em Passo Fundo, região do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, verificamos a disputa pela chefia unipessoal do partido entre um coronel e o profissional liberal. O Coronel Pedro Lopes representaria um modelo de continuidade, baseado na tradição rural, enquanto o “doutor” Vergueiro inserir-se-ia na dinâmica de urbanização, sem esquecer as raízes da família que se assentavam no campo.

Naquele momento, Vergueiro fora designado para participar de uma comissão executiva<sup>209</sup> do partido em Passo Fundo, em conjunto com Gabriel Bastos e Cel. Pedro Lopes de Oliveira. A imprensa local refletia a situação política, pois os diários, praticamente, se restringiam a fortalecer os grupos de interesses que os mantinham. Priorizando fatos políticos, o jornalismo “[...] enfocava personagens, exaltava afetos e destruía desafetos, atuando sempre

<sup>208</sup> Pedro Lopes de Oliveira (1865-1948) foi nomeado Major Fiscal do 45º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional, em 1891. Ocupou o cargo de intendente do município de Passo Fundo entre 1900 e 1908, e depois novamente, de 1912 até 1920. (MENDES; MIRANDA, 2011, p. 222).

<sup>209</sup> Axt (2007, p. 112) se refere a comissões executivas nos partidos republicanos locais formadas por cinco elementos, nos quais a maioria receberia três assentos e, a minoria, dois. O caso de Passo Fundo é atípico considerando o número de membros e também a maneira como foi composta, pois a orientação para a formação da comissão foi efetivada por Gervasio Lucas Annes, líder do partido e vice-intendente do município antes de seu falecimento. “A comissão executiva costumava ser mais importante que o conselho municipal, o qual, reproduzindo a sistemática da Assembleia dos Representantes, tinha atribuições meramente orçamentárias, e na prática, homologatórias. Além do orçamento, os conselhos faziam a apuração das eleições municipais. A divisão de cargos na comissão executiva costumava ser reproduzida nos conselhos. Quando duas facções entravam em conflito aberto, os conselhos tornavam-se palco de batalhas, mas em geral, as discussões e os impasses ali havidos tinham pouca repercussão”.

na medida de interesses particularizados, personalizando relações e, portanto, a tarefa jornalística”. (MARTINS; LUCA, 2006, p. 51).

Como já informamos em outro momento, rivalizando através da imprensa, os dois grupos receberam “apelidos” que identificavam os apoiadores de Vergueiro como vergueiristas, enquanto os de Pedro Lopes<sup>210</sup> eram conhecidos por lolicistas. Eles manifestavam-se através dos periódicos *A Voz da Serra* e *O Gaúcho*, respectivamente, na disputa em âmbito local pela condição de órgão oficial do PRR.

A queixa do autor sobre o fato de que seu trabalho não lhe rendia “absolutamente nada”, deve ser entendida no âmbito de ganhos monetários. Porém revertia-se em algum capital eleitoral e amplo capital simbólico. Sua orientação era oferecer atendimento médico aos pobres sem nada cobrar. Ponderemos pois, sobre essa clientela, a partir da pesquisa sobre a participação eleitoral no país, formulada por Nicolau (2002).

Se traduzirmos pobres por analfabetos, praticamente não teremos eleitores, porque, para se cadastrar eles precisavam escrever, no mínimo, o nome, de acordo com a Lei Saraiva (1881). Vergueiro comenta a dificuldade de cadastrar eleitores. (VERGUEIRO, 1935, v. 3, p. 36-39). Os parentes, pelo que podemos compreender, embora fossem eleitores, não costumavam pagar as consultas. (VERGUEIRO, 1935, v. 3, p. 71-76). Quanto aos políticos, estes eram qualificados como eleitores, mas, conforme Vergueiro esclarece, por sua orientação, não tinha o hábito de cobrar dos profissionais liberais. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 123-131). Os padres, em conformidade com a Constituição de 1891, estavam excluídos da condição de eleitores, da mesma forma que os soldados (provisórios e “prontos”) e os funcionários ferroviários. E as mulheres, independente da sua profissão, só puderam participar como eleitoras a partir de 1932.

Portanto, podemos supor que Vergueiro não atendia a clientela mencionada com o único objetivo de conquistar votos. Ele possivelmente se sentisse comprometido com os preceitos de Comte, em quem se inspirava, para o qual a medicina estava subordinada à moral, e havia uma extensão entre a saúde e a religião, “fazendo do médico, assim como do sacerdote, aquele que diz o que é preciso fazer e o que se pode esperar, que traz a resignação em nome de uma ordem superior quando a ação não pode modificá-la”. (WEBER, 1999, p. 36).

No excerto “74. Quanto p”, à medida que Vergueiro disserta sobre os pacientes que atendeu, revela através de expressões como “quase abandonei a medicina, dedicando-me à

---

<sup>210</sup> Relativo ao apelido do Coronel: Lolico.

política” ou “não me arrependo” seu projeto de tornar-se liderança política regional. Foi o projeto que permitiu a ele “negociar a realidade com os outros atores, indivíduos ou coletivos”. (VELHO, 2003, p. 103). O desejo de ser reconhecido como liderança política sobrepôs-se aos gastos, aos aborrecimentos e aos constrangimentos. Estava em jogo, no passado, o prestígio, a aspiração de destacar-se ligada a de estar, completamente, inserido na sociedade. (ELIAS, 1994, p. 124).

No entanto, ao compor o texto, talvez se perguntasse, de que valeu tudo isso, pois constata: “Quanto tempo e dinheiro perdi!” É, pois, um momento de avaliação em que racionaliza sobre o projeto de se tornar um político de notoriedade, do qual a atuação médica também fez parte.

[...] o objetivo de ser alguém único e incomparável, é acompanhado, muitas vezes, pelo de não se destacar, de se conformar. [...] Ninguém sabe ao certo se e em que medida o padrão de controle dos instintos e dos afetos que prevalece em muitas sociedades nacionais, assumindo por vezes um perfil bastante peculiar, e as pesadas renúncias que ele frequentemente impõe aos indivíduos são realmente necessários ao funcionamento adequado da rede, ou se seria igualmente eficaz um padrão diferente, menos devastador e menos repleto de conflitos. (ELIAS, 1994, p. 124-125).

Embora, como vimos, Vergueiro prestasse atendimento médico como filantropia, o fato de anunciar esta atitude em jornais (ver figuras 59 e 60) indica que ela não era desprovida de interesses. Podemos entrever aí que esperava retribuição, gestos de reciprocidade, e gratidão, os quais podiam se traduzir de várias maneiras, inclusive, como capital político. São latentes seus sentimentos de decepção, ressentimento e, principalmente, de desejo por reconhecimento de suas ações. Isto em especial quanto àqueles que o procuravam quando tinham problemas de saúde e financeiros<sup>211</sup>.

Em geral, são parentes e jovens oriundos de outras cidades que o procuram pedindo auxílio evocando amigos ou políticos que integram sua rede de relações<sup>212</sup>. Exemplar nesse sentido é o caso de Paulo Coutinho, como podemos ler no seguinte caso:

<sup>211</sup> A nota “234. Notas Promissórias” lista o nome de 19 pessoas e os valores das notas promissórias pagas por Vergueiro como avalista, a firmando que estão em seu arquivo.

<sup>212</sup> Mapeamos alguns exemplos de trajetórias nas quais Vergueiro menciona ter interferido: Lício de Miranda Villanova, que ocupou cargos de subintendente, delegado de polícia e intendente provisório (VERGUEIRO, 1935, v. 1, p. 102-105). Lauro Loureiro Lima foi “delegado de polícia, cuja nomeação consegui” (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 50-54). Edmundo Dalmácio de Oliveira – “aquele que nunca compreendeu a sinceridade de minha afeição, e, à sombra da qual viveu, subiu e galgou posições”. Afonso Gabriel de Oliveira Lima para quem conseguiu reintegração no cartório. Procorro Coelho Velasques, nomeado oficial de justiça. E, Moreno Araújo, primo que fora empregado na Intendência Municipal, ao qual o político destinava ainda quantias em dinheiro e atenção à saúde familiar. (VERGUEIRO, 1935, v. 3, p. 6-29, 71-76).

## 136. MAIS UM P

Vindo de Taquari, chegou a Passo Fundo, mais ou menos em 1923, ainda menino, o Sr. Paulo Coutinho.

Por ser neto do íntegro Bento Rosa, de quem era amigo e admirador, pelas suas grandes virtudes pessoais e políticas, procurei, desde logo, auxiliá-lo, satisfazendo suas constantes solicitações.

Consegui-lhe um pequeno emprego na Intendência Municipal e, daí, um melhor na Viação Férrea e, dentro de alguns meses, subiu, pois é inteligente, de categoria, mas teve de deixá-lo por incompatibilidade com o seu ilustre cunhado, Dr. A. S. R., engenheiro residente e com quem procedeu muito mal.

Dinheiro em pequenas quantias, de que nunca tomei nota, forneci-lhe várias vezes, e, para casar-se, dei-lhe, no Banco da Província, uma fiança de alguns contos de réis. Quando solteiro, fui o seu médico todas as ocasiões, e não poucas, que precisou, e ele mesmo, ouvindo-me falar dos PP da minha clínica, acrescentava o seu p: Paulo.

Foi nomeado, por indicação minha, escrivão de órfãos.

Depois do casamento, atendi-o e à esposa muitas vezes [...]

Sua filha, magrinha e fraquinha como eles, passou também a ser cliente diária, [...], eu a chamava, na intimidade, encrenca...

Tudo isso eu fazia, apenas por consideração e amizade, sem nunca ter auferido o menor lucro, nem o mais insignificante presente.

Consegui, mais tarde, a sua nomeação para Coletor Federal, de Carazinho, e, nesse interim, procedeu de modo nada digno [...]

No então 4º distrito de Passo Fundo, para onde se mudou, tive ensejo de ir atendê-lo e à sua família, como médico, e a minha custa, desde o transporte de automóvel.

Conhecia já os seus defeitos, mas era seu amigo e, por isso, procurava obscurecer o seu procedimento, tapando o sol com a peneira. (VERGUEIRO, 1935, v. 3, p. 83-89).

O autor esclarece que o apoio prestado a Paulo Coutinho foi concedido em virtude da integridade de seu avô Bento Rosa, que era político. No estabelecimento desta relação interpessoal distinguem-se laços invisíveis que se formaram entre os indivíduos, seja por causa da profissão, da propriedade, do instinto ou do afeto. (ELIAS, 1994, p. 22). Eles são as redes sociais que ligam as pessoas (mesmo consideradas individualmente) umas às outras, “de um modo muito específico através da interdependência”. (ELIAS, 1994, p. 50).

Por intermédio do parlamentar, que concomitantemente ocupava o cargo de intendente e chefe unipessoal do PRR de Passo Fundo, o jovem passou a trabalhar na Intendência Municipal e, em seguida, na Viação Férrea. A sua primeira nomeação foi para o cargo de Escrivão de órfãos e a segunda, para Coletor Federal em Carazinho. Mas não foi apenas na trajetória profissional que Vergueiro diz tê-lo beneficiado, acrescentando aos empregos somas em dinheiro e consultas médicas para Coutinho, a esposa e a filha.

Neste contexto, Vergueiro desfrutava do que chamamos de “poder”, que pode ser compreendido como “a extensão especial da margem individual de ação associada a certas posições sociais, expressão designativa de uma oportunidade social particularmente ampla de influenciar a auto-regulação e o destino de outras pessoas.” (ELIAS, 1994, p. 50). Essa capacidade de influir sobre os outros indivíduos e conceder benefícios, esperando alguma

reciprocidade, seja como apoio político ou votos, é conhecida como clientelismo. (CARVALHO, 1997).

Como veremos a seguir, ele contabiliza minuciosamente todo apoio que prestou a quem lhe decepcionou. Embora saliente não esperar nada em troca dos favores prestados, deixa transparecer que tinha, no horizonte de suas expectativas, o desejo de ver retribuídos os obséquios que concedera.

[...] Pois bem, com toda essa volumosa bagagem de benefícios recebidos, na questão política do município de Carazinho, foi aquele cara de fuinha, paladino da ingratidão, o meu maior inimigo, atacando-me em boletins e pela imprensa.

Colocou-se ao lado do Dr. Homero Guerra, de sólida e enorme fortuna, e que, a peso de dinheiro, pagando todos os compromissos de Paulo, vem mantendo a sua solidariedade.

Segundo me consta, já cobriu também alguns desfalques.

Esse indivíduo, por parentesco de sua mãe com a esposa do Dr. Borges de Medeiros, dizia-se na intimidade deste, a quem afirmava sempre a mais indefectível solidariedade e irrestrito apoio; e, por motivo da revolução de São Paulo, apoiou o General Flores de Cunha, atirando ao Dr. Borges as mais soezes [torpes] injúrias, nas suas frequentes excursões pelo interior do novel município. (VERGUEIRO, 1935, v. 3, p. 83-89).

Após a leitura dos casos “74. Quanto p” e “136. Mais um p” sobressai uma impressão sobre a revisão de Vergueiro: a de que está decepcionado com a política. Embora ele indique sua opção em ajudar aos demais, parece, em inúmeros momentos, aspirar elogios por sua atuação, mas não se trata apenas disso, quer aprovação. cremos que não seja apenas por vaidade que o político reitera o bem que fez ao próximo, mas com a finalidade de expressar suas emoções, dar vazão à mágoa pelas críticas de que é alvo.<sup>213</sup>

Essa decepção se generaliza, ultrapassa as relações verticais e a esfera local que estamos discutindo. Em “324. Atestado Médico”<sup>214</sup>, por exemplo, o autor revela o descaso

---

<sup>213</sup> Outras expressões de emoção, misto de ressentimento e raiva, são os textos “129. Cachorrada” (VERGUEIRO, 1935, v.3, p. 46-53) e “264. Piores do que cães” (VERGUEIRO, 1936, v.7, p. 6-9).

<sup>214</sup> “Nos últimos anos, muito se tem, neste país, escrito sobre exame médico pré-nupcial, mas os seus governantes, absorvidos, em geral, pela política, que lhes toma 80% das preocupações, têm, de modo censurável, posto de lado assunto de tamanha magnitude. Faço-lhes justiça de crer que não desconheçam a matéria, mas, esquecendo-se das gerações vindouras, pouco importa que sejam ignorantes e doentias, só vêm em sua frente a atual, única que lhe pode dar o voto e do qual depende sua carreira e, por isso, necessário se torna só sejam resolvidos problemas que digam diretamente com o imediato, embora efêmero, interesse popular: é preciso agradar a quem garante a estabilidade do poder. Esta atitude, até certo ponto, é natural e não merece acre recriinação, mas o revoltante é observar o seu excesso, de comum tocando às raias do ridículo e, de outro, o descaso com que encaram os temas de educação e de saúde, linhas basilares em que repousam o futuro e a felicidade do povo, merecedoras, como fonte essencial da vida, de especial atenção por quem responsável pelos seus destinos”. (VERGUEIRO, 1937, v. 8, p. 180-195).

que percebe advir dos pares na Câmara Federal. Observa que quando a pauta recai sobre temas das áreas de saúde ou de educação, tão caros a ele, a plateia é restrita.

No entanto, apesar da sua dedicação, do oferecimento de bens materiais e simbólicos, segundo a ponderação de Vergueiro, não houve reciprocidade da parte de Paulo Coutinho. O ressentimento do memorialista está expresso no desprezo, no rancor pela figura que, em 1930, passou a apoiar e integrar uma comissão pró-emancipação de Carazinho, então distrito de Passo Fundo. Essa campanha de emancipação originara-se em 1917 e já fizera solicitações nos anos de 1925, 1927 e 1929, as quais foram indeferidas. O político não comenta nas memórias sobre a emancipação de Carazinho, entretanto não era favorável a ela. (PRATES, 2001). Após a Revolução de 1930, a comissão reuniu-se com Flores da Cunha, em Porto Alegre, e foi avisada de que uma das regiões em litígio, Não-Me-Toque, não integraria o novo município.

O dia 24 de janeiro de 1931 marcou o dia da emancipação de Carazinho, englobando, entre outros, o distrito de Não-Me-Toque que era o “grande reduto eleitoral de Nicolau Vergueiro”, de acordo com Prates. (2001, p. 97). O Jornal *O Nacional*, noticiando a emancipação e a contrariedade dos líderes republicanos distritais, também transcreveu entrevista de Coutinho na qual afirmava que a população do referido distrito era favorável à anexação, sendo as atitudes das lideranças pessoais tardias.

P. C. é pequenino em tudo, mas o seu moral ainda é menor e mais feio que o seu físico.

Um tipo assim, de alma anfractuosa [tortuosa] e cheia de abismos insondáveis, onde não podem ser revoltas as suas profundezas, observado e estudado por Stefan Zweig daria certamente, assunto a um magnífico livro.

Arquivo de maldades, frasquinho de veneno, ou como diria Coelho Cavalcante, plegada de patife, ou ainda, medicamento, estreptococos virulento... Cruzes, diabo! (VERGUEIRO, 1935, v. 3, p. 83-89).

A decepção pela falta de compromisso “moral” de seu antigo amigo para com ele, nas lembranças recentes, é central em nossa interpretação. Aliara-se a um rival político, Homero Guerra<sup>215</sup>, escolhido primeiro intendente do município recém-emancipado, opondo-se aos interesses do amigo fiel, por questões financeiras. Então, é provável que Vergueiro tenha se

<sup>215</sup> No registro “230” encontramos a transcrição de “Duas cartas comprometedoras” - que Vergueiro afirma manter em seu arquivo. Em 1931, segundo ele, alguém se ofereceu para assassinar Homero Guerra, após a emancipação de Carazinho. Dada a insistência e, para evitar um desfecho trágico, Vergueiro chamou este homem até Passo Fundo, fazendo-o prometer-lhe que não mataria o adversário. A coleção de memórias tem várias narrativas que corroboram para a visão de que seu autor era contra a violência e a morte de pessoas. Sugerimos a consulta aos casos relatados no volume 6: “227. Um crime evitado”, “228. Proposta indecente”, “229. Plano que falha”, “231. Um incêndio”, “232. Um caso semelhante”, “236. Um fuzilamento malogrado”. (VERGUEIRO, 1935, v. 6, p. 44-59, 69-71).

enganado na data que foi procurado para emprestar o dinheiro (que deve ter ocorrido em 1930, ou anteriormente), registrando na memória como transcorrido em 1931, ano da emancipação carazinhense. O fato é que, doravante, Coutinho não possui nenhuma qualidade segundo a visão de Vergueiro, pois traiu a ele e também a Borges de Medeiros, ao apoiar o intendente Flores da Cunha, em 1932.

Ainda sobre esse assunto, temos mais duas importantes considerações. A primeira diz respeito à intensa amizade de Vergueiro e Borges de Medeiros. Enquanto a segunda reflete a dificuldade de Vergueiro em se relacionar com Flores da Cunha. Nesse sentido, é que podemos indicar um não dito do político nas memórias que, no entanto, foi localizado na pesquisa de Prates (2001, p. 98-99): a explicação de Coutinho sobre como conseguiu o vilamento, isso é, a agregação de Não-Me-Toque ao novo município. Na entrevista publicada em *O Nacional*, ele explicitou que foi visitar Borges de Medeiros em sua propriedade no Irapuazinho para consultá-lo sobre o assunto, no que fora apoiado e instruído. Ora, Vergueiro havia tratado do assunto com Flores da Cunha. Coutinho e os demais membros da comissão pró-emancipação de Carazinho sabiam que ele não concordava com a emancipação e caso esta fosse inevitável, o distrito de Não-Me-Toque não deveria ser incluído.

Depreendemos do caso que, usando do parentesco com a esposa de Borges de Medeiros, Coutinho consultou-o diretamente para conhecer sua posição, sem a mediação de Vergueiro, como era o costume dos republicanos locais, pois já conhecia sua posição. Essa ação revelaria a intenção de obter um lugar prestigiado entre o grupo de republicanos carazinhenses, embora não mencione que possam existir laços entre ele e o líder do PRR no Estado. (VELHO, 1997, p. 47). Ele busca a condição de mediador, da qual Vergueiro desfrutava:

Trata-se do universo das relações de poder, onde os *políticos* desempenham o crucial papel de *mediadores* [...]. Lidam com informações, acessos, prestígio, credibilidade, como instrumentos fundamentais para sua atuação. Transitam entre o poder público, em seus diferentes níveis, e o universo de eleitores reais ou potenciais, clientes, amigos e conhecidos, através de redes que cortam a sociedade vertical e horizontalmente. A atividade política, por outro lado, não está limitada aos políticos profissionais, constituindo-se em campo de atuação para lideranças de bairro, locais, comunitárias, sindicais etc.[...]. (VELHO, 2001, p. 26).

Então, partindo do pressuposto de que o capital de Vergueiro, como mediador, seja sua rede de relações, ela fica bastante estremecida na conjuntura. E ele expressou sua contrariedade ao líder do PRR na seguinte correspondência:

## 216. UMA CARTA INTERESSANTE

[...] Porto Alegre, 27 de Dezembro de 1931.

Exmo. Sr. Dr. Borges de Medeiros

Preclaro Chefe e Amigo

Respeitosas saudações.

Aqui me encontro, há dias, a chamado do nosso comum e distinto amigo, leal republicano Dr. Sinval Saldanha, a fim de tratar de assuntos de Carazinho.

Terça-feira próxima, dia 29, regressarei a Passo Fundo.

Antes de tudo, afirmo, com segurança, ao meu ilustre amigo que só mesmo o grande amor que tenho ao nosso Partido e a sincera dedicação que consagro ao meu Chefe, fazem-me permanecer firme, na estacada.

Estou, meu caro Dr. Borges, convencido de que amargos dias nos esperam, principalmente a V. Ex. como Chefe...

Sob o restrito aspecto partidário, a decantada "Frente Única" só nos tem trazido prejuízos, e grandes: os libertadores são os homens da moda e da época, e mais são os homens do peito do general Flores da Cunha, que procura, por todos os meios, desgostar, num gozo diabólico, todos os elementos amigos sinceros de V. Ex... parece até que oculta um plano...

Só há um meio de salvação: é V. Ex. vir para Porto Alegre, dar um grito, pois que os vivos, como eu e outros, estarão, como sempre, a postos; os adormecidos sairão dessa nefasta letargia e os desgostosos voltarão imediatamente às fileiras.

V. Ex. tem amigos, e em número não pequeno, amigos com A, e que não são como certos religiosos que só se lembram de S. Bárbara e de S. Jerônimo quando está trovejando.

Ausculte o preclaro Chefe, conhecedor dos homens como é, o coração dos seus verdadeiros amigos e correligionários, e fácil lhe será diagnosticar a enfermidade que está nos enfraquecendo e dissolvendo, e, principalmente, não se deixe enganar por certos repetidos protestos de solidariedade 'à la vie et à la mort'. O nosso Partido é um doente, que não vai bem, e o único médico para salvá-lo é V. Ex.

Ainda é tempo...

Tenho, às vezes, a nítida impressão de que procuram me desgostar para o meu natural afastamento. Enganam-se porque enquanto me sentir fortalecido com a sua amizade e com a sua solidariedade continuarei a frente da política de Passo Fundo e de Carazinho.

Tive, na presença do meu caro amigo Dr. Sinval, uma longa e 'amistosa' conferência com o general Flores da Cunha... pode ser um grande republicano, valoroso e digno, mas, quanto a mim, ponho-o de quarentena... e tenho a impressão de ter tomado um injeção de óleo canforado... queira a Deus que seja de efeito duradouro, o que não creio.

Vou, num grande esforço, procurar manter com o general as melhores relações, a fim de evitar em novo desencontro.

Enfim, mande suas ordens, as únicas que acatarei e cumprirei sem restrições.

O nosso dileto amigo, Dr. desembargador Armando Azambuja, a quem tudo relatei, poderá dar-lhe pormenores.

Sou, como sempre, o mesmo amigo e companheiro.

Pela sua saúde e cordialmente, o Dr. Nicolau Araujo Vergueiro.

- Guardo esse interessante documento em meu arquivo. (VERGUEIRO, 1936, v. 6, p. 21-26).

Segundo Prates (2001, p. 102), no período pós-30 Vergueiro foi envolvido numa crise política. A questão da emancipação de Carazinho e os ataques via imprensa, sobretudo no jornal *O Nacional*, e especialmente a posição favorável de Borges de Medeiros ao referido vilamento, são vistos como traição a Nicolau Vergueiro, por contrariar seus interesses: "As relações entre a chefia local e Irapuã não eram, pois, mais de tanta notoriedade; Nicolau

Vergueiro isolou-se de Porto Alegre – de Flores da Cunha – e de Irapuã – de Borges de Medeiros”. (PRATES, 2001, p. 103).

A avaliação do contexto é relevante: de fato o chefe unipessoal do PRR passo-fundense recebia críticas diárias, sua liderança passava a ser contestada, inclusive pela participação dos republicanos da região que atuaram na Revolução de 1930, e aguardavam, ansiosos, o retorno do país à constitucionalidade. Em acréscimo, há a situação humana, os seus próprios sentimentos, o sofrimento moral e a vaidade ferida. Sua versão dos fatos corrobora a ideia de que “tratando-se de homens públicos, mesmo as suas correspondências ‘pessoais’ trazem informações preciosas sobre os acontecimentos políticos”. (MOREIRA, 2012, p. 105).

Quanto à questão de traição, por enquanto, não há como saber se Paulo Coutinho usou o nome de Vergueiro junto a Borges de Medeiros. Ou ainda, se este concordou com a independência de Carazinho para redimensionar a posição social do líder local, ou se houve qualquer outro motivo. Mas a correspondência transcrita elucida que a relação não foi rompida, enfatizando que a amizade e a solidariedade do chefe conferem novo ânimo a Vergueiro em tempos difíceis, de restrição dos direitos constitucionais. Ao mesmo tempo, ele se sente no direito de alertar o líder do PRR sobre pessoas que apenas encenariam lealdade, acrescentando a necessidade de Borges de Medeiros, à semelhança de um médico, tomar uma atitude quanto à “doença” de seu paciente. Embora Vergueiro não precise o diagnóstico, cremos que apenas um membro do corpo do paciente estava enfermo, no caso o correspondente à região norte do Estado.

Sinval Saldanha é citado na missiva como um homem leal, pois foi secretário particular e representante político de Borges de Medeiros, além de ser casado com sua filha adotiva. (MOREIRA, 2012, p. 102). Com Saldanha, Vergueiro estaria resolvendo questões ligadas aos diretórios do PRR de Passo Fundo e de Carazinho, no que se envolveu em novas disputas com Homero Guerra, apoiado por Coutinho. Contudo, nesta nova questão, é indicado por Borges e pelas lideranças republicanas carazinhenses a assumir a chefia unipessoal do partido também na cidade vizinha<sup>216</sup>.

---

<sup>216</sup> Conforme Prates (2001, p. 136-139): “a permanência de Nicolau Vergueiro na chefia política do PRR de Carazinho leva-nos a concluir: que a forma como as duas facções tiveram representação no poder durante o período estudado [1930-1932] foi importantíssima para a decisão de Flores da Cunha e Borges de Medeiros, os quais fizeram algo em comum em política: acordos tácitos. Homero Guerra, além de ser jovem, não possuía carreira política. Portanto, a manutenção de Nicolau Vergueiro na chefia era uma decorrência da forma como se organizava o poder, pois ele fora o detentor da preferência do eleitorado na região por longos anos, angariando votos para si e para o PRR, o partido de Borges e de Flores. Assim, desprestigiá-lo nessa hora poderia significar descartar a base de sustentação política do PRR na região”.

Em “170. Discurso em Carazinho”, Vergueiro transcreveu um pronunciamento que fez em janeiro de 1932, reportando-se à situação das injúrias de que tinha sido alvo pela imprensa. Na nota, volta a manifestar seu ressentimento para com agressores aos quais havia prestado inúmeros favores. Acrescentou suas virtudes que o diferiam dos adversários, necessárias “para se vencer, ou pelo menos para se viver bem com a sua própria consciência”, tais como a “dignidade serena”, a “fé inquebrantável” e a “honra inamolgável”.

Outros dois aspectos merecem destaque na nota: a acusação de que jovens faziam intrigas e agressões por escrito, os quais são facilmente identificáveis: Coutinho e Guerra, e ainda, o fragmento de uma carta no qual Borges de Medeiros reconhece a sua fidelidade e mediação, significando continuidade dos laços:

Enganam-se, porém, aqueles que, daquela maneira, pensam abater-me o ânimo. Não, nunca, não me conhecem.

Estou acostumado a enfrentar essas tempestades, tanto mais quanto conto, e confio, na lealdade incorruptível dos meus amigos e correligionários, que são, quer queiram, quer não, a maioria política de Carazinho.

Esperemos um pouco... a volta do País ao regime constitucional não tardará e, em política principalmente, nada melhor do que um dia depois do outro. Não tomem esses moços a nuvem por Juno.

Não lhes critico por soltarem foguetes antes da festa e se lambuzarem de merengue antes do banquete.

A verdade surgirá à plena luz meridiana e há de ferir, por certo, a retina nebulosa de certos odientos escrevinhadores, que tem o gosto satânico da intriga e a volúpia do mal.

Não é, e não será ofendendo, agredindo, injuriando, mentindo que se conseguirá a harmonia, a paz, a ordem. Estas virão a seu tempo, como sequência natural dos fatos.

[...] Ainda há poucos meses, a propósito de certas ocorrências locais, respondendo-me à carta que lhe dirigi, escreveu-me o eminente chefe do nosso Partido: "Fique, pois, inteiramente tranquilo, e bem certo de que continuo a tributar-lhe o apreço que sempre mereceu-me, já pelas suas virtudes privada e cívicas, já pelos seus longos e valiosos serviços à causa republicana e ao Estado. Os seus méritos e títulos, consolidados através de um passado político, repleto de exemplos de abnegação, civismo e fé, partidária, o devem por a cavaleiro das dissensões, intrigas e malquerenças, que, em toda parte, soem ser os frutos venenosos das ambições e paixões desenfreadas".

Se transcrevo esse pequeno trecho da honrosa missiva, não o faço por vaidade, mas para atirar um balde de água fria em alguns espíritos inquietos.

Sinto bem, e perfeitamente integrado, com o Partido Republicano de Carazinho, que pode contar com a minha maior dedicação.

Não vejo fronteiras políticas entre Carazinho e Passo Fundo: somos os mesmos correligionários, cujos corações palpitam pela grandeza do mesmo ideal; somos os mesmos rio-grandenses que colimam a felicidade do Estado e somos os mesmos os mesmos patrícios unidos pelo amor à Pátria comum. (VERGUEIRO, 1935, v. 4, p. 164-175).

O cruzamento de dados entre a sequência de relatos – história, carta e discurso – associados a Vergueiro e sua rede de clientela permite, na atualidade, recuperar os sentimentos e as emoções dos atores.

Vergueiro pondera sobre a conduta de Flores da Cunha. Todavia, os interesses do interventor concentravam-se na manutenção do próprio cargo, através de um jogo habilidoso e ambíguo, no qual não desejava decepcionar nem Vargas, nem os líderes da Frente Única Gaúcha. (RANGEL, 2007, p. 24-25). Ao final da carta o remetente diz a Borges de Medeiros que, depois de sua conversa com o interventor, acha necessário colocá-lo em “quarentena”. Assim, Vergueiro não emite parecer adiando a decisão até outro exame, pois tem dúvida sobre os fins do interventor. Também há uma interessante análise do remetente sobre a Frente Única Gaúcha, composta por republicanos e liberais, a percepção de que Flores da Cunha poderia não ser totalmente confiável, diferentemente do que ajuizava Borges de Medeiros. O que Vergueiro, de fato, temia ocorreu no ano seguinte, por ocasião do movimento armado organizado por São Paulo.

Devido à perseguição e ao exílio que foram infligidos a membros do PRR e do PL na Revolução de 1932, e ainda pela “traição” de Flores da Cunha<sup>217</sup>, Vergueiro guardou profunda mágoa. Em “279. Reatando relações”, ele narra que somente em agosto de 1936 voltou a comunicar-se com o governador do Estado, pois este o procurou na Câmara dos Deputados.

[...] Em fins de Janeiro deste ano, depois da ata de 17 daquele mês, em que se estabeleceu, entre a Frente Única e o Partido Liberal, um "modus-vivendi" pelo qual passaram a colaborar, em caráter puramente administrativo, no governo do Estado, os meus amigos e companheiros Drs. Lindolfo Color e Raul Pilla, respectivamente secretários da Fazenda e da Agricultura, fui pelo Color e Luzardo *convidado a ter entendimento pessoal com o Flores, esquivando-me, com delicadeza, de tal, sob o fundamento de que ainda era cedo, de que, entre nós, existiam reservas pessoais e de que ainda não me esquecera do que passara eu no exílio e do que sofrera minha família, nesse tempo, em Passo Fundo.*

No dia 26 de Agosto último, encontrava-me, na Câmara Federal, em uma tribuna especial, em companhia do meu prezado amigo Arthur Lângaro e sua Exma. Esposa, D<sup>a</sup> Dejanira, quando senti que, amigavelmente, tocavam-me no ombro direito. Voltei-me rápido, e deparei-me frente a frente com o Flores.

A minha primeira impressão foi de que este se houvera enganado, e fiquei a olhá-lo firme e sério, em uma posição quase que de espanto. Mas o Flores, desde logo, sorridente, abraçou-me, dizendo: "Vergueiro, meu velho amigo, quanto prazer tenho em te ver e te abraçar". (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 156-160, grifo nosso).

Após esse fato, Vergueiro, estando em situação de convalescença, foi visitado por Flores da Cunha. (VERGUEIRO, 1936, v. 7, p. 164-165). O deputado, retribuindo a visita, viu o fato tornar-se notícia pelos jornais, e declarou o seguinte:

<sup>217</sup> De acordo com a interpretação de Rangel (2007, p. 25-26) “Para compreender melhor a traição de Flores da Cunha, é preciso acrescentar a sua racionalidade política e as características controvertidas de sua personalidade. Apesar de sua larga experiência nas tramas do poder, Flores era um homem emocional. Chorava com a mesma facilidade com que perseguia implacavelmente os adversários, tinha explosões de raiva rapidamente esquecidas e alimentava lealdade singular aqueles que se dedicavam a ele, sem esquecer que seu carisma pessoal e os contratempos oriundos da vida privada – em que não faltavam cavalos, mulheres e um casamento de aparências – faziam com que ele fosse um homem imprevisível e fortemente apegado às paixões.

Não tive, conforme se propalou, nenhuma conferência política com o general Flôres da Cunha. Fui, apenas, retribuindo gentilezas, fazer-lhe visita de cortesia: antes de tudo, prezo-me de ser educado. As minhas relações pessoais e de amizade sempre pairam acima e à margem das minhas crenças políticas. Fui dos últimos a reatar relações com o general Flôres da Cunha, e quando apertei a mão que S. S. me estendeu, o fiz sinceramente, e sem interesses ocultos, como é do meu feitio e do meu caráter. Não sou companheiro político do general Flôres da Cunha nem do Sr. Getúlio Vargas e, nesse dissídio entre um e outro, só lastimarei se no meu Estado, por força das circunstâncias, for perturbada a ordem pública, de que tanto carecemos nesta maré montante de desenvolvimento e de trabalho, em todos os setores da vida do Rio Grande do Sul. (VERGUEIRO, 1937, v. 8, p. 60-62).

De forma ainda mais rancorosa, Vergueiro se refere nas memórias às pessoas que estiveram envolvidas, em âmbito local, com a sua prisão e perseguição: Vazulmiro Dutra, Armando Annes e Lauro Loureiro Lima. No caso “110. De como se prende um médico”, conta que o Coronel Vazulmiro Dutra o atraiu até o quartel sob o pretexto de que estava enfermo e precisava dos seus cuidados. Quanto a Armando Annes, ele fora intendente do município, no período de 1924 até 1928, ou seja entre os mandatos de Vergueiro, sendo eleito com seu apoio. Após a prisão e exílio de Vergueiro, Annes assumiu novamente o cargo de intendente. Já Lauro Loureiro Lima, também teria obtido benefícios da posição social e da rede clientelar mediada por Vergueiro, sendo nomeado delegado de polícia.

#### 92. CALOTEIRO

Saí, da revolução de 1932, apesar de tudo quanto passei e sofri, de pé, de cabeça erguida, de consciência tranquila, de passo firme e de "lombo duro".

Não guardo ódio nem rancores, apenas piedade, mas sinto natural repugnância por duas pessoas, escarros sociais. De escarros, só se pode ter nojo...

Há nomes cuja pronúncia traz a boca o gosto de pus e, por isso, nem sequer tento balbuciá-los. Escrevo-os, entretanto, e sem receio de infecção, visto como tenho o cuidado prévio de munir-me de luvas de borracha. Armando Annes e Lauro Loureiro Lima, almas sombrias e monstruosas, capazes de todas as baixezas, de todos os horrores, capazes, como Nero, se tivessem poder e oportunidade, de mandar envolver, em estopa alcatroada, as suas vítimas, para, depois, largá-las incendiadas. [...] (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 50-54).

Na sequência da narrativa, o médico menciona algumas consultas, remédios administrados e atendimentos de urgência que prestou ao antigo correligionário e seus familiares. Pontuando que, no contexto da Revolução Constitucionalista, sua autoridade foi transferida a outros, gerando mágoa e ressentimento no reminiscente. Segundo ele,

Nesse interim, veio a revolução e, como delegado de polícia, cuja nomeação consegui, há tempo, procedeu comigo e com os meus do modo o mais indigno.

Pois bem, cobre a bagatela de 300\$000 por todo aquele trabalho, cuja conta lhe enviei quando, depois de preso duas vezes, fugira para a Argentina. Não quis, entre desaforos, satisfazer ao meu cobrador, por julgá-la excessiva: só valia, na sua opinião, 50\$000!

Até hoje não pagou, e não pagará nunca, relapso caloteiro, além do mais que, por decoro destas linhas, não quero adjetivar.

Deixo a pena, por duas horas, na esterilizante solução... (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 50-54).

É certo que a vida social se encadeia de forma processual, na qual a realidade é negociada pelos indivíduos. Os casos visados nos indicam que muitos pacientes buscavam o cuidado desse médico por reconhecer sua competência. As pessoas não concebiam necessidade de quitar os débitos, por julgar que esta seria parte de sua conduta médica (os anúncios nos jornais propagandeavam que não seria cobrado dos menos abastados), ou por avaliar que o profissional possuía vasto patrimônio, nesse caso consideravam uma benesse oferecida pelo médico, como político.

No entanto, a grande preocupação de Vergueiro, segundo nossa interpretação, não é com o dinheiro, mas com a falta de compromisso, de lealdade. Ele esperava apoio aos seus ideais, esquecendo que cada indivíduo tinha seus próprios projetos e ideais. Parece-nos que pouco lhe importava se pagavam pelos cuidados médicos, desde que fossem mantidos os laços e o respeito a sua autoridade como líder do PRR local e Intendente de Passo Fundo (no momento da deflagração da Revolução de 1932), pois, somente nesses casos houve enunciação da dívida. Todavia, se não ocorresse a quitação do débito, surgiria a acusação, e, assim, evidenciar-se-ia a falta de moral do devedor. Ou seja, o atendimento não era “gratuito” ou desinteressado como ele alega. Nem destituído da expectativa de retribuição, carregando a noção de que este tipo de negociação envolve o compromisso de “dar, receber e retribuir”.

Ele depositou confiança nos indivíduos ao ofertar-lhes cargos, mas não houve reciprocidade; seus interlocutores tornaram-se, afinal, opositores. Amargurado, Vergueiro registra as narrativas e acusações sobre a dimensão moral dos “inimigos”. Postula inúmeras vezes a possibilidade de contaminação, sua e da sociedade, pois tais comportamentos são capazes de desorganizar a “ordem natural”:

Por conseguinte, temos um verdadeiro complexo de demonologia em que fica caracterizado um comportamento perigoso, maligno, anormal, doente. Parte-se de uma divergência política e chega-se a caracterização de certos comportamentos como nocivos a toda vida social, sendo, portanto, moralmente condenáveis. (VELHO, 1997, p. 62).

Nesse sentido, temos de ponderar sobre a possibilidade de um “sistema de acusações como uma estratégia *mais ou menos* consciente de manipular poder e organizar emoções, delimitando fronteiras”. (VELHO, 1997, p. 59, grifo do autor). A rememoração de Vergueiro, como salientamos, tem forte caráter emotivo, o autor clama por atenção, pois percebe que suas intenções e atos não são reconhecidos pelas pessoas a quem beneficiou.

De acordo com essa percepção, em algumas dessas narrativas, Vergueiro sofre:

[...] a experiência subjacente a ideia do eu desprovido do nós, é o conflito entre, de um lado, a necessidade humana natural de afirmação afetiva da pessoa por parte dos outros e dos outros por parte dela e, de outro, o medo da satisfação dessa necessidade e uma resistência a ela. A necessidade de amar e ser amado é, em certa medida, a *mais vigorosa*, condensação desse anseio natural. Ela também pode assumir a forma da oferta e recebimento de amizade. Seja qual for a forma que assuma, porém, essa necessidade emocional de companhia humana, o dar e receber das relações afetivas com outras pessoas, é uma das condições fundamentais da existência humana. Aquilo de que parecem sofrer os que carregam em si a imagem humana de um eu desprovido do nós é um conflito entre seu desejo de relações afetivas com outras pessoas e a sua incapacidade de realizar esse desejo. (ELIAS, 1994, p. 165).

Quanto à questão de emissão de julgamentos, ou tomadas de posição, entendemos que tornam-se parte integrante da narrativa memorialística de Vergueiro. Segundo Bosi (1998, p. 453), “o sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica ‘neutra’”, pois deseja “reafirmar sua posição” ou matizá-la. Traduz o sentimento do autor, no contexto em abordagem, a fala de Ansart sobre o modo como o ressentimento se manifesta:

Se somos vítimas de indivíduos que nos prejudicam e ferem nossas liberdades, experimentamos e estimamos que estes indivíduos sejam malévolos, enquanto nós seríamos os bons. As forças que me são hostis são nefastas e perversas, enquanto eu próprio sou justo e inocente do mal que me é feito. [...]. (ANSART, 2004, p. 21).

Então, a perspectiva da escrita de si como memória inscreve-se como lembrança do passado longínquo e também recente, nesse caso, ainda muito doloroso: ligado à contestação política, à prisão, ao exílio. E a escrita foi uma forma, talvez terapêutica, para estar em paz consigo mesmo, poder prosseguir a vida ou morrer. Todavia, não sem antes contar-nos e legar-nos a sua história e a sua verdade sobre o que viveu, viu e sentiu.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar a evolução dos suportes da escrita de si, Hébrard (2000, p. 30) chama atenção para a abordagem “centrada na sensibilidade em relação ao tempo que passa e nos esforços do escritor para dele construir uma representação e uma memória” estável. Ponderando acerca das “Notas íntimas” de Vergueiro, embora diariamente registradas e datadas, o conteúdo dos casos narrados sequencialmente não segue ordenação temporal. Elas se reportam a qualquer acontecimento ou lembrança, entre a juventude do autor e os dias anteriores à escrita. Contudo, a construção/estrutura interna de alguns textos demonstra essa sucessão cronológica.

Destacamos a seguir um texto, que contém essa estrutura. Nele Vergueiro rende homenagem ao seu anel. O mesmo nos permite avaliar o significado biográfico do objeto: representa sua experiência de formação superior, profissional, política e familiar.

### 81. O MEU ANEL

Não seria possível a não ser por inexplicável sentimento de injustiça e de imensa ingratidão, que deixasse, nestas bóreas páginas íntimas, em que *recordo, saudoso e sozinho, ocorrências de três décadas de clínica*, de dedicar algumas palavras ao meu prezado anel de médico.

*Ele tem, profundamente ligado ao seu dono, a sua história, como permanente e muda testemunha de toda a minha atividade clínica, por isso que, sempre e sempre, trouxe-o comigo, e quantas vezes, como hoje, com amor e carinho, fito-o, em doce enlevo e misteriosa palestra.*

Consagro-lhe, confesso com sinceridade excepcional afeição.

Tenho, para mim, que o verde de sua esmeralda acalenta as minhas esperanças e maciça os meus pesares; que os seus doze pequenos brilhantes são a minha coroa de alegria ou de tristeza, de vitória ou de derrota, e que o *seu aro de ouro encerra, em sua amálgama, toda a seriedade e honradez com que exerci a profissão.*

*Anel e eu somos bons amigos e confidentes: ele enfrentará, impassível em sua matéria, a longevidade do tempo; eu, pobre mortal, terei que entregar, mais ou menos dias, o corpo à terra - "momento homo" - e a alma a Deus, e, por essa ocasião, desejo e quero que esse meu circunspecto companheiro de tantos anos seja imediatamente entregue ao meu querido filho Ruy, que bem o merece, não só por ser o meu melhor amigo, como também por ser um cidadão digno em melhor filho. Esteja, pois, tranquilo, meu anel; tenho absoluta certeza de que continuarás, em boa companhia, a ser amado, acariciado e, principalmente, venerado, por me haveres pertencido.*

- Adquiri-o, em 21 de Dezembro de 1905 por 1:200\$000, na joalheria de Pedro Leão Fcº, sita, naquele tempo à rua dos Andradas em Porto Alegre.

- No dia de colação de grau, 24 do mesmo mês e ano, serviu para todos os doutorandos: Heitor Annes Dias, Balthazar Patrício de Bem, Pedro Alexandrino de Borba, Júlio Mariath e eu, por ser então o amigo que possuía o distintivo simbólico.

- *Usei-o sempre no dedo anelar da mão direita.*

- *Perdi-o três vezes*: a primeira, em 1908, na Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre, onde deixei-o por esquecimento à cabeceira de um doente pobre e desconhecido, que, dois dias depois me entregou, em gesto de muita honestidade; a segunda, em 1911, ficou, por má advertência, em uma mesa de pôquer, e meu tio [...] restituiu-me na outra noite, e a terceira foi um caso interessante, em vários aspectos, - que, passo, com por menores, a relatar. Em 22 de Junho de 1920, fui à Nonoai atender uma conferência com o Dr. Carlos Meyer. O frio era intenso, e ao deitar-me

à noite, depois de longas passadas ao pé do fogo, em colchão de palha, recentemente cheio, por bondade do hoteleiro Picoli, senti algo que se movia em seu interior, e, após pesquisa, verifiquei que era um enorme ratão ali metido, no paiol, sem ser notado. Matei-o, e disse ao meu companheiro de quarto que, apesar de não ser supersticioso, ia ser vítima de um prejuízo. No dia 24 regressei a Passo Fundo, e no trajeto percorrido, cerca de 26 léguas, perdi o anel, não sei como e não sei aonde. A 25, ia fazer regressar o automóvel à sua procura, mas o mau tempo não o permitiu, pois choveu torrencialmente perto de 15 dias. Telegrafei ao Cel. Messias Berthier, ao Octávio Paraguaçu e outros residentes naquele povoado, avisando-os da perda, pois poderia algum desconhecido achá-lo. Confirmou-se aí o palpite do prejuízo. Em casa, conversando, lembrei que minha irmã Izaura, casada com o Dr. Dyonisio Cabeda Silveira, muito religiosa, me aconselhou certa vez, e disso tivera uma prova positiva na perda de uma joia de valor, que, quando perdesse algum objeto de valor, invocasse, com fé, a Santo Antônio, que eu o acharia, o que fiz, e essa invocação deu resultado positivo, como se vai ver. O Sr. Oscar Kerchner, viajando à cavalo, pela serra da Rondinha, picada de três léguas de mato, em cuja saída estava construindo um prédio, depois da chuvarada encontrou, por acaso, no lodo, uma ferradura. Como há, no sertão, de que aquela traz felicidade aos lares, e, por isso, se a vê comumente fixada à porta das casas, de preferência nas soleiras, apeou-se pra pegá-la e, que espanto, ao seu lado, semienterrado, estava um anel que, mais tarde, soube ser meu, e no dia 25 me entregou-o. Quis recompensá-lo com quinhentos mil reis, o que não aceitou. Verificaram-se por tanto, três originalidades: o prejuízo do ratão, a felicidade da ferradura e a invocação de Santo Antônio o que mais me impressionou. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 1-9).

Percebemos que mais do que um adorno ou joia, o “anel” de Vergueiro era símbolo de sua posição social. O objeto era um aspecto de sua identidade e, ainda, símbolo de distinção social, motivo pelo qual o seu dono o perdeu e o recuperou diversas vezes.

Embora seu núcleo familiar fosse reduzido, ele possuía parentela extensa na qual incluíam-se tios, primos, cunhados, concunhados e sobrinhos. Havia, ainda, outras pessoas que o estimavam, como aquelas que contatou na narrativa para localizar seu anel: amigos, pacientes, membros do círculo político ou profissional.

Como objeto biográfico o anel permaneceu com seu usuário e se tornou insubstituível. (BOSI, 1994, p. 441). No balanço memorialístico o narrador esclarece que não pode vender o anel profissional, pois como um talismã, este adquiriu valor incalculável ao longo da sua vida:

*- Não uso joia, a não ser essa, com que ando sempre; tem-me acompanhado por toda a parte, em clínica, em festas, em eleições, em combates, no exílio, etc. chego, às vezes, a acordar-me, à noite, para verificar se ele está sobre a mesa de luz, isso quando não durmo com ele no dedo, o que é frequente. Tenho o costume de passar o polegar direito, na face palmar do dedo, para senti-lo.*

*- Tratei uma doente histérica, por meio de hipnotismo, que dormia mal lhe dava a olhar a esmeralda que, pouco a pouco, ia lhe aproximando dos olhos. Nesse mesmo mister, a tenho usado muitas outras vezes.*

*- Costumo, quando em campanha, andar de lenço de seda ao pescoço, cujas pontas passo pelo seu interior, levando-o bem para cima.*

*- Dele perdi dois brilhantes: um em 1919, e outro neste 1935, e que foram, desde logo, substituídos.*

*- Certa vez, viajando de trem, de Santa Maria à Passo Fundo, vinha um belga, negociante de pedras preciosas, e, depois de, com atenção, examinar o anel, disse-*

me ter a certeza de que a esmeralda era proveniente da Colômbia, oferecendo-me, só por ela 2:000\$000, proposta que rejeitei. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 1-9).

Ao contar a história do anel, o dono fala de si, de como esse símbolo da profissão é importante para ele, da alegria de poder adquiri-lo quando os colegas não puderam fazê-lo. Do seu ato solidário de emprestar aos colegas. Da rede de sociabilidade que se dispôs a ajudá-lo a encontrar o anel. Além disso, marca sua atuação profissional: viajava para atender aos doentes, para conferenciar com outros médicos sobre a situação dos pacientes e, ainda nos revela o uso do mesmo no tratamento do hipnotismo.

Falando da experiência política e do exílio, no qual também o distinguia:

- *Quando da minha estadia, na República Argentina, em 1933-1934, causava certa admiração o uso desse anel, e me perguntavam rindo, principalmente as mulheres na sua eterna curiosidade, porque andava com esse "anillo de mujer", e eu lhes explicava a origem do símbolo: esmeralda, de médico; topázio, de farmacêutico; rubi, de advogado; safira, de engenheiro civil; turquesa de engenheiro militar; opala, de bacharel em letras; ametista, de padre, etc., o que acharam "muy original y gracioso". Lá, como na Europa, esse hábito é inteiramente desconhecido.*

- *É essa a história simples do meu anel de médico.*

- Rendo-te nestas linhas o preito sincero de minha admiração e amizade. (VERGUEIRO, 1935, v. 2, p. 1-9).

Vergueiro explica que naquele momento o anel está incorporado a ele. Porém, define que após sua morte deve ser transmitido, isto é herdado pelo filho Ruy, assim como as reminiscências são para sua descendência: Maria e Ruy.

No fim das contas, a transmissão é tanto emissão quanto recepção. A eficácia dessa transmissão, quer dizer, a reprodução de uma visão de mundo, de um princípio de ordem, de modos de inteligibilidade da vida social, supõe a existência de 'produtores autorizados' da memória a transmitir: família, ancestrais, chefe, mestre, preceptor, clero, etc. Na medida em que estes serão reconhecidos pelos 'receptores' como os depositários da 'verdadeira' e legítima memória, a transmissão social assegurará a reprodução social de memórias fortes. (CANDAUI, 2011, p. 124).

Verificamos que a biblioteca indica seu capital social e político na medida em que reflete sua sociabilidade com a parentela extensa, colegas de profissão e grupos políticos, entre outros. Temos livros com dedicatórias que remetem a diferentes momentos da trajetória de Vergueiro. Por exemplo, há aqueles oferecidos por outros exilados políticos, colegas da Assembleia dos Representantes e, em maior número, de seus pares da Câmara de Deputados. Porém, é preciso esclarecer que nem todos os livros que lhe foram presenteados representam vínculos de amizade, de reciprocidade ou de admiração. Alguns são encaminhamentos

formais entre os deputados. O fato de ser presenteado com livros indica que seu hábito de colecionar e dedicar-se ao hábito da leitura era notório entre seus contemporâneos.

Os livros que Vergueiro recebeu de outros médicos foram doados à biblioteca da Universidade de Passo Fundo, mas não foi possível consultá-los e conferir o teor destas dedicatórias. Sugerimos que sejam objeto de estudo de outra pesquisa, pois podem contribuir com informações sobre os médicos que atuaram na região nas primeiras décadas do século XX. Além disso, tais volumes tendem a conter alguma informação sobre os vínculos profissionais alimentados por Vergueiro.

A composição da biblioteca fez parte da formação intelectual de seu idealizador. As “Notas íntimas”, os discursos e os artigos publicados evidenciam seu gosto pela leitura e a atualização de Vergueiro em áreas como ciência, religião, filosofia, medicina e política e literatura. O cientificismo, que era uma tendência entre a elite intelectual e política brasileira nas décadas de 1920 e 1930, também está presente na expressão de seu pensamento. As influências das ciências podem ser apontadas em sua afiliação política no PRR, partido de matriz positivista; no interesse pelas obras de Gustave Le Bon, criador da psicologia das massas; na apresentação de projeto sobre o exame pré-nupcial e, em acréscimo, na série de artigos sobre a eugenia que publicou, bem como nos estudos de fenômenos e obras sobre o espiritismo.

Da mesma forma que a biblioteca, o texto que atualmente buscamos compreender se inscreve nessa perspectiva de transmissão, herança e legado. Se Vergueiro iniciou o projeto de escrita como uma tarefa ou questão terapêutica, compreendemos que o mesmo adquiriu outros significados ao ser desenvolvido. E como afirmou o autor no segundo volume, ele não quebrou sua pena, continuou a escrever. Assim, sugerimos que o mesmo possa ter descoberto o prazer da escrita, pois não deixou de praticá-la encontrando outros modos de escrever sobre si mesmo.

A análise de palavras-chave que predominam nos livros de memória demonstra variação, sendo que temos em alguns volumes predominância de narrativas vinculadas à medicina ou a publicações científicas dessa área, como é o caso dos volumes 1, 2 e 7. Ou ligados à esfera de atuação política, como é o caso dos volumes 4, 5, e 8.

Podemos afirmar que essas temáticas centrais representaram e orientaram, no momento da autobiografia de Vergueiro, a avaliação tática relativa a seus projetos, inicialmente, remanescente à atuação médica, seguido das relações sócio afetivas e políticas. Isso está certamente relacionado às circunstâncias vividas por ele. Entre elas podemos enumerar a primeira, indicativa da temporalidade profissional, ou seja, completar trinta anos

de clínica médica. A segunda, que alude à trajetória política, dado seu retorno recente do exílio e ressentimentos por experiências de perseguição, contestação e hostilidade a sua liderança na esfera regional.

As memórias surgem a partir da reelaboração e exprimem a identidade, colocando em evidência a aptidão de dominar o próprio passado para inventariar o que ficou no vivido. Esse tipo de autobiografia permite que o narrador confira ordem e coerência aos acontecimentos de sua vida que julga significativos naquele momento. Ao arquivar ou narrar sua vida o sujeito torna-se capaz de justificar seu destino:

Impõe-se, então, em toda sequência autobiográfica (narrativas de vida, mas também, de certa forma, as múltiplas práticas autobiográficas comuns que objetivam inscrever a 'singularidade do eu' tal como diários, egomuseus, trocas epistolares, arquivos pessoais de toda natureza), a recordação de uma trajetória ou de uma história de vida que, ao menos parcialmente, justificaria o destino individual. Além disso, o fato de dotar de coerência sua trajetória de vida satisfaz uma preocupação que podemos qualificar como estética: permite ao narrador transformar a seus próprios olhos a narrativa de si próprio em uma 'bela história', quer dizer uma vida completa, rica em experiências de toda natureza. (CANDAUI, 2011, p. 74).

É provável que cada indivíduo tenha consciência de que, algumas gerações após sua morte, será esquecido. O recurso empregado como produção de notas das experiências pessoais (entendido como conjunto monumental e escrita autobiográfica) pode, então, ser apontado, também como estratégia utilizada por indivíduos modernos para serem lembrados.

A constituição do arquivo, contendo bibliografia, recortes de jornais, correspondências, fotografias e, também os registros escritos feitos pelo próprio Vergueiro transmitem a representação que os outros faziam dele e, também, sua autorepresentação. A comunicação da identidade mapeada nas de escrituras evidencia, na etapa anterior ao exílio um indivíduo moderno, culto, bem-humorado, temente a Deus, que circulava entre diversos grupos sociais, exercendo a profissão da medicina sem distinção.

Foi possível verificar, na identidade produzida pelo médico em seu arquivo, a representação de um profissional que aplicava conhecimentos científicos, buscava inovar nos materiais e tratamentos que oferecia a seus pacientes. Mesmo assim, como o produtor do arquivo escreveu, preteriu a medicina em relação à política, que consistia no seu grande projeto.

Em relação aos projetos pessoais de Vergueiro percebemos que ele fez um grande investimento em sua carreira política, principalmente nas primeiras décadas do século XX, o que lhe valeu a posição de líder unipessoal do Partido Republicano Rio-grandense. Como político, uma reconhecida liderança, contrário ao uso da violência, mediador entre os

governos (municipais, estadual e o federal), os eleitores e o povo. Entretanto, segundo a avaliação feita nas memórias, o indivíduo deixa transparecer que esperava maior reconhecimento. Considerando-se prejudicado e perseguido por alguns rivais políticos, demonstra ressentimento, rancor.

Essas questões são (re)elaboradas por ele num outro projeto claramente delineado: a redação de sua autobiografia. As “Notas íntimas”, inicialmente projetadas apenas como “Algumas reminiscências clínicas” dos trinta anos de exercício da sua profissão conferem espaço para questões políticas. Elas exprimem a atuação de um médico competente e moralmente correto e, ao mesmo tempo, dão vazão as mágoas de um político frustrado pela falta de reciprocidade e de gratidão. Possivelmente, Vergueiro previa alcançar mais êxito ou posições mais prestigiadas. Todavia, ele exprime seus feitos em busca do reconhecimento familiar e da sociedade, mesmo que esse seja tardio. É provável que imaginasse para si um funeral com ampla participação pública, comoção e posterior edificação de monumentos, tal como os materiais da imprensa que colecionou em meio aos livros de sua biblioteca.

Fotografias com políticos ilustres como Borges de Medeiros, Getúlio Vargas, Perachi Barcellos e Ernesto Dornelles contribuíram para delinear sua história como protagonista político. Isto em consonância com a representação contida na lápide que o próprio Vergueiro encomendou para o jazigo da família. Nos parece que ele investiu seu capital econômico e social para obter capital político, aspirando tornar-se um político de projeção nacional.<sup>218</sup>

Além disso, a análise dos lugares de memória e de seu arquivo pessoal, permitiu-nos apreender o desejo, nem sempre consciente, por parte do titular, de transmitir uma representação de si à memória coletiva e de legar a sua versão dos fatos a história. Possivelmente, devido ao regime de historicidade em voga à época, é que ele se preocupou em guardar evidências de suas ações, tais como imagens, discursos e outros registros escritos. Estas fontes eram, para ele, provas e testemunhos de seu protagonismo. Chegamos a essa compreensão pois a escrita da “história mestra da vida” enfatizava as ações de grandes homens públicos, instituindo modelos.

Ao abordar o lento processo de patrimonialização de Nicolau Araujo Vergueiro, que já dura mais de sessenta anos, observamos os significados que são atribuídos a sua memória por grupos sociais privilegiados, sobretudo pelos médicos que atuam na cidade. A valorização da sua trajetória profissional é fruto de atualização da memória. A referência com a filiação

---

<sup>218</sup> A possibilidade de que Vergueiro acalentava tal projeto é assinalada pela reportagem, fixada em um de seus álbuns que sugere o seu nome como sucessor do presidente Getúlio Vargas no ano de 1930. O sucessor do presidente Getúlio Vargas no Rio Grande. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 07 nov. 1930 (álbum v. 1, p. 46).

política dificilmente poderá ser resgatada pois os partidos a que esteve associado cessaram suas atividades.

Durante a existência de Nicolau Araujo Vergueiro seu arquivo desempenhou inúmeras funções ligadas a suas atividades intelectuais, políticas, médicas e familiares. Como percebemos ao longo desta Tese o titular fez do próprio arquivo um repositório de suas memórias, das experiências individuais e ainda das compartilhadas com outras pessoas.

Percebemos que por mais de duas décadas Vergueiro rememorou suas vivências, julgando que a sua trajetória estava próxima do fim. Provavelmente, isto o levou a refletir sobre a morte e o envelhecimento. Nas memórias a questão é contemplada enunciando pessoas que morreram. Já nos documentos apensos aos livros avolumou-se a quantidade de notícias sobre falecimentos, ritos fúnebres e eventos dedicados a homenagear determinado político ou intelectual. Portanto, a documentação permite-nos aventar que Vergueiro fizesse projeções a respeito de sua própria morte e, também, a respeito das homenagens póstumas que lhe seriam dedicadas.

A análise do processo de produção de si, por meio do arquivamento de documentos, delineia os contornos da imagem que o titular desejava manter na lembrança dos conterrâneos: um benfeitor, homem pacífico e honrado. No plano intelectual, o arquivo projeta a imagem de bibliófilo e homem de letras.

Interessante notar que a documentação de seu arquivo lhe servia de repositório e, hoje tem uma função semelhante, para a sociedade e os pesquisadores: um repositório das representações produzidas pelo próprio Vergueiro sobre si mesmo, as pessoas com quem se relacionava, as ideias que circulavam e a cultura da sociedade brasileira do século XX.

## FONTES

Fotografias do acervo do Museu Histórico Regional de Passo Fundo (MHR).

JORNAL *A Voz da Serra*. Anos I, II, III e IV. Passo Fundo 1916- 1919. Acervo Digitalizado  
Localização: Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR)

JORNAL *O Nacional*. Passo Fundo: 22 jul. 1961-1964. Localização Arquivo Histórico  
Regional de Passo Fundo (AHR).

LIVRO Registro de Tombo n. 3 da Igreja Nossa Senhora da Conceição. Localização: Cúria  
Arquidiocesana de Passo Fundo.

NEVES, João. [Carta manuscrita, duas folhas]. 14 de março de 1928. [para] Nicolau Araujo  
Vergueiro. Localização: interior do livro: NEVES, João. **Por São Paulo e pelo Brasil**. 2.ed.  
[s.l.: s.e., s.d.] Arquivo privado Nicolau Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de  
Passo Fundo (AHR).

VERGUEIRO, Nicolau Araujo. [Carta manuscrita, 1 folha] [para] Eugênio Vergueiro  
Malheiros. Rio de Janeiro, 24 fev. 1946. Localização: Acervo da família em Passo Fundo.

VERGUEIRO, Nicolau Araujo. [Carta manuscrita, 1 folha] [para] Jovina Leite Vergueiro.  
Uruguaiana, 26 fev. 1934. Localização: Acervo da família em Passo Fundo.

VERGUEIRO, Nicolau Araujo. [Carta manuscrita, 2 folhas] [para] Maria Vergueiro  
Malheiros. Rio de Janeiro, 03 fev. 1946. Localização: Acervo da família em Passo Fundo.

VERGUEIRO, Nicolau de Araujo. **Contribuição ao estudo da anestesia geral pelo keleno**:  
These. Porto Alegre: Echenique Irmão, 1905. 111 p. Arquivo privado Nicolau Araujo  
Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR).

VERGUEIRO, Nicolau Araújo. **Notas íntimas** – Algumas reminiscências clínicas.  
Manuscrito. v. 1: iniciado em 11/07/1935, encerrado em 6/8/1935. Rio de Janeiro. 200 p.  
Arquivo privado Nicolau Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo  
(AHR).

\_\_\_\_\_. **Notas íntimas** – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. v. 2: iniciado em  
07/08/1935, encerrado em 04/09/1935. Rio de Janeiro. 200 p. Arquivo privado Nicolau  
Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR).

\_\_\_\_\_. **Notas íntimas** – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. v. 3: iniciado em  
05/09/1935, encerrado em 19/10/1935. Rio de Janeiro/Passo Fundo. 200 p. Arquivo privado  
Nicolau Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR).

\_\_\_\_\_. **Notas íntimas** – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. v. 4: iniciado em  
20/10/1935, encerrado em 06/11/1935. Passo Fundo. 200 p. Arquivo privado Nicolau Araujo  
Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR).

\_\_\_\_. **Notas íntimas** – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. v. 5: iniciado em 07/11/1935, encerrado em 08/12/1935. Passo Fundo. 200 p. Arquivo privado Nicolau Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR).

\_\_\_\_. **Notas íntimas** – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. v. 6: iniciado em 09/12/1935, encerrado em 05/03/1936. Passo Fundo. 200 p. Arquivo privado Nicolau Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR).

\_\_\_\_. **Notas íntimas** – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. v. 7: iniciado em 07/03/1936, encerrado em 20/11/1936. Passo Fundo. 200 p. Arquivo privado Nicolau Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR).

\_\_\_\_. **Notas íntimas** – Algumas reminiscências clínicas. Manuscrito. v. 8: iniciado em 21/11/1936, encerrado em 03/11/1937. Passo Fundo/Rio de Janeiro. 200 p. Arquivo privado Nicolau Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR).

VERGUEIRO, Nicolau Araujo. Discurso de agradecimento às homenagens dos médicos e farmacêuticos por completar 50 anos de formatura médica. Passo Fundo: 23 dez. 1955. Cópia datilografada. 7 f. [publicado no Jornal O Nacional. Passo Fundo, 27 dez. 1955, com o título “O coração do médico é cofre de todas as lamentações e manancial de todos os bálsamos”]. Arquivo privado Nicolau Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR).

VERGUEIRO, Nicolau Araujo. Discurso: exame médico pré-nupcial. In: **Diário do Congresso Nacional**. Ano 1, n. 20. Rio de Janeiro, 19 out. 1946. p. 369.

VERGUEIRO, Nicolau Araujo. [Carta manuscrita, 1 folha] [para] Eugênio Vergueiro Malheiros. Rio de Janeiro, 24 fev. 1946. Localização: Acervo da família em Passo Fundo.

VERGUEIRO, Nicolau Araujo. [Carta manuscrita, 2 folhas] [para] Maria Vergueiro Malheiros. Rio de Janeiro, 03 fev. 1946. Localização: Acervo da família em Passo Fundo.

VERGUEIRO, Nicolau Araujo. [Carta manuscrita, 1 folha] [para] Jovina Leite Vergueiro. Uruguaiana, 26 fev. 1934. Localização: Acervo da família em Passo Fundo.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. **Mappa Geographico do Município de Passo Fundo**: Mandado organizar pela intendência municipal. Passo Fundo: O Nacional, 1929. Arquivo privado Nicolau Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR).

MALHEIROS, Maria [Jesus] Canfild. **Entrevista sobre Nicolau Araujo Vergueiro: A família, a residência e o arquivo privado** [4 mar. 2016]. Entrevistadora Marinês Dors. (Sob a guarda do Arquivo Histórico Regional.) Passo Fundo. 7 f. (anexo 3 da Tese) Arquivo privado Nicolau Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR).

Morada dos Vergueiro 1906-1996. Vídeo. Av. Brasil Oeste, n.1056. Passo Fundo. [DVD] Acervo da família (fita cassete e cópia DVD) e Arquivo privado Nicolau Araujo Vergueiro/Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR) (cópia DVD).

Pasta do acadêmico Nicolau Araujo Vergueiro [1900-1905]. Secretaria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAMED-UFRGS).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996. 225 p.
- ABREU, Regina. “Tesouros humanos vivos” ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 83-96.
- AGULHON, Maurice. Visão dos bastidores. In: NORA, Pierre (Org.) **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Difel, 1989. p. 13-62.
- ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**. v. 4, n.7. Rio de Janeiro: FGV, 1991. p. 66-81.
- AMARAL, Sandra Maria do. **O teatro do poder**: as elites políticas no Rio Grande do Sul na vigência do Estado Novo. Ijuí: Unijuí, 2013. 392 p.
- ANGELI, Douglas Souza. **Como atingir o coração do eleitor**: partidos, candidatos e mobilização eleitoral em Canoas/RS (1947-1963). (Dissertação Mestrado em História) São Leopoldo: Unisinos, 2015. 227 f.
- ANNES, Alceu Oliveira. **Genealogia Lucas Annes**: Compêndio Ilustrado. Porto Alegre: PUC, 2012. 401 p. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/sebodigital/obras/GenealogiaLucasAnnes.pdf>>. Acesso em 23 fev. 2016.
- ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. (org.) **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2004. p.15-34.
- ARANTES, Antonio A. Patrimônio cultural e cidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (Orgs.) **Plural de cidade**: léxicos e culturas urbanas. Coimbra: CES/Almedina, 2009. p. 11-24
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. 370 p.
- ASSUNÇÃO, Alexandre Vergínio. **A simbólica do espaço escolar**: narrativas topoanalíticas. (Tese de doutorado em Educação). Pelotas: UFPEL, 2011. 229 f.
- AVILA, Ney Eduardo Possapp d'. **Passo Fundo terra de passagem**. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996. 136 p.
- AXT, Gunter. Coronelismo indomável: o sistema de relações de poder. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson. (Coords.) **República Velha (1889-1930)**. v.3, t.1 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul) Passo Fundo: Méritos, 2007. p.89-128.
- BARBOSA, Andresa Cristina Oliver; SILVA, Haike Roselane Kleber da. Difusão em Arquivos: definição, políticas e implementação de projetos no Arquivo Público do Estado de São Paulo. In: **Acervo**. v. 25. n.1 Rio de Janeiro: jan./jun. 2012. p. 45-66.

BASTOS, Gabriel. **Da mocidade à velhice**. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013. E-book. 112 p.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1990. 711 p.

BENVEGNÚ, Sandra Mara. **Décadas de poder: O PTB e a ação política de César Santos na Metrópole da Serra 1945-1967** (Dissertação de mestrado em História). Passo Fundo: UPF, 2006. 261 f.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília [et al.]. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 29-46.

BORGES, Luiz Adriano Gonçalves. **Senhor de homens, de terras e de animais**. A trajetória política e econômica de João da Silva Machado (Província de São Paulo, 1800 -1853). (Tese de doutorado em História) Curitiba: UFPR, 2014. 347 f.

BORGES, Viviane Trindade. "Pise forte neste chão, Arthur Bispo do Rosário está de volta": patrimonialização, biografia e memória na construção de um personagem ilustre. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: 2011. 13 f. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308158172\\_ARQUIVO\\_ANPUH\\_2011%5B1%5D%5B2%5D.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308158172_ARQUIVO_ANPUH_2011%5B1%5D%5B2%5D.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras: 1998. 488 p.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 183-191.

BRUM, Cristiano Enrique de. **O "Interventor da saúde"**: Trajetória e pensamento médico de Bonifácio Costa e sua atuação no Departamento Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul (1938-1943). (Dissertação de mestrado em História) São Leopoldo: Unisinos, 2013. 269 f.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e imagem**. Bauru: Edusc, 2004. 270 p.

CAMARGO, Helena Rotta de; BRENNER, Valesca Oliveira. Escola Estadual Nicolau de Araujo Vergueiro – EENAV. In: LECH, Osvaldo (Org.). **150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo**. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 186-187.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. 224 p.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: **Dados**. V. 40, n. 2. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>>. Acesso em: 08 out. 2013.

CASTRO, Henrique Carlos de O. de. Cultura Política: a tentativa de construção de um conceito adequado à América Latina. In: **Revista de Estudos e pesquisas sobre as Américas**. v. 2. n. 1. Jan./ jun. 2008.

COLUSSI, Eliane Lucia. **Aspectos da maçonaria em Passo Fundo (1876-1925)**. Passo Fundo: Ediupf, 1998. 31 p.

CONSOLIM, Marcia Cristina. Gustave Le Bon e a reação conservadora às multidões. In: **Anais do XVII Encontro Regional de História: O lugar da História**. Campinas: ANPUH/SPUNICAMP, 2004. 9 p. [CD-ROM]

CORADINI, O. L. O recrutamento da elite, as mudanças na composição social e a crise da medicina no Rio Grande do Sul. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. IV (2). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, jul./out. 1997. p. 265-286.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia a república: momentos decisivos**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 361 p.

DAMATTA, Roberto. Os caminhos para Deus. In: **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004. p. 57-68.

DAMIAN, Marco Antonio. **Eleições em Passo Fundo: dados históricos**. Passo Fundo: Berthier, 2010. 172 p.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Partido políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, JORGE; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs). **O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 127-153.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, catolicismo e gauchismo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. 372p.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009. 440 p.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 201 p.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. **Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)**. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 147-257.

FÁVERI, Marlene de. Guerra e papéis masculinos: reflexões na perspectiva de gênero. In: **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**. Londrina: 2005. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1429.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2014.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 215 p.

FERRETTO, Diego. **Passo Fundo: estruturação urbana de uma cidade média gaúcha**. (Dissertação de mestrado em Arquitetura e urbanismo) São Paulo: USP, 2012. 176 f.

FIGUEIRÓ, Raquel Braun. **O médico, a raça e o crime: a apropriação das teorias raciais pelo médico porto-alegrense Sebastião Leão no final do século XIX**. (Dissertação de Mestrado em História) UFF, 2014. 170 f.

FLACH, Ângela; CARDOSO, Claudira do S. C. O sistema partidário: a redemocratização (1945-64). IN: GOLIN. Tau; BOEIRA, Nelson; GERTZ, René. **República: Da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)**. Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 4, p. 59-82. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

FORJAZ, Djalma. **O senador Vergueiro sua vida e sua época (1778-1859)**. São Paulo: Diário Oficial, 1924. 568 p.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. 254 p.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 1992. 161 p.

FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Capanema: o ministro e seu ministério**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 73-102.

GAGLIETTI, Mauro. **Dyonélio Machado e Raul Pilla: médicos na política**. Porto Alegre: IEL, EDIPUCRS, 2007. 381 p.

GATTI, Isaura de Moura. **Partido Social Democrático: formação e fragmentação em Passo Fundo (1945-1950)**. (Dissertação de mestrado em História) Passo Fundo: UPF, 2008. 141 f.

GERHARDT, Marcos. Patrimônio ambiental regional. In: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita Policarpo (Orgs.). **Momento patrimônio: volume III**. Erechim: Graffoluz, 2015. p. 115-13.

GIUMBELLI, Emerson. O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes antropológicos** [online]. 2003, v.9, n.19, p. 247-281. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832003000100011>>. Acesso em: 28 set. 2015.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

\_\_\_\_\_. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊA, Maria de Fátima S. (Orgs.) **Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 21-44.

\_\_\_\_\_. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: **Estudos Históricos**. n. 21, v. 11. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 121-129.

\_\_\_\_\_. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. In: **Estudos históricos**. v. 6, n.11. Rio de Janeiro: FGV, 1993. p. 62-77.

\_\_\_\_\_. A biblioteca de Viriato Corrêa: incursões sobre a leitura e a escrita de um intelectual brasileiro. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). **O Brasil em dois tempos: história, pensamento social e tempo presente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 143-165.

GOULART, Gabriela Tosta. **"Independente, não neutro."** Poder e imprensa no norte do RS (1916-1930). (Dissertação de mestrado em História). Passo Fundo: UPF, 2014. 175 f.

GRIJÓ, Luiz Alberto. **Origens sociais, estratégias de ascensão e recursos dos componentes da chamada "geração de 1907"**. (Dissertação de mestrado em Ciência Política). Porto Alegre: UFRGS, 1998. 243 f.

GRILL, Igor Gastal. Parentesco e política no Rio Grande do Sul. In: **Antropolítica**. n.18. Niterói: UFF, 2005. p. 127- 150.

GUERRA, François-Xavier. El renacer de la História Política: razones e propuestas. In: ANDRÉS- GALLEGO, José. **New history, Nouvelle Histoire: hacia una nueva história**. Madrid: Actas, 1993. p. 221-245.

GUSMÃO, Sebastião Silva. Pavie: um dos pioneiros da moderna medicina de Minas Gerais. **Revista Eletrônica de História do Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, v. 5, n. 1, set. 2002. p. 48-54. Disponível em: <<http://www.clionet.ufjf.br/rehb>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 29-61.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 124 p.

HEYMANN, Luciana Quillet. **O Lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Contra Capa / FAPERJ, 2012. 238 p.

\_\_\_\_\_. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (Orgs.) **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 67- 76.

\_\_\_\_\_. **Estratégias de legitimação e institucionalização de patrimônios históricos e culturais: o lugar dos documentos**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2009. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/1835.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1835.pdf)>. Acesso em: 31 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. **De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”**: reflexões acerca da produção de “legados”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/1612.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1612.pdf)>. Acesso em: 31 ago. 2014.

JUNGBECK, Benhur. Arquivo Histórico Regional (AHR). In: LECH, Osvandré (Org.). **150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo**. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 362-363.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Entre coronéis e doutores – A afirmação política de Nicolau de Araujo Vergueiro em Passo Fundo/RS (1916-1920). In: **Oficina do Historiador**. Porto Alegre: Edipucrs, v. 1, n.6, jan./jun. 2013. p. 105-125.

LACERDA, Lilian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 81-107.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LECH, Osvandré. Nicolau de Araujo Vergueiro. In: LECH, Osvandré (Org.). **150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo**. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 110-111.

LECH, Osvandré; DONADUSSI, Ruy C.; TARASCONI, Juarez C. (Orgs.). **Academia Passo-Fundense de Medicina: História, patronos e acadêmicos**. Passo Fundo: Méritos, 2008. 176 p.

LECH, Osvandré; LECH, Marilise Brockstedt (Org.). **75 anos da Academia Passo-fundense de Letras - 1938-2013: história, patronos, acadêmicos e ações em prol da cultura**. Passo Fundo: Méritos, Corag, 2013. 312 p.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000. 266 p.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 167-182.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. **Por uma História política**. Tradução Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 141-184.

LIA, Cristine Fortes. Os imigrantes judeus no Rio Grande do Sul e as identidades religiosas. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n. 9, jan./2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em 25 set. 2014.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 29-60.

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Memórias e narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 13-37.

MACHADO, Zélia Vasconcellos. **Viagem no tempo: da Europa aos primórdios de Passo Fundo**. Porto Alegre: Razão Bureau editorial, 2006. 168 p.

MACIEL, Maria Eunice. A eugenia no Brasil. In: **Anos 90**. n. 11, Porto Alegre: UFRGS. p. 121-143.

MADALOSSO, Carlos Antonio; DAMIAN, Marco Antonio. **Fatos relevantes da história da medicina em Passo Fundo**. Passo Fundo: Passografic, 2012. 168 p.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Unesp, 2006. 135 p.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade**. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. 112 p.

MENDES, Jeferson dos Santos; MIRANDA, Fernando Borgman Severo de. **Passo Fundo: o passo das ruas**. Passo Fundo: Méritos, 2011. 286 p.

MIRANDA, Fernando Borgmann Severo de; MACHADO, Ironita Policarpo. Lugar de Passagem: toponímia e patrimônio. In: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita Policarpo (Orgs.). **Momento patrimônio: volume II**. Passo Fundo: Aldeia Sul; Berthier, 2013. p. 45-61.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Exílios, eleições e buxinas de chifre: Arquivos privados, memória e patrimônio (os acervos Synval Saldanha e Borges de Medeiros – AHRS)*. In:

**Mouseion**. n. 11 Canoas: Unilasalle, jan.-abr. 2012. p. 98-115 Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/294/272>>. Acesso em: 24 out. 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. In: **LPH: Revista de História**. n.6, 1996. p. 92-100.

NASCIMENTO, Welci. **Um sonho: 1954-2014**. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2014. 104 p.

NASCIMENTO, Welci; DAL PAZ, Santina R. **Vultos da História de Passo Fundo**. 2. ed. Passo Fundo: Berthier, 2010. 144 p.

NICOLAU, Jairo. A participação eleitoral no Brasil. In: VIANNA, Luiz Werneck. **A democracia e os três poderes no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ/FAPERJ, 2002. p. 255-296.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. n. 10. São Paulo: PUC, 1993. p. 07-28.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. **Descrição e pesquisa: reflexões em torno dos arquivos pessoais**. Rio de Janeiro: Móbile, 2012. 176 p.

PALANDI, Eduardo. Prefácio. In: MARDEN, Orison Swett. **Como alcançar o sucesso**. São Paulo: Rai, 2011. p. 4-7.

PAULO, Heloisa. Exilados e imigrantes: exílio, sobrevivência e luta política. In: MOURÃO, Alda; GOMES, Ângela de Castro. **A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014. p. 455-470. Disponível em: <<https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/35886>> Acesso em 25 ago. 2016.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990. 335 p.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil: o presente no passado**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. 232 p.

PEZAT, Paulo. Leituras e interpretações de Auguste Comte. IN: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson; GERTZ, René. **República: República Velha (1989-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 3, t. 2. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul). p. 29-78.

PINTO, Celi Regina J. **Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)**. Porto Alegre: L&PM, 1986. 111 p.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. v. 5, n. 10. Rio de Janeiro: FGV, 1992. p. 200-212.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: FGV, 1989. p. 3-15.

POMIAN, Krzysztof. História cultural, história dos semióforos. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p.71-95

POSSAMAI, Zita Rosane. As artimanhas do percurso museal: narrativas sobre objetos e peças e museu. In: **Mouseion**. v. 4. Canoas: Unilasalle, jan./jun. 2010. p. 64-72.

PRATES, Ana Maria da Rosa. **A trajetória de Nicolau de Araujo Vergueiro na história política de Passo Fundo – RS (1930-1932)**. (Dissertação Mestrado em História) Passo Fundo: UPF, 2001. 256 f.

PROST, Antoine. PROST, Antoine. Les monuments aux morts: Culte républicain? Culte civique? Culte patriotique? In: Nora, Pierre. **Les lieux de mémoire**. v. 1. Paris: Gallimard, 1984.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. O governo de Flores da Cunha. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson. (Coords.) **República: da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985)**. v.4 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul) Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 17-37.

REMEDI, José Martinho Rodrigues. **Palavras de Honra**: um estudo acerca da honorabilidade na sociedade sul-rio-grandense do século XIX a partir dos romances de Caldre e Fião (Tese doutorado em História) São Leopoldo: Unisinos, 2011. 307 f.

RÉMOND, René. **Por uma História política**. Tradução Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 472.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 15-38.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al.]. Campinas: Unicamp, 2007. 536 p.

RIOUX, Jean-Pierre. A associação em política. In: RÉMOND, René. **Por uma História política**. Tradução Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 99-139.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. O Castilhismo e as outras ideologias. IN: GOLIN. Tau; BOEIRA, Nelson; GERTZ, René. **República**: República Velha (1989-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 3, t. 1. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul). p. 57-88.

ROSA, Luísa Grigoletti Dalla. **História saúde e poder**: as instituições hospitalares em Passo Fundo nas décadas de 1910 e 1920. Passo Fundo: Méritos, 2007. 228 p.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. Tradução Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda, 2010. p. 104.

ROSSO, Miriam Marachin; SIQUEIRA, Rosimar Serena. Formação educacional e cultural em Passo Fundo. In: DIEHL, Astor Antonio (Org.). **Passo Fundo**: uma história, várias questões. Passo Fundo: Ediupf, 1998. p. 89-100.

ROUSTON, Eduardo Junior. **Não só do pão do corpo precisa e vive o homem, mas também do pão do espírito**: a atuação federalista na Assembleia dos Representantes (1913-1924). (Dissertação Mestrado em História) Porto Alegre: PUCRS, 2012. 338 f.

RÜCKERT, Aldomar A. **A trajetória da terra: ocupação e colonização do centro-norte do Rio Grande do Sul – 1827/1931**. Passo Fundo: Ediupf, 1997. 201 p.

SANTARÉM, Argeu. **República dos Coqueiros: histórias e estórias do Passo Fundo**. Não Me Toque: Santo Antônio, 1984. 120 p.

SANTOS, Frederico Santos dos. A sopa do Pobre da Sociedade Espírita Ramiro D'Ávila: a caridade como uma relação hierárquica. In: Weber, Beatriz Teixeira; Zanotto, Gizele (Org.). **Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul: espiritismo e religiões mediúnicas**. São Paulo: Anpuh, 2013. p. 151-176.

SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. Arquivo pessoal, ciência e saúde pública: o arquivo Rostan Soares entre o laboratório, o campo e o gabinete. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; SANTOS, Paulo Roberto Elian dos (Orgs). **Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2012. p. 21-50.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. **Pau que nasce torto, nunca se endireita? E quem é bom, já nasce feito? Esterilização, saneamento e educação: uma leitura do eugenismo em Renato Kehl (1917-1937)**. (Tese de doutorado em História). UFF. Rio de Janeiro: 2008. 257 f.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 423-512.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Em Busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas**. Porto Alegre: Palmarinca, 2004. 510 p.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 184 p.

SCHWARTSMANN, Leonor B. **Olhares do médico viajante: Giovanni Palombini no Rio Grande do Sul (1901-1914)**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. 214 p.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 164 p.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos da memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. (org.) **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Unicamp, 2004. p. 37- 58.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; SANTOS, Paulo Roberto Elian dos (Orgs). **Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2012. 192 p.

SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória: Trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Unesp / FAPESP, 1999. 155 p.

SOUZA, Renato Vilela Oliveira de. Santos-Dumont e as caricaturas: uma história cultural da aviação. In: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e; SANTOS, Paulo Roberto Elian dos (Orgs). **Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2012. p. 51-74.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **A Política Biológica como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932).** (Dissertação de Mestrado em História das Ciências da Saúde) FIOCRUZ. Rio de Janeiro: 2006. 220 f.

SPALDING, Jandira Maria Cecchet. Quadro da evolução distrital do município de Passo Fundo – RS – 1857- 1990. In: OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. **Annaes do município de Passo Fundo: Aspecto histórico.** Passo Fundo: Ediupf, 1990. p. 52-53.

TEDESCO, João Carlos [et. al.]. **Georg Simmel e as sociabilidades do moderno: uma introdução.** Passo Fundo: UPF, 2006. 217 p.

TRINDADE, Héliogio; NOLL, Maria Izabel. **Subsídios para a História do Parlamento Gaúcho (1890-1937).** Porto Alegre: Corag, 2005. 176 p.

VELHO, Gilberto. Biografia, Trajetória e mediação. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (org.). **Mediação, cultura e política.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 13-28.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 152 p.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas.** 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 140 p.

VENANCIO, Ana Teresa A. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. In: **Estudos Históricos.** n. 36. Rio de Janeiro: jul.- dez. 2005. p. 59-73.

VENANCIO, Giselle Martins. **Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 295 p.

VIEIRA, Felipe Almeida. **“Fazer a classe”:** identidade, representação e memória na luta do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul pela regulamentação profissional (1931-1943). (Dissertação Mestrado em História) Porto Alegre: UFRGS, 2009. 221 f.

VOITECHEN, Fábio. **O exame pré-nupcial nas páginas da imprensa jornalística, nas teses médicas e na constituinte: 1926-1934.** (Dissertação de Mestrado em História) UFSC. Florianópolis, 2015. 136 f.

WEBER, B. T. **As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-grandense – 1889-1928.** Santa Maria: UFSM. Bauru: EDUSC, 1999. 250 p.

ZANOTTO, Gizele. Espaços cemiteriais em evidência: de lugar de lembrança a local de conhecimento. In: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita Policarpo (Orgs.). **Momento patrimônio: volume III.** Erechim: Graffoluz, 2015. p. 31-47.

ZANOTTO, Gizele; SILVA, Antônio Augusto Pereira da; GASTALDON, Daiana Brachak. “Orientador sai do prelo”: A difusão do Espiritismo nas páginas da imprensa prosélita de Passo Fundo (1948-1952). In: Weber, Beatriz Teixeira; Zanotto, Gizele (Org.). **Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul: espiritismo e religiões mediúnicas.** São Paulo: Anpuh, 2013. p. 47-80.

## SITES

“A grande família”. Disponível em:

<[http://www.jbcultura.com.br/gde\\_fam/pafg31.htm](http://www.jbcultura.com.br/gde_fam/pafg31.htm)>. Acesso em: 01 mar. 2016.

ACADEMIA Passo-Fundense de Letras. Disponível em: <<http://www.apletras.com.br/site/>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

ACADEMIA Passo-Fundense de Medicina. Disponível em: <<http://www.academiamedicinapassofundo.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ARQUIVO Histórico Regional. Disponível em: <<http://www.upf.br/ahr/>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

Begliomini, Helio. Cadeira n. 86 – Patrono Nicolau Vergueiro (1851-1924). Disponível em:

<<http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/193/BIOGRAFIA-NICOLAU-PEREIRA-DE-CAMPOS-VERGUEIRO.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

Bonow, Germano. Homenagem à memória do médico e político sul-rio-grandense, Nicolau de Araújo Vergueiro. Disponível em:

<<http://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=174.4.53.O&nuQuarto=13&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=10:20&sgFaseSessao=BC&Data=17/08/2010&txApelido=GERMANO BONOW, DEM-RS>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

CENTRO Espírita de Caridade Dias da Cruz. O surgimento do Espiritismo em Passo Fundo: Pequeno histórico até os dias de hoje. Disponível em: <<http://www.diasdacruz.org.br/o-surgimento-do-espiritismo-em-passo-fundo-pequeno-historico-ate-os-dias-de-hoje/>>. Acesso em: 29 set. 2015.

DADOS gerais e localização do Município de Nicolau Vergueiro. Disponível em: <<http://www.nicolauvergueiro.rs.gov.br/portal1/intro.asp?iIdMun=100143252>>. Acesso em: 29 out. 2014.

HOSPITAL Psiquiátrico Bezerra de Menezes. Disponível em: <<http://www.hcpf.com.br/page/is/sobre/ver/10>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

IBGE. **Estatísticas do século XX**. 29 set. 2003. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/29092003estatisticasecxxhtml.sht>>. Acesso em: 08 out. 2014.

JEAN Martin Charcot. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JeanMart.html>. Acesso em: 27 set. 2016.

JORNAL *O Nacional*. Disponível em: <<http://www.onacional.com.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

Jungbeck, Benhur; Benvegnú, Sandra Mara (Orgs.) [et al]. **Catálogo do Arquivo Histórico Regional Acervos Privados: Fundo Nicolau Araujo Vergueiro**. Passo Fundo:

AHR-UPF, maio 2013. 165 p. Disponível em: <<http://www.upf.br/ahr/images/stories/acervo-nicolau-araujo-vergueiro.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

MAPA dos municípios do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/estado/rs/estado-rio-grande-do-sul-municipios-nomes.png>> Acesso em: 27 jul.2016.

NICOLAS Camille Flammarion. Disponível em: <<http://www.camilleflammarion.org.br/biografia.htm>>. Acesso em: 25 set. 2015.

NOSSA história. Disponível em: <<http://www.hcpf.com.br/page/is/sobre/ver/3>> Acesso em: 02 ago. 2016.

PREFEITURA Municipal de Nicolau Vergueiro. Disponível em: <<http://www.nicolauvergueiro.rs.gov.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

PREFEITURA Municipal de Passo Fundo. Disponível em: <<http://www.pmpf.rs.gov.br/>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

PROGRAMA de Pós-Graduação em História UPF. Disponível em: <<http://www.upf.br/ppgh/index.php/sobre-o-ppgh>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

PROJETO Passo Fundo. Disponível em: <<http://www.projetopassofundo.com.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

QUEM foi Gedeon Leite? Disponível em: <<http://www.sopadopobre.com.br/quem-foi-gedeon-leite/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

VERGUEIRO web site. Disponível em <<https://www.myheritage.com.br/site-307163031/vergueiro>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

## ANEXOS

## ANEXO 1 - CRONOLOGIA DE NICOLAU ARAUJO VERGUEIRO

Ano	Data	Evento
1879	16/07	Casamento de João de Campos Vergueiro e Carolina Araujo
1882	07 /03	Nasceu em Passo Fundo
1882	15/08	Recebe o sacramento do batismo
1887	19/08	Nascimento da irmã Izaura
1892		Recebe o sacramento da eucaristia
1892	15/08	Falecimento do pai João de Campos Vergueiro
1893		Ingressou no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo
1896		Matriculou-se na Escola Brasileira, em Porto Alegre
1900	01/03	Ingressou Faculdade de Medicina de Porto Alegre
1900	09/03	Falecimento da mãe Carolina Araujo Vergueiro
1900-1903		Adesão ao PRR
1903		Formou-se em Farmácia
1905		Formou-se em Medicina
1906	11/01	Casou-se com Jovina Desessards Leite, em Taquari (conforme certidão de casamento)
1906	25/01	Instalou o consultório na Farmácia dos Pobres, em Passo Fundo
1906	15/12	Nascimento do filho Ruy
1908		Presidiu o Clube Pinheiro Machado
1908-1909		Atuou como Presidente do Conselho Municipal
1909		Elegeu-se Membro da Assembleia de Representantes
1909	05/09	Nascimento da filha Maria
1910-1912		Integrou a diretoria da loja maçônica Concórdia do Sul, como orador.
1912		Atuou no Conselho Municipal
1916		Atuou no Conselho Municipal
1916	31/12	Posse de Vergueiro como presidente da Diretoria do Clube União Comercial
1919		Nomeação da Rua Dr. Nicolau Vergueiro
1920		Assume a chefia unipessoal do PRR de Passo Fundo
1920-1924	15/11	Elegeu-se e é empossado Intendente Municipal
1921	11/08	Assume a presidência do Esporte Clube Gaúcho
1925		Foi nomeado médico da Caixa de Aposentadorias e Pensões, em Passo Fundo (para atender aos funcionários da Viação Férrea)

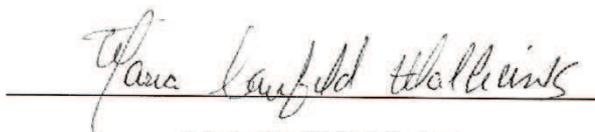
<b>Ano</b>	<b>Data</b>	<b>Evento</b>
<b>1928</b>		Elegeu-se Presidente da Assembleia dos Representantes do Estado
<b>1928</b>		Casamento de Maria Vergueiro e Honorino Malheiros
<b>1928-1932</b>	15/11	Elegeu-se e é empossado Intendente Municipal
<b>1929</b>		Elegeu-se Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul
<b>1929</b>	26/06	Nascimento do neto Eugênio
<b>1930</b>		Organiza e lidera a tomada do 8º R.I
<b>1930-1931</b>		Assumiu a presidência da Sociedade Passo-fundense de Medicina
<b>1931</b>	11/04	Nascimento da neta Carolina
<b>1932</b>	05/09	Prisão por solidarizar-se a Revolução Constitucionalista
<b>1933</b>	21/01	Nova prisão
<b>1933</b>		Período de exílio na Argentina, cidades de Buenos Aires e Los Libres
<b>1934</b>	06/03	Retorno ao Rio de Janeiro após o exílio
<b>1934</b>	28/07	Regresso a Passo Fundo após o exílio
<b>1934</b>	31/07	Pronuncia o discurso de retorno do exílio em sessão cívica no Teatro Coliseu de Passo Fundo
<b>1935</b>		Reelegeu-se Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul
<b>1935</b>	11/07	Inicia o registro do manuscrito Notas íntimas – Algumas reminiscências clínicas
<b>1936</b>		Elaboração do projeto de lei do exame pré-nupcial Publicação de série de artigos em defesa da eugenia
<b>1938</b>	07/04	Participa da fundação do Grêmio Passo-fundense de Letras
<b>1939</b>	30/06	Nascimento do neto Nicolau
<b>1940</b> <b>década</b>		Loteamento da propriedade de Nicolau Araujo Vergueiro, surgimento da Vila Nicolau Vergueiro
<b>1945</b>		Participação da criação do PSD
<b>1945</b>		Reelegeu-se Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul
<b>1949</b>	02/07	Casamento do neto Eugenio V. Malheiros com Maria Jesus Buaes Canfield
<b>1950</b>	6/05	Nascimento da bisneta Sandra Jovina
<b>1950</b>	03/10	Eleição para deputados federais: Vergueiro não se elegeu
<b>1951</b>	25/08	Nascimento da bisneta Vera Maria
<b>1955</b>	27/09	Casamento de Carolina V. Malheiros com Júlio Galvez
<b>1955</b>	23/12	Recebe homenagem dos médicos e farmacêuticos pelo jubileu da formatura
<b>1956</b>	06/01	Recebe homenagem dos amigos e clientes pelo jubileu de formatura

<b>Ano</b>	<b>Data</b>	<b>Evento</b>
<b>1956</b>	11/01	Celebração das Bodas de ouro do casal Nicolau e Jovina Vergueiro
<b>1956</b>	16/03	Faleceu em Passo Fundo
<b>1957</b>		Escolhido para patrono da cadeira de nº28 na APL
<b>1958</b>	29/11	Decreto Estadual n.9729 denomina Nicolau de Araujo Vergueiro o antigo anexo da Escola Normal Oswaldo Cruz
<b>1959</b>	10 /03	Nascimento da bisneta Maria Eugênia
<b>1960</b>	10/05	Nascimento do bisneto Eugênio Filho
<b>1961</b>		Doação dos livros de medicina da biblioteca NAV para a SPU
<b>1964</b>	02/09	Inauguração do busto de Nicolau Araujo Vergueiro no largo fronteiro à residência da família Vergueiro, na Avenida Brasil
<b>1996</b>		Demolição da residência da família Vergueiro
<b>2002/3</b>		Escolhido para patrono da cadeira de nº30 na APFM
<b>2009</b>		Instituição da Medalha Nicolau Araujo Vergueiro pela APFM
<b>2011</b>	01/11	Assinatura do termo de doação dos bens relativos ao acervo histórico do médico Nicolau Araujo Vergueiro entre Nicolau Vergueiro Malheiros e a FUPF
<b>2013</b>	20/05	Inauguração da sala do arquivo de Nicolau Vergueiro e abertura para visitação e pesquisa no AHR.

**ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISAR NO ARQUIVO PRIVADO****Autorização**

Eu Maria Canfild Malheiros, registro de identidade 3005443142, viúva de Eugênio Vergueiro Malheiros, autorizo Marinês Dors, registro de identidade 2062923129, a pesquisar nos materiais e documentos que pertenceram a Nicolau Araújo Vergueiro que estão sob a guarda do Arquivo Histórico Regional- AHR da Universidade de Passo Fundo- UPF e também nos documentos que lhe concedi acesso, que estão sob minha guarda. Autorizo também a publicação dos resultados das pesquisas.

Passo Fundo, 04 de março de 2016.



Maria Canfild Malheiros

**ANEXO 3 – ENTREVISTA SOBRE NICOLAU ARAÚJO VERGUEIRO****ENTREVISTA SOBRE NICOLAU ARAÚJO VERGUEIRO:  
A FAMÍLIA, A RESIDÊNCIA E O ARQUIVO PRIVADO**

Historiadora Marinês Dors

Entrevistada Maria [Jesus] Canfield Malheiros

Data de realização: 04 mar. 2016

Local: Rua Capitão Araújo, 551, Apartamento 901.

1. Marinês: Após casar-se com Eugênio Vergueiro Malheiros, a senhora passou a residir na mesma casa que Nicolau Vergueiro. Gostaria que comentasse sobre os hábitos da família. Com a presença de Vergueiro, a rotina se alterava?

**Maria:** Ele recebia muita gente sempre na biblioteca, políticos e amigos. Ia também ao consultório com o dr. Sabino Arias. Eles trabalhavam juntos. Entre seus amigos pessoais que recebia me lembro que o dr. Sabino Arias e o Dr. Odaglas eram visitas frequentes.

Quando ele estava em casa a família se reunia mais. O Ruy vinha com a esposa e a D. Maria. Eu e o Eugênio sempre moramos com o vô Vergueiro e a vó Jovina.

Eu morava no casarão, era muito grande. Sinto falta: um pátio enorme, bancos no jardim, escadas de mármore branco, espelhos, lindas portas.

2. Marinês: Conforme o vídeo que nos mostra a disposição das peças da casa, evidenciam-se duas questões: A primeira relacionada ao quarto do proprietário, disposto a direita logo após a entrada na

*Maria Canfield Malheiros*  
"Jesus"

residência. Havia necessidade de estar próxima a saída, devido à profissão de médico exercida por Vergueiro? A segunda refere-se a sala disposta a esquerda, destinada ao escritório e a biblioteca, era nela que Vergueiro recebia seus convidados? Que eventos ocorriam na casa da família Vergueiro, quem os frequentava?

**Maria:** Esse era o costume na época, mas ao longo do tempo os quartos foram alterados. D. Maria, a filha fez a casa ao lado. Onde hoje é a Sorveteria Nestlé. Os netos e os bisnetos nasceram todos ali. Toda a quadra (aos fundos da casa de Vergueiro) foi construída. Saímos dali porque não havia condições de segurança, seguidamente os ladrões roubavam a casa.

Não ocorriam muitos eventos. A família era bastante reservada. Entre os eventos posso citar o nascimento da primeira e segunda bisnetas, os batizados. Nos domingos a família sempre se reunia e passavam o tempo juntos, almoçávamos em família. A família era pequena e sempre haviam comemorações no final do ano.

Enquanto o vô Vergueiro era deputado sua acompanhante nos eventos era sua filha Maria.

Quando ele estava em casa ficava muito na biblioteca. Ficou muito tempo no Rio de Janeiro. Estava em reuniões políticas, dedicava-se a política sempre.

3. Marinês: Vergueiro dedicava-se a ampliar e cuidar de sua biblioteca. A preservação dela após sua morte e, a recente doação está relacionada a uma manifestação do seu titular no sentido de mantê-la?

**Maria:** A biblioteca era uma coisa de família, depois de sua morte tudo continuou como era. Ele nunca pediu que a família cuidasse de sua biblioteca, nunca impôs sua vontade.

4. Marinês: Na década de 1990 a moradia da família Vergueiro foi demolida e, em seu lugar foi construído o prédio que abriga a Galeria Vergueiro e, o edifício Vivenda do Colégio. No andar térreo deste edifício foi planejada uma sala que esteve destinada a guardar a biblioteca de Nicolau Vergueiro, na qual foi colocada a porta com as iniciais do proprietário, que pertencia a sua casa. Considerando que já existia um espaço para alocar a biblioteca o que motivou a doação ao Arquivo Histórico Regional?

**Maria:** A antiga residência era propriedade da família e ficou como herança para Eugênio Vergueiro Malheiros e sua esposa. Quando nos mudamos os nossos filhos já estavam casados, morávamos ali, ainda, somente eu e o Eugênio, que estava doente. Então resolvemos trocar a antiga residência por outros imóveis.

Na construção do prédio, a família solicitou um local para conservar a biblioteca. Essa foi a única condição que nós estabelecemos.

A biblioteca ficou montada nas peças da casa da frente, local conhecido como Casa Barão. Sempre sob os cuidados da família de Eugênio Vergueiro Malheiros. Alguns livros da biblioteca e muitos documentos, fotografias foram para a casa do Ruy Vergueiro, na Rua Morom. Como ele não tinha filhos o material se dispersou após sua morte. Outros livros foram para a biblioteca de Marcelo Malheiros Galvez, como lembrança.

A doação sempre foi planejada pois não havia um lugar adequado para recebê-la. Tudo era muito bem arquivado, organizado, foi



aberto para pessoas pesquisarem mas como não guardavam no local correto, sublinhavam os livros e arrancavam folhas, não permiti mais o acesso.

5. Marinês: Notamos a presença de inúmeros recortes dentro dos mais variados livros. A prática da leitura e o colecionamento de recortes relacionados as obras ou a vida dos autores era feita por Vergueiro ou pelos familiares?

**Maria:** O vô Vergueiro lia e guardava dentro das obras. Ele lia muitas coisas, com atenção e conservava. Ele colocava observações nos livros que lia.

6. Marinês: Há quatro cadernos contendo colagens de recortes de jornais, artigos, discursos, correspondências, cartões, fotografias, etc. Verifica-se, na maior parte dessa coleção, uma ordenação cronológica. Quem guardou os recortes e os documentos foi Vergueiro ou algum familiar?

**Maria:** Ele fazia os recortes e deixava. Muitas coisas eu organizei, coleí nos cadernos. Muitos desses documentos e objetos foram colocados à disposição dos filhos, dos netos.

No meu apartamento tenho objetos, louças e móveis que pertenceram aos pais de Vergueiro.

7. Marinês: Como a senhora se tornou a guardiã do acervo de Nicolau Araujo Vergueiro?



**Maria:** Uma vontade de conservar os documentos, como existiam no tempo do vô Vergueiro. O material que estava em posse do Ruy provavelmente foi colocado no lixo ou pode estar com seu filho de criação Gelson.

8. Marinês: Existem objetos que pertenceram a Nicolau Vergueiro e, não foram doados para o Arquivo Histórico Regional? A família pensa em realizar outra doação ou guardar esses itens?

**Maria:** Os outros objetos já foram doados aos familiares. Alguns ainda serão doados como o telefone, o rádio, a fotografia da sua filha Maria. Porque não há razão para guardar essas coisas, fotografias de pessoas que ninguém conhece. Não há interesse em expor o quadro da bisavó na sala de sua casa.

9. Marinês: Qual o papel de seu esposo Eugênio na trajetória de Nicolau Araújo Vergueiro?

**Maria:** Eugênio sempre morou na casa dos avós. Ele e seu avô se tratavam sempre por "meu amigo". Os netos sempre acompanharam o avô. Eugênio administrava os negócios da família.

10. Marinês: Poderia comentar alguns traços da postura, valores, forma de pensar de Vergueiro?

**Maria:** Ele era um homem muito fino e faceiro como sua irmã que morava no Rio de Janeiro. Havia muita proximidade entre as duas famílias.

11. Marinês: Descreva a vivência religiosa de Nicolau Araújo Vergueiro.

**Maria:** Ele não era muito religioso não. Aceitava ir à missa todos os domingos. Comprou uma imagem de Maria, naquela época que Nossa Senhora de Fátima, imagem peregrina, passou por Passo Fundo. Ele mandou benzê-la. A imagem da Santa ficou comigo, aqui no apartamento. A família hoje é evangélica, mas naquele tempo todos eram católicos.

Ele buscava conhecer e aceitava as outras crenças religiosas.

12. Marinês: Com relação ao Jazigo da família Vergueiro, ele foi refeito ou é o mesmo que Vergueiro cita em suas memórias, construído em 1923, para receber os pais João e Carolina e a irmã Emília?

**Maria:** O túmulo estava na entrada do cemitério, mas era preciso construí-lo maior. A única parte que foi mantida foi a pedra do semeador. Não sei precisar a época da construção, quem cuidava disso era o Ruy.

No túmulo haviam enfeites em bronze, grandes argolas e vasos, na parte superior. Isso foi roubado.

13. Marinês: A família de sobrenome Caminha tinha parentesco ou relação próxima com a família Vergueiro?

**Maria:** Nona, era a mãe de Honorino Malheiros. Seu primeiro esposo Eugênio Malheiros. Depois que seu marido faleceu, tornou a casar-se com Caminha. Ela era conhecida assim devido a ordem de seu nascimento, nona filha.

*Da Bela*

14. Marinês: Em uma reportagem colada nos cadernos consta a descrição de muitos livros de memórias e recortes, organizados pelo próprio Vergueiro. Nas doações localizamos apenas 4 cadernos com colagens (cartões, fotografias, telegramas, correspondências, notícias de jornais) e oito volumes de manuscritos com memórias. Existem outros cadernos?

**Maria:** Se existem outros materiais seriam aqueles que ficaram sob a guarda do Ruy, filho de Vergueiro.

*Wanda Kaufmann  
"Jenis"*

## ANEXO 4 – TERMO DE DOAÇÃO DO ACERVO DE VERGUEIRO



### FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Campus I - Bairro São José - Passo Fundo - RS - CEP 99001-970 - Caixa Postal: 611  
 Fone: (54) 3316-8109 - Fax (54) 3316-8141  
 E-mail: [fupf@upf.br](mailto:fupf@upf.br)  
 CNPJ: 92.034.321/0001-25

#### TERMO DE DOAÇÃO

Por este instrumento, de um lado, **NICOLAU VERGUEIRO MALHEIROS**, brasileiro, advogado, divorciado, inscrito no CPF sob nº 061.480.260-15, RG nº 17127204 SSP/SP, residente à Rua Marcelino Ramos, 355, apto 305, centro, em Passo Fundo, RS, na condição de herdeiro, doravante denominado **DOADOR**, resolve doar à **FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO**, pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ sob nº 92.034.321/0001-25, com sede no Campus I, Bairro São José, na cidade de Passo Fundo, RS na cidade de Passo Fundo, RS, doravante denominada **DONATÁRIA**, os bens relativos ao acervo histórico do médico Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, referidos no ANEXO I, que passa a fazer parte integrante deste, pelo que declaram e se responsabilizam pelo que segue:

**Cláusula Primeira** - O DOADOR declara ser legítimo titular de direitos sobre o acervo documental e histórico do médico passofundense Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro.

**Cláusula Segunda** - O DOADOR declara que, embora tais documentos não tenham mais significado econômico para si, os mesmos possuem significado histórico, visto que podem servir como base para pesquisas e conhecimento da história do Município de Passo Fundo junto ao Arquivo Histórico Regional da DONATÁRIA.

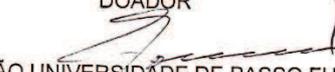
**Cláusula Terceira** - O DOADOR autoriza a DONATÁRIA a proceder a uma triagem da documentação referida no ANEXO I, em face de seu grande volume, podendo manter apenas os documentos de maior significação para os fins próprios da DONATÁRIA, acima declarados, descartando o restante da forma que melhor lhe aprover.

**Cláusula Quarta** - A DONATÁRIA recebe da DOADORA em caráter definitivo, os bens descritos no ANEXO I, aceitando expressamente tal doação.

E POR ESTAREM JUSTAS E ACERTADAS, FIRMAM AS PARTES O PRESENTE INSTRUMENTO EM DUAS VIAS DE IGUAL TEOR E FORMA, NA PRESENÇA DAS TESTEMUNHAS.

Passo Fundo, RS, 01 de novembro de 2011.

  
 NICOLAU VERGUEIRO MALHEIROS  
 DOADOR

  
 Celso Carlos G. Gonçalves  
 Presidente do Conselho Diretor  
 Fundação Universidade de Passo Fundo  
 FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
 DONATÁRIA

Testemunhas:

1. \_\_\_\_\_  
 Nome  
 CPF

2. \_\_\_\_\_  
 Nome  
 CPF

## Anexo I

O acervo histórico do médico passo-fundense, Nicolau Araújo Vergueiro, se compõe dos seguintes bens móveis:

- 1 Cofre; - 20010 ✓
- 1 Escrivaninha; - 20011 ✓
- 3 cadeiras; - 20012 ✓ 20013 ✓ 20014 ✓
- 3 bancos de jardim; - 20015 ✓ 20016 ✓ 20017 ✓
- 1 eletrola; - 20018 ✓
- 1 estante; - 20019 ✓
- 11 Armários; - 20020 ✓ 20021 ✓ 20022 ✓ 20023 ✓ 20024 ✓ 20025 ✓ 20026 ✓ 20027 ✓ 20028 ✓ 20029 ✓ 20030 ✓
- 1 telefone; 73-834 ✓
- 1 máquina de escrever; 20031 ✓
- 2 lustres (incompletos); - 20032 ✓ 20033 ✓
- 1 porta externa. - 20034 ✓

E, segundo estimativa, aproximadamente 3.000 peças fazem parte do acervo pessoal e bibliográfico. Estes documentos serão descritos no próprio Arquivo Histórico Regional.

- Distribuir o valor de R\$ 40,00 por cada peça descrita.

PPJ 19

**ANEXO 5 – EXTRATO DA TABELA DE DESCRIÇÃO DOS ÁLBUNS E OUTROS DOCUMENTOS**

LOCALIZAÇÃO	TIPO	LOCAL DATA	PALAVRAS-CHAVE	TÍTULO	CONTEÚDO
v. 1, avulso	Fotografia (2)				Nicolau Araujo Vergueiro, 3X4 preto e branco.
v. 1, avulso	Recorte de jornal O Nacional	PF, 07 mar. 1956	política, sociabilidade, homenagem	Dr. Nicolau Vergueiro	Felicitações pelo aniversário
v. 1, avulso	Recorte de jornal	s/d	família	Família Vergueiro obtém US\$ 14 milhões por gleba no litoral norte de SP	Sobre processo de indenização após desapropriação de terras em Ubatuba (SP), pertencentes a Clodomiro Vergueiro Porto e outros membros da família.
v. 1, p. 001	Correspondência recebida, datilografada, 1 folha	Caxias do Sul, 16 jul. 1949	política, sociabilidade, religião		Pe. Venâncio de A. Chaves comunica que recebeu o telegrama de Vergueiro e agradece, afirmando que ele foi considerado Insigne Benfeitor da Província Capuchinha do RS.
v. 1, p. 002	Correspondência recebida, manuscrita, 1 folha	PF, 08 ago. 1949	família		Nicolau Vergueiro Malheiros escreve notícias sobre a família e seu cotidiano.
v. 1, p. 003	Recorte de jornal Diário da Manhã	PF, 31 jul. 1949	política, urbanização, transportes	Começaram a chegar ontem as máquinas	Construção da Ferrovia Passo Fundo - Volta do Barreto
v. 1, p. 004	Recorte de jornal Diário da Manhã	PF, 08 jul. 1949	política, sociabilidade	Antes de embarcar para o Rio Vergueiro despede-se de Oscar Fontoura	Transcrição do telegrama enviado por Vergueiro a Oscar Fontoura congratulando-o pela nomeação para Secretário do Interior e Justiça.
v. 1, p. 005	Recorte de jornal Diário da Manhã	Rio de Janeiro, 31 jul. 1949	política, urbanização, transportes	Fato significativo	Construção da Ferrovia Passo Fundo - Volta do Barreto
v. 1, p. 006	Correspondência recebida, telegrama	Erechim, 19 jul. 1949	política		Angelo Emilio Grando, prefeito de Erechim acusa o recebimento do telegrama de Vergueiro
v. 1, p. 007	Recorte de jornal Correio do Povo	POA, 20 ago. 1949	política, urbanização, transportes	Trata-se de uma linha de 200 quilômetros orçados, cada um, em um milhão de cruzeiros	Construção da Ferrovia Passo Fundo - Volta do Barreto

**ANEXO 6 – EXTRATO DA TABELA DE DESCRIÇÃO DAS “NOTAS ÍNTIMAS”**

<b>Nº</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>VOLUME PÁGINAS</b>	<b>DATA DO REGISTRO</b>	<b>PALAVRAS-CHAVE</b>	<b>CONTEÚDO</b>
1	O primeiro doente	v. 1, p.1-4	11 jul.1935	medicina, imprensa	Descreve como foi o início de sua atuação como clínico em PF. Informa que fez anúncio na imprensa local. Cita outros médicos que atuavam, conta como estreou no caso de angina diftérica.
2	Eu cuspi	v. 1, p.4-5	11 jul.1935	medicina	Revolução de 1932 na região, óbito de soldado que anteriormente fora ferido no rosto, que tendo o maxilar e dentes quebrados cuspiu o projétil.
3	Rolha	v. 1, p.5-6	11 jul.1935	medicina, humor	Descreve como ocorreu um parto.
4	Começo de baile	v.1, p.6-8	11 jul.1935	medicina, política	Revolução de 1930: óbito de soldado corajoso; ajuizamento político.
5	Não escreva	v. 1, p.8-9	11 jul.1935	medicina, etnia	Caboclo: Descreve o paciente que atendeu e, ainda no consultório, perdeu a receita, mas, temendo que ele cobrasse para redigir outra, pedia que não a fizesse novamente.
6	Uma caçada	v. 1, p.9-16	11 jul.1935	sociabilidade, lazer, etnia	1908 aproximadamente: hábito da caçada. Acidente que matou o francês R. C.
7	Mau momento	v.1, p.16-19	12 jul.1935	medicina, mulher, arquivo	1908 aproximadamente: paciente com histeria, alucinação. Descreve caso de perturbação mental da filha de R. C.
8	Um petiço	v. 1, p.20	12 jul.1935	medicina, humor	Constrangimento ao atender uma parturiente e o filho de 8 anos declarar que desejava ver nascer um petiço.
9	Berne	v. 1, p.21	12 jul.1935	medicina	Médico italiano que não conhecia a mosca do berne/varejeira precisou do auxílio de Vergueiro para realizar o diagnóstico.
10	Pipo de irrigador	v.1, p. 22	12 jul.1935	medicina, humor	Mulher com prisão de ventre que fez lavagem intestinal.
11	Placenta cara	v. 1, p.23-25	12 jul.1935	medicina	Extração de placenta após parto com facilidade, julgado pelos familiares um trabalho de grande importância.
12	Ciência errada	v.1, p.25-26	12 jul.1935	medicina, humor, relações sociais	Os casos 12, 13 e 14, referem -se a mesma família. Senso comum e constrangimento, relação médico-paciente: a mulher traiu o marido.
13	Tentativa de agressão	v.1, p.26-29	12 jul.1935	medicina	O paciente resolveu fazer uso da violência por discordar dos honorários médicos cobrados e queria metade do dinheiro de volta.

ANEXO 7 - CÉDULA DE IDENTIDADE BRASILEIRA

VALE COMO FOLHA CORPORA

**POLICIA DO RIO GRANDE DO SUL**  
GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO E ESTATISTICA

Registo Civil Nº **16205**

Nome *Nicolau Braujo Vergueiro (Dr.)*  
 Nascido a *7* de *Março* de *1892* Estado civil *casado*  
 Pae *João de Vergueiro*  
 Nacionalidade *brasileira* Natural d *este Estado*  
 Profissão *medico* Residencia *Passo Fundo. N. 1/817*  
 Estatura *1m, 70* cms.

**NOTAS CHROMATICAS**

Cutis *branca* Cabellos *castos medios*  
 Barba *feita* Bigodes *castos medios*

Olho esquerdo { aureola da iris -----  
 periphria *castanha media*

**MARCAS, CICATRIZES, ETC.**

---

Nome por extenso do portador

*Dr. Nicolau Braujo Vergueiro*

---

Firma do portador

*N. Vergueiro*

---

**OBSERVAÇÕES**

Retrato tirado em *26* de *fev* de *1911*



Não vale o retrato que não tiver o sinete em relevo do Gabinete.

**FORMULA DACTYLOSCOPICA**

Série *V. 3344*  
 Secção *V. 2222*

ANEXO 8 – CÉDULA DE IDENTIDADE ARGENTINA

Nº 101495

Número del retrato y credencial, debe ser el mismo

*H. Nicolás Ardujo Vergueiro*  
Firma del interesado

*V. 33 1/2*  
*V. 22 22*

Foto. N.º 101495



Fotografía tomada el *VIII* de 1933

Certifico que Don *Nicolau Ardujo Vergueiro*  
cuya fotografía, impresión dígito pulgar derecho y firma que anteceden es de la siguiente identidad:

Hijo de *Juan* y de Doña *Carolina Vergueiro* nacionalidad *Brasileño*  
Provincia *Rio G. do Sud* Pueblo *Passo Fundo*  
nacido el *7* de *Marzo* de *1872* de estado civil *Casado* profesión *Medico* lee y escribe *si* estatura *1 m y 73 cms* color del cutis *blanco* del cabello *Cano* barba *de uso ligero*

OBSERVACIONES:  
*Corrientes, Agosto 31 de 1933*

*V. 3:*  
*V. 2:*

JEFE DE POLICIA